

Maria Julia Paiva de França

**Saúde, Política e Luta pela Vida
em Antonio Gramsci**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Ana Elizabeth Lole dos Santos

Rio de Janeiro
Setembro de 2022



Maria Julia Paiva de França

**Saúde, Política e Luta pela Vida
em Antonio Gramsci**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Profa. Ana Elizabeth Lole dos Santos

Orientadora

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Inez Terezinha Stampa

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Anita Helena Schlesener

UTP

Prof. Marcos Tadeu Del Roio

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Prof. Giovanni Semeraro

UFF

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Maria Julia Paiva de França

Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho (UGF). Mestre em Ciências da área de Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ). Psicóloga na Secretaria de Assistência Social e Economia Solidária (SASES) de Niterói, RJ. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Trabalho, Políticas Públicas e Serviço Social (Trappus-PUC-Rio) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE/UFF). Filiada a International Gramsci Society Brasil (IGS-Brasil).

Ficha catalográfica

França, Maria Julia Paiva de

Saúde, Política e Luta pela Vida em Antonio Gramsci / Maria Julia Paiva de França ; orientadora: Ana Elizabeth Lole dos Santos. – 2022.

267 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Serviço Social – Teses. 2. Saúde. 3. Política. 4. Trabalho. 5. Cartas do cárcere. 6. Antonio Gramsci. I. Santos, Ana Elizabeth Lole dos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais pela vida e a Tiana pelo amor que me dedicou incondicionalmente pela vida toda em que esteve comigo.

Às minhas amadas filhas Ana Luiza, Laura e Lucia que me ensinam todos os dias a ser uma pessoa melhor.

Às minhas irmãs Luiza e Ana Paula pela amizade e por toda cumplicidade.

Ao meu amigo Marco Antonio pela parceria, principalmente nos momentos mais difíceis da vida.

À minha irmã de alma Elaine que nunca me abandona e é a prova incontestada que uma amizade pode salvar.

Ao inesquecível Carlos Eduardo Rebuá por ter passado, mesmo que por pouco tempo, pela minha vida e ter deixado sua suavidade dentro de mim.

À professora e orientadora Ana Lole pelo incentivo para participar do processo de seleção para o doutorado em 2018 e pelo apoio.

A todos os professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Janeiro (PUC-Rio) que colaboraram dividindo seus conhecimentos e assim impulsionando meu interesse de aprender mais.

Aos funcionários da PUC-Rio que, com o trabalho que desenvolvem, possibilitam o virtuoso funcionamento da Instituição.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos pesquisadores do pensamento de Antonio Gramsci que através de seus estudos abrem novas portas para o conhecimento.

Ao professor Giovanni Semeraro e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE/UFF) pela acolhida, incentivo e confiança desde o primeiro contato até os dias de hoje.

As professoras Anita Helena Schlesener, Inez Stampa e Tatiane Valéria Cardoso dos Santos e aos professores Giovanni Semeraro, Marcos Del Roio e Reginaldo Scheuermann Costa por se disponibilizarem em participar da banca examinadora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

França, Maria Julia Paiva de; Santos, Ana Elizabeth Lole dos. **Saúde, política e luta pela vida em Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro, 2022. 267p. Tese de Doutorado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese de doutoramento visa analisar a presença do pensamento de Antonio Gramsci (1891-1937) no âmbito do processo formativo do sistema de saúde como elemento original através da leitura das *Cartas do cárcere*. Tem por objetivo evidenciar, nas cartas escritas no cárcere por Gramsci, a importância que o pensador atribuía à saúde tanto física quanto psíquica de todos que o cercavam, inclusive a dele próprio e o quanto foi afetado por esta condição. Para isso, me detive principalmente nas 478 cartas contidas na edição brasileira das *Cartas do cárcere*, publicadas em dois volumes, editadas por Carlos Nelson Coutinho e tendo como co-editores Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. A proposta metodológica, pautada em pesquisa bibliográfica, foi de uma leitura sequencial das *Cartas*, obedecendo a ordem da edição brasileira consultada, na tentativa, não só, de conectar os acontecimentos externos com o cotidiano carcerário e as consequências provocadas na saúde psíquica e física de Gramsci, como também, dimensionar o lugar que a temática saúde ocupou na vida do filósofo sardo. Muito se sabe da centralidade da política na vida e nos escritos de Gramsci, no entanto não há como negar o quanto sua vida foi atravessada, intensamente, por outras questões pessoais que se tornaram tão centrais, principalmente, após sua prisão. A pesquisa também elucida a influência do pensamento de Gramsci nas lutas operárias na Itália, a qual inspirou o Modelo Operário Italiano (MOI) de saúde do trabalhador, da década de 1960, de modo a direcionar a reformulação das estruturas do sistema de saúde, assim como ocorreu no Brasil com a Reforma Sanitária e a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) nos anos de 1990, que teve grande inspiração na Reforma Sanitária Italiana. A tese apresenta as preocupações de Gramsci com as relações saúde-trabalho, demonstrando o trabalho como princípio educativo e a usurpação da capacidade criativa da classe trabalhadora promovida pelo capitalismo. Evidencia

o quanto a mecanização do trabalho atinge a saúde do trabalhador, principalmente daqueles que não conseguem se adaptar a esse novo processo de produção.

Palavras-chave

Saúde. Política. Trabalho. Cartas do cárcere. Antonio Gramsci.

Abstract

França, Maria Julia Paiva de; Santos, Ana Elizabeth Lole dos (Advisor). **Health, politics and struggle for life in Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro, 2022. 267p. Tese de Doutorado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present doctoral thesis aims to analyse the presence of the thought of Antonio Gramsci (1981-1937) in the context of the formative process of the health system as an original element throughout the reading of the “Letters from Prison”. It aims to highlight, in the letters Gramsci wrote in prison, the importance that the thinker attributed to the physical and psychological health of everyone around him, including his own and how much he was affected by this condition. For this, we focus mainly on the 478 letters contained in the Brazilian edition of Letters from Prison, published in two volumes, edited by Carlos Nelson Coutinho and having as co-editors Luiz Sérgio Henriques and Marco Aurélio Nogueira. Our methodological proposal, based on bibliographic research, consists in reading the letters in a sequence, obeying the order of the Brazilian edition consulted, in an attempt, not only, to connect external events with prison daily life and the consequences in Gramsci's psychic and physical health, but also, to dimension the place that thematic health occupies in the life of the Sardinian philosopher. Much is known about the centrality of politics in Gramsci's life and writings, however, there is no denying how intensely his life was crossed by other personal issues that became so central, mainly after his imprisonment. The research also shows the influence of Gramsci's thought in the workers' struggle in Italy, which inspired the Italian Worker Model (IWM) of worker's health, in the 1960s, in order to direct the reframe of the structures of the health system, as occurred in Brazil with the Sanitary Reform and the implementation of the Unified Health System (SUS) in the 1990s, which had great inspiration in the Italian Sanitary Reform. The thesis presents Gramsci's concerns with health-work relationships, demonstrating work as an educational principle and the usurpation of the creative capacity of the useful working class by capitalism. It shows how much the mechanization of

work affects the health of workers, especially those who can't fit in this new production process.

Keywords

Health. Politics. Work. Prison letters. Antonio Gramsci.

Sumário

1. Introdução	12
2. Gramsci do início ao limite da liberdade interior	19
2.1. Família Schucht	36
2.2. Francesco Gramsci	40
3. As <i>Cartas</i> e a luta pela vida no cárcere: a saúde percorrendo o caminho	45
3.1. As cartas de 1926	45
3.2. As cartas de 1927	47
3.3. As cartas de 1928	56
3.4. As cartas de 1929	70
3.5. As cartas de 1930	79
3.6. As cartas de 1931	91
3.7. As cartas de 1932	107
3.8. As cartas de 1933	124
3.9. As cartas de 1934	137
3.10. As cartas de 1935	138
3.11. As cartas de 1936	139
3.12. As cartas de 1937	142
4. As relações saúde-trabalho no pensamento de Gramsci	146
4.1. Saúde e política andam de mãos dadas	146
4.2. Americanismo e fordismo nas cartas e a saúde do trabalhador	156
4.2.1. Americanismo e fordismo nas cartas	158
4.2.2. Subjetividade e contradição no capitalismo contemporâneo	169
4.2.3. Trabalho como princípio educativo	173
5. A influência de Gramsci no Modelo Operário Italiano (MOI) e no Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB)	182
5.1. Modelo Operário Italiano (MOI)	184
5.2. Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB)	197
6. Conclusão	209
7. Referências bibliográficas	213
8. Apêndice 1. Índice de dados das <i>Cartas do cárcere</i>	221

Com licença poética da licença poética

venho de linhagem torta
dessas que maldição a gente cura
aprendendo em nosso reino
que dor não é amargura

gargalhada que reluz
mulher desdobrável
tantas vezes me deu luz

ora mais ora menos
quase sempre alma serena
as suas dores fez miúdas
pra grande amar suas pequenas

sorte primeira de ternura
nos olhos da minha mãe
eu própria
viro poema

Ana Luiza França

1. Introdução

Gramsci entrou em minha vida de maneira quase imperceptível, devagar, mas intensamente. Eu cursava uma disciplina na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com intenção de, posteriormente, propor um projeto de pesquisa para o mestrado. Em um sorteio, para a apresentação de um Seminário, me coube o tema Modelo Operário Italiano (MOI) da década de 1960 e foi a partir deste estudo que fui me aproximando do pensamento teórico do filósofo e político Antonio Gramsci.

Logo que tive os primeiros contatos com seu pensamento percebi que seria para mim uma tarefa árdua estudá-lo, principalmente por ter como formação a psicologia, mas, mesmo sabendo disso, decidi no mestrado desenvolver a pesquisa sobre “A influência do pensamento de Antonio Gramsci no modelo operário italiano de saúde do trabalhador” (Cf. Paiva, 2012). Havia muitos indícios de que o movimento operário na Itália, na década de 1960, que culminou com o MOI, tinha muita proximidade com a luta dos trabalhadores naquele país nos primeiros anos do século XX e de que as formulações político-filosóficas de Antonio Gramsci também estavam presentes.

O primeiro livro que comprei com a obra do autor foi o volume 5 do *Cadernos do cárcere* – edição Carlos Nelson Coutinho, sobre o *Risorgimento* –, porque era o que estava disponível para compra na livraria. Percebi o quanto eu deveria me dedicar a outros estudos e a outros autores para conseguir entendê-lo. Fui gradativamente conseguindo juntar o quebra-cabeça, sempre preferindo lê-lo diretamente.

Nos dois anos do mestrado pude perceber a riqueza do seu pensamento, retidão, inteligência e sensibilidade. Interessei-me muito, também, pela sua vida pessoal e aos poucos percebi que havia uma identificação com a sua história, mas não muito explícita.

Após o mestrado ingressei, a convite do professor Giovanni Semeraro, no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE/UFF), coordenado por ele. A participação no grupo me possibilitou um contato constante com seminários, cursos, pesquisas, pesquisadores entre outras oportunidades sempre focadas no aprofundamento do conhecimento da filosofia de Gramsci.

Ao longo desses anos fui percebendo o quanto a sua forma pessoal de lidar com a vida e com as situações me atravessava e me atingia profundamente. Percebi que havia mais alguma coisa e este “a mais” estava localizado no fato de eu ser uma pessoa com deficiência física assim como ele era e o quanto a questão da sua saúde lhe atravessava, assim como a mim, estando presente em vários momentos importantes da sua vida e do seu trabalho e interferia no seu modo de ser, de agir, de trabalhar e de produzir conhecimento.

Voltei no tempo e recordei a sugestão, em 2012, do professor Semeraro em trazer a questão da saúde de Gramsci para o debate da saúde do trabalhador. Incentivada pela minha orientadora Ana Lole mudamos o objeto da pesquisa e decidimos buscar nas cartas, escritas no cárcere, esse atravessamento tão significativo em sua vida.

Para isso, era preciso encontrar o fio que conectava a pessoa com deficiência física desde a infância, as sequelas deixadas, as outras doenças secundárias com a sua forma de ser, de sentir e de pensar sobre si mesmo, os outros e a realidade. Foi aí que encontrei algum nexos no que buscava.

Pesquisando a vida de Gramsci, através das biografias e, em especial, através das cartas percebi que o desejo de transformar as coisas e o mundo, manifestos em seu pensamento, podia estar localizado na vivência do quanto de completo pode haver na incompletude, física ou psíquica, de um corpo ou qualquer outro tipo de “marca” desse mesmo corpo. E como o processo de construção de um pensamento filosófico, político e/ou psíquico ou mesmo de um objeto material pode ser afetado pela necessidade de manifestar a capacidade que temos de transformar o velho em novo, o feio em bonito, o lixo em utilidade, o pessimismo em otimismo e poder transitar entre as tantas possibilidades sem perder a identidade, seja do objeto ou do próprio ser humano, na construção do seu ser.

Gramsci em tudo que escreveu e viveu buscou a perfeição. Sempre se justificando quando havia possibilidades de engano ou falta de precisão nas suas construções. Sua ânsia de “consertar” o mundo através do conhecimento, da coerência, da disciplina, da direção consciente e principalmente da consciência histórica, buscando sempre interpretar a realidade é um traço percebido com tudo e com todos, incluindo a si mesmo, como veremos no desenvolvimento desta tese.

Com isso, não tive a intenção de fazer descobertas secretas e nem levantar hipóteses improváveis, mas é incontestável que a vida de Gramsci

teve muitos reveses, limitações físicas importantes, saúde geral precária, dores físicas e emocionais, que interferiram na construção do seu pensamento e no seu fazer profissional e, mesmo com tudo isso, foi uma vida carregada de força, determinação e uma imensa vontade de transformação.

Aqui vale lembrar o que Henriques (2005a, p. 30) traz a respeito da vida pessoal de Gramsci quando diz que muito se afirma, adequadamente, que a política ocupou um lugar central na vida e na obra do filósofo, mas defende que esta insistência pode provocar o equívoco de se “substituir outros fatores *inteira* ou *relativamente* independentes da política, como suas precárias condições de saúde [...] e sua tragédia amorosa”. Giulia (Iulca), sua companheira, também, estava muito doente e com problemas graves familiares.

Minha proposta é poder, através da leitura das *Cartas do cárcere*, dimensionar o lugar que ocupou na vida de Gramsci a temática saúde e analisar em que proporção esteve presente, mesmo que indiretamente, na formação de seu pensamento influenciando o campo formativo do sistema de saúde e a saúde do trabalhador.

Detive-me principalmente nas 478 cartas¹ contidas na edição brasileira das *Cartas do cárcere*, publicadas em dois volumes, editadas por Carlos Nelson Coutinho e tendo como co-editores Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Realizei a leitura sequencial das *Cartas*, obedecendo à ordem da edição brasileira consultada, na tentativa, não só, de conectar os acontecimentos externos com o cotidiano carcerário e as consequências provocadas na saúde psíquica e física de Gramsci, como também, dimensionar o lugar que a temática saúde ocupou na vida do filósofo sardo.

Outra obra fundamental, consultada, para a compreensão e interpretação mais fidedigna das cartas, foi o livro “*Vida e pensamento de Antonio Gramsci*”, de Giuseppe Vacca (2012), que, de posse de novas e importantíssimas fontes, entregue por Antonio Gramsci Junior, filho de Giuliano e neto de Gramsci, encontrou outras possibilidades de leitura e “não só o aprofundamento do estudo diacrônico dos *Cadernos*, mas também a reconstrução das vicissitudes políticas e humanas de Gramsci nos anos de prisão” (Vacca, 2012, p. 29).

No primeiro capítulo apresento um pouco da vida de Gramsci, sua história pessoal, o contexto histórico e social da ilha em que nasceu e sua trajetória escolar e profissional. Neste capítulo falo sobre sua doença iniciada na infância e dos comprometimentos desencadeados por ela, como as convulsões, a

¹ Para maior detalhamento sobre as *Cartas do cárcere* ver: Apêndice 1 - Índice de dados das *Cartas do cárcere*.

entrada tardia para a escola e o início precoce no trabalho. Contudo, o menino se destacava pela inteligência e engenhosidade. Construía seus próprios brinquedos e “aparelhos de ginástica”.

Já mais tarde, na juventude, mostrava sua capacidade e um estilo próprio na escrita e, apesar da precariedade em que vivia, das limitações financeiras e físicas, não deixava de estudar e se dedicar as lutas dos trabalhadores, participando do debate político, escrevendo nos jornais e construindo, junto com os operários, uma consciência proletária.

No segundo capítulo, mais denso, procuro localizar nas cartas as questões relacionadas à saúde física e psíquica de Gramsci e de todos os seus correspondentes ou próximos, no período de encarceramento. Verifiquei que, neste período de isolamento, o filósofo sardo passou por várias transferências de presídios realizando viagens sacrificantes, considerando sua precária condição física, sem receber um cuidado médico adequado de que necessitava. Gramsci tinha fortes dores de cabeça e se alimentava limitadamente. Em quase todas as correspondências a questão da saúde, seja dele ou de outra pessoa, aparece como um problema que, muitas vezes, não se limita a ausência de doença e que se desdobra nas questões sociais e econômicas.

Sua principal interlocutora e responsável pelo resgate dos *Cadernos* após a sua morte foi a sua cunhada Tatiana (Tania) que se correspondia com regularidade e se empenhava em suprir todas as necessidades do cunhado procurando cuidar de todas as questões desencadeadas pela prisão, desde as demandas básicas do cotidiano até as questões burocráticas e legais que surgiam. Este foi um período de muitos desafios e solidão. Gramsci se ressentia por não poder acompanhar o desenvolvimento dos filhos agravado pelo distanciamento da esposa, provocado por suas dificuldades psíquicas e questões familiares que Gramsci só fica ciente mais tarde, dentro da prisão.

O terceiro capítulo foi dedicado a temática saúde e trabalho onde, a partir da ideia de Berlinguer (1978) de que a ação sanitária necessita da ação política, abordo a contribuição italiana, iniciada no final do século XIX, no desenvolvimento de uma consciência sanitária mais abrangente. Temas como o das mulheres na produção industrial, as demandas científicas e sociais da época, o papel do Partido Socialista Italiano (PSI) e o pensamento positivista aparecem nas disputas ideológicas presentes na ciência.

A partir das *Cartas do cárcere* trago o americanismo-fordismo e o processo de amadurecimento vivido por Gramsci dentro do cárcere para a interpretação e desenvolvimento do tema. Com o objetivo de se dedicar a algum estudo com

método, Gramsci inicia a tradução da revista alemã *Die literarische Welt*, sobre a literatura dos Estados Unidos que lhe possibilita aprofundar sua reflexão sobre os novos métodos de trabalho americano.

No mesmo capítulo apresento o trabalho como princípio educativo, o capitalismo contemporâneo, o desmonte dos direitos adquiridos no Brasil, a precarização do trabalho, que inclui a tríade “a terceirização, a informalidade e a flexibilidade”, citada por Antunes (2020a, p. 8), e ainda a pandemia da Covid-19 que assolou o mundo que, para Antunes, é a representação das consequências geradas pela destruição que o capitalismo provoca.

No quarto e último capítulo descrevo um pouco sobre a metodologia utilizada na construção do MOI, estudada por mim no mestrado, e desenvolvo a trajetória do movimento sanitário brasileiro, um movimento contra-hegemônico, que antecedeu a redemocratização do Brasil. A revisão do conceito de saúde serviu como base para o alcance de novos direitos e a construção de novos modelos que desencadeou a Reforma Sanitária Brasileira (RSB) e em seguida a criação da área da saúde do trabalhador, que foi modelada pelos princípios da medicina social latino-americana.

Alguns autores mencionam e ressentem a escassa participação popular na RSB, mas importante ressaltar que a presença dos sindicatos dos trabalhadores brasileiros no movimento foi explicitamente incentivada pela experiência operária italiana e estimulada pela vinda ao Brasil de Giovanni Berlinguer, médico e político italiano do Partido Comunista Italiano (PCI).

Para finalizar a introdução desta tese escolhi uma carta de Gramsci ao irmão Carlo, de 12 de setembro de 1927, pelo simbolismo que ela encerra. Gramsci, descrevendo a própria experiência, demonstra na prática os conceitos que tanto estudou e dissertou sobre eles. Trata da realidade e de como interpretá-la sem fantasias, mentiras e/ou imaginação e como ser protagonista da sua própria história.

Querido Carlo,

Recebi ao mesmo tempo sua carta de 30 de agosto e a carta registrada de 2 de setembro. Agradeço a você de todo o coração. Não sei o que Mario lhe escreveu; tenho a impressão de que o deixou muito alarmado, quando eu pensava que a visita dele teria contribuído para tranquilizar a mamãe. Errei. Além disso, sua carta de 30 de agosto é mesmo dramática. De agora em diante, quero lhe escrever muitas vezes para tentar convencê-lo de que seu estado de espírito não é digno de um homem (e você já não é mais tão jovem). É o estado de espírito de quem está tomado pelo pânico, de quem vê perigos e ameaças de todos os lados e, por isso, se torna impotente para agir seriamente e vencer as dificuldades reais, depois de defini-las e separá-las das imaginárias, criadas unicamente pela fantasia. E, antes de tudo, quero dizer que você e também os outros em casa conhecem muito pouco de mim e, por isso, tem uma opinião completamente

errada sobre minha capacidade de resistência. Parece-me que são quase vinte e dois anos desde que deixei a família; e, em quatorze anos, só fui em casa duas vezes em 1920 e em 1924. Ora, em todo este tempo jamais levei uma vida de rico, muito pelo contrário; muitas vezes atravessei períodos terríveis e até passei fome no sentido mais literal da palavra. Num certo ponto, é preciso dizer esse tipo de coisa, porque [...] se consegue tranquilizar. Provavelmente, você, algumas vezes, me invejou um pouco porque pude estudar. Mas certamente não sabe como pude estudar. Só quero lhe lembrar o que me aconteceu nos anos entre 1910 e 1912. Em 1910, como Nannaro estava empregado em Cagliari, fui morar com ele. Recebi a primeira mesada, depois não recebi mais nada: ficava tudo por conta de Nannaro, que não ganhava mais de 100 liras por mês. Mudamos de pensão. Passei a morar num quartinho que tinha perdido toda a cal devido à umidade e só tinha uma pequena janela que dava para uma espécie de poço, mais latrina do que área. Logo me dei conta de que não dava para continuar daquele jeito devido ao mau humor de Nannaro, que sempre se irritava comigo. Comecei por não mais tomar o mísero café da manhã, depois passei a almoçar cada vez mais tarde e assim economizava o jantar. Desse modo, durante cerca de oito meses só comi uma vez por dia e cheguei ao fim do terceiro ano do liceu em condições de desnutrição muito grave. Só no fim do ano letivo soube que existia a bolsa de estudos do *Collegio Carlo Alberto*, mas no concurso se devia prestar o exame com base em todas as matérias dos três anos de liceu; por isso, devia fazer um esforço enorme nos três meses de férias. Só tio Serafino percebeu as deploráveis condições de fraqueza em que me encontrava e me convidou para ficar com ele em Oristano, como professor particular de Delio. Lá fiquei um mês e meio e por pouco não enlouqueci. Não podia estudar para o concurso, já que Delio me absorvia completamente, e a preocupação, somada à fraqueza, me fulminavam. Fugi escondido. Tinha só um mês para estudar. Parti para Turim como se estivesse em estado de sonambulismo. Tinha 55 liras no bolso; das 100 liras dadas em casa, havia gasto 45 liras para pagar a viagem em terceira classe. Era a época da Exposição e tinha de pagar 3 liras por dia só pelo quarto. Fui reembolsado no valor de uma viagem em segunda classe, umas 80 liras, mas não havia o que comemorar, porque os exames duravam cerca de quinze dias e só pelo quarto tinha que pagar quase 50 liras. Não sei como consegui prestar os exames, porque desmaei duas ou três vezes. Consegui, mas os problemas começaram. Em casa, demoraram cerca de dois meses para me enviar os papéis para a matrícula na universidade e, como a matrícula estava em suspenso, também suspensas ficavam as 70 liras mensais da bolsa. Quem me salvou foi um bedel, que encontrou uma pensão de 70 liras na qual me deram crédito; estava tão deprimido que pensei em voltar para casa com um bilhete obtido na polícia. Assim, recebia 70 liras e gastava 70 liras numa pensão miserável. E passei o inverno sem casaco, com uma roupa de meia-estação própria para Cagliari. Ali por março de 1912 eu estava tão mal que parei de falar por alguns meses: trocava as palavras, quando falava. Ainda por cima, morava justamente nas margens do Rio Dora e a névoa gelada me destruía.

Por que lhe escrevo tudo isto? Para que saiba que algumas vezes me vi em condições terríveis, sem por isso me desesperar. Toda esta vida me fortaleceu o caráter. Convenci-me de que, mesmo quando tudo está ou parece perdido, é preciso voltar tranquilamente ao trabalho, recomeçando do início. Convenci-me de que é preciso sempre contar apenas consigo mesmo e com as próprias forças; não esperar nada de ninguém e, portanto evitar desilusões. Que é necessário só se propor fazer o que se sabe e pode fazer, e buscar o próprio caminho. Minha disposição moral é ótima: alguns me consideram um demônio, outros quase um santo. Não quero ser mártir nem herói. Acredito ser simplesmente um homem médio, que tem suas convicções profundas e não as troca por nada no mundo. Poderia lhe contar alguns episódios divertidos. Nos primeiros meses que estava aqui, em Milão, um guarda me perguntou ingenuamente se era verdade que eu, se fosse um viracasaca, seria ministro. Respondi sorrindo que ministro também era demais, mas poderia ser subsecretário no ministério de Comunicações ou das Obras Públicas, dado que estes postos de governo eram atribuídos aos deputados sardos. Deu de ombros e me perguntou por que, então, eu não mudava de lado,

tocando a testa com o dedo. Tinha levado a sério minha resposta e me considerava um doido varrido.

Anime-se, pois, e não se deixe abater pelo ambiente de cidadezinha sarda; é preciso sempre ser superior ao ambiente em que se vive sem por isso desprezá-lo ou se considerar superior. Compreender e raciocinar, não choramingar feito uma mocinha! Compreendeu? Mas será que justamente eu, que estou na prisão, com perspectivas bastante ruins, é quem deve encorajar um rapaz que pode se movimentar livremente, pode aplicar sua inteligência no trabalho cotidiano e se tornar útil? Abraços afetuosos para você, junto com todos em casa.

Nino

2. Gramsci do início ao limite da liberdade interior

Este capítulo tem como base principal de pesquisa a obra *A vida de Antonio Gramsci* de Giuseppe Fiori e o resumo da *Cronologia da vida de Antonio Gramsci* encontrada na edição brasileira dos *Cadernos do cárcere*, retirada do *Quaderni del carcere* de Valentino Gerratana, aliada à colaboração de outros autores (Cf. Coutinho, 2011a).

A importância de contextualizar e unir a vida pessoal e a vida política de Gramsci se deve justamente por eu considerar a construção do seu pensamento resultado das experiências vividas por ele, seja no nível pessoal (emocional) ou político-social, sem ser possível separá-las. Individualizamos e repetimos a lição deixada por ele, tão bem expressa por Simionatto:

Isto porque Gramsci não toma o marxismo como doutrina abstrata, mas como método de análise concreta do real em suas diferentes determinações. Debruça-se sobre a realidade enquanto totalidade, desvenda suas contradições e reconhece que ela é constituída por mediações, processos e estruturas. Essa realidade é analisada pelo pensador a partir de uma multiplicidade de significados, evidenciando que o conjunto das relações constitutivas do ser social envolve antagonismos e contradições, apreendidos a partir de um ponto de vista crítico que leva em conta a historicidade do social, sendo este, segundo Gramsci, o único caminho fecundo na pesquisa científica. Se o pensamento dialético funda-se na perspectiva da totalidade e da historicidade, não é outra a perspectiva do autor em questão. (Simionatto, 1997, s/p).

Gramsci nasceu em uma pequena aldeia chamada Ales na ilha da Sardenha no dia 22 de janeiro de 1891. Não era de origem pobre, como alguns pensam. Seus pais não eram de família rica, mas ambas as famílias tinham recursos financeiros suficientes. Quando jovem, Francesco Gramsci (Ciccillo como era chamado o seu pai), chegou a iniciar o curso de Direito, mas precisou interromper os estudos para trabalhar, em função da morte de seu pai, avô de Antonio. Foi quando se instalou na cidade de Ghilarza para trabalhar em um cartório. Sua mãe, Giuseppina Marcias (Peppina), vinha de uma família que possuía algumas propriedades e sabia ler e escrever, fato que não era muito comum para uma mulher naquela época, e por isso chamava a atenção. Na aldeia moravam 2.200 habitantes e aproximadamente 200 sabiam ler e escrever (Fiori, 1979).

Nino, como era chamado Antonio Gramsci, era o quarto de sete filhos e viveu apenas um ano em Ales, pois foi para Sòrgono, onde seu pai assumiu a

gerência de um cartório. Segundo testemunho de um deputado, no final do século XIX na ilha, os partidos políticos eram partidos pessoais e não existiam para defender interesses gerais ou locais. Apoiavam-se em partidos pessoais maiores para ter garantia e proteção, pouco importava o programa político deste ou daquele partido, mas apenas sua influência junto ao governo central. Por esta razão, depois das eleições de 1897, Ciccillo é perseguido e vítima de acusação de peculato, perdendo seu emprego por ter sido derrotado o candidato que havia apoiado. Volta com a família para Ghilarza e após um pouco mais de um ano acaba sendo preso, acusado de irregularidades. Condenado a mais de cinco anos de prisão, Peppina fica sozinha com os sete filhos tendo que dar conta do sustento da família que até então vivia sem dificuldades (Fiori, 1979).

Gramsci sofria desde pequeno do Mal de Pott, tuberculose óssea, diagnóstico dado apenas muito tempo depois quando já era adulto. Sofria de indisposições, teve convulsões e desenvolveu no corpo uma cifose (corcunda) que seus pais atribuíam a uma queda. Seu crescimento físico ficou comprometido e, por todos os males que sofria sua mãe vivia sobressaltada com a expectativa de sua morte, chegando a manter um caixãozinho e uma roupinha para a ocasião, até 1914 aproximadamente. Apesar de muitas dificuldades Peppina conseguiu com muito empenho e esforço manter os sete filhos.

Devido aos problemas de saúde, Gramsci só foi para a escola com mais de sete anos e era o melhor de sua turma, sempre tirando notas altas. Por saber falar italiano, estava em situação privilegiada, já que poucos dominavam a língua². Além disso, tinha muito interesse em aprender, passando muitas horas do seu tempo lendo.

Gramsci lembra, em uma das suas cartas, o talento que tinha para construir seus próprios brinquedos e do orgulho que sentia da sua capacidade. Dedicou-se também a desenvolver aparelhos de ginástica para seu uso, já que se empenhava bastante para corrigir sua deficiência física. Uma de suas irmãs, Teresina, relata que Gramsci era um pouco fechado quando criança; e ela acreditava que o fosse pela anomalia física. No entanto, ele não era o tempo todo reservado, quando se sentia aceito ele conseguia se expandir e brincar (Fiori, 1979).

Gramsci se preocupava também com a situação de penúria que sua família passava depois da prisão de seu pai e desenvolveu uma espécie de

² Na Sardenha entre as línguas mais faladas está o italiano e o sardo, língua parecida com o latim e bem diferente do italiano. No início do século XX poucos falavam italiano na ilha. Atualmente, embora já menos falada entre os jovens, 85% da população entende o sardo.

aversão a mentiras, em função de só ter tomado conhecimento da real situação do pai muito tempo depois (somente Gennaro, filho mais velho de Ciccillo, sabia da sua prisão). Isso o faz, trinta anos depois, em uma carta à sua cunhada Tatiana (Tania), chamar a sua atenção por esconder de seu filho Delio o fato dele estar preso, e lembra como foi prejudicial para ele perceber que fatos desagradáveis eram escondidos, o que o deixava bastante ofendido (Fiori, 1979).

No início do século XX Ghilarza era uma aldeia com uma economia agrícola de subsistência, e quase todos os moradores eram proprietários. Assim não dispunha de muita mão de obra para a expansão da agricultura. Nessa época, Gramsci cursava a quarta série e nas férias de 1902, com 11 anos de idade, foi trabalhar no escritório do cadastro local para colaborar com a família. A aldeia passava por uma revisão de seus mapas cadastrais que estavam ultrapassados.

Uma nova barreira surge quando Gramsci finaliza o curso primário. Para dar sequência aos seus estudos precisaria morar fora da aldeia e isso não era possível devido à impossibilidade de sustento. Essa realidade o afligia muito, fazia com que se revoltasse e, às vezes, se isolasse. Continuou, assim, trabalhando no cadastro.

Ainda, segundo Fiori (1979), em 1904, seu pai acaba de cumprir a pena e volta para casa trazendo certo alívio para toda a família. No mesmo ano, no sudoeste da Sardenha, três operários são atingidos e assassinados pela tropa por estarem em greve. Pela primeira vez, vê-se uma atitude violenta como reflexo da crise iniciada em 1889. Com a quebra de três importantes bancos sardos, os juros aumentaram causando falências de pequenos produtores. Aliado a esse fato, os tratados comerciais com a França foram cancelados devido às novas leis que surgiram como meio de proteger a burguesia industrial do norte do país. Não podendo mais contar com o mercado de exportação, a agricultura entrou em crise. A Sardenha não dispunha de indústrias suficientes para absorver os que vinham do campo, o que provocou um fluxo intenso de pessoas em direção à região de Sulcis-Iglesiente, onde estavam as minas. No entanto, não havia emprego para todos. O desemprego cresceu assustadoramente e o subemprego virou rotina. Segundo relato de um médico, os pulmões dos trabalhadores mortos, nos quais ele havia realizado autópsia, estavam completamente infiltrados de fumaça das lâmpadas de óleo. Nesse contexto a criminalidade tomou conta da ilha (Fiori, 1979).

Embora com algumas dificuldades, Ciccillo foi se reerguendo gradativamente com o apoio das pessoas que viviam em Ghilarza. Aos poucos a situação foi se acomodando e, mesmo com condição financeira precária, ele e Peppina resolvem mandar Gramsci para estudar no ginásio de Santu Lussurgiu. Mesmo tendo ficado longe da escola por dois anos, ele estudava por conta própria e, de vez em quando, tinha aulas particulares.

O ginásio era muito pobre e ficava afastado 18 (dezoito) quilômetros de onde moravam. Os professores não eram preparados e alguns nem poderiam lecionar. Gramsci admite em uma carta que perdeu o interesse por matemática por ter tido péssimos professores, mas mesmo assim chegou até o quinto ano ginasial.

Gramsci e Gennaro tinham grande interesse pelas novas ideias que chegavam através de impressos considerados “subversivos”, que vinham de Turim, e isso preocupava seu pai que não concordava muito com essas ideias. Francesco vinha de uma família de formação militar e seu pai havia sido coronel da infantaria bourbônica. Para complicar a situação, naquela época, divulgar pensamentos socialistas significava ficar marcado na política, o que não foi nada interessante para Ciccillo, que havia passado cinco anos preso por causa de sua vinculação política (Fiori, 1979, p. 51).

Em 1906, quando Gramsci estava com 15 anos, o clima da Sardenha era de desordem. Pessoas de outras regiões foram habitar a ilha e imperava um ambiente de luta desorganizada sem objetivos definidos. Não havia na Sardenha nenhum tipo de organização política nesse período. Operários e trabalhadores rurais lutavam, provocando incêndios em fábricas ou em postos da alfândega, sem ter uma reivindicação definida. Algumas pessoas se misturavam aos movimentos para saquear e prejudicavam pequenos comerciantes. Havia fome e desespero.

No Sulcis-Iglesiente, onde predominavam as minas, a economia era movida pela esperteza e, quanto maior a produção, menores eram os salários, que chegaram a diminuir em 1906, embora a extração de minérios tivesse aumentado. Os patrões eram inflexíveis e procuravam justificar a negação para o atendimento às reivindicações dos trabalhadores usando argumentos desumanos. Eram arbitrários e pagavam com atraso, além de usurparem o dinheiro do trabalhador, através das cantinas. Alguns mineiros, por exemplo, não recebiam em espécie e usavam vale para compras. Em outras situações, muitas vezes, o salário era pago com mercadorias, sendo que eram cobrados valores superiores aos do comércio de fora. Era desta forma que exploravam os

recursos naturais da ilha e não sobrava nada para a Sardenha. Na Sardenha só ficaram alguns tuberculosos como relatou o Dr. Gildo Frongia para a Comissão Parlamentar de Inquérito, afirmando que, entre 1884 a 1905, 35% dos operários morriam de tuberculose (Fiori, 1979).

Os trabalhadores rurais também sofriam com o confisco de bens. Na província de Cagliari as desapropriações por dívidas de impostos, no período de 1904 a 1905, foram as maiores da Itália. Os criadores de gado também estavam em desvantagem em relação às indústrias de queijo, porque vendiam o leite por um preço menor. Os que saíam lucrando eram os industriais.

As classes urbanas economicamente mais baixas também estavam prejudicadas pelo aumento de preços e por isso, no ano de 1906, havia muita agitação. Algumas categorias se manifestavam nos comícios e a revolta em Cagliari tomou conta do lugar e se espalhou para o campo e para as minas (Fiori, 1979).

Todos esses acontecimentos aumentavam o desejo de libertação dos sardos, já que se sentiam prejudicados por beneficiar o norte da Itália. A proteção alfandegária do Norte fazia com que a economia do Sul despencasse. Isso só colaborava para que o povo da Sardenha hostilizasse o Estado e pensasse em tornar a ilha independente. Gramsci defendeu essa ideologia que se chamou “*sardismo*” durante algum tempo na juventude, antes de se tornar socialista (Medici, 2007).

A questão meridional, como era chamada a condição precária e atrasada do sul da Itália em contraste com o desenvolvimento do norte, estava em evidência na primeira década do século XX, no entanto havia muita ambiguidade entre os que se interessavam pelo tema. Gramsci desde jovem foi percebendo que esta era uma questão muito maior, isto é, uma questão nacional que não seria resolvida com a rivalidade entre Norte e Sul, o que resultou em um ensaio muitos anos depois, um pouco antes da sua prisão em 1926 (Fiori, 1979).

Em 1908 Gramsci vai para Cagliari, já com 18 anos. Foi estudar no Liceu Dettòri e morar com seu irmão Gennaro, sempre em quartos alugados, e se dedicava basicamente aos estudos tirando boas notas. No Liceu logo se tornou o preferido do professor Raffa Garzia, que era extremamente exigente e não aceitava mau comportamento nem falta de dedicação. Garzia ajudava Gramsci emprestando livros e demonstrava grande apreço por ele (Fiori, 1979).

Seu irmão Gennaro já era socialista militante e frequentemente se encontrava com outros jovens líderes socialistas da Sardenha. Muito material de propaganda socialista, livros, jornais, ficavam em sua casa e Gramsci passou a

lê-los sempre. Nesse período já tinha algum contato com os escritos de Karl Marx, mas como ele mesmo declarou em carta de 1924: “por curiosidade intelectual” (Fiori, 1979, p. 71).

Em maio de 1910, Gramsci termina o segundo colegial e procura seu professor Garzia para lhe pedir que pudesse escrever pequenos artigos como jornalista. Gramsci tem seu pedido atendido e recebe sua carteira de correspondente com uma carta de seu professor. Seu primeiro artigo foi publicado no dia 26 de julho do mesmo ano, no jornal *L'Unione Sarda*. Era um texto simples, mas com muito estilo.

A situação na Sardenha se complicava e novamente os ânimos se agitavam. Os problemas que já existiam anteriormente se intensificavam, os governantes mantinham o incentivo aos altos lucros das indústrias e anesthesiavam o movimento operário com reajustes salariais. Em toda a Itália, as massas camponesas do Sul eram as que mais sofriam e, por causa do analfabetismo, não participavam do que acontecia na política, representando um peso morto nas decisões nacionais. Um círculo vicioso se instalou na ilha. Os baixos rendimentos da economia agrícola e a cobiça do Estado na cobrança fiscal faziam com que o capital não circulasse. Sendo assim, não era possível uma mudança da organização das propriedades agrícolas que não se modernizaram e, conseqüentemente, não aumentaram os rendimentos.

Gennaro frequentava constantemente a Câmara do Trabalho³, local que virou ponto de encontro de operários, intelectuais, empregados e pequenos comerciantes. Gramsci muitas vezes acompanhava o irmão, o que era uma aventura, já que a sede estava sempre vigiada pela polícia. No início de 1911, Gennaro é eleito caixa da Câmara.

Gramsci havia completado 20 anos e já se sentia mais integrado na cidade. Seu comportamento ficara mais expansivo, embora sua condição física e financeira fosse muito precária. Seu sustento era muito limitado e incerto, mas mesmo assim continuava estudando, com muita dificuldade. Comia apenas uma vez por dia até terminar o terceiro ano colegial. Esta situação não era de poucos, já que de 7.968 jovens que foram dispensados do serviço militar na ilha, 2.486 foram por desnutrição (Fiori, 1979, p. 83).

Em 1911, Gramsci conclui o colegial e em outubro do mesmo ano tenta uma bolsa de estudos para a Universidade de Turim. Só assim poderia continuar

³ Primeiras estruturas que reuniam trabalhadores independentes do ofício. A primeira Câmara do Trabalho foi criada em Milão em outubro de 1891, como estrutura territorial para o estudo e defesa dos interesses da classe trabalhadora (CUT, 2008).

a estudar. Faz os exames oral e escrito e passa a receber a bolsa. Junto com ele é aprovado Palmiro Togliatti, jovem estudante pobre, vindo de um liceu da Sardenha.

Gramsci chega a Turim, que já era referência das massas operárias italianas e, em pouco tempo, apesar de problemas de saúde, envolve-se de maneira determinante na história do movimento operário italiano.

No primeiro inverno em Turim Gramsci enfrentou dificuldades. Em cartas ao pai descreve a penúria pela qual estava passando. Inicia a Faculdade de Letras, mas a bolsa mal dava para pagar o quarto e a comida, além de não ter agasalho adequado para o frio que fazia. Tinha dificuldade de estudar por causa do frio que sentia (Fiori, 1979).

Aos poucos estreita os laços com Angelo Tasca, que morava no mesmo prédio onde Gramsci foi morar em 1913, residindo até maio de 1922, e com Togliatti, que logo percebeu o grande ressentimento que Gramsci tinha pelo abandono que reservavam à ilha, assim como outros sardos. Por este motivo não se identificava muito com os socialistas, já que alguns deles defendiam que a miséria e o atraso da região se davam em função das características do povo.

A Itália buscava conquistar a Líbia e, devido às inúmeras expedições, já era possível perceber as consequências que atingiam as classes mais pobres. Logo, 6.500 operários automobilísticos abandonam as fábricas em Turim e são ameaçados de perder o emprego, mas resistem e passam a se encontrar todos os dias no parque Michelotti. Gramsci e Togliatti acompanham os operários, ouvem os discursos e conversam com eles sobre suas lutas. Embora ainda estranho ao movimento socialista, Gramsci não estava indiferente ao que acontecia. A greve dura 96 dias (Fiori, 1979).

As eleições se aproximam e o sufrágio é ampliado incluindo o voto dos analfabetos, o que provoca um acréscimo de eleitores passando de 42 para 178 mil. Neste momento, as organizações, que eram socialistas na Sardenha e que se identificavam mais com um anticlericalismo, não tinham recursos e perdiam dirigentes importantes por desistência. A insatisfação atingia tanto políticos rejeitados e administradores em dificuldade, quanto pequenos proprietários, operários e camponeses. Por razões distintas, todos tinham alguma reivindicação, mas poucos se davam conta da diferença entre o legítimo desagrado dos que têm fome e o interesse do parlamentar que se sente excluído.

As eleições de 1913 demarcavam os interesses e ultrapassavam a batalha comum *sardista*, deixando clara a distinção das forças: de um lado os

trabalhadores e do outro os proprietários. Com a extensão dos votos aos analfabetos, o foco da classe proprietária passa a ser as organizações socialistas. A partir desse momento, Gramsci percebe que os opressores dos homens do campo, dos pequenos proprietários, dos empregados e de todos os desprovidos do *Mezzogiorno* (sul da Itália) não eram os operários da indústria aliados dos proprietários, mas sim as classes proprietárias do Norte e os vários grupos reacionários do Sul.

Em função do estresse que vivia, dores de cabeça, desnutrição, frio e por tudo que sentia, Gramsci adiou as provas da universidade e corria o risco de perder a bolsa, o que não queria de maneira nenhuma. Em 1914, necessita prestar os exames para conseguir manter a bolsa de estudos e, apesar do esgotamento nervoso, consegue passar. Após um afastamento temporário para se dedicar aos estudos, volta a se encontrar com os amigos Angelo Tasca, Palmiro Togliatti e Umberto Terracini que, mais tarde, junto à Gramsci, serão os redatores do *L'Ordine Nuovo*.

Nesse período, Gramsci já tinha a carteira de filiação ao Partido Socialista Italiano (PSI), quando o amigo Togliatti vincula-se oficialmente (Togliatti, 1950). Evidencia-se sua atividade política, a ampliação do seu círculo de convivência, o entusiasmo e a paixão por um sonho.

Os conflitos econômicos instalados e a luta por novos territórios e mercados nos diversos países provocaram o início da Primeira Guerra Mundial e com ela mais dificuldades e conflitos (Gramsci, 2004).

Para aumentar seus rendimentos, dava aulas particulares e a intensa atividade piora sua condição física. Por este motivo perde um dos exames e tem a bolsa suspensa por quatro meses. Afasta-se da família, dos amigos, não escreve mais no jornal, mas continua dando aulas. O período é muito difícil e o jovem trabalhava para viver, com pouco descanso.

Em 1915 se submeteu a mais um exame na faculdade, que seria o último. Em maio, operários fazem greve em protesto à entrada da Itália na guerra. No final do mesmo ano, Gramsci escreve novamente no *Il Grido del Popolo* e restabelece a vontade de participar do debate político e da vida.

Em 1916, com 25 anos, escreveu regularmente artigos literários, sociais e políticos nos jornais *Avanti!* e *Il Grido del Popolo*. Embora não tenha desistido da universidade, passou a se interessar profundamente por um trabalho político. Escrevia crônicas culturais, ensaios teóricos e outros artigos, mas sem assinatura. No máximo, as iniciais “A. G.” ou “Alfa Gamma”, mas o conteúdo já despertava a atenção, de quem os lia, pela originalidade e por se distinguir do

estilo tradicional da esquerda. Revela, no período da Guerra, um novo jornalismo socialista de caráter satírico e panfletário.

Do antigo grupo de amigos, por causa da Guerra, só Gramsci permanecia em Turim. Como tinha a proposta de promover cultura entre os operários, não se limitava à redação, passa a fazer conferências na periferia procurando sempre divulgar novas ideias.

Em 1917 escreve *La Città futura*, texto de quatro páginas, único número de uma publicação da Federação Juvenil Socialista do Piemonte, em que aparece a influência do idealismo na formação inicial de Gramsci.

No mês de março sabe-se, sem muita clareza, que na Rússia o Czar havia sido derrubado pelos trabalhadores, o que provocou imensa alegria em Turim. Os operários choravam de emoção quando chegou a notícia da Revolução na Rússia e a luta por um Estado novo, do tipo Sovietes (operários organizados em “conselhos”). Em agosto, os trabalhadores combatiam em Turim com armas, contra o imperialismo e o militarismo da Itália, e morrem 500 operários e mais de 2.000 se ferem com gravidade⁴. Quase todos os dirigentes socialistas são presos e Gramsci passa a ser secretário da Comissão Executiva Provisória do PSI de Turim e dirige agora o *Il Grido Del Popolo* (Gramsci, 2004, p. 389).

Com a instauração de um governo operário e camponês na Rússia, após a Revolução Bolchevique de 1917, Gramsci passa a divulgar o pensamento revolucionário russo no *Il Grido del Popolo* e eleva a pessoa de Lenin (Vladimir Ilitch Ulianov) (Fiori, 1979; Buci-Glucksmann, 1990). Devido à censura, Gramsci pode fazer muito pouco além dos escritos no jornal. Incentiva e cria então o “Clube de vida moral”⁵ que se caracteriza pelo encontro de jovens, de preferência ao ar livre, em que é determinada uma leitura para uma discussão desinteressada. Após alguns dias, dá-se a apresentação dos resultados do que havia sido pesquisado e refletido. Em seguida, o tema era discutido, ampliando sua abrangência. O clube durou apenas dois meses, porque os jovens que participavam foram servir ao exército (Gramsci, 2004).

No final de 1918 saía o último número do *Il Grido Del Popolo* que, nas mãos de Gramsci, havia se transformado em uma “pequena resenha de cultura

⁴ Quanto aos números de mortos e feridos foi encontrada uma divergência entre Gramsci (2004, p. 389) e Fiori (1979, p. 138). Em Fiori encontramos: 50 mortos e 200 feridos.

⁵ Gramsci escreve uma carta ao pedagogo Giuseppe Lombardo Radice, discípulo de Giovanni Gentile, explicando a proposta do clube e pedindo sua opinião sobre esta iniciativa: “Com ele, propomo-nos habituar os jovens que aderem ao movimento político e econômico socialista à discussão desinteressada dos problemas éticos e sociais... queremos criar a confiança recíproca, uma comunhão intelectual e moral de todos” (Gramsci, 2004, p. 146).

socialista, desenvolvida segundo as doutrinas e a tática do socialismo revolucionário” (Fiori, 1979, p. 143).

Embora vitoriosa, a Itália sai da guerra sem ser beneficiada pelos tratados que fez anteriormente, o que provoca um desgaste social ainda maior, mobilizando vários grupos políticos (Paiva; Vasconcellos, 2011).

Organizações de trabalhadores vinham surgindo na Itália, de forma mais sistemática, desde o início do século XX.

Em Turim, as comissões internas de fábrica, que vinham funcionando desde sua criação em 1906, por iniciativa dos sindicatos com a intenção de garantir uma representação dos operários dentro das próprias fábricas, na realidade só foram aceitas pelos empresários depois do fim da guerra em 1919, provavelmente já por influência do Tratado de Versalhes e da criação da Organização Internacional do Trabalho. (Paiva; Vasconcellos, 2011, p. 370).

Aos 28 anos de idade Gramsci trabalhava no jornal *Avanti*, demonstrava maior vitalidade e já não era tão fechado e tímido. Seus antigos amigos estavam de volta e com eles a ideia de criarem, juntos, um jornal. No início de 1919, Gramsci, Tasca, Togliatti e Terracini criam o semanário *L'Ordine Nuovo* (A Nova Ordem) e no seu número 7 escrevem sobre o desenvolvimento das comissões internas, passando a construir juntos aos operários, através de reuniões e debates, uma consciência proletária para dar voz ao movimento dos “conselhos de fábrica” (Gramsci, 2004, p. 403-404).

Em Turim, o proletariado amadurecia e a luta, antes limitada à questão salarial e jornada de trabalho, passava a ser por representação nas discussões com os patrões (Buci-Glucksmann, 1990; Gramsci, 2004).

Na Itália, no início do século XX, assim como em outros países onde o capitalismo ainda não estava consolidado, observava-se um grande distanciamento entre cidade e campo e entre seus respectivos trabalhadores. Reproduziam-se relações feudais no campo e não se concebia a ideia de um Estado moderno liberal capitalista.

Para o camponês as instituições políticas e econômicas não foram construídas historicamente e, por esta razão, não poderiam ser dissolvidas, já que representavam categorias naturais, indissolúveis. Esse desconhecimento favorecia uma relação de revolta por parte dos camponeses, que se rebelavam contra os senhores de maneira violenta, além de provocar, nestas(es) trabalhadoras(es), uma falta de identificação como sujeitos integrantes da sociedade capazes de modificá-la. O que poderia ser considerado como luta de classes manifestava-se sob a forma de “banditismo”, submerso em um

sentimento confuso e sem propósito, descontinuado, representado na matança de gado, assaltos, vinganças e outras formas de violência (Gramsci, 2004, p. 265).

As transformações das relações sociais, econômicas e políticas desencadeiam a crise da democracia liberal e a decadência das velhas elites, o que possibilita uma revolução social e a construção de novas instituições da classe trabalhadora, mas o surgimento do fascismo desmorona essa possibilidade. Gramsci analisa esse fato como fruto do descontentamento da pequena burguesia, dos grandes proprietários de terra, da burguesia industrial e de outros elementos do Estado, o que de alguma maneira havia predito (Bottomore, 2001).

A fase atual da luta de classe na Itália é a fase que precede ou a conquista do poder político pelo proletariado revolucionário, com a passagem para os novos modos de produção e distribuição que permitam uma retomada da produtividade, ou uma tremenda reação por parte da classe proprietária e da casta governamental. (Gramsci, 2004, p. 354).

Embora Gramsci tenha uma atuação muito consistente no movimento operário em Turim, até então nada se sabia sobre ele em Moscou até que, em 1919, um funcionário da Internacional, V. Degott, vai a Itália e através do jornal *L'Ordine Nuovo* conhece os escritos e o próprio Gramsci. Dessa forma, percebe a fidelidade ao marxismo em seu conteúdo e informa Lenin, elogiando seu trabalho. Pouco tempo depois, Lenin expressa por escrito apoio às posições de Gramsci (Fiori, 1979).

Em 1919, o pós-guerra, no contexto de surgimento do comunismo soviético, não debela a crise econômica e política vivida na Itália e em toda Europa, propiciando o surgimento do fascismo, movimento antidemocrático e antiparlamentar liderado por Benito Mussolini. Apesar da conjuntura desfavorável, os “conselhos de fábrica” mobilizavam operários em manifestações e greves até 1920, quando as tropas do governo entraram nas fábricas impedindo o movimento dos trabalhadores.

O PSI estava em crise e sem vitalidade. Seu crescimento rápido (de 50 mil inscritos antes para 300 mil após a guerra) em vez de provocar fortalecimento surte efeito contrário, trazendo problemas novos de difícil solução. Dentre eles a convicção do sucesso de uma revolução baseada apenas na presunção, e não na consciência e na predisposição de criar meios para a vitória, e a delegação de cargos de direção a pessoas despreparadas (Fiori, 1979, p. 158).

Em decorrência de várias crises vividas no PSI, após muitas divergências no interior do partido, Amadeo Bordiga⁶ como líder, Togliatti, Gramsci e outros fundam o Partido Comunista Italiano (PCI), em janeiro de 1921. Por decisão de Bordiga, Gramsci aceita um papel secundário no partido.

As dificuldades iniciais de organização e discórdias dentro do PCI levaram Gramsci a considerar que os comunistas começavam derrotados, por não terem conseguido se fazer entender e convencer o proletariado organizado. A partir daí, Gramsci e outros militantes passaram a viver na Itália um ambiente de repressões e intimidações. O semanário *L'Ordine Nuovo* acaba, o antigo *Avanti!* assume seu nome e passa a ser diário. O novo *L'Ordine Nuovo* tem a direção de Gramsci, que trabalha muito, acompanhado de um segurança para protegê-lo. O momento era difícil e o jornal perde um pouco seu dinamismo, já que representa oficialmente o partido, o que significa dizer Amadeo Bordiga. Logo, perde a autonomia e a criatividade (Fiori, 1979).

Gramsci se candidata nas eleições de maio de 1921, mas não é eleito. Nesse período chega ao extremo de sua condição de debilidade física e psíquica. Encoleriza-se quando sai alguma coisa errada no jornal e não admite falta de atenção e superficialidade.

Em maio de 1922, Gramsci é convidado para representar o PCI no Executivo da Internacional e ajudar a edificar o socialismo na União Soviética. Deixa a direção do jornal e chega a Moscou muito doente. Os embates, as amarguras e as injustiças que vive nos últimos tempos, somados à sua história pregressa de doença, desnutrição, tristeza e solidão, provocam um enorme desgaste que se torna evidente. Seus companheiros de trabalho o internam na Clínica de Serebriayi Bor, onde conhece a mulher que viria a ser o grande amor de sua vida (Buci-Glucksmann, 1990).

Giulia Schucht (Iulca) era seu nome e Gramsci a conhece em setembro de 1922 quando ela vai visitar sua irmã, Eugênia Schucht, na mesma Clínica. Ela já havia morado na Itália com a família no início do século, mas na Revolução de Outubro todos já estavam de volta à Rússia, com exceção de Tatiana. Giulia era inscrita no Partido Comunista da Rússia e desde 1919 era ativista política. Inicialmente desempenhou a função de instrutora e secretária do partido e posteriormente diversas funções até 1930, quando se aposentou por problemas de saúde (Vacca, 2012).

⁶ Bordiga quando era membro do PSI liderou o grupo “maximalista abstencionista” que era favorável a que o partido não participasse das disputas eleitorais (Gramsci, 2004).

Gramsci tinha 31 anos quando conheceu Giulia. Estava totalmente envolvido por esta mulher, que também se interessava por ele. Depois de alguns encontros na Clínica começam um romance no outono de 1923. Gramsci descobre que pode e deve ter um amor e diz que “o amor reforça toda a vida... cria um equilíbrio, uma intensidade maior nas outras paixões e nos outros sentimentos” (Fiori, 1979, p. 196). O que ele não sabia era que esse amor seria marcado por muitos desencontros (Fiori, 1979; Vacca, 2012).

Em agosto de 1922, os trabalhadores se mobilizaram na Itália para realizar uma greve geral e protestar contra a violência dos grupos fascistas. Mussolini, diante da mobilização, reagiu realizando em outubro a grande “Marcha sobre Roma” levando o rei Vitor Emanuel III, pressionado pela alta burguesia, a nomear o líder fascista seu primeiro ministro.

Fascistas saqueavam e incendiavam as Câmaras do Trabalho, jornais democráticos eram invadidos e dirigentes da esquerda perseguidos e mortos.

Gramsci, ainda com limitações físicas, mas livre da fase aguda da doença, dividia-se entre seu trabalho político intenso e alguns possíveis encontros com Giulia. Nesse momento, a orientação da III Internacional Comunista era que socialistas e comunistas se unissem para combater o fascismo que se fortalecia cada vez mais. No entanto, a ala de Bordiga não aceitava a união e muitos embates surgiram até que Gramsci propõe uma mediação que é aceita: comunistas se fundirem com os socialistas da fração que apoiava a Internacional.

A situação na Itália se agravava e vários dirigentes do PCI foram presos ou se esconderam inclusive Bordiga. Depois das sucessivas prisões, Gramsci, que estava em Moscou, recebe ordem de transferir-se para Viena, no final de 1923, para acompanhar mais de perto a situação do partido. Torna-se o líder efetivo, e depois de um ano e meio trabalhando na Internacional parte de Moscou, mas deixa Giulia que não o acompanha. Logo depois comunica-lhe por carta que está grávida. Gramsci fica muito feliz com a notícia, porém triste pela distância que os separa.

O Partido Comunista Russo também estava em crise. Lenin que estava doente desde o início de 1922, morre em janeiro de 1924. Em abril de 1924 Gramsci é eleito deputado pelo distrito do Vêneto e, em maio de 1924, retorna à Itália com imunidade parlamentar e vai morar em Roma. Ao chegar percebe que o PCI, como uma organização coesa, não existe; apesar das crises físicas Gramsci continua trabalhando (Fiori, 1979).

Logo após sua chegada o deputado Giacomo Matteotti⁷ do PSI é assassinado causando uma enorme reação da opinião pública. Parece que o fascismo se retrai e Gramsci, por um momento, acredita na vitória do partido e na queda do fascismo, o que dura pouco tempo. Apesar do acolhimento às palavras de ordem nas fábricas e o interesse das massas em desarmar os inimigos, os fascistas vão se recuperando, ganham forças e partem para a ofensiva.

No dia 10 de agosto de 1924 nascia Delio, o primeiro filho de Gramsci, que só fica sabendo no dia 3 de setembro, quando recebe a carta de Giulia, e se angustia por não ver solução possível para ficarem juntos no momento.

Fascistas voltavam a atacar e Gramsci passa a ser vigiado. Ele tomava cuidado com o regime fascista, mas continuava se correspondendo por carta com Giulia. Em janeiro de 1925 conheceu Tatiana Schucht (Tania), outra irmã de Giulia, que Gramsci já havia procurado em vão. Tatiana morava em Roma e estava afastada da família em função da dificuldade de comunicação durante a Revolução Russa.

Gramsci estava ansioso para ver Giulia e conhecer Delio. No mês seguinte é convocado para uma reunião do executivo ampliado da Internacional em Moscou. Conhece, enfim, seu filho. Dois meses depois retorna à Itália.

Em maio do mesmo ano, Gramsci fica na Câmara frente a frente com Mussolini e pela primeira vez se enfrentam. Gramsci falou sobre uma nova lei que limitava as organizações. Sentia-se muito desanimado e saía muito pouco de casa para não se expor. Visita Tatiana, o que o faz sentir-se mais próximo de Giulia, que viria a Roma com Delio em breve.

Gramsci viajou muito durante esse ano, participando de reuniões do partido, e se ressentia profundamente por não estar perto de Giulia e de seu filho. Em outubro chegaram à Roma Giulia, Delio e Eugenia, mas ficaram em casas separadas porque Gramsci tinha medo de envolvê-los nos problemas políticos. Aos poucos, uma parte da família de Giulia volta para Itália, o que lhe deixa muito feliz por poder partilhar daqueles momentos, principalmente porque Giulia espera outro filho seu.

No entanto, por causa da situação política da Itália, a quase clandestinidade de Gramsci, a possibilidade de precisar sair do país de repente e

⁷ Político italiano (1885-1924) que iniciou na política como socialista reformista e em 1921 entrou no PSI. Tinha como grande opositor Benito Mussolini, desde que se opôs à entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial. Promoveu o cooperativismo entre os camponeses e se destacou no Parlamento por advertir sobre o perigo do fascismo. Após 1922, com Mussolini no poder, Matteotti continuou denunciando os excessos do fascismo e propôs anular o mandato dos deputados fascistas. Dez dias depois foi sequestrado e assassinado.

a gravidez induzem à volta para Moscou da família Schucht, antes que nasça o neném. Assim ficou decidido. Mas antes, em agosto, Gramsci passa alguns dias em Trafòi de férias com Delio, que fica com as tias até setembro e, Giulia, por causa da gravidez, vai para Moscou. Em 30 de agosto de 1926 nascia Giuliano, que Gramsci nunca viria conhecer (Vacca, 2012; Fiori, 1979).

Nesse período Gramsci escrevia sobre a questão meridional, mas já amadurecido expandia sua visão, e percebia que essa questão não poderia ser pensada desvinculada da questão nacional. Começa a escrever em outubro de 1926, pouco antes de ser preso.

Na União Soviética, a instrução de Lenin no seu testamento de substituir Stalin do seu cargo de secretário geral, por considerá-lo rude para a posição, não foi acolhida e o regime tornou-se cada vez mais autoritário e contraditório. Gramsci admite o paradoxo denunciado pelo bloco de oposição a Stalin, através de carta ao Partido Comunista da União Soviética (PCUS), de que o proletariado, classe dominante, vive em condições inferiores aos da classe dominada e alerta sobre o risco do erro. Togliatti, então representante do PCI em Moscou, foi acusado de não aprovar e não repassar a carta ao Comitê Central do Partido Comunista Russo, tendo como resultado o afastamento entre ambos⁸.

Em 31 de outubro, Mussolini sofreu um atentado, o que fez aumentar a violência fascista. “Justificava-se” o fim do pouco que restava de democracia na Itália. Anularam-se todos os passaportes, decretou-se o fim dos jornais antifascistas, o fim dos partidos e associações que não apoiavam o fascismo. No dia 6 de novembro saía uma moção em um jornal fascista propondo a revogação dos mandatos dos deputados de oposição, mas não constava o nome dos deputados comunistas, o que talvez tenha deixado Gramsci mais tranquilo.

Na noite de 8 de novembro de 1926, com 35 anos de idade, depois que chega em casa, Gramsci é detido às 22h30min. Junto com outros deputados comunistas é encaminhado ao presídio de Regina Coeli, para um rígido isolamento. Dez dias depois, Gramsci é condenado a cinco anos de prisão, com base na Lei de Segurança Nacional.

Preso, Gramsci passa por Nápoles, Palermo até chegar a Ustica, uma ilha ao norte da Sicília, onde encontra alguns amigos que compartilham a mesma moradia (embora cumprindo pena, dividiam uma casa), inclusive seu adversário

⁸ Em relação à acusação feita a Togliatti de não ter repassado a carta escrita por Gramsci dirigida ao Comitê Central do Partido Comunista Russo, Guido Liguori (2007) esclarece que documentos recentes dizem que a decisão de mostrar inicialmente a carta a apenas alguns dirigentes russos foi autorizada por Gramsci e consentida pelo birô político do PCI. Quanto ao possível rompimento definitivo dos dois Liguori nos fala que a relação jamais foi interrompida. Para maiores esclarecimentos ver o capítulo “Togliatti. O intérprete e o tradutor” (Liguori, 2007).

Bordiga. Seu amigo Piero Sraffa, de família influente, que não estava preso, era a pessoa ideal para fazer a ligação entre o partido e Gramsci e logo abre uma conta em uma livraria para ele ter acesso aos livros que desejasse. Gramsci participa da escola de cultura geral organizada pelos presos políticos, em alguns momentos dando aula, em outros assistindo. Joga carta com Bordiga, mas logo é transferido, ficando pouco tempo ali e partindo em seguida para outro presídio em Milão. Em julho de 1928 é encaminhado para o presídio de Turi, sul da Itália, perto de Bari, onde escreverá a maior parte dos *Cadernos do cárcere*.

Sua cunhada Tatiana lhe dava assistência e para ficar mais próxima se transfere para a mesma cidade. Ela é a sua maior interlocutora durante todo o período do cárcere.

Durante todos os anos em que Gramsci esteve preso, Tatiana não o deixou um momento sequer, a não ser quando esteve doente. Giulia estava longe e pouco lhe escrevia. Piero Sraffa também teve um papel relevante em sua vida tentando, além de resolver as questões políticas, remediar situações familiares que muito lhe angustiavam. Em setembro de 1927 Giulia assume para Gramsci que sofria de depressão (Gramsci, 2005a; Vacca, 2012).

Mudou várias vezes de prisão e depois de um processo contra os dirigentes do PCI, em junho de 1928, Gramsci foi condenado a vinte anos, quatro meses e cinco dias de prisão. No mês seguinte, seu irmão pedia autorização para que ele pudesse escrever e ocupar uma cela individual. Sua doença foi se agravando por não receber os devidos cuidados.

Giulia, devido às dificuldades emocionais e físicas (epilepsia, depressão), afastava-se cada vez mais de Gramsci. Pouco lhe escrevia e, quando o fazia, parecia emocionalmente instável. Nunca foi visitá-lo, o que fazia com que ele se incomodasse profundamente. Tatiana tentava, de alguma maneira, compensar essa ausência e durante os dez anos de prisão foi o seu maior suporte. Sua dedicação, cuidado e a semelhança física com Giulia aliviavam seu sofrimento e o deixava muito agradecido.

Em 8 de fevereiro de 1929, Gramsci começa a escrever o primeiro caderno de um total de 33 cadernos, totalizando 2.848 páginas ou 4 mil laudas datilografadas (Fiori, 1979, p. 293), sempre sob rígida censura e em dias e horários determinados. Às vezes, somente podia escrever de 15 em 15 dias e outras, uma vez por semana.

Em 1930 tomou conhecimento da internação de sua mulher e em 1931 sofreu a primeira crise grave de saúde no presídio. Sua saúde foi se deteriorando e em 1932, devido à anistia concedida em razão de 10 anos do

regime fascista, sua pena diminuiu para doze anos e quatro meses. Sraffa tentou a liberdade condicional, mas as autoridades exigiam pedido de clemência, o que Gramsci jamais aceitaria (Gramsci, 2005b).

Em fevereiro de 1933 estava com a saúde depauperada e o médico de confiança, Umberto Arcangeli, declarou a urgência de sua transferência para uma clínica ou hospital. Após essa notícia ser divulgada, cria-se em Paris um comitê com o objetivo de libertar Gramsci e as outras vítimas do fascismo. Em dezembro de 1932, sem que ele fique sabendo, morre sua mãe.

Em outubro de 1934, após muitas interferências, sai a liberdade condicional. Dois dias após o decreto, Gramsci vai às ruas com Tatiana sob vigilância policial. Com a saúde muito debilitada não podia usufruir da liberdade por falta de condições físicas. Em junho de 1935 pede para ser transferido de Clínica, mas só consegue em agosto ir para Clínica Quisisana, em Roma (Vacca, 2012).

Continuou recebendo ajuda de sua cunhada, visitas de seu irmão Carlo e do amigo Piero Sraffa. Em 1936 voltou a se corresponder com os filhos e com Giulia. Sua pena expirou no dia 21 de abril de 1937 e no dia 27 de abril do mesmo ano, depois de ter sofrido, dois dias antes, um acidente vascular cerebral, morre sem ter conseguido sair em liberdade (Fiori, 1979; Coutinho, 2011a).

Entre 1929 e 1935 fez várias anotações, escreveu vários conceitos e questionamentos, o que torna difícil uma descrição linear de seu pensamento (Buci-Glucksmann, 1990). No entanto, a força e a atualidade do seu pensamento residem, fundamentalmente, no fato de que, para ele, a história é construída todos os dias, numa dialética constante em que não existe instituição definitiva e absoluta. O tempo presente deve ser visto tal qual se apresenta, se quisermos transformá-lo (Paiva, 2012).

Para tanto, estando de posse de novas informações (Cf. Vacca, 2012) resolvi fazer breves notas sobre a Família Schucht, com intuito de facilitar a compreensão das relações estabelecidas entre Gramsci e a família de Giulia. Também trarei notas sobre seu pai, dado a constatação feita com a leitura das cartas.

2.1. Família Schucht

Chegando à clínica em junho de 1922 conhece Eugenia Schucht (Genia) que estava internada em tratamento por causa de uma doença motora. Em setembro, Gramsci é apresentado a Giulia Schucht, irmã de Eugenia, por quem se encanta e é correspondido. Possivelmente, os dois iniciam o relacionamento amoroso no outono de 1923 (Vacca, 2012).

Vacca (2012, p. 46) adverte que, de posse das novas documentações, foi possível desmitificar uma versão equivocada sobre o início do processo de galanteio entre os dois. Ao contrário do era dito, Giulia teve interesse “explícito” pelo professor italiano. Foram encontradas, nos guardados da família Schucht, cinco rascunhos de cartas, com o conteúdo semelhante, escritos entre 10 e 11 de outubro de 1922, o que corrobora a informação de que Giulia tinha o hábito de escrever cartas e não enviá-las. Na carta estava escrito: “Professor, hoje **‘encontrei o sol’**. Desde que voltei para Ivanovo faz um tempo ruim, cinzento... Dez dias! Hoje também tomei chuva, fiquei com os pés úmidos e os cabelos molhados... No entanto, estou certa de ter visto o sol” (Vacca, 2012, p. 46; grifo meu).

Vacca (2012) acredita que a referência a encontrar o sol, feita por Giulia, era uma alusão ao fato dela ter sido escalada para acompanhar Gramsci, em sua visita, desempenhando a função de intérprete. Giulia trabalhava no Sindicato da Instrução e foi encarregada pelo secretário do partido de Ivanovo a acompanhá-lo.

No final de 1923, Gramsci vai para Viena e em abril de 1924, se candidata por Vêneto a deputado e se elege. Retorna à Itália em maio de 1924, depois de dois anos fora do país (Coutinho; Henriques, 2005a).

Segundo Vacca (2012), no período inicial da relação entre Gramsci e Giulia, entre final de dezembro de 1923 e fevereiro de 1924, Giulia fica sem enviar notícias e nenhuma correspondência. Dois motivos podem ter provocado este silêncio: o primeiro seria a desaprovação do pai, Apollon Schucht, à relação de ambos e o segundo, o que representava para ela a maternidade. Depois desse período sem responder, Giulia escreve sobre sua gravidez e Gramsci responde com entusiasmo e emoção. A dificuldade dela de se corresponder regularmente irá se repetir nos anos que virão, muito também, devido a sua oscilação psíquica com períodos de profunda depressão, como veremos.

Pela resposta de Gramsci à amada é possível deduzir um estado emocional angustiado e talvez conflitante, por parte dela, que o levava a suspeitar de alguma restrição, à relação com ele e à maternidade, imposta pelo OGPU (Diretório Político Estatal Unificado do Conselho do povo da URSS), onde Giulia trabalhou desde fim de 1924 até agosto de 1930, quando foi aposentada pelas condições precárias de saúde. Embora Giulia ainda não trabalhasse no Diretório no período citado, Vacca (2012, p. 54) menciona o fato dela colaborar com o serviço de informação do partido e mais adiante na sua organização em Moscou, sendo naturalizado um “controle da vida pessoal dos militantes e dirigentes dos aparelhos soviéticos e do Kominter”. No entanto, logo Gramsci percebe que a dificuldade da companheira talvez fosse relacionada ao fato de se tornar mãe e lhe escreve: “Desejava ardentemente que você fosse mãe; pensava que isso daria força a sua personalidade, faria superar uma crise que me parecia latente em você, que estava ligada ao seu passado, à sua infância, a todo o seu desenvolvimento intelectual” (Gramsci, 1992 apud Vacca, 2012, p. 54).

Segundo Antonio Gramsci Junior (2007) sua avó Giulia Schucht era vítima de epilepsia orgânica, originada pela complicação da gripe espanhola que ela havia contraído em 1927 e não, como muitos biógrafos consideravam que ela tinha esgotamento nervoso. Para ele, seu bisavô Appolon se referia a esta doença quando dizia a Tatiana que Giulia não escrevia porque não podia e não acredita que havia alguma pressão externa sobre a avó para que ela não se correspondesse com Gramsci. Tatiana não tinha conhecimento da doença da irmã até o início dos anos trinta e diz não saber se Gramsci obteve esta informação.

Muitas dificuldades e mal-entendidos surgiram comprometendo a relação de Giulia com Gramsci, como veremos ao longo da tese. Vacca (2012) cita um amigo de Gramsci, Vincenzo Bianco que deu seu testemunho em 1977 e conta que, após a ida de Gramsci para Viena, a relação dos dois complicou mais porque ele sempre pedia que ela fosse morar com ele, o que o pai de Giulia não concordava. Um dos possíveis motivos que levavam Apollon a desaprovar a união da filha com Gramsci poderia ser em função de Giulia ser a principal provedora da família, somada a característica, típica do patriarcado, manifestada por ele na relação familiar. Os Schucht perderam todo o patrimônio no período em que moraram na Itália e passaram a necessitar de auxílio (Vacca, 2012, p. 48, nota 3).

Vacca (2012) alerta que é importante ressaltar que, com a troca de correspondências, aos poucos, foi ficando mais evidenciado que havia uma diferença na forma de enxergar o mundo, de pensar e de viver entre Gramsci e Giulia. Esta diferença foi mais percebida, principalmente, após o nascimento dos filhos. A forma de educá-los em Moscou pela família Schucht era, muitas vezes, combatida por Gramsci e parecia que a educação de Delio ficava muito a cargo de Eugenia e a de Giuliano a cargo de Apollon.

Em junho de 1924, já de volta à Itália, Gramsci procura a cunhada Tatiana a pedido de Giulia. Tatiana, desde 1908, vivia na Itália, mas não se correspondia com a família há dois anos. Gramsci só foi encontrá-la em fevereiro de 1925 e comunica a companheira. Em março, Gramsci vai à Moscou e conhece o filho Delio que estava com sete meses e com coqueluche. Logo que se conheceram, Tatiana começou a fazer traduções para Gramsci e os laços entre eles se estreitaram (Vacca, 2012, p. 93; Coutinho; Henriques, 2005a; Fiori, 1979).

Tatiana teve um papel fundamental a partir daí e foi ela quem articulou a vinda de Giulia, Delio (com um ano e dois meses) e Eugenia para a Itália em outubro de 1925. Segundo Vacca (2012, p. 61-62), a experiência não foi muito fácil para Tatiana já que não se viam desde 1911, quando Eugenia foi embora. Em 1926, antes do retorno das irmãs e do sobrinho à Moscou, Tatiana percebeu o controle que Eugenia exercia sobre Giulia, assim como, suas “atitudes patológicas”. Eugenia demonstrava estar em desacordo com a união da irmã com Gramsci e só anos depois, Tatiana revelará, por carta, de 28 de dezembro de 1930, ao cunhado o que acontecia, como veremos posteriormente.

Como foi mencionado, várias novas cartas foram doadas por Antonio Gramsci Junior à Fundação Instituto Gramsci em 2008 e se encontram agora em: FIG, Arquivo Família Schucht, Apollon Schucht, correspondências 1926 (Vacca, 2012, p. 66, nota 40). A partir delas, algumas situações obscuras puderam ser esclarecidas, como explicitaremos a seguir.

Outro ponto fundamental revelado através da recente documentação, e anunciado por Vacca (2012, p. 65), possibilitou entender a motivação do porque Eugenia fazia restrições ao relacionamento da irmã com Gramsci; incitava o pai e a mãe contra o cunhado fazendo-os acreditar que ele “erotiza” [va] Giulia e violava “sua frágil personalidade”; o empenho dela para que Delio não se afeiçoasse ao pai e o expresso desejo de ocupar o lugar de Giulia, principalmente como mãe de Delio, entre outras crueldades.

No período de nove meses em que Giulia ficou em Roma, com Gramsci, Genia, Tatiana e Delio, engravidou novamente. Segundo Vacca (2012, p. 59, p.

64), Eugenia impôs que voltassem para Moscou evitando que o segundo sobrinho nascesse na Itália. Giulia comenta com Nilde Perilli, que Gramsci não se posicionara a favor para que ela ficasse e não se impunha a Genia. Nilde Perilli, segundo Vacca (2012, p. 59, nota 28), era amiga das irmãs desde 1908 e já havia testemunhado sobre “a dinâmica familiar das irmãs Schucht”. Dizia que Genia se dirigia “as amigas romanas como se [Delio] fosse filho dela” e menciona “as cenas de ciúme que fazia quando descobria que Gramsci dormira com Giulia, alardeando o pretexto de que a família arriscava-se a perder a permissão de estadia”. Segundo Fiori (1979), no sanatório Eugenia havia se interessado por Gramsci e nutriu por ele um sentimento mais do que uma amizade. Com o nascimento de Delio, Genia passou a tratá-lo como mãe também.

Vacca (2012, p. 66-67) faz referência a duas cartas de Gramsci, datadas de janeiro e de 13 de fevereiro de 1923, que podem ajudar a desvendar o comportamento de Eugenia, Apollon e Giulia, bem como a inércia e constrangimento de Gramsci perante a situação. As cartas citadas foram “tradicionalmente” direcionadas a Giulia, mas na realidade uma delas seria provavelmente para Genia “e a segunda é uma carta de amor”. Ao que tudo parece Gramsci “teve uma relação sentimental com Genia” interrompida pelo seu interesse por Giulia.

Segundo Vacca (2012, p. 67, nota 42), a carta de amor de Gramsci é dirigida a “Querida” e a outra dirigida a “Cara companheira”. A segunda diz que ele está indo encontrar Genia no sanatório, o que denota que a carta é para Giulia. Já a primeira se refere à recuperação e “a melhora na deambulação” e diz: “Meço sua vontade de me querer bem a partir dos esforços que consegue fazer para voltar a ser capaz de saltar os riachos” (Vacca, 2012, p. 67). Essa citação é compatível com a condição física de Eugenia que era portadora de uma doença motora.

Logo depois Gramsci escreve a Giulia em 21 de março de 1924 e diz: “Penso ainda algumas vezes que talvez tenha errado em dizer numa noite que verdadeiramente sim, era você que eu amava apaixonadamente; penso que sou um monstro porque eu a perturbei profundamente” (Gramsci, 1992 apud Vacca, 2012, p. 68). Tudo leva a crer que o sentimento de Gramsci em relação a Genia estava vinculado a uma “atração intelectual”, o que difere da “paixão total, física e intelectual, erótica e sentimental” por Giulia na percepção de Vacca (2012, p. 68).

A partir do momento que Gramsci encontrou Tatiana, ela esteve presente na vida dele o tempo todo lhe dando apoio, cuidando da sua saúde, dentro do que era possível, e articulando situações, tanto com a família como na política, que facilitassem o seu dia a dia no cárcere. Foi também a responsável por copiar as cartas enviadas do cárcere e encaminhá-las para Piero Sraffa, amigo de Gramsci, que as repassava para o PCI em Paris, onde estava o centro dirigente do partido. Quando era o caso, Gramsci usava a mesma folha para escrever para duas pessoas e era a cunhada que fazia chegar a carta ao seu destinatário, entre outras mediações (Henriques, 2005a).

2.2. Francesco Gramsci

Chama à atenção que não haja nem uma só carta de Gramsci dirigida ao pai, bem como a escassa menção a Francesco, com seus interlocutores, nas 478 cartas encontradas nos dois volumes da edição brasileira. Embora sejam poucas as citações feitas, achamos interessante mencioná-las, uma a uma, na tentativa de encontrar uma justificativa a pouca referência à figura paterna.

Francesco Gramsci foi preso, acusado de peculato, em 9 de agosto de 1898. Nino, como era chamado Gramsci pela família, tinha sete anos na ocasião. Em 27 de outubro de 1900 seu pai foi condenado há cinco anos, oito meses e vinte e dois dias de prisão e só saiu em 31 de janeiro de 1904, quando Gramsci acabara de completar treze anos (Fiori, 1979).

Peppina Marcias, mãe de Gramsci, ficou sozinha com os sete filhos e apesar das dificuldades conseguiu, com muito esforço e o sacrifício de todos, suprir as necessidades básicas.

Inicialmente, só Gennaro tomou conhecimento da prisão do pai. Nem Nino nem os demais irmãos sabiam do ocorrido. Para Gramsci, a decisão de esconder a verdade foi muito traumatizante e, no cárcere, em correspondência com Tatiana, recrimina a companheira por ter omitido a Delio a sua condição de prisioneiro (Fiori, 1979).

A seguir mencionamos as cartas em que Gramsci se refere ao pai e o trecho correspondente, para ajudar-nos a compreender em que contexto a figura do pai é lembrada.

Após doze dias da prisão, Gramsci escreve à mãe falando de sua preocupação de trazê-la mais um sofrimento e pede que ela fique tranquila. Faz

referências aos seus dois filhos, menciona os irmãos e ao final inclui o pai e diz: **“Papai também deve ser forte”** (Gramsci, 2005a, p. 76; grifo meu [C, n. 3]⁹).

Já em Milão, no cárcere judiciário de San Vittore, após três meses de prisão, novamente em carta à mãe, menciona o pai apenas o incluindo no rol das pessoas que solicita que lhe escrevam. É uma longa carta e ao finalizar, depois de lhe prometer que lhe escreverá a cada três semanas, diz: “escreva-me também e faça com que me escrevam Carlo, Grazietta, Teresina, **papai**, Paolo e até Edmea [...]” (Gramsci, 2005a, p. 122; grifo meu [C, n. 22]).

Em 25 de abril de 1927, portanto cinco meses após a prisão, em carta para a mãe, embora não mencione diretamente o nome do pai, faz uma alusão a sua característica. Gramsci está se referindo ao irmão Carlo quanto ao seu trabalho e diz que apesar “das trapalhadas do passado” o considera “um ótimo rapaz”. Considera também que ele seja “mais seguro nos negócios” do que os outros irmãos Gennaro e Mario. Complementa que: “Em nossa casa, **todos (menos eu) imaginaram ter uma vocação especial para os negócios**, e não gostaria que passassem por uma experiência como aquela do galinheiro, lembra?”. Questiona se Carlo se lembra da época e afirma ser importante lembrá-lo: “para vergonha eterna dos Gramscis que se metem a fazer negócios. Eu vou lembrar sempre, até porque aquelas galinhas, que não botavam ovo nunca, me bicaram e estragaram três ou quatro romances de Carolina Invernizio (ainda bem!)” (Gramsci, 2005a, p. 148 grifo meu [C, n. 32]).

Para maiores detalhes do ocorrido neste período, encontramos em Maestri e Candreva (2007) que anos após a prisão do marido, Peppina recebeu uma herança que, embora pequena, suscitou no marido a vontade de se dedicar aos negócios. Assim sendo, abriu um depósito de vinho e um aviário. Não durou muito o comércio, já que logo os garrafões de vinho foram roubados. Quanto às galinhas, elas haviam sido compradas nas cidades vizinhas “esperando que o preço e a qualidade dos animais fossem melhores, chegaram a Ghilarza mortas e moribundas pela metade [...]” (Maestri; Candreva, 2007, p. 28). Pelos autores, Francesco Gramsci é descrito como “um personagem semipatético que terminou vitimando socialmente a si e sua família, em grande parte devido às pretensões sociais desmedidas, em relação as suas condições pessoais e ao contexto social em que vivia” (Maestri; Candreva, 2007, p. 29).

Ainda em 1927, no mês de agosto, se correspondendo com a mãe, Gramsci menciona a visita do irmão Mario, que não via há algum tempo, e

⁹ A partir daqui irei colocar entre colchetes o número das cartas em que se refere a citação.

comenta que: “Parece ter uma leve tendência a engordar, como **papai**” (Gramsci, 2005a, p. 180-181; grifo meu [C, n. 48]).

Em 20 de maio de 1929, Gramsci escreve para Giulia falando sobre sua condição geral, seu estado emocional e sua percepção sobre a “crise” que se passa nos anos iniciais no cárcere. Avisa que lhe manda duas fotos: uma, dos dois filhos de Teresina, Franco e Maria e a outra é a da sua mãe com a Maria no colo, já um pouco maior. Gramsci diz: “Meu **pai** afirma que a menina se parece com Giuliano; eu não sou capaz de julgar” (Gramsci, 2005a, p. 340; grifo meu [C, n. 150]).

Já em 4 de maio de 1931, isto é, após quatro anos e meio da prisão, se correspondendo com a irmã Teresina, fala sobre as observações feitas por ele em relação a sobrinha Mea, filha de Gennaro, que era criada pela tia Grazietta. No último parágrafo escreve: “[...] faço votos de muita saúde para seus filhos: mande outras informações sobre o acidente ocorrido com o **papai**, que espero não tenha sofrido um choque psicológico muito forte” (Gramsci, 2005b, p. 44; grifo meu [C, n. 229]).

Sobre o acidente que o pai havia sofrido, não encontramos nenhuma resposta da família e nenhuma outra indagação, a respeito, por parte de Gramsci.

Em uma longa carta a Tatiana, datada de 12 de outubro de 1931, Gramsci dialoga com ela sobre a questão judaica e coloca seu ponto de vista a respeito. Menciona a questão das raças e diz: “Eu mesmo não tenho nenhuma raça: meu **pai** é de origem albanesa recente (a família fugiu do Épiro após ou durante as guerras de 1821 e se italianizou rapidamente); [...]” (Gramsci, 2005b, p. 105; grifo meu [C, n. 257]).

Na correspondência a seguir com Tatiana, datada de 28 de dezembro de 1931, Gramsci expressa um pouco mais sobre seu pensamento a respeito das atitudes de sua família incluindo seu pai. O contexto é sobre o pacote prometido pela mãe que estava previsto ser entregue antes do Natal. Gramsci relata que imaginava “que não chegaria a tempo, quando li que estavam totalmente envolvidos, queriam fazer as coisas em grande estilo [...]”. Faz uma crítica que vale a reprodução dos trechos:

Você, realmente, deve saber como é o pessoal lá de casa: fazem sempre um monte de projetos, de hipóteses, de grandes preparativos e, no fim, esquecem alguma coisa essencial, que leva ao fracasso todos os projetos bem construídos. E isto até mesmo nas pequenas coisas; fala-se delas longamente, com muita antecedência, “em ideia” tudo é analisado, pesado, discutido, como se fosse negócio de Estado, pedem-se opiniões, consultam-se horários, catálogos, etc. (Gramsci, 2005b, p. 139 [C, n. 275]).

E fala o que significava para ele essa característica familiar, já que não compactuava com esse modo de agir:

Quando era rapaz, me divertia zombando deste modo de fazer e de agir e fazia todos se zangarem: terminava por brigar com todos. Poderia contar histórias muito divertidas. Meu **pai** e meus irmãos acreditavam ter grande tino para o comércio, para os negócios; sempre construía grandes castelos nas nuvens e criticavam a falta de espírito de iniciativa dos outros sardos. Naturalmente, nenhuma de suas iniciativas nunca dava certo e a culpa era sempre dos outros, como se estes “outros” não existissem antes e não deveriam ser levados em consideração antes de começar (GRAMSCI, 2005b, p. 139; grifo meu [C, n. 275]).

A próxima carta tem uma referência indireta ao pai e foi dirigida à irmã Grazietta que havia escrito ao irmão falando da gravidade do estado de saúde da mãe, mas resolveu recuar e escreveu outra carta com melhores notícias da mãe. Na realidade Peppina estava mesmo muito mal e morreu dois meses depois.

A carta foi escrita em 31 de outubro de 1932, quase um ano depois da anterior. Gramsci diz ter se tranquilizado e pede que ela também se cuide. Faz um questionamento e diz: “Seremos capazes de fazer o que mamãe fez há trinta e cinco anos? Ela foi capaz de se pôr, sozinha, pobre mulher, contra uma terrível tempestade e salvar sete filhos”. A nota 2, na referida carta, fala do tempo em que Francesco se encontrava preso e se fez necessário que a mãe de Gramsci assumisse sozinha os filhos. Há também a menção a Togliatti que, em 1963, faz uma observação, à co-editora das *Cartas*, Elsa Fubini dizendo: “[...] problema não resolvido para mim, este do pai: por que Antonio era tão negativo nas relações com ele?” (Gramsci, 2005b, p. 255, nota 2 [C, n. 348]).

A última carta encontrada por mim, talvez seja a mais significativa para o meu entendimento. Trata-se da carta dirigida à Tatiana em 23 de abril de 1933. Gramsci havia piorado seu estado de saúde e tentava uma transferência para uma Casa de Saúde. Por esta razão foi avaliado por um médico inspetor e faz um relato sobre isso para a cunhada. Após a transmissão da maior parte da consulta diz que se surpreendeu quando o médico lhe disse que na infância foi portador do Mal de Pott.

Gramsci desconhecia este diagnóstico e o que sabia era o que menciona: “o que me consta é que minha doença infantil se deveu a um tombo, que a empregada escondeu de meus pais”. Complementa o assunto e diz que, em 1911 quando estava na casa do tio, conheceu o Dr. Cominacini que havia cuidado dele quando era criança e conta: “[...] tanto meu tio quanto Cominacini me disseram, com bastante franqueza (ou talvez brutalidade), que a causa de

minha desgraça foi a negligência e a apatia de meu pai e que, tratado a tempo, eu poderia ter sido salvo” (Gramsci, 2005b, p. 329; grifo meu [C, n. 388]).

Encontrei dez cartas que, direta ou indiretamente, Gramsci faz menção a figura do pai. Quatro destas foram dirigidas à mãe, três para Tatiana, uma para Grazietta, uma para Giulia e uma para Teresina. As sete primeiras cartas fazem citações rápidas e superficiais a respeito do pai, com exceção de uma, dirigida a mãe, que fala da inaptidão da família para negócios. As três últimas falam um pouco mais, subjetivamente, de como Gramsci percebia o seu pai. Não temos informações concretas sobre a personalidade de Francesco, mas a partir do que nos foi transmitido nas cartas de Gramsci, é possível supor a falta de empatia e a pouca admiração pela figura do pai.

Pela falta de correspondência direta de Gramsci com o pai; pela pouca referência a Francesco com os seus interlocutores nas *Cartas do cárcere*; pelo tipo de crítica contida nas três últimas cartas; e pelo aparente distanciamento do filho em relação ao pai, podemos arriscar inferir que Gramsci não encontrava na figura paterna nenhuma forma de sustentação emocional e parecia não ver o pai como um modelo a ser seguido.

3.

As *Cartas* e a luta pela vida no cárcere: a saúde percorrendo o caminho

Este capítulo tem como objetivo evidenciar, através das cartas escritas no cárcere por Gramsci, a importância que o pensador atribuía à saúde tanto física quanto psíquica de todos que o cercavam, a sua própria e o quanto foi afetado por esta condição.

Conforme mencionei na introdução desta tese, optei por uma leitura sequencial das *Cartas*, obedecendo a ordem da edição brasileira consultada. Procurei me deter, principalmente, ao acompanhamento do percurso da vida pessoal de Gramsci em relação aos seus interlocutores e família, em especial, no que diz respeito à sua saúde física e psíquica e dos mais próximos, durante o período em que estive no cárcere.

Considerarei importante, a partir de uma concepção que privilegia o fator social e emocional das relações, como é o caso, indicar a idade dos personagens mais presentes nas correspondências e significativos na vida de Gramsci no período carcerário. Como não disponho do dia e do mês de nascimento de todas as pessoas, nem todas as idades são precisas podendo ter uma variação menor de que um ano.

Gramsci foi preso no dia 8 de novembro de 1926, com 35 anos. Sua companheira Giulia (Iulca), que se encontrava na URSS, estava com 30 anos, acompanhada pelos seus filhos Delio, com 2 anos e Giuliano (Julik) com menos de 3 meses. Sua cunhada Tatiana (Tania) que, foi a maior interlocutora de Gramsci durante o período da prisão e, morava na Itália, estava com 39 anos. Sua mãe, que morava em Ghilarza, na Sardenha, tinha 65 anos e suas irmãs, que também moravam na mesma cidade, Grazietta com 39 anos e Teresina com 31 anos. Seus irmãos Gennaro (Nannaro), Mario e Carlo, tinham respectivamente, 42 anos, 33 anos e 29 anos (Coutinho; Henriques, 2005b).

3.1.

As cartas de 1926

Gramsci foi preso em Roma, apesar da imunidade parlamentar, no dia 8 de novembro de 1926, às 22h30min, e encaminhado, junto com outros deputados

comunistas, para o cárcere romano de Regina Coeli. Após a prisão ficou em condição de isolamento absoluto por um período de dezesseis dias, segundo ele próprio, que avaliou ter sido o período mais duro desta época da detenção. Nos três primeiros dias ficou em uma cela bem clara de dia e iluminada de noite, mas com a cama suja, com lençóis usados anteriormente e com insetos. Em seguida foi para outra cela não tão iluminada, mas desinfetada e com lençóis limpos. Depois lhe transferiram para um quarto pago até sair de Roma, na manhã do dia 25 de novembro, quando foi encaminhado para a ilha de Ustica ficando do dia 7 de dezembro de 1926 até janeiro de 1927. Apesar do confinamento e da submissão à censura, ele podia se comunicar com quem quisesse (Gramsci, 2005a).

Em cartas datadas do mesmo ano para Tatiana e para Piero Sraffa, Gramsci faz uma descrição minuciosa do lugar, suas características físicas, da população, amigos e após descrever as condições em que se deu sua viagem, de falar sobre a tempestade, a ótima impressão que teve de Ustica, a possibilidade de passeios, as paisagens, os jornais e os amigos, diz que está convencido de que é mais forte do que supunha e que, apesar das dificuldades, sente apenas um simples cansaço. Relata que se sente alegre e que estabeleceu um programa para seguir: “1) **estar bem para ficar com a saúde cada vez melhor**; 2) estudar a língua alemã e a russa com método e continuidade; 3) estudar economia e história. Entre nós, faremos ginástica de modo racional, etc.” (Gramsci, 2005a, p. 80; grifo meu [C, n. 5]).

Entre o dia em que foi preso até o dia 29 de dezembro de 1926, temos onze cartas escritas por Gramsci, como consta na edição citada na introdução desta tese. Embora ele tenha descrito a péssima viagem que fez e as condições desfavoráveis que pelas quais passou, usou expressões que denotavam força, superação e resistência. Afirmava não se deixar abater pelas adversidades enfrentadas por ele e por todos os presos que estavam na viagem.

Na carta que escreve para a mãe no dia 20 de novembro (Gramsci, 2005a, p. 76 [C, n. 3]) prevê as dificuldades físicas que provavelmente teria e afirma que tentará superar. Apesar desta narrativa, se diz sem força para continuar a carta. Nesta carta, Nino conta sobre o nascimento de Giuliano e sobre a escarlatina que Delio adquiriu.

Em outra carta escrita para Tatiana no dia 9 de dezembro Gramsci (2005a, p. 78 [C, n. 5]) diz que imagina que, depois do repouso e da boa alimentação, ficará livre da enxaqueca. Das quatro cartas enviadas a Tatiana, em duas ele pede aspirinas.

Em carta escrita para o amigo Piero Sraffa, Gramsci lhe pede alguns livros e justifica-se dizendo: “Querido amigo, você conhece minhas condições familiares e sabe o quanto é difícil para mim receber livros a não ser através de alguns amigos pessoais”, e complementa que só ousa fazer este pedido por preocupar-se com o possível “embrutecimento intelectual” (Gramsci, 2005a, p. 84 [C, n. 6]). Na nota 2 da referida carta consta que: “Na Fundação Instituto Gramsci, existem inúmeras faturas daquela livraria milanese, que possibilitam datar a montagem da biblioteca carcerária, a provável ordem de leitura e redação dos parágrafos dos *Cadernos do cárcere*”. (Gramsci, 2005a, p. 84, nota 2 [C, n. 6]).

3.2. As cartas de 1927

Em 2 de janeiro, Gramsci (2005a, p. 99 [C, n. 12]), escreve para o amigo Piero Sraffa e pede medicamentos, que seriam para uso de todos, como aspirina da Bayer e comprimidos para dor de cabeça. Em outra carta para Tatiana se diz orgulhoso por sua energia física, e em outra correspondência cita que durante a viagem ficou doente. Nas primeiras cartas do ano de 1927, Gramsci ressalta a importância de receber notícias de todos, em especial, de Giulia, dos filhos e de Tatiana. Em uma delas comenta que saber das pessoas o faz ficar conectado com o mundo. Para Giulia, diz que pretende fazer um diário e pede que, se possível, ela faça o mesmo.

Em 7 de fevereiro de 1927 chega em Milão para a prisão de San Vittore onde permanecerá até 14 de maio de 1928 (quinze meses). Segundo Vacca (2012), Tatiana pôde encontrá-lo várias vezes entre setembro de 1927 e janeiro de 1928. Antes não foi possível por ela ter adoecido.

Em 12 de fevereiro, em função de ter a correspondência limitada, Gramsci (2005a, p. 113 [C, n. 20]) escreve uma carta para a esposa e a cunhada, ao mesmo tempo, comunicando a transferência repentina para Milão e conta a viagem longa e cansativa que demorou dezenove dias. Passou por oito cárceres, chegando ao destino no dia 7 de março, e diz que irá contar com mais detalhes em outra carta para não assustá-las.

Esta carta foi apreendida pelo juiz instrutor Enrico Macis, por conter uma descrição “demasiado sincera” da viagem no trecho entre Palermo e Milão, e incluída no processo contra Gramsci (Gramsci, 2005a, p. 115, nota 1 [C, n. 20]).

Nesta carta, Nino descreve os males físicos pelos quais passou, o rigoroso inverno e as péssimas acomodações. Escreve detalhes do seu dia a dia como: horários, alimentação, leituras, sono, entre outros pormenores da vida no cárcere. Por conter informações detalhadas, a carta só foi recebida por Tatiana em 4 de julho de 1928, um ano e cinco meses, aproximadamente, depois.

Gramsci manifestava uma grande preocupação com o bem-estar físico e emocional e o desenvolvimento intelectual crítico dos filhos e sobrinhos. Tentava através das cartas passar um pouco de orientação que pudesse auxiliar no desenvolvimento dos pequenos. Em suas cartas, fica clara a ligação que ele faz entre uma educação baseada na verdade, durante a infância, e o fortalecimento posterior do sujeito. Gramsci defendia uma formação em que onde o cuidar se traduzisse em força. Na carta para sua mãe, datada em 26 de fevereiro de 1927, lembra da sua infância e cita a sobrinha Edmea, filha de Gennaro, que foi criada longe da mãe e muitas vezes do pai, dizendo:

[...] gosto de lembrar os fatos e as cenas da infância: neles, encontro muitas dores e sofrimentos, é verdade, mas também algo alegre e bonito. E, além disso, sempre aparece você, querida mamãe, e suas mãos sempre ocupadas em nosso benefício, para nos aliviar os sofrimentos e buscar alguma utilidade em todas as coisas. [...] também penso que Edmea não terá estas lembranças quando crescer e isto influirá muito em seu caráter, provocando nela certa fraqueza e certo sentimentalismo [...] Como Edmea também deve seguir seu próprio caminho, é preciso pensar em fortalecê-la moralmente, impedir que ela vá crescendo cercada só pelos elementos da vida fossilizada do vilarejo (Gramsci, 2005a, p. 120 [C, n. 22]).

Em outra carta enviada, aparece novamente a preocupação com as crianças e Gramsci sugere a irmã Teresina que permita que seu filho Franco fale em sardo. Acrescenta ter sido um equívoco não deixar que a sobrinha Mea falasse sardo e diz que: “Isso prejudicou sua formação intelectual e colocou uma camisa-de-força em sua fantasia”. Escreve sobre o sardo como uma língua e não um dialeto e pede para que ela permita que as “crianças absorvam todo o sardismo que quiserem e se desenvolvam espontaneamente no ambiente natural em que nasceram: isto não será um obstáculo para o futuro delas, longe disso”. Menciona também que os filhos estiveram doentes com febre espanhola, mas que já estavam em fase de recuperação (Gramsci, 2005a, p.134 [C, n. 27]).

Após a expedição do mandado de prisão, as cartas endereçadas à Gramsci deveriam ser vistoriadas e, por este motivo, algumas foram extraviadas deixando Nino sem notícias de Tatiana e familiares (Gramsci, 2005a, p. 123, nota 1 [C, n. 23]). Outra possibilidade do não recebimento das correspondências seria a notícia de que o prisioneiro estaria em prisão militar, sendo por isso,

encaminhadas para o endereço do Cárcere Militar e não para o Cárcere Judiciário, onde ele estava. Gramsci fica extremamente preocupado sem as notícias e solicita que a cunhada envie de novo as novidades sobre a família. Nas cartas enviadas, neste período, à irmã Teresina, à Tania, à mãe e à Giulia, todas reforçam a importância de mandarem notícias, que falem dos seus cotidianos para que ele sinta-se participando da vida de todos eles, principalmente para acompanhar o desenvolvimento dos filhos e sobrinhos. Desabafa com a cunhada e diz que o que sente mais é a “impossibilidade” de acompanhar detalhadamente o desenvolvimento dos meninos. Pede que ela o desculpe quando ele a faz “sofrer” e lhe cause “problemas” e “incômodos”. Conta que levou com ele as fotografias de Delio e de Giulia, “assim me parece que os trouxe a todos para o cárcere junto comigo [...]” (Gramsci, 2005a, p. 125-126 [C, n. 24]).

Delio havia contraído escarlatina e em seguida febre espanhola, junto com Giuliano e Giulia. Gramsci (2005a, p. 128 [C, n. 25]) agradece ter recebido notícias pela cunhada e diz imaginar a angústia de Giulia. Solicita que a sogra lhe escreva sobre os netos porque ele acredita que as avós “descrevem” melhor e são mais “objetivas”. Diz-se “atormentado” e acha importante “fazer algo *fur ewig*, segundo uma complexa concepção de Goethe”, que seria “desinteressado”.

Durante os primeiros meses deste ano, Gramsci se preocupa com a doença dos dois filhos e de Giulia. Em correspondência com Tatiana cita a foto que recebeu do sobrinho Franco, filho de sua irmã Teresina, e diz não ver semelhança física com Delio, que segundo ele, possui traços “muito infantis, enquanto é mais acentuada a seriedade da expressão geral e uma certa melancolia, que não é de modo algum infantil e dá muito o que pensar” (Gramsci, 2005a, p. 131-132 [C, n. 26]). Solicita que ela envie foto de Delio para sua mãe, como forma de alentar o sofrimento e o medo que ela vive desde o início da guerra onde seus três irmãos estavam à frente.

Escreve para a cunhada sobre o desafio e sacrifício em escrever com as penas que lhe dão, e conta que em março fez um requerimento pedindo autorização para usar caneta, tinta e papel, mas que até o momento da carta, dia 11 de abril, não havia recebido resposta. Comenta sobre a falta de apetite e cita os “terríveis engulhos” (Gramsci, 2005a, p. 143 [C, n. 29]).

Gramsci faz o primeiro pedido para uso de caneta, tinta e papel e apresenta ao juiz Macis, em março de 1927 (Gramsci, 2005a, p. 143, nota 1 [C, n. 29]).

Nas duas cartas do mês de abril escritas para Tatiana, Gramsci menciona o entusiasmo de ter recebido o gorro e a dificuldade de receber o verniz que pediu e, por este fato, acrescenta que o regulamento carcerário e a psicologia que o envolve, também podem se tornar um objeto de análise, junto com o manual do cabo e o catecismo católico, sobre a milenar experiência do homem na organização de massa. Gramsci relata que tem sentido dor na gengiva, que dorme pouco e que teve engulhos com náuseas. (Gramsci, 2005a, p. 139, p. 144 [C, n. 29, n. 30]).

A maneira como Gramsci escreve para os seus familiares, de uma forma geral, parece tentar poupá-los dos dissabores por ele vivido no cárcere, e para confirmar esta impressão, citamos a carta que Gramsci escreve para Giulia, no dia 18 de abril, com a intenção de lhe falar sobre seu “estado de espírito” de tranquilidade. Faz um paralelo com a história do livro “*Viagens de Nansen*” do cientista e explorador norueguês Nansen, que após estudar sobre as correntes marinhas do Oceano Ártico, resolve deixar seu navio ser transportado apenas pelo gelo, ficando assim aprisionado por três anos e meio, só se deslocando vagorosamente pelo movimento do gelo. Gramsci relata que se identifica com os marinheiros do navio e resume dizendo:

Nansen, tendo estudado as correntes marinhas e aéreas do Oceano Ártico e tendo observado que, nas praias da Groenlândia, se encontravam árvores e detritos que deviam ser de origem asiática, imaginou poder chegar ao Pólo, ou pelo menos perto do Pólo deixando seu navio ser transportado pelo gelo. Foi assim que se deixou aprisionar pelo gelo e, durante três anos e meio, seu navio só se moveu enquanto se deslocava o próprio gelo, de modo lentíssimo. Meu estado de espírito pode ser comparado aos dos marinheiros de Nansen durante esta viagem fantástica, que sempre me espantou por sua inspiração, verdadeiramente épica (Gramsci, 2005a, p. 146 [C, n. 31]).

Em outro momento, na carta do dia 25 de abril (Gramsci, 2005a, p. 150 [C, n. 33]), ele chama a atenção de Tatiana que, se comportando como muitas mulheres, imagina a vida de outras pessoas só pelo “ponto de vista da dor animal” sem considerar todos os aspectos em conjunto. Cita, como exemplo, a própria situação no cárcere, onde lhe falta muitas coisas, e que ele sabe que ela seria capaz de procurar por toda Roma para conseguir suprir alguma necessidade material, mas, no entanto, não percebe o quanto lhe causa desilusão quando ela lhe promete que ele receberá carta de Giulia e isto não acontece, interferindo em todos os minutos do seu dia.

Outra preocupação demonstrada pelo revolucionário é com a doença de sua irmã Grazietta (Gramsci, 2005a, p. 157 [C, n. 36]).

Gramsci não tinha mais contato com Mario, seu irmão, desde 1921. Ele era o único fascista dos irmãos. Em 17 de maio o irmão lhe escreve uma carta, de Milão, preocupado com a saúde de Nino:

Caro Antonio: tuas últimas notícias me deixaram um pouco preocupado com tua saúde. Sei que você dorme muito pouco e não pode comer carne. Penso que você pode dar jeito nesses dois problemas. Quer que eu mande um médico de fora? É possível? Creio que, de qualquer modo, é bom que você volte a tomar as injeções. Quanto ao sono, um amigo meu, farmacêutico, me aconselha te mandar o "Sedobrol", que é um composto vegetal e não provoca nenhum distúrbio. Eu acho que você pode comprar esse remédio aí mesmo na cadeia. Mas me diga se é fácil para você que eu mande o "Sedobrol" aqui de fora. Nesse caso, um meu amigo farmacêutico providenciaria enviar diretamente. Ele poderia te mandar também os remédios para as injeções. Quanto à comida, minha irmã poderia te enviar ovos frescos. Se me lembro bem, os ovos não te fazem mal. Tente repousar o melhor que puder, pelo menos durante o dia, e cuide com atenção de tua saúde. Com um abraço fraternal do Mário (Gramsci, 1987, p. 88-89).

Nino pede a mãe o endereço do irmão, porque deseja escrevê-lo agradecendo o interesse (Gramsci, 2005a, p. 158 [C, n. 37]).

Em maio, em relação ao seu estado psicológico, Gramsci escreve para Tatiana dizendo que está tranquilo e confirma que: "até mesmo psicologicamente; com efeito, não sofro mais de irritabilidade nem tenho acessos de cólera surda, como nos primeiros tempos" (Gramsci, 2005a, p. 158, [C, n. 37]).

No dia 23 de maio, Gramsci escreve à Tatiana mencionando a sua ida para Milão e a possibilidade de uma visita. Lembra que não vê ninguém da família há seis meses e espera que consiga naquela ocasião. Tatiana se muda de Roma para Milão, com a intenção de ficar mais próxima de Gramsci e visitá-lo com frequência, mas depois da viagem de Roma para Milão, ela adoece.

Gramsci (2005a, p. 163 [C, n. 38]) tranquiliza a mãe e diz que acredita que, mesmo que seja condenado a vinte anos, ficará na prisão por uns três anos. Pede que ela se acalme quanto à condição dele "moral e saúde física". Menciona o irmão Nannaro [Gennaro] e avalia que, possivelmente, não o procura por achar que ele está com raiva por ele ter recebido seu salário, por cinco ou seis meses, quando ele estava doente.

Em outra carta para a mãe em 27 de junho, Gramsci (2005a, p. 164 [C, n. 39]) conta, com contrariedade, que a cunhada havia ido de Roma para Milão com a intenção de visitá-lo e adoeceu, necessitando de internação desde o dia 14 de maio, o que a impediu de fazer a tão esperada visita. Expõe que deseja que a cunhada esteja bem, conforme afirma em carta, e que logo possa ir vê-lo.

Tatiana continuava doente e no mês seguinte, no dia 11 de julho, Gramsci (2005 a, p. 171 [C, n. 42]) responde a sua carta dizendo que não havia escrito diretamente para ela porque desconhecia seu endereço. Surpreende-se por saber que Ester não repassava as cartas que ele lhe escrevia. Ester era professora em Bolonha e havia sido designada para auxiliar Gramsci em 1926 a fugir para a Suíça. Em 1927, a professora ajudou Tatiana, durante sua internação em Milão (Gramsci, 2005a, p. 171, nota 1 [C, n. 42]).

Gramsci lamenta e menciona o quanto sofreu por saber que a cunhada passou pelo que passou por causa dele, e o medo de ser transferido e se desencontrarem. Tatiana apresentava várias complicações físicas e “sofria de uma série de doenças crônicas, como distúrbios gastrointestinais, flebite, dores de cabeça, deficiência na tireóide e problemas respiratórios, além de comer mal e irregularmente” (Gramsci, 2005a, p. 171, nota 2 [C, n. 42]).

Em outra carta à Tatiana, em 25 de julho, Gramsci esclarece sobre o seu nervosismo por não ter notícias a respeito da sua saúde e aponta que as informações que tinha eram “vagas e incertas”. Relata que pensa que ela se preocupa pouco com a sua própria saúde, que não entende como a Ester não percebeu que deveria escrevê-lo mais concretamente e continua dizendo que:

Ester me escrevera que você tinha sido operada por causa de apendicite; mas, de acordo com sua última carta, parece que a operação ainda não se realizou. Além do mais, junte esta incerteza ao fato de que, desde o fim de maio e por quase todo o mês de junho, eu acreditava que devia partir para Roma de um dia para outro. Imagine meu estado de espírito em tais condições. Em alguns momentos fiquei furioso de verdade. Aqueles “estou bem”, que vocês escreviam, doíam como um espinho (Gramsci, 2005a, p. 171 [C, n. 43]).

Ao final da carta, Gramsci se diz culpado e lamenta ter perdido o controle. Pede que ela “Por favor, não abra mão de nada para readquirir a saúde e faça tudo que, na clínica, julgarem necessário. Posso esperar e vou esperar com muita paciência. Eu lhe quero muito bem” (Gramsci, 2005a, p. 172 [C, n. 43]).

Em 1 de agosto, escreve para a mãe que se ressentia por não receber notícias há três meses da esposa e dos filhos e há vinte dias nada de Tatiana. Imagina que ela deva estar operando, mas diz que está se “acostumando a não pensar em mais nada e a deixar as coisas seguirem como são” (Gramsci, 2005a, p. 173 [C, n. 44]).

Gramsci recebe carta de Tatiana e de Giulia datada em 28 de julho e responde no dia 8 de agosto. Nesta carta, ele explica a sua angústia e diz ter feito uma “tolice” que só iria contar pessoalmente. Se culpa pelo esgotamento da cunhada e se sente responsável pela sua depressão. Aponta o medo que tem

dela estar mentindo para ele sobre a sua condição e que ele seja o responsável por isso. Confessa que “este é um estado de espírito que nada pode destruir. Está enraizado em mim”. Conta para ela que no passado era “como um urso na caverna exatamente por causa deste estado de espírito: porque não queria que ninguém se envolvesse com minhas mazelas”. Confessa que por este motivo escrevia pouco para a família com a intenção que se esquecessem dele. Ao final desta carta diz que lhe quer muito bem (Gramsci, 2005a, p. 174 [C, n. 45]).

Em agosto deste mesmo ano, Piero Sraffa conseguiu autorização para visitar Gramsci em San Vittore. O amigo obteve consentimento se apresentando como “colega de escola” e por manter relações de amizade com a família de Gramsci. Esta informação aparece em nota no ano de 1929 (Gramsci, 2005a, p. 356 [C, n.158]).

A doença da Tatiana deixou Gramsci (2005 a, p. 183 [C, n. 50]) muito angustiado, principalmente pela impossibilidade de saber exatamente o que estava acontecendo. Para aliviar a pressão que estava sentindo e obter notícias concretas, escreveu para o irmão Mario, que não tinha contato há sete anos, e pediu que ele fosse a Milão, no hospital, para saber da cunhada. Tatiana escreveu em 25 de agosto contando aos pais o ocorrido, explicando a motivação da visita do irmão de Gramsci, que nem sabia sobre a sua prisão e escreveu: “O irmão, hoje, deve visitar Antonio, já conseguiu autorização e, naturalmente, irá tranquilizá-lo e lhe comunicar que eu irei logo visitá-lo” (Gramsci, 2005a, p. 183, nota 1 [C, n. 50]).

Depois de ficar quatro meses sem saber ao certo sobre a saúde da cunhada, Nino enfim pode receber a sua visita em setembro. Na carta seguinte à visita, Gramsci avalia que impôs muito sacrifício a cunhada e aos seus irmãos e pede que ela se cure e “assim poderá me escrever, manter-me informado sobre Giulia e os meninos e consolar-me com seu afeto” (Gramsci, 2005a, p. 187 [C, n. 53]).

De setembro de 1927 a janeiro de 1928 os dois puderam ter encontros mais frequentes e Tatiana, ainda em Milão, diariamente lhe enviava alimentos. Em carta para a mãe, Gramsci menciona a dedicação de Tatiana, ainda em recuperação, e diz que não conseguiu “convencê-la a não fazer tanto esforço e a pensar um pouco mais em sua saúde. Fico até um pouco humilhado com tanta abnegação, que algumas vezes não se encontra nem nas próprias irmãs” (Gramsci, 2005a, p.195 [C, n. 57]).

Em 10 de outubro, Gramsci mais uma vez manifesta cuidado com a saúde da cunhada e em carta lhe diz que não fique mais tempo em Milão por causa

dele. Avalia ser um “sacrifício exagerado”. Acredita que o clima úmido da cidade dificulta a sua recuperação e presume que o desejo dela ficar está relacionado à possibilidade de pegar o mesmo trem, em que ele será transferido, com o objetivo de lhe “proporcionar um certo conforto durante a viagem” (Gramsci, 2005a, p. 198 [C, n. 59]).

A transferência para Roma, na realidade, só aconteceu em maio de 1928 (Gramsci, 2005a, p. 200 [C, n. 60]).

Gramsci avisa a mãe que as correspondências dele estão muito irregulares e nem todas as cartas estão indo e chegando. Também acha que, em breve, será transferido para Roma. Pede que ela não fique ansiosa e diz estar tranquilo (Gramsci, 2005a, p. 201 [C, n. 61]).

Entre setembro e outubro ocorreu a primeira tentativa de troca de prisioneiros entre o governo soviético e o Vaticano, sem sucesso. Neste mesmo período Gramsci fica sabendo da doença de Giulia (Gramsci, 2005a, vol. 2, p. 54).

Segundo Vacca (2012), depois da prisão de Gramsci, o plano de viver junto com Giulia é interrompido e ela, adocece. Não se sabe ao certo a causa do adoecimento, mas com o tempo o diagnóstico dado seria de epilepsia. Giulia entra em profunda depressão. Tatiana, por quatro anos, escondeu de Gramsci a doença da irmã, mas em 20 de setembro de 1927, a própria Giulia lhe escreve contando pelo que passou.

Giulia escreve para Gramsci:

[...] Meu caro, há muito tempo não escrevo e me parece que não conseguiria escrever sem dizer a verdade, sem dizer que estive mal... Tratei-me numa clínica, da qual saí há quinze dias muito revigorada e serena. Tive um pouco de esgotamento e nervosismo, mas agora estou bem e o médico, quando lhe falei sobre minha capacidade de trabalhar, antes de sair da clínica, me disse: não trabalhe mais de dez horas! [...] (Gramsci, 2005b, p. 461 [C, n. 4, apêndice 2]).

Em seguida Giulia lhe escreve outra carta explicitando a sua depressão e diz:

Gostaria de contar a minha vida nestes meses que passei numa clínica... Não porque fosse interessante, mas porque agora me sinto livre do mal que antes me impedia qualquer atividade moral, que me impedia escrever para quebrar o seu isolamento... Não era uma doença grave... Era somente uma grande depressão psíquica... agora estou sentindo as minhas forças crescerem... Agora toda recordação se torna um desejo... Parece que estou vendo os seus olhos, que gostaria muito, muito, de beijar... [...]. (Gramsci, 2005b, p. 461 [C, n. 5, apêndice 2]).

Nas cartas de Gramsci para a mãe sempre está explícito um grande afeto e a preocupação com a condição e a saúde dela. Em novembro ele tenta esclarecer sobre sua transferência para Roma que havia sido adiada. Pede que ela não fique “ansiosa” e diz: “pense sempre que estou tranquilo”. Faz uma crítica à preocupação das mães e, pondera que: “Se o mundo sempre tivesse estado nas mãos delas, os homens ainda viveriam nas cavernas, vestidos só com peles de cabra! E também não se preocupe com minha saúde”. Comenta que soube de publicações tolas a respeito da saúde dele, pede que ela não se preocupe e só acredite no que ele diz pra ela (Gramsci, 2005a, p. 203 [C, n. 64]).

Fala de Tatiana (Tania) que continua em Milão e de sua dedicação a ele. Conta sobre a doença de Giulia e lamenta a morte de uma prima de sua mãe. Durante este período Carlo mandava todo mês cerca de 200 a 250 liras para Gramsci. Em dezembro do ano seguinte, Sraffa escreveu a Togliatti sobre a precária assistência oferecida a Gramsci e faz a sugestão de “organizar urgentemente um fluxo regular de ajuda” (Gramsci, 2005a, p. 204, nota 1 [C, n. 64]).

No mesmo mês, Gramsci escreve novamente para Peppina e comunica que ainda ficará em Milão por mais um tempo, diz estar bem de saúde e se sente melhor por ter a companhia de um amigo que, naquele momento, divide a cela. Este amigo é Enrico Tulli, jornalista bergamasco que foi preso em San Vittore em novembro de 1927 e dividiu a cela com Gramsci até maio de 1928 (Gramsci, 2005a, p. 209, nota 1 [C, n. 69]).

Nas quatro cartas escritas para Giulia, em novembro, Gramsci, com alguma dificuldade, tenta transmitir um pouco sobre seu estado emocional. Fala sobre o quanto é ruim ficar sem notícias, diz estar entorpecido e que necessita de ajuda para se abrir mais. Cita que não sabe nada sobre os filhos “salvo a genérica informação sobre a saúde deles”. Menciona que já passou um ano de sua prisão e que muita coisa mudou. Diz estar mais forte e lembra o estado de espírito que se encontrava na primeira carta que lhe escreveu e não tenta “descrevê-lo” para não “horrorizá-la”. Pede cartas e fotografias para facilitar, com “estímulo visual” a apreensão da realidade do momento (Gramsci, 2005a, p. 205, p. 208, p. 212 [C, n. 66, n. 68, n. 73]).

Ainda em novembro Gramsci escreve para a esposa contando sobre uma exposição de fotos, dos filhos dos detentos, ocorrida no pátio do cárcere e relata que Delio fez muito sucesso. Menciona o novo companheiro de cela e sobre a sua filha Maria Luisa. Brinca que o filho mais velho e a menina irão casar depois que as respectivas mães concordem, embora isto seja um grande desvio do

costume sardo. Se sente feliz por imaginá-la sorrindo (Gramsci, 2005a, p. 210 [C, n. 71]).

No dia 28 do mesmo mês escreve para a cunhada e se refere às perguntas que ela provavelmente lhe fez, sobre sua saúde, e lhe afirma que durante a visita ele já teria respondido. Afirma já ter superado a febre e que sua saúde está bem melhor. Relata que depois de muito tempo, há dias não tem dor de cabeça e acorda descansado, provavelmente consequência das mudanças na alimentação. Naquele período a esposa de Tullii, senhora Pina, fazia a comida deles e Gramsci sentiu seu apetite aflorar. Solicita que ela envie a carta que prometeu relatando o desenvolvimento do filho Delio (Gramsci, 2005a, p. 211, nota 1 [C, n. 72]).

Em dezembro escreve para a mãe e reivindica cartas ou cartões com frequência de quinze dias e diz que a falta de notícias lhe atormenta, muitas vezes. Tenta tranquilizar a mãe sobre o seu “estado de espírito” dizendo estar em “paz”. Escreve sobre o que pauta a sua vida e diz: “minha vida sempre foi regrada e governada por minhas convicções, que certamente não eram caprichos passageiros ou improvisações do momento” (Gramsci, 2005a, p. 213 [C, n. 75]). Admite a preocupação com a sua própria saúde, mas relata que a experiência lhe mostrou que ele é mais forte do que presumia inicialmente. Pede que ela passe o natal sem tristeza e que acredite que ainda passarão outros natais juntos.

3.3. As cartas de 1928

Por ser início de um novo ano, em carta para Tatiana, Gramsci (2005a, p. 224-225 [C, n. 82]) pensa na necessidade de “fazer projetos” e lembra-se da exigência, na escola primária, de fazer uma redação desenvolvendo um projeto de vida. Aos oito anos escolheu a profissão de carroceiro por considerar ser um trabalho nobre e que trazia o sustento diário. No ano seguinte sustentou a escolha embora tenha conhecido um oficial de justiça, com seu cachorro enfeitado, que muito lhe agradou. Gramsci declarou ter uma lógica e “uma integridade moral de constringer os maiores heróis do dever” o que lhe fazia acreditar não ser digno de ser um oficial de justiça, porque não havia decorado os oitenta e quatro artigos do Estatuto do Reino e diz à Tatiana: “Assim limitei meus horizontes e mais uma vez celebrei as virtudes cívicas do carroceiro, que,

apesar de tudo, também podia ter um cachorro, ainda que sem lacinhos e sem manta” (Gramsci, 2005a, p. 225 [C, n. 82]).

Em outra carta, Gramsci declara que acha ser o causador do mal-estar da cunhada e pensa que poderia ter provocado mais para que ela não ficasse tanto tempo em Milão com tanta umidade. Diz para ela que: “[...] você, que me prega toda semana que devo me cuidar, me alimentar, etc., etc., provavelmente não cuida nada de si mesma e desperdiça suas energias num monte de movimentos inúteis ou, pelo menos, desnecessários” (Gramsci, 2005a, p. 228 [C, n. 86]).

Para a mãe, Gramsci (2005a, p. 232 [C, n. 88]) escreve no início do mês seguinte, fevereiro, que está muito bem de saúde e que está tomando injeções de *Bioplastina* há quinze dias. Conta que o frio lhe acarretou friagens e acredita se tratar de envelhecimento. Pede que ela fique tranquila para que ele fique também. Comunica que Tatiana precisou se internar com broncopneumonia e acredita que a causa foi o clima e o desgaste dela lhe levar comida todos os dias.

Durante o período de internação de Tatiana, Gramsci (2005, p. 233 [C, n. 89]) lhe escreve mencionando a impaciência dela em esperar a alta. Diz dar razão à Kant quando afirmava que: “não exija que os outros façam aquilo que você mesmo não estaria disposto a fazer”. Relata também a sua fúria ao saber que ela estava mal e pede para que ela fique bem para que ele fique tranquilo. Pensa que ele é “a raiz de cada um de seus males”. Neste período, a esposa de Tulli, Sra Pina fazia visitas a ela e era intermediária entre Gramsci e a cunhada (Gramsci, 2005a, p. 234, nota 1 [C, n. 90]). Em 13 de fevereiro escreve à Tatiana que tomou a vigésima injeção e que espera vê-la totalmente curada (Gramsci, 2005a, p. 234 [C, n. 90]).

Ainda no mesmo mês, Gramsci (2005 a, p. 236 [C, n. 92]) escreve para a irmã Teresina e relata seu “tédio” e “ócio forçado”. Relata sua impossibilidade de estudar por não ter autorização a usar caneta e papel e acredita que lhe “tomam por um indivíduo terrível, capaz de atear fogo aos quatros cantos do país”. Reclama que poucos lhe escrevem e diz que a correspondência é a sua “maior distração”. Preocupa-se com a mãe por saber o quanto sua prisão significa para ela “uma terrível desgraça” enquanto para ele “é um episódio da luta política que era travada e vai continuar a ser travada não só na Itália, mas em todo o mundo, sabe-se lá por quanto tempo ainda”.

Ao final de fevereiro, Gramsci recebe de Giulia, uma carta datada de 26 de dezembro de 1927 com um bilhete de 24 de janeiro daquele ano (1928). A companheira justifica o longo período de silêncio, sem escrever e diz: “Um

período angustiante... O pequeno esteve muito mal e os médicos o consideraram pior do que estava... Acharam que tinha difteria (crupe). Depois recuaram: parece que teve o chamado pseudocrupe (existe esta palavra?).” Teme que ele pense que ela está arranjando desculpas e diz do quanto sente falta da presença dele, principalmente, nesses momentos e escreve:

Nestes momentos, sinto mais fortemente a falta de um contato contínuo... Não sei dizer o que me parece mais importante, o que mantém a minha vida suspensa... No entanto, eu não me sinto afastada de você por causa destes anos de separação... Sinto-me sempre uma menina... Apesar de você ter mudado, apesar de eu ter mudado... Apesar de você estar desorientado. Mas é mesmo verdade? Não lhe parece que basta passar a sua mão sobre a minha cabeça para nos sentirmos realmente juntos? Temos muitos laços. Lembra? Uma vez você disse que era importante criar muitos laços, criados pela própria vida, que nos torna queridos, que nos torna seguros, fortalecendo-nos um ao outro. (Gramsci, 2005b, p. 462 [apêndice 2]).

Giulia esteve internada no verão e lhe conta que dormiu, “com curtíssimos intervalos, por três dias e três noites em seguida...” e se sente melhor. Dos filhos fala: “Delio já está grande... e sempre pequeno... Classifica todas as coisas em coisas vivas e não vivas, em coisas nascidas e não nascidas... Giuliano sarou, está crescendo...” (Gramsci, 2005b, p. 463 [apêndice 2]).

Em resposta, Nino escreve sobre o quanto ficou feliz com as cartas que recebeu. Fala do processo pelo qual passou desde a prisão até aquele momento e explica que, durante um período, pensou estar desorientado e apático. Depois percebeu que estava passando por uma crise de resistência ao ocorrido e diz:

Todo o meu **organismo físico e psíquico** se opunha tenazmente, com todas as suas moléculas, a ser absorvido por este ambiente exterior, mas, de quando em quando, era preciso reconhecer que alguma pressão havia **conseguido vencer a resistência** e modificar certa área em mim mesmo, e então se verificava um movimento rápido e total para rechaçar imediatamente o invasor (Gramsci, 2005a, p. 240; grifo meu [C, n. 94]).

Acredita que chegou “à serena decisão de não se opor àquilo que é necessário e inelutável com os meios e as formas de antes, que eram ineficazes e tolas, mas de dominar e controlar, com certo espírito irônico, o processo em curso” (Gramsci, 2005a, p. 240 [C, n. 94]). Tem clareza que isso não significa tornar-se “um perfeito filisteu”, um indivíduo limitado, convencional. Imagina que: “Em cada momento serei capaz de me desvencilhar, com um movimento brusco, da pele meio de asno e meio de ovelha que o ambiente faz crescer sobre a própria pele natural” (Gramsci, 2005a, p. 240 [C, n. 94]).

Ressalta que tenta “apreender” os detalhes da vida dela e dos filhos para construir um “quadro mais amplo”, mas tem poucos elementos para a tarefa.

Somado a isso a rápida mudança dos filhos, característica da idade, não permite os acompanhar, o desenvolvimento. Neste aspecto, se sente “desorientado” e diz que isto é “inevitável” (Gramsci, 2005a, p. 240 [C, n. 94]).

A mãe de Gramsci escreve muito preocupada porque não recebeu nenhuma carta nos meses de janeiro e fevereiro. Gramsci responde e lhe garante ter escrito pelo menos seis cartas. Se aborrece por imaginar o que lhe causou a ausência de notícias. Sabe que ela se atormenta e pede que ela confie que ele lhe comunicaria, caso estivesse mal. Lamenta a perda da tia Nina Corrias, que era: “uma parente distante. Professora aposentada, em 1915 voltou de Roma para Ghilarza, onde fundou um círculo feminino, de cujas atividades participava Peppina Marcias” (Gramsci, 2005a, p. 243, nota 1 [C, n. 95]).

Gramsci (2005a, p. 244 [C, n. 96]) sugere que a cunhada se recupere na totalidade para evitar problemas. Expõe sua opinião sobre o comentário dela a respeito da desordem na família de Tulli e a relação autoritária dos filhos com os pais. Gramsci fala sobre “indulgência” e diz que tem:

[...] a convicção de que existe uma Itália desconhecida, que não se vê, muito diferente daquela aparente e visível. Quero dizer – já que este fenômeno se verifica em todos os países – que a distância entre o que se vê e o que não se vê é, entre nós, mais profunda do que nas outras nações ditas civilizadas. Entre nós, a praça, com seus gritos, seus entusiasmos verbais, sua vaidade, obscurece o *chez soi* muito mais do que em outras partes, relativamente. Assim se formou toda uma série de preconceitos e de afirmações gratuitas, tanto sobre a solidez familiar quanto sobre a dose de genialidade que a Providência teria se dignado a dar a nosso povo, etc., etc. (Gramsci, 2005a, p. 244 [C, n. 96]).

Acredita que não se trata de “um estigma de inferioridade” que não possa ser modificado e pondera que: “trata-se de um fato historicamente comprovável e explicável e que será indiscutivelmente superado com a elevação do nível de vida material” (Gramsci, 2005a, p. 245 [C, n. 96]).

Menciona a demografia do país e avalia que antes da guerra a Itália tinha oitenta e três pessoas inativas para cada cem pessoas ativas, isto é, trabalhadoras. Na França, por exemplo, onde a riqueza era bem maior, havia cinquenta e duas pessoas inativas para cem trabalhadores. Gramsci pensa que o fato de ter muitos idosos e crianças seria a “base desse egoísmo de gerações, que às vezes assume aspectos de crueldade espantosa” (Gramsci, 2005a, p. 245 [C, n. 96]).

Em seguida faz o relato de alguns casos de violência familiar atingindo crianças e idosos e analisa que:

O senador Garofalo considerava a média de cinquenta condenações anuais por tais crimes apenas como indicador da tendência criminal, porque os pais culpados,

na maioria das vezes, conseguem evitar qualquer punição, dado o costume geral de não se preocupar muito com a higiene e a saúde das crianças e o difuso fatalismo religioso, que leva a considerar quase uma benevolência especial dos céus a admissão de novos anjinhos na corte divina. Esta infelizmente é a ideologia mais difundida, e não surpreende que, embora em formas atenuadas e suaves, ainda se reflita até mesmo nas cidades mais avançadas e modernas (Gramsci, 2005a, p. 245-246 [C, n. 96]).

Raffaele Garofalo foi um senador conhecedor do Direito Penal que morreu em 1934. Era positivista e jurista conservador que fez críticas ao abuso da administração da justiça e ao mesmo tempo defende a independência da magistratura contra o excessivo poder do executivo (Gramsci, 2005a, p. 246, nota 3 [C, n. 96]).

Nesta carta fica evidenciado o forte traço de Gramsci de conectar o cotidiano, aparentemente apartado, com o contexto histórico e ideológico de uma sociedade e as questões sociais oriundas destes contextos. Ele evidencia como a saúde física e mental pode ser desconsiderada em função de um contexto de pobreza e de competitividade dentro da própria família.

No *caderno 5*, § 124, Gramsci escreve, sobre Garofalo, dizendo que “este representa a velha tradição do latifúndio meridional” e cita a tentativa dele no Senado, de “aumentar os aforamentos enfiteúticos” (Gramsci, 2010, p. 134).

Sobre a enfiteuse, Gramsci explica no *caderno 2*, § 55, ser “um arrendamento que tem o traço especial de ser perpétuo, com a cessão de todo e qualquer direito inerente à propriedade efetiva, mas com o direito de reapropriação de domínio no caso de não pagamento da renda” (Gramsci, 2002a, p. 183). Significa que o camponês retém alguns lotes para plantar, quando não tem trabalho, e assim faz melhorias nos terrenos que são de difíceis plantios. Sendo considerados quase estéreis, o foro (pagamento) é baixo e o trabalhador deixa de calcular o trabalho desempenhado, que “muitas vezes é tal [...] que pagaria duas vezes ou três vezes o pedaço de terra” (Gramsci, 2002a, p. 183), mas se não paga ao proprietário, perde tudo. Gramsci diz que, a respeito da tentativa de aumentar os foros, alguns senadores, incluindo Garofalo, em junho de 1929, “tiveram a desfaçatez de apresentar um projeto de lei em que se aumentavam novamente os foros, apesar da valorização da lira” (Gramsci, 2002a, p. 184), mas o projeto foi desconsiderado.

Gramsci (2005a, p. 246 [C, n. 97]) fica sabendo, depois do acontecido, que Giuliano esteve muito doente e que lhe esconderam. Conta para a mãe no início do mês de março e relata a gravidade da doença que persistiu meses. Diz que a enfermidade comprometeu seu desenvolvimento, mas se recupera. Novamente

lhe pede que não se impressione com as notícias dos jornais. Presume que terá uma pena alta, embora a acusação tome como base um “simples relatório da polícia” e suposições “sem provas”, a mesma acusação de 1923.

Em nota consta que, na primeira acusação, Gramsci, Bordiga, Terracini, Grieco, Berti e outros “foram acusados de formação de quadrilha, incitação à revolta e à deserção dos militares e conspiração contra o Estado”. Por esta acusação Gramsci foi condenado a dezoito meses de reclusão, mas na época estava em Moscou (Gramsci, 2005a, p. 248 [C, n. 97]).

Ainda em março, Gramsci (2005a, p. 463 [apêndice 2]) recebe uma carta de Moscou de Ruggero Grieco, dirigente do PCI, datada de 10 de fevereiro. Em função desta carta, o juiz de instrução Macis, faz uma “insinuação” de que o detento teria amigos que gostariam de prejudicá-lo. Gramsci, a partir desta narrativa do juiz, inicia um processo de desconfiança intensa e em abril escreve a Giulia que “talvez a vida carcerária tenha me tornado mais desconfiado do que a prudência normal requer” (Gramsci, 2005a, p. 264, [C, n. 109]).

Enrico Macis, sardo como Gramsci, desperta nele, a partir de seu comentário, desconfiança sobre a intenção que o amigo Grieco teria de mantê-lo mais tempo na prisão. Segundo Vacca (2012, p. 123), Gramsci, baseado nas conversas com o juiz quando estava no cárcere de San Vittore, acreditava na boa vontade de Macis com os acusados. Tanto nas cartas como nas conversas com Tatiana, Gramsci dava credibilidade à possibilidade de ter mudanças positivas no processo ou até mesmo de ser solto.

Em um dos relatórios feito por Tatiana ela diz que o juiz havia dito para o detento que ele “conduzia a instrução como acreditava que devia fazer, segundo seu dever, e que, se tivesse de ser mandado embora, isso não seria para ele uma desonra, pelo contrário”. Macis também teria dito à Gramsci que a carta poderia ter provocado maior rigidez nas condições na prisão (Cf. Henriques, 2005a, p. 37).

Em 19 de março, Gramsci (2005a, p. 249 [C, n. 99]) escreve para a cunhada e menciona a decepção de não vê-la na visita. Conta sobre o comunicado de envio a julgamento e relata que nomeou o advogado Ariis para o seu processo. Decide que fará uma nota/memorial de defesa para ser anexada aos autos. Avisa que tomará a 50ª injeção, mas que vai parar e acrescenta que espera vê-la em Milão.

Gramsci no memorial de defesa que elabora, denuncia a violação da imunidade parlamentar e a ilegalidade do Tribunal Especial. Critica os relatórios policiais por basearem as acusações em informações obtidas em condições

péssimas durante a transferência de Ustica (Gramsci, 2005a, p. 251, nota 1 [C, n. 99]).

Dias depois Gramsci (2005a, p. 251 [C, n. 100]) escreve para a mãe, agradece a ela e ao irmão Carlo e esclarece que ainda está em Milão. Cita a sentença de envio para julgamento e reafirma que o que consta, contra ele, no processo, é a afirmação feita por quatro funcionários da polícia de que ele seria responsável pelo mal que ocorreu na Itália em 1926. Menciona o sacrifício feito pela cunhada, para poder ficar mais perto dele, para ajudá-lo e conta sobre as notícias boas que recebeu dos filhos e de Giulia. Ao final da carta diz estar tranquilo e escreve:

Aliás, a cada dia me torno mais forte e mais resistente às agitações emocionais. Nunca fui excessivamente sentimental, como bem sabe, e muitas vezes esta **aparente** insensibilidade talvez lhe tenha trazido sofrimento; hoje, devo ter perdido até mesmo aquela pequena dose de sentimentalismo que talvez possuísse antes. Tal qual uma pedra-de-fogo, é preciso me ferir com aço para sair faísca. Mas, com certeza, você e outras poucas pessoas têm esta característica do aço (2005a, p. 252; grifo meu [C, n. 100]).

Em abril, Gramsci (2005a, p. 256 [C, n. 103]) reclama à mãe que não recebe notícias há três semanas e comenta que ainda deve ficar em Milão no mês de abril. Menciona a pneumonia de Tatiana e que ela ainda precisa ficar internada em função de ter desenvolvido uma flebite. Gramsci se ressentia por não receber visita há mais de dois meses. Diz à mãe que não escreverá mais ao irmão Mario porque soube do medo que ele ficou de se comprometer. Sobre a páscoa, relata que comeu bolo, tomou vinho e diz que aos domingos escuta a missa. Pede novamente o sermão *a su populu de Masuddas* e pergunta se ela já ensinou a Franco a canção do velho sargento.

Em relação “a canção do velho sargento” consta, em nota, sobre Pietro Paolo Parzanese, um padre, tradutor e poeta, que viveu no período entre 1810 e 1852 e que se interessava pelas expressões populares. Fazia poesias com idéias conservadoras, mas ao final da sua vida também se dirigiu para temas “patrióticos e liberais” (Gramsci, 2005a, p. 257, nota 1 [C, n. 103]). Em outra carta dirigida à mãe, em junho de 1931, a citação à poesia reaparece. Gramsci guardou da infância lembranças sobre as poesias musicadas, que aprendeu com a mãe e “Rataplã” foi uma delas originada de “Il Vecchio sergente” (Gramsci, 2005b, p. 53, nota [C, n. 234]).

Gramsci (2005a, p. 258 [C, n. 104]) escreve à Tatiana sobre suas tendências, quando criança, para ciências exatas e diz estar pensando em dar o

brinquedo *Meccano* para Delio no seu aniversário. O brinquedo, embora fosse criação inglesa, estava sendo muito usado nos Estados Unidos.

Neste ano de 1928, Gramsci escreveu com mais frequência para sua mãe. Preocupava-se com a sua saúde física e com seu estado emocional. Sempre se dirige a ela de maneira carinhosa, sem deixar de ser sincero. Quando convém, enfatiza a importância de se dizer a verdade sobre a realidade que nos cerca e menciona que lhe enviará a cópia da fotografia de Delio para que ela diga as suas impressões e possa ver como ele é bonito. Acrescenta que “não apaguem do verso o carimbo do cárcere. A fotografia deve permanecer tal como é, com os sinais de sua passagem pelo cárcere, no qual estou preso há tanto tempo” (Gramsci, 2005a, p. 261 [C, n.106]). Declara que não sente vergonha e que ao contrário se sente honrado por isso.

Em outra carta, ainda em abril, diz que o processo está marcado para o dia 28 de maio. Aborda que tentará avisar e que está bem de saúde. Menciona que está esperando que seja condenado de 14 a 17 anos, podendo ser mais. Pede que ela não se assuste e tenha coragem (Gramsci, 2005a, p. 262 [C, n.107]). No mesmo dia avisa à cunhada sobre o processo e que viu o advogado Ariis. Diz que: “Estas novidades próximas me deixam um tanto excitado, mas de modo agradável. Ainda que por poucos dias, me verei num ambiente diferente daquele do cárcere” (Gramsci, 2005a, p. 262 [C, n.108]).

Já na véspera de viajar para Roma, no dia 10 de maio, Gramsci (2005a, p. 268 [C, n.112]) escreve para a mãe reforçando que ela não se impressione com a condenação que venham lhe impor e que ela fique tranquila quanto às condições físicas e morais dele. Reforça que é um preso político e que não quis abrir mão de suas convicções não tendo do que se envergonhar. Diz do desejo de lhe consolar e do seu amor por ela. Acrescenta que: “a vida é assim, muito dura, e os filhos devem às vezes trazer grandes sofrimentos para suas mães, se querem conservar sua honra e sua dignidade de homens” (Gramsci, 2005a, p. 268 [C, n.112]).

Em 15 de maio, escreve para a mãe avisando que já chegou a Roma e que não lhe escreverá nada sobre a viagem nem sobre suas condições de saúde. Explica que irá lhe falar sobre vários fatos para que assim o encarregado da censura das cartas tenha conhecimento. Conta que em Milão fizeram uma investigação sobre a sua saúde e o recriminaram por não se queixar. Quiseram lhe responsabilizar por publicações em outros países que falavam sobre suas condições, como se ele quisesse estar doente.

Já em Roma diz ser o oposto. Não tem acesso ao diretor e não sabe como proceder para comprar alimentação melhor. Alega que fará tudo que puder para não adoecer e que gostaria de poder ir ao Tribunal em boas condições físicas. A partir desta carta para a mãe, Gramsci passa a se despedir como Antonio e não mais como Nino, como era habitual até esta data (Gramsci, 2005a, p. 269 [C, n. 113]).

Durante o mês de maio, escreveu cinco cartas seguidas para a mãe. A primeira, antes de ir para Roma e a segunda após ser transferido, como já visto. A terceira em 22 de maio à espera do julgamento, a quarta no dia 29 após audiência no Tribunal e a quinta comunicando a alegria de ter estado com o irmão Carlo por três ou quatro vezes (Gramsci, 2005a, p. 270, 271 [C, n. 114, n. 115, n. 116]).

O processo aconteceu entre os dias 28 de maio e o dia 4 de junho. Em 2 de junho, o promotor Michele Isgro expressou sua intenção, em relação a um dos réus, com uma frase que ficou conhecida dizendo que: “Durante vinte anos, devemos impedir este cérebro [de Gramsci] de funcionar” (Gramsci, 2005a, p. 271, nota 1 [C, n.115]). A defesa dos dirigentes comunistas foi composta por Giovanni Ariis, Adelmo Niccolai e Giuseppe Sardo. Carlo, irmão de Gramsci, pôde assistir às audiências.

Fiori (1979, p. 283) descreve a cena dos debates no Tribunal Especial dizendo:

Agora, porém, perante os juízes, estavam sentados alguns dos mais firmes opositores do regime, 22 homens odiados por Mussolini pelo real perigo que representavam; em primeira linha, Antonio Gramsci, Umberto Terracini, Mauro Scoccimarro, Giovanni Roveda e os deputados Luigi Alfani, Iginio Borin, Enrico Ferrari e Ezio Riboldi. Devia ser um grande show judiciário. Todas as formas da liturgia fascista foram empregadas: um duplo cordão de soldados com elmos negros, o punhal ao lado e os moquetes com a baioneta à mostra, os juízes em uniforme de gala e todo ritual sinistro da corte marcial [...].

No pronunciamento da sentença no dia 4 de junho, Gramsci (2005a, p.271-272 [C, n. 116]) aparece como “cabeça dirigente” e “verdadeiro chefe” do Partido Comunista. E mais:

[...] figura predominante “por ocasião da ocupação das fábricas no Piemonte”, desempenhava sua ação subversiva como deputado e também como autor de “folhetos de propaganda, a que o chamavam a sua inteligência e cultura”, concorrendo, portanto, para finalidade do partido: “a instauração do Governo dos operários e dos camponeses, a ser efetivada mediante a insurreição armada contra os Poderes do Estado e a mudança violenta da Constituição e da forma de Governo” (Gramsci, 2005a, p. 272, nota 1 [C, n.116]).

A condenação de Gramsci foi de vinte anos, quatro meses e cinco dias.

Após quatro dias da sentença, Teresina resolveu escrever para Mussolini pedindo que ele autorizasse “uma rigorosa visita médica fiscal” para que depois ele fosse “internado em uma casa de detenção sanitária onde, com alimentação adequada e com tratamento conveniente ao seu organismo doentio, possa suportar mais humanamente a pena que lhe foi infligida” (Fiori, 1979, p. 288).

Após a sentença, Gramsci (2005a, p. 272 [C, n. 117]) escreve a Carlo no dia 19 de junho e avisa que terá que escrever só nos dias que for regulamentado. Não sabe nada do que diz respeito a ele e nem para qual penitenciária irá. Relata que pediu exame médico especial.

Gramsci (2005a, p. 273 [C, n. 118]) escreve para Tatiana, comunica que não sabe quando partirá e pede que ela escreva para a mãe dele explicando que, a partir daquele momento, ele só poderá escrever uma vez a cada quinze dias. Solicita que ela lhe avise sobre a mudança de penitenciária após o exame médico e que a tranquilize quanto ao seu estado. Menciona que pode receber cartas sem limites e declara que gostaria de vê-la antes de partir.

Após o exame médico, o destino de Gramsci (2005a, p. 274, nota 4 [C, n. 118]) foi modificado pelo Ministério da Justiça. Inicialmente o detento iria para a Penitenciária de Portolongone, em Florença. Posteriormente é dirigido a Penitenciária Especial de Turi de Bari e tem no relatório a descrição do seu problema dizendo que era portador de “periodontite expulsiva, decorrente de distúrbios uricêmicos, e de um leve esgotamento nervoso” (Fiori, 1979, p. 288).

Tatiana só conseguiu escrever à Peppina, em 21 de agosto. Sua carta dizia das dificuldades que apareceram em função da nova situação (Gramsci, 2005a, p. 274, nota 3 [C, n.118]). Foi exigido que ela provasse o parentesco com Gramsci para que pudesse se corresponder com ele.

Gramsci justifica para a mãe a redução de cartas e diz estar bem. Pede paciência e expõe que adquiriu “a psicologia de um perfeito condenado”, e diz: “não me ponho problemas que reconheço insolúveis, etc., etc. Só me preocupo no que depende da minha vontade, em conservar a saúde física e em ler alguns livros, para não cair na estupidez completa” (Gramsci, 2005a, p. 275 [C, n. 119]).

Gramsci se preocupa com a documentação necessária para que Tatiana possa fazer visitas, se corresponder e assisti-lo em suas necessidades. Com a condenação definitiva, Gramsci perde alguns benefícios e necessita que a cunhada comprove parentesco. Tatiana solicita à Giulia a documentação e fica preocupada pelo “isolamento forçado” que Nino terá que passar. Em carta, Gramsci cita a herpes quase curada e diz que: “Ainda não me habituei à vida

promíscua da cela grande (somos seis ao todo); e sofro muito de insônia”. Solicita o *Sedoprol* (Gramsci, 2005, p. 281 [C, n. 122])

A chegada de Gramsci em Turi acontece no dia 19 de julho de 1928. Recebe a matrícula número 7.047 e divide a cela com outros cinco detentos (Coutinho, 2011b, p 68).

Através da carta de Carlo, Nino fica ciente da doença da mãe e em resposta pede que o irmão reforce a informação de que escreverá uma vez por mês para a cunhada e uma vez para os familiares. Dá notícias da esposa e filhos e diz estar naquele momento com mais quatro presos políticos na cela com doenças pulmonares. Ironiza dizendo que “o Tribunal Especial me condenou à reclusão, mas não especificou que ela deva ser acompanhada pela tuberculose”. Menciona a depressão nervosa e insônia que sofre e lembra que foi para Turi por ser portador de uricemia crônica, que provocou a perda de dentes afetando o estômago, e que “causou esgotamento nervoso, com sequelas de hemicrania e neurastenia crônicas” (Gramsci, 2005a, p. 282 [C, n. 123]).

Carlo faz uma petição e solicita que ele possa ficar em cela individual e que o permitam escrever. Em agosto, após outro requerimento feito pela mãe de Gramsci (2005a, p. 283, nota 1 [C, n. 123]), dirigido a Mussolini, ele vai para uma cela individual. A permissão para Gramsci escrever na cela só foi possível no final de janeiro de 1929 (Coutinho, 2011b, p 68).

No final de agosto Gramsci (2005a, p. 283 [C, n. 124]) escreve para Tatiana e avisa que não quer que ela peça transferência dele para outra penitenciária. Se sente melhor em estar em uma cela sozinho e diz que só falta o papel e caneta para que possa trabalhar organicamente em alguma pesquisa literária. Comenta nesta carta que tem uma sensação estranha quando ela o chama de Nino, como ele era chamado pela família, e que só sua mãe e Carlo lhe escrevem assim. Pede pastilhas Dr. Favre para dor de cabeça e aspirina Bayer.

Depois da condenação, Gramsci piora a sua condição física e passa a ter problemas de saúde mais frequentes. No mês seguinte menciona à Tatiana o que come, sua má digestão e cita a medicação *Sedobrol* que lhe faz bem. Refere-se ao ácido úrico como causador dos problemas. Pergunta se ela acha que ele poderá fazer um tratamento para uricemia e diz que pensa retomar o tratamento com injeções de *Bioplastina*. Pergunta sobre a autorização para escrever na cela, e sobre a saúde dela (Gramsci, 2005a, p. 290 [C, n. 127]).

Segundo nota do livro *Novas cartas de Gramsci e algumas cartas de Piero Sraffa* (Gramsci, 1987, p. 46), Gramsci já teria feito um pedido de papel e caneta, sem sucesso (Cf. Gramsci, 2005a, p. 143 [C, n. 29]).

A seguir a requisição negada, de 27 de março de 1927, dirigida ao Sr. Juiz de Instrução do Tribunal Militar Territorial:

O abaixo assinado, detento Antonio Gramsci, filho de Francesco Gramsci, solicita permissão para ter permanentemente, em sua cela, caneta, tinta e uma centena de folhas de papel para redigir trabalhos de caráter literário; a direção da Prisão, à qual o abaixo assinado se dirigiu, afirmou-lhe que só o Sr. Juiz de Instrução pode fornecer tal permissão. O abaixo assinado se permite lembrar que, na secretaria da prisão, asseguram que não chegou o parecer favorável à leitura das revistas que o abaixo assinado havia pedido. Com meus agradecimentos e respeito, Antonio Gramsci (Gramsci, 2005b, p. 440 [apêndice 1]).

Uma nova solicitação foi feita por Carlo sendo concedida em janeiro de 1929.

Tatiana escreve à Gramsci no dia 29 de setembro comunicando que fez um “estoque de reconstituinte do sistema nervoso” por orientação médica. Menciona a medicação: “*Glicerofosfatos, hipofosfito, magnésia, pastilhas Favre e Sedoprol*”. Diz que vai procurar uma bolsa de água quente para enviar para a dor nas costas. Menciona que escreverá a Giulia dizendo que o achou bem e acredita que ficará mais tranquilo por poder estudar (Gramsci, 1987).

Gramsci (2005a, p. 292 [C, n.128]) escreve ao irmão Carlo e critica o fato de que Edmea (sobrinha) seja incentivada a reprovar o casamento de sua mãe (ex cunhada). Opina que se trata de uma mulher de valor e que foi maltratada por Nannaro, seu irmão. Justifica a sua narrativa porque ele mesmo quando criança fez julgamentos equivocados de situações que “deixaram cicatrizes” em sua “consciência”. Questiona sobre o requerimento pedindo autorização para escrever.

Gramsci (2005a, p. 294 [C, n. 129]) reclama a ausência de cartas e pergunta se Tatiana o deixou de castigo lhe escrevendo pouco. Diz que ficou feliz com as fotografias dos meninos, de Giulia e a dela. Reflete sobre as dificuldades de estar no cárcere e alega que: “O mundo é realmente grande e terrível”. Reconhece que há dois anos lhe trás muitos problemas e ainda lhe censura. Acrescenta que tudo isso lhe deixou quase insensível e com um sentimento de ser incompreendido. Diz que gostaria de explicar a ela e a Giulia seu estado, mas talvez depois.

Sente como se estivesse afundando do mar, até chegar ao nível de total imobilidade, e parece ter caído em um estado de transe que provoca um

raciocínio por “intuições de caráter mágico ou espírita” (Gramsci, 2005a, p. 295 [C, n. 129]).

A carta a seguir retrata bem como Gramsci foi afetado pela prisão, pela saúde física e psíquica. Escreve para Giulia e já de início diz-se cruel com ela. Relata que a saída de Milão lhe provocou enorme cansaço e tudo piorou. Avalia que: “quando decorre muita distância de tempo entre as impressões visuais, o intervalo se enche de pensamentos ruins; especialmente no caso de Giuliano, não sabia o que pensar, não tinha nenhuma imagem que me ajudasse à memória”. Acrescenta que naquele momento está contente, mas “em geral, há alguns meses me sinto mais isolado e separado de toda vida do mundo” (Gramsci, 2005a, p. 299 [C, n. 132]). Para ilustrar seus sentimentos conta a história de um operário que ele conheceu entre 1919 e 1920 que:

Todo sábado de tarde, depois da saída do trabalho, vinha a meu escritório para estar entre os primeiros a ler a publicação que eu organizava. Ele me dizia muitas vezes: “Não pude dormir, preocupado com esta ideia: o que é que o Japão vai fazer?” O Japão, de fato, o obcecava, porque nos jornais italianos só se falava do Japão quando morre o Micado ou um terremoto mata pelo menos dez mil pessoas. O Japão lhe escapava; por isso, não conseguia ter um quadro sistemático das forças do mundo e achava que não compreendia nada de nada. [...] Hoje o compreendo. Também tenho o meu Japão; é a vida de Pedro, de Paulo e também de Giulia, de Delio, de Giuliano. Sinto falta, realmente, da sensação molecular: Como poderia ser diferente, se me falta a sensação de sua vida a da vida dos meninos? (Gramsci, 2005a, p. 299 [C, n. 132]).

Relata que sente medo de se enrijecer e de ser dominado pelo cotidiano da prisão. Sente “um calafrio” quando ouve falar sobre os transtornos psíquicos de detentos que passaram vários anos no cárcere. Pensa que é um processo “lento e molecular” e não sabe fazer uma previsão sobre ele mesmo (Gramsci, 2005a, p. 300 [C, n. 132]).

Gramsci (2005 a, p. 301 [C, n.133]), nas correspondências, não deixa de se queixar da falta de notícias dos familiares, principalmente dos mais próximos. Deseja saber sobre a doença da mãe e, inúmeras vezes, diz que lhe basta cartões. Escreve para Carlo, sinaliza que recebeu meias, cigarros, *nasalina* e colírio, confirma que não precisa de nada naquele momento e que não há muito que comprar. Pede *soro Casali*, ovomaltine e palmilhas de feltro que poderão vir com os cigarros. Sugere que Carlo escreva sobre a cooperativa de leite onde trabalha e diz ter muito interesse.

Em carta para Nino datada em 25 de novembro, Tatiana propõe, a partir da sugestão do Dr. Vittorio Puccineli, em função da saúde dele, que fosse possível a comutação da pena, ou seja, o confinamento em vez da casa de reclusão

(Gramsci, 2005a, p. 297, nota 1 [C, n. 130]). Gramsci (2005a, p. 303 [C, n.133]), em carta ao irmão, critica a ingenuidade da cunhada em pensar ser possível transformar a reclusão em confinamento, sem que para isso seja necessário um “reconhecimento do erro” por parte dele e se opõe. Pede que o irmão lhe transmita sua opinião para que ele não corra o risco de ofendê-la.

Gramsci, responde à cunhada agradecendo as quatro cartas recebidas e lhe relata que:

Quando me sentir mais recuperado e tiver menos dor de cabeça, talvez reencontre o bom ânimo que tinha em Milão. Mas, então, as coisas eram muito diferentes: escrevia duas cartas toda semana, e as escrevia em minha cela, tendo à disposição um período de quatro ou cinco horas. Em Roma e aqui as coisas mudaram, até mesmo tecnicamente, porque se escreve numa sala comum, em carteiras escolares, e é preciso fazer o mais rapidamente possível [...]. Escreva-me mais extensamente sobre sua saúde. Saiba que, há cinco meses, quando a vi em Roma, você estava esquelética. (Gramsci, 2005a, p. 305-306 [C, n.134]).

Tatiana consegue passar 10 dias em Turi e faz a primeira visita a Gramsci no dia de Natal quando Gramsci estava doente. Neste período, Tatiana escreve ao PCI e fala minuciosamente sobre as dificuldades dela e de Gramsci em Turi, “como o envio irregular de recursos desde a época de Milão”. Nino se contrapõe a “qualquer campanha de denúncias no exterior; no entanto, diz Tatiana, durante o processo de Roma, [...] ele mesmo me dizia que telegrafasse várias notícias para Moscou, por meio da *Tass*” (Gramsci, 2005a, p. 309, nota 1 [C, n.135]).

Além disso, Gramsci se opunha a ida de Giulia para Itália pelo risco de sofrer investigação, e não aceitava que a esposa estivesse envolvida com pedido de transformação da reclusão em confinamento. Antonio insistia na sua capacidade de decisão e exigia ser consultado antes de “qualquer iniciativa” (Gramsci, 2005a, p. 309 [C, n.135]).

Ao irmão, Gramsci (2005a, p. 307 [C, n.135]) conta sobre a crise de uricemia, com dores fortes, que teve justamente na visita da cunhada, e se preocupa e teme que ela tenha se impressionado com o seu estado. Esclarece para Carlo que a doença só é dolorosa na sua fase aguda e que basta excluir da alimentação a comida picante e condimentada. Nino fala da sobrinha Edmea, faz elogios, mas também sinaliza os erros de ortografia cometidos por ela e dá algumas orientações.

Depois da crise de uricemia, Gramsci passa cerca de três meses indo tomar banho de sol com outro prisioneiro lhe apoiando ou sentado (Cf. Coutinho; Henriques, 2005a, p. 55).

3.4. As cartas de 1929

No primeiro mês do ano, Gramsci recebe autorização para escrever no cárcere. Segundo Baratta (2004, p. 25), esta seria a “condição material” necessária para que ele pudesse escrever os *Cadernos*. Antonio faz um esboço do que pretende escrever e depois faz algumas alterações. Ao avaliar o conteúdo das *Cartas* e dos *Cadernos* é possível inferir sua riqueza social e psicológica, o que leva a pensar “em uma espécie de divisão ideal de tarefas entre *Cartas* e *Cadernos*” com diferenças “de estilo e de escrita” sendo as cartas “mais fluída e dialógica” e a dos *Cadernos* “mais argumentativa e interiorizada”. Uma completando a outra compoendo “talvez inconscientemente, um desenho comum”. Para Baratta (2004), as *Cartas* são “a tradução direta de uma iluminante experiência de vida e de pensamento”.

No dia 14 de janeiro, logo após a volta de Tatiana para Milão, Gramsci escreve à cunhada agradecendo os dias que passou em Turi e avisa que não teve mais dores fortes. Menciona o tratamento com soro *Casali*, o *Valero-Fosfer Wassermann* e fala que após os frascos do *Casali* irá tomar as injeções de *Bioplastina* e os *glicerofosfatos*. Descreve a atual alimentação e lembra que: “Em breve, poderei ter também o necessário para escrever na cela e, assim, será satisfeita minha maior aspiração de detento” (Gramsci, 2005a, p.311 [C, n. 136]). Coloca que aguarda resposta de Giulia e comunica que sua mãe está mal.

Gramsci escreve para Giulia e demonstra preocupação com a formação de Delio. Pede que ela lhe informe sobre como o filho traduz o *Meccano* (brinquedo em voga) e avalia que sendo de cultura tipo americana “torna o homem um pouco seco [...]”. Requisita que ela lhe escreva. (Gramsci, 2005a, p. 312 [C, n. 137]).

Segundo Baratta (2004, p. 156), ainda antes dos *Cadernos*, Gramsci começa a retomar o interesse pelo “novo mundo” e umas das fontes mais importantes foi a revista *Die literarische Welt*, dedicada à literatura americana, toda traduzida por Gramsci no ano de 1929.

Também se corresponde com a mãe e pede que ela agradeça a irmã Grazietta pelas notícias enviadas dos sobrinhos. Suas recomendações a respeito da orientação aos filhos e sobrinhos denotam cuidado com o desenvolvimento do caráter e personalidade dos pequenos. Disserta sobre as crianças e escreve que:

As crianças logo se afeiçoam a quem lhes quer bem e leva a sério suas pequenas questões e até mesmo seus caprichos. E o que são seus caprichos, senão sua vontade e seu sentimento que buscam se afirmar e desenvolver em confronto com a vontade e os sentimentos dos maiores? E, se estes não compreendem isto e recorrem muitas vezes às pancadas e às intimidações autoritárias, só conseguem tornar hipócritas as crianças e amargurá-las sem razão (Gramsci, 2005a, p. 313 [C, n. 138]).

Solicita à mãe que agradeça a Carlo pela iniciativa de pedir autorização para ele escrever na cela e comunica que conseguiu.

Antonio novamente menciona o juiz de instrução na correspondência, com Tatiana, e deseja saber se o juiz Macis teve algum problema porque ele e Terracini usaram, para as suas defesas, o que ele lhes passou. Gramsci alega que o conteúdo não foi confidencial, inclusive havia um funcionário do Tribunal assistindo a conversa, entre eles, na ocasião (Gramsci, 2005a, p. 315 [C, n. 140]).

Umberto Terracini foi um dos fundadores de *L'Ordine Nuovo* e seu papel foi relevante para o Partido Comunista Italiano (PCI) nos anos iniciais. Foi condenado pelo fascismo e ficou preso por vinte anos (Gramsci, 2005a, p. 315, nota 2 [C, n. 140]).

Segundo Vacca (2012), conhecer o perfil do juiz instrutor Macis tem importância em duas questões relacionadas ao destino carcerário de Gramsci: Uma delas era a possibilidade de alcançar a liberdade a partir da troca de prisioneiros e a outra seria a consequência da carta de Grieco como impedimento ou não para esta libertação.

Macis permitiu que Terracini lesse a carta do Ministério do Interior na qual havia uma ordem que se concluísse a fase de instrução, e encaminhasse os detidos para julgamento. No debate do processo, Terracini utilizou as informações recebidas pelo juiz como protocolo e data da carta. Já Gramsci, usou a documentação antes do julgamento, quando escreveu o memorial citado na carta n. 99 (Gramsci, 2005a, p. 315, nota 2 [C, n. 140]).

Gramsci (2005a, p. 318 [C, n. 141]) escreve para Giulia e diz que a cunhada, naquele momento, lhe parece bem melhor do que há sete meses atrás. Relata que foi contra uma viagem tão longa, mas diz que ficou “muito feliz”. Elogia a bondade de Tatiana, mas recrimina o fato dela às vezes considerá-lo incapaz. Afirma que: “algumas vezes me faz até ficar com raiva, mas mais frequentemente me faz rir” e acrescenta que já ri menos e não tem “mais vontade de brincar como antigamente. Acredito que esta seja a mudança mais considerável acontecida comigo”. Menciona que concorda com o que ela

lhe escreveu e diz que também tem vontade de lhe escrever muitas coisas, mas acaba decidindo não arriscar. Pensa que se expressar o que gostaria poderia cair em “um certo convencionalismo e um certo tom de melodrama, que está quase incorporado na linguagem tradicional”.

Neste ano de 1929 constam, na edição brasileira das *Cartas do cárcere*, apenas cinco cartas de Gramsci dirigidas à mãe. As duas primeiras nos meses de janeiro e fevereiro e as demais a partir de setembro.

Em fevereiro escreve para a mãe agradecendo a longa carta que ela lhe escreveu com muitas notícias. Solicita que a família lhe escreva porque está sem saber o que acontece no mundo e faz um paralelo com os naturalistas que, a partir de um “ossinho [...] tentam reconstruir um animal desaparecido, que talvez fosse maior que uma baleia”. Cita que o irmão poderia lhe escrever sobre as cooperativas de leite, descreve seus questionamentos a respeito e diz que o irmão poderia lhe mandar “algumas publicações sobre a eficácia creditícia e comercial da Federação das Leiterias Fascistas” (Gramsci, 2005a, p. 319 [C, n. 142]).

Gramsci (2005a, p. 320 [C, n. 143]), ainda em fevereiro, ao escrever para Tatiana pede umas sementes de flores. As cartas enviadas nos primeiros meses para a cunhada citam diversos livros e revistas, recebidos, não recebidos, recebidos duas vezes, dinheiro enviado por Carlo ou por ela. Fala sempre da esposa, dos filhos, da mãe, dos familiares, da saúde dele e dos demais, sobre tratamento e/ou medicação, sobre o clima e sobre o que é necessário levar ou não para ele. Geralmente aponta a necessidade de receber notícias para que se sinta integrado, mesmo distante.

Para sua alegria, Tatiana conseguiu ir novamente a Turi e pôde visitá-lo entre os dias 18 de março e 12 de abril.

Gramsci (2005a, p. 325 [C, n.146]) escreve ao irmão Carlo e se despede usando, novamente, o apelido Nino como tinha o costume de fazer, apenas, quando se despedia, nas correspondências, com sua família de origem. Chama a atenção o fato de ter ficado um período de um ano e dois meses (15/05/1928 à 21/03/1929) se despedindo com o nome Antonio.

Nesta mesma carta, Gramsci agradece ao irmão por ter lhe escrito sobre as cooperativas de leite, conforme ela havia pedido, duas vezes, através das cartas para a mãe. Emite sua opinião a respeito do relato de Carlo e disserta sobre conflito de interesses materiais e diz que nesses casos: “nenhum dos adversários proclama que luta por um interesse material: busca bandeiras tanto

quanto possível desinteressadas, princípios abstratos sobre a civilização, sobre o povo, sobre o fundo da história, etc., etc.” (Gramsci, 2005a, p. 325 [C, n.146]).

Já em março responde a carta da esposa e expressa mais claramente seus sentimentos dizendo para ela que:

Sei muito pouco de sua vida e dos meninos, e minha fantasia, sem alimento, gira no vazio. Talvez seja uma obsessão causada pela vida do cárcere, mas afinal, eu a sinto e não quero escondê-la de você. Pela fotografia me parece que estive mal; você mesma mencionou que deve se submeter a tratamento e a abstenção de certos remédios lhe faz mal. Mas não sei nada além dessas coisas fugidias e vagas, o que algumas vezes me obceca verdadeiramente (Gramsci, 2005a, p. 324 [C, n. 145]).

Gramsci (2005a, p. 333 [C, n. 148]) escreve uma longa carta para Tatiana e faz comentários sobre as sementes que ela lhe enviou. As folhas se queimaram, mas mesmo assim as sementes começam a brotar vagarosamente. Nino coloca que:

Todo dia me vem a tentação de espichá-las um pouco para ajudá-las a crescer, mas hesito entre as duas concepções de mundo e da educação: ou ser rousseauiano e deixar agir a natureza, que nunca erra e é fundamentalmente boa, ou ser voluntarista e forçar a natureza, introduzindo na evolução a mão experiente do homem e o princípio de autoridade. Até agora a incerteza não acabou e em minha cabeça as duas ideologias estão em conflito (Gramsci, 2005a, p. 334 [C, n. 148]).

Em relação à referência lúdica do conflito, Manacorda (2008, p. 76-77) faz um paralelo entre o homem e o revolucionário Gramsci e nos conta sobre a reflexão feita no cárcere a respeito da cultura e a formação tradicional humanística; e a cultura e a formação mecânico-matemática moderna do tipo americano, que envolve a educação de seu filho Delio. Gramsci coloca em dúvida a capacidade da cultura moderna e questiona se não torna o homem “*um pouco seco e maquinal, burocrático*”. Na realidade, Gramsci rejeita as duas formas e em uma série de cartas demonstra a dificuldade de conciliar sua forte moral com o desenvolvimento urbano de característica industrial.

Gramsci (2005a, p. 335 [C, n. 148]) pede sementes de cenoura, ervilha, espinafre e aipo e opina sobre as bibliotecas dos cárceres e diz que “são uma mixórdia”, mas diz que acredita “que um preso político deve tirar leite até das pedras”.

Após a sua estada em Turi Tatiana escreveu um detalhado relatório para a direção do partido falando sobre o estado psíquico de Gramsci e relatou:

O que caracteriza o estado psíquico atual de Antonio é o sentimento mórbido de trazer aborrecimento, de se fazer notar, o temor constante de incomodar. [...] Tem

medo de 'encrenca', falou assim mesmo, porque recebe livros, revistas, que depois são enviados para o depósito. Sofre quando é chamado para assinar qualquer carta registrada, gostaria de passar completamente sem ser observado, logo, mesmo quando esta doente, não marca nenhum exame (Gramsci, 2005a, p.336, nota 1 [C, n. 148]).

Tatiana cita que o visitou sete vezes por um período de tempo que em média durava meia hora e diz que, com exceção de uma só vez, "aconteceram de pé, num alpendre, no pátio, na presença de um guarda". A cunhada relata que se surpreendeu pelo interesse de Antonio pelas plantas e conta o pedido dele por "uma rosa trepadeira". Tatiana argumentou que não seria "oportuno que se fizesse uma pérgola no cárcere, não querendo desfrutar dela". Gramsci respondeu que "sabia que teria de estabelecer mentalmente sua vida por longos anos em Turi, portanto bem podia desejar ter uma roseira que cuidaria de fazer subir pela parede, até as celas" (Gramsci, 2005a, p.336, nota 1 [C, n. 148]).

Duas semanas depois Antonio escreve novamente para a cunhada e confirma que de fato ele mudou muito, mas acredita que possa ser "fenômeno provisório, ligado à vida excepcional do cárcere" e refere-se ao que aconteceu no cárcere de Milão e que ele mencionou no Tribunal Especial. Avalia que "a desconfiança se transformou num hábito de apatia e indiferença, que talvez seja uma forma instintiva de autodefesa" (Gramsci, 2005a, p.337 [C, n. 149]).

Em maio, Gramsci (2005a, p. 339 [C, n. 150]) descreve mais um pouco sobre sua condição psicológica e diz que está "apático e passivo". Avalia que passou por fases que se sentia muito isolado e só sentia a sua própria vida. Neste período sofria extremamente seja por não receber as cartas ou quando não obtinha as respostas do que tinha perguntado. Diz que com o passar do tempo tudo foi ficando para trás "tudo o que havia de acidental, de transitório, na área dos sentimentos e da vontade, desapareceu pouco a pouco e restaram só os motivos essenciais e permanentes da vida". Expõe que o passado com suas lembranças acaba sendo "incômodo e inútil". Gramsci menciona o pai dizendo que este acha a sobrinha Maria, filha de Teresina, parecida com Guiliano.

Gramsci (2005a, p. 343 [C n. 152]) escreve para Carlo e tenta fazê-lo entender que entre eles deve haver transparência e ele não deve se envergonhar quando não puder ajudar. Diz que é independente e não deseja se tornar um peso. Avalia que ninguém deve responder pelos os erros dele e que se surpreendeu com o que sua mãe lhe escreveu a respeito. Relata que se entristeceu e que: "me fez sentir que há no cárcere algo mais do que as chaves dos guardas e as barras da janela".

Em junho, Gramsci reclama com a cunhada do calor e diz que se deprimiu. Sente-se, cansado, oprimido e fraco. Nino se incomoda por estar assim porque perde o interesse de ler. Solicita, como em outras cartas, que Tatiana se limite a enviar apenas o que ele lhe pede. Lhe fala sobre as plantas que estão crescendo. Ainda em junho se justifica com o irmão Carlo dizendo que exagerou na carta anterior e que deveria ter considerado que quem lhe escrevia era a sua mãe (Gramsci, 2005a, p. 345, 349 [C, n. 153, 155]).

Gramsci (2005a, p. 348 [C, n. 154]) se preocupa de felicitar, antecipadamente, o filho Delio pelo aniversário de cinco anos e lembra quando, em 1925, ele desenvolveu coqueluche e Nino percebeu sua infelicidade. Já no ano seguinte, parecia outra criança. Diz para Giulia, em tom de brincadeira, que com a condenação recebida deverá ver o filho novamente quando ele tiver vinte e três anos.

Em outra carta, já no mês de julho, Antonio descreve o desenvolvimento da roseira para Tatiana e diz que de repente ela começou a brotar botões e folhas, cresceu uns quinze centímetros e “vingou”. Diz ter muito interesse com os fenômenos cósmicos e pensa que talvez a sua cama esteja “colocada de acordo com a direção correta dos fluidos terrestres e quando durmo, as células do organismo rodopiam em uníssonos com todo universo”. Em resumo diz que: “o tempo me parece algo corpóreo, uma vez que o espaço não mais existe para mim” (Gramsci, 2005 a, p. 352 [C, n. 156]).

A respeito do desenvolvimento da roseira e sobre a percepção do tempo, Baratta (2004, p. 102) reflete:

Como Gramsci podia sentir o tempo [...] nas condições carcerárias? Como podia viver e pensar sem deixar-se arrastar e modificar sua própria identidade (com uma lenta mutação molecular) pelo ritmo repetitivo-obsessivo dos hábitos e regras carcerárias? Sabemos que Gramsci escreveu a respeito nas cartas. Mas para ele a questão tinha uma densidade e transparência teórica mais geral, que se reflete nos Cadernos e produz um novo nexos vivo de beleza entre Cartas e Cadernos.

Baratta (2004, p. 103) menciona que Gramsci valoriza a “repetição paciente e sistemática” como um método, mas não uma repetição “mecânica, ‘obessiva’” e “sim adaptação de cada conceito às diversas peculiaridades e tradições culturais, sua apresentação e reapresentação em todos os seus aspectos positivos e em suas negações tradicionais, situando sempre cada aspecto parcial na totalidade” (Gramsci, 2010, p. 206).

Em correspondência com Giulia, lembra que em Roma, Delio estava convencido que o pai era capaz de reparar tudo que estivesse quebrado e

questiona se ele tem esta mesma característica “para consertar as coisas”. Complementa opinando que: “Esta inclinação, em minha opinião, seria um indício... de capacidade construtiva, de caráter positivo, mais do que o brinquedo do *meccano*” (Gramsci, 2005a, p. 353 [C, n. 157]). Segundo nota os *kits Meccano* foram criados no início do século XX. Continuam “peças metálicas, parafusos e porcas para montar diferentes objetos, tiveram grande sucesso durante os anos em que Gramsci esteve no cárcere” (Gramsci, 2005a, p.260, nota 2 [C, n. 104]).

Gramsci (2005a, p. 353 [C, n. 157]) nesta carta descreve, para Giulia, algumas de suas características na infância que dizem muito sobre o seu perfil criativo, sua “capacidade construtiva” e sobre seu desejo de transformar/consertar o mundo. Por este motivo consideramos importante a reprodução de parte da correspondência:

Você está errada se acredita que eu, quando criança, tinha tendências... literárias e filosóficas, como escreveu”. Ao contrário, era um intrépido pioneiro e não saía de casa sem ter no bolso alguns grãos de trigo e paus de fósforo embrulhados num encerado, para o caso de terminar numa ilha deserta abandonado a meus próprios meios. Era também um ousado construtor de barcos e carroças e conhecia em detalhes toda a nomenclatura dos marinheiros: meu maior sucesso foi quando um funileiro de minha pequena cidade me pediu o modelo em papel de uma soberba escuna de duas pontes, para reproduzi-la em lata (Gramsci, 2005a, p. 353 [C, n. 157]).

No final de agosto Tatiana tem a intenção de ir para Roma e depois Turi. Também nas correspondências com os pais, aparece a ideia de ir a Moscou, quando voltasse de Milão. Entretanto, em junho, já falava a Gramsci sobre a dificuldade de sair da Itália (Gramsci, 2005a, p. 361, nota 1 [C, n. 161]).

Nino se preocupa e escreve para mãe se lamentando que ela se sinta fraca. Faz várias perguntas a respeito da sua saúde e o que tem feito. Avalia que ela já trabalhou muito e não deve se preocupar com os filhos. Analisa que cada um construiu a vida que desejou. E fala de si como um rapaz que:

Era aparentemente calmo e tranquilo, mas intimamente apaixonado e cheio de grandes aspirações; de resto, desinteressadas, porque nunca fui ambicioso. E não posso me lamentar por não ter feito nada; alguma coisa eu fiz e, exatamente porque estou na prisão, continuo a fazer mesmo hoje, indiretamente, graças às reações sentimentais que certamente desperta, em mais de uma pessoa, o fato de terem me lançado na prisão e aqui me manterem. Assim é a vida e, para apreciá-la, é preciso calcular o ativo e não só o passivo, e no ativo calcular tudo, inclusive os subprodutos, por assim dizer [...] Como nunca calculei muito o valor da vida, qualquer coisa pequena já me parece muito importante, me parece algo que consigo roubar do destino (Gramsci, 2005a, p. 366 [C, n. 162]).

Neste período Gramsci escreve três cartas consecutivas para mãe e se tranquiliza um pouco em perceber sua melhora através de sua escrita. Temia que estivesse novamente com malária. Orienta que a mãe não se influencie pela cunhada porque ela ultrapassa o permitido e o coloca em situação difícil no cárcere enviando mais do que o necessário e autorizado (Gramsci, 2005a, p. 367, p. 369 [C, n. 163, n. 164]).

Gramsci se aborrece muito ao tomar conhecimento que Tatiana decidiu, sem a autorização dele, ir ao escritório do advogado Niccolai para pedir que este fizesse um requerimento solicitando revisão do seu processo (Gramsci, 2005a, p. 374, nota 1 [C, n. 165]). Havia sido aprovado um projeto de lei que deliberava sobre a possibilidade de “revisão das causas políticas do Tribunal Especial”. Gramsci (2005a, p. 372-373 [C, n. 165]) lhe escreve chamando sua atenção e demonstrando sua irritação com a iniciativa tomada por ela e diz que ela não é capaz de “reviver a atmosfera de ferro e fogo pela qual passei nestes últimos anos”. Lembra de outra situação semelhante quando ela sugeriu a Giulia que assinasse um requerimento pedindo a mudança de reclusão para confinamento, como já foi citado anteriormente.

Antonio agradece tudo que a cunhada lhe enviou e diz que espera que a impressão da última carta tenha sido superada. Ressente-se por Giulia não ter lhe respondido por quatro meses as duas cartas que lhe enviou e explica que não escreverá enquanto ela não lhe responder. Admite a possibilidade de extravio, mas aborda que está se acostumando a acreditar que o fato de estar preso lhe dá direito “a alguma consideração”. Apesar da tentativa de rir e fazer rir ele diz que escreve essas coisas com melancolia (Gramsci, 2005a, p. 376 [C, n. 166]).

Gramsci (2005a, p. 377, p. 379 [C, n. 167, n. 168]) escreve para Carlo e reivindica cartões com notícias. Diz que não tem vontade de escrever e comenta o clima úmido que lhe causa mal-estar e vem acompanhado de dor de cabeça. Também para Tatiana confirma a falta de vontade de escrever e menciona que, quando estava em Milão, sentia necessidade de “tagarelar por escrito” e percebe que, naquele momento, sua atenção está focada no que lê e traduz como acontecia no período da Universidade em que estaria em um “estado obsessivo”. Observa que se concentrava em uma coisa e ficava totalmente absorvido sem notar mais nada.

Ainda explica que não entende a contradição e narra que Giulia expressou que se sentiu mais próxima dele depois da carta de 30 de julho e fica quatro

meses sem lhe escrever. As possíveis características de Giulia foram citadas na introdução.

Gramsci se corresponde com o irmão e pede que Carlo não permita que a mãe viaje até Turi. Argumenta que ela deveria estar aposentada se as mães de família tivessem esse direito (Peppina tinha 68 anos). Preocupa-se pela viagem e mais ainda por se tratar de uma mãe visitando um filho encarcerado. Relata que seu “estado de espírito” pode ser sintetizado por dois sentimentos e diz: “sou pessimista com a inteligência, mas otimista com a vontade” (Gramsci, 2005a, p. 381 [C, n. 169]).

Em relação a esta citação atribuída a Gramsci, importante esclarecer que, segundo nota ela foi escrita no editorial “Discurso agli anarchici” no jornal *L’Ordine Nuovo* em 10 de abril de 1920:

A concepção socialista do processo revolucionário é caracterizada por duas notas fundamentais que Romain Rolland resumiu em sua palavra de ordem: ‘pessimismo da inteligência’ e ‘otimismo da vontade’. Rolland usou a expressão ao resenhar *Le sacrifice d’Abraham*, de Raymond Lefebvre (*L’Humanité*, 19 mar. 1920): “O que mais me agrada em Lefebvre é esta íntima fusão-que, para mim, constitui o homem verdadeiro-de pessimismo da inteligência, que penetra toda ilusão, e otimismo da vontade” (Gramsci, 2005a, p. 376, nota 1 [C, n. 166]).

No dia 30 de dezembro escreve para a esposa sobre o desenvolvimento e a educação dos filhos. Admite não dispor de muitas informações, mas pode ter algumas percepções a respeito e diz supor que ela e a família pensam a respeito metafisicamente: “isto é, pressuponha que na criança está em potência todo o homem e é necessário ajudá-la a desenvolver o que já contém em estado latente, sem coerções, deixando agir as forças espontâneas da natureza, ou seja, lá o que for”. Não concorda com esta concepção e adiante resume seu pensamento dizendo que:

Renunciar a formar a criança significa só permitir que sua personalidade se desenvolva acolhendo caoticamente, do ambiente geral, todos os motivos de vida. É curioso e interessante que a psicanálise de Freud esteja criando especialmente na Alemanha (pelo que deduzo das revistas que leio), tendências semelhantes àquelas existentes na França do século XVIII: está se formando um novo tipo de “bom selvagem” corrompido pela sociedade, isto é, pela história. Daí nasce uma nova forma de desordem intelectual muito interessante (Gramsci, 2005a, p. 386 [C, n. 170]).

A respeito da concepção de educação, Gramsci desenvolveu o tema sobre os intelectuais no *caderno* 12, em 1932 (Gramsci, 2005a, p. 386, nota 2 [C, n. 170]), e especificamente sobre o desenvolvimento e a escola, pensa que:

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional), ou de cultura geral, deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa. (Gramsci, 2010, p. 36).

Quanto à Freud e a teoria psicanalítica, Vacca (2012, p.259) avalia que Gramsci, inicialmente, demonstra uma aversão em aprofundar as questões afetivas da companheira e da família. Talvez, por “resistência”, tenha preferido objetivar a dimensão pessoal da condição de Giulia, do que se ver envolvido de alguma maneira, mesmo que indiretamente. Naquele momento, sua condição política era difícil e também era evidente a diferença de pensamento a respeito da educação entre Nino e Giulia. Vacca (2012) menciona o parágrafo 33, escrito neste mesmo período, no *caderno 1*, intitulado Freud que diz:

A difusão da psicologia freudiana parece dar como resultado o nascimento de uma literatura tipo século XVIII; o “selvagem”, numa forma moderna, é substituído pelo tipo freudiano. A luta contra a ordem jurídica é feita através da análise psicológica freudiana. Ao que parece, esse é um aspecto da questão. Não pude estudar as teorias de Freud e não conheço o outro tipo de literatura chamada “freudiana”, Proust-Svevo-Joyce. (Gramsci, 2011a, p. 229).

No dia 26 de dezembro, Tatiana chegou em Turi e pôde visitar Gramsci uns dias depois. Adoeceu e foi se consultar com o médico da penitenciária, Dr. Cisternino. Ficou de cama e só pode rever Gramsci depois do dia 21 de março de 1930. Ficou em Turi até julho de 1930 (Gramsci, 2005a, p. 386, nota 1 [C, n. 170]).

3.5. As cartas de 1930

Em 13 de janeiro Gramsci escreve uma carta para Tatiana mencionando um deputado parlamentar em 1848, Silvio Spaventa, que havia sido preso como ele e condenado. Guardando as diferenças temporais, Gramsci compara seu estado de espírito com o dele e reproduz trechos de uma carta do parlamentar ao pai em que cita os dois efeitos da “desventura” por não receber notícias: a extinção de “qualquer afeto pelos desventurados” e a extinção “nos desventurados [de] qualquer afeto por todos”. E continua Spaventa, dizendo não temer tanto nele o primeiro efeito, mas sim o segundo porque “sequestrado como aqui estou de todo contato humano e amorável, o grande tédio, o longo

aprisionamento, a suspeita de ter sido esquecido por todos me amarguram e esterilizam lentamente o coração” (Gramsci, 2005a, p. 390 [C, n. 171]).

Tatiana, no dia 18 de janeiro, por correspondência, explica para Gramsci os motivos que a fizeram não falar com Giulia sobre o seu estado de saúde e solicita que ele releia a carta de 1928, que a esposa lhe enviou dizendo da satisfação em receber “algumas linhas que recordavam os meninos”. Fala do sofrimento da irmã por ter sido afastada dele e avalia que ela não tem ninguém “que faça chegar o sentimento real da existência de você”. Tatiana concorda que é ele quem está com seu direito privado, sendo limitado nas correspondências e diz que “para você, deve ser uma pena excessiva, mas por consequência, somos nós, ou seja, a família, quem é castigada do modo mais cruel” (Gramsci, 2005b, p. 466 [C, n. 8, apêndice 2]).

Tatiana admite o erro de Giulia por ficar calada e acredita ser em função da doença psíquica que ela deixou clara, para ele, quando escreveu “que carece da ‘vontade’ de fazer aquilo que gostaria”. A cunhada continua e escreve que “as forças físicas de Giulia são poucas, a luta pela existência é difícil e os sofrimentos morais são muitos, eis o quadro da situação” (Gramsci, 2005b, p. 467 [C, n. 8, apêndice 2]).

Para um maior esclarecimento vamos reproduzir a carta de Giulia para Gramsci em 1928:

Querido: Da última vez, te escrevi somente algumas palavras desajeitadas para expressar as emoções provocadas em mim pela tua última carta, a primeira que me foi dirigida depois de muito tempo... Não te falei da doçura das lembranças, de tudo isso que sinto vibrar em mim, e foi porque não sei encontrar as palavras. Gostaria de te mostrar os meninos, em tudo o que fazem... Delio, que me parece muito distante, sem o qual me sinto tão sozinha e de quem recebi há alguns dias uma carta para ti... E o pequeno, com seu choro, com seu riso... com os olhos tão escuros, quase negros, a testa – dizem – que nem a minha, com o rostinho todo redondo. Dorme com as mãos nos olhos. Ele também é nervoso, e se agita todo quando ouve um barulho inesperado... Ele tem brinquedos: um ganso, um molinete, um pequeno sino, etc. Gosta muito de ser carregado lá no alto, bem no alto... Agora mesmo está com uma cara muito feliz... me escreve... Não tento me desculpar porque escrevo pouco. Faço sempre um grande esforço de vontade para escrever... Minha vontade se enfraqueceu muito... Em muitas coisas, me sinto absolutamente passiva e também muito cansada. Me escreve querido, para que eu te sinta sorrir e possa sorrir contigo (Gramsci, 1987, p. 90).

Gramsci (2005a, p. 392 [C, n. 172]) responde a Tatiana e reclama que ela lhe envia poucas notícias sobre sua saúde e ele não fica tranquilo. Cita a extensa carta que ela lhe enviou sobre a dureza dele com Giulia e argumenta que pode ter sido duro, mas talvez tenha sido necessário. Acredita que às vezes é preciso uma sacudida para se recuperar a vontade perdida. Acha que ela foi

injusta com ele e faz um paralelo com alguém que está sendo queimado na presença de seus familiares. Diz que não pretendia comparar as dores, mas lhe parece “desumano sustentar que é maior a dor dos parentes e é explicável que estes, absorvidos nesta dor, não pensem em dar algumas gotas d’água ao supliciado”. Não concorda que ela lhe diga que ele recebe mais conforto do que Giulia porque recebe cartas da mãe, irmão e dela própria. Alega que a esposa lhe colocou na condição de não saber nada e de isolá-lo da vida dela. Afirma que não falará mais sobre isso.

Gramsci (2005a, p. 399 [C, n. 175]) critica Tatiana e pede desculpas pela grosseria, mas acredita que ela “está num estado de marasmo intelectual”. Acredita que ela deveria ficar em Milão até recuperar a saúde para poder visitar a família e pensa que ficar em Turi é “uma prisão até para quem não está na prisão”.

Tatiana lhe responde e relata que ficou contente ao receber o carteiro e ver a sua letra, mas logo se contrariou quando leu. Questiona por que o que se refere a ela, ele tende a desqualificar. Deseja que ele “esteja exagerando quando fala de marasmo intelectual” e diz que isso nada lhe ajuda, pois ela própria já tem o costume de se desvalorizar (Gramsci, 2005a, p. 399, nota 1 [C, n. 175]).

Escreve para Tatiana e pede medicamentos. Solicita *aspirina bayer* e comprimidos *Dr. Faivre* para dor de cabeça. Menciona que dorme pouco, umas três ou quatro horas, mas não fica mais que quatro ou cinco dias sem dormir (Gramsci, 2005a, p. 408 [C, n. 180]).

Tatiana está ainda em Turi e faz uma visita a ele. No final da carta ele diz que tem a sensação que a língua que ele fala não está mais compreensível e diz para ela não insistir no mesmo assunto. (Gramsci, 2005a, p. 415 [C, n. 184]).

Gramsci (2005a, p. 417 [C, n. 185]) explica a Giulia que Tatiana lhe colocou ciente do estado de espírito dela e suas condições de saúde. Expôs que soube das doenças que Giuliano e Delio tiveram e reivindica que ela não cumpriu o combinado de não lhe esconder nada sobre a saúde dela e o desenvolvimento dos meninos. Imagina como ela deve estar cansada, mas por que aumentar mais ainda o sentimento dele de impotência? Menciona que não sabe como seria se a cunhada não lhe transmitisse notícias. Esclarece que prefere receber notícias ruins a não receber nenhuma notícia.

Gramsci (2005a, p. 418 [C, n. 186]) diz que recebeu as cartas da cunhada e faz referência novamente à dificuldade que ela tem de entender o lugar que ele ocupa de prisioneiro. Traduz o que imagina que ela pense sobre ele e cita Hegel

em “O criminoso tem direito à sua pena”. Explica o quanto ele é prático e acredita que ela não se esforça para se colocar no seu lugar. Explica que se ele optar por bater a cabeça na parede, a cabeça é que se quebrará e não a parede. Expõe que a sua praticidade é a sua força e ela parece querer lhe tirar. Pondera que além dos muros grades, postigos, existe a exclusão da vida social e familiar. Diz que esperava golpes de adversários, mas não esperava golpes (metafóricos – ações e omissões) de outros lados como vieram.

Nesta carta, datada em 30 de maio, Gramsci (2005a, p. 422 [C, n. 188]) escreve, ao irmão Carlo, e expõe que está com dor de cabeça há mais de um mês.

Nino recebe de Tatiana carta, datada de 24 de maio, com cartões transcritos do pai dela e diz à cunhada que não terá mais paciência com ela, como ela acredita, só porque ela não lhe esconderá a verdade. Tatiana escondia a condição psicológica de Giulia para Gramsci, mas resolve repassar o que o pai, Apollon, lhe escreveu em 4 de maio: “A sua carta me traz o sentimento de inquietude. Por outra parte, você não tem uma ideia exata da situação. Só posso dizer uma coisa; se Giulia não escreve, significa que ela encontra dificuldade para escrever, significa que ela não pode escrever”. O pai acrescenta que a filha está internada fazendo tratamento e diz: “[...] Várias vezes já lhe escrevi que Giulia, além de estar muito esgotada, também está doente” Gramsci (2005a, p. 425, nota 1 [C, n. 189]).

Em outro cartão de Apollon transcrito por Tatiana consta o seguinte:

Minha cara, recebi a sua carta na qual escreveu que Giulia devia pelo menos escrever cartões. Que a falta de notícias traz um sentimento de inquietação e repercute no estado de espírito. Compreendo muito bem isso tudo, mas a questão é muito mais complexa do que parece à primeira vista. Giulia é uma pessoa doente, nervosa, é preciso levar isso em conta. Agora, ela partiu para o sanatório, para passar um mês e talvez mais, para se tratar, se fortalecer [...]. (2005a, p. 425-426, nota 1 [C, n. 189]).

Cabe aqui mais um esclarecimento apresentado por Vacca (2012, p. 56) quanto à figura de Apollon, pai de Giulia, em relação à aceitação da relação de sua filha com Gramsci. Quando Delio nasceu, em agosto de 1924, Gramsci tentou enviar um dinheiro para a esposa e fazê-la ir para Itália, através de Vincenzo Bianco. Ambas tentativas foram recusadas por influencia de Apollon. Gramsci escreve a Bianco solicitando:

É melhor que não fale mais à companheira nem de vinda à Itália nem de dinheiro. Conheço sua situação familiar muito difícil e não quero aumentar seus dissabores. O que você me escreveu sobre o pai dela não me surpreende: sei que ele está amargurado pela sua situação e que há bastante tempo se tornou duro e

intratável. Naquilo que ele disse a você não existe nada muito sério, indiscutivelmente: posso trabalhar bastante, por mais que o partido seja ilegal [...]. Quanto ao outro ponto, a questão é mais difícil: não depende de mim cumprir meus deveres em relação ao menino. Não posso fazer nada além de mandar dinheiro, que é recusado. Mas isso diz mais respeito a mim e à minha companheira do que ao pai dela, você não acha? (Gramsci, 1992 apud Vacca, 2012, p. 56).

Em 1977, Bianco deu seu testemunho a respeito, com cautela talvez por Giulia ainda viver, sobre Apollon e a filha Eugênia. Ele relata, através de notas, “a aversão originária de Apollon à relação de Giulia com Gramsci bem como o juízo severo de Gramsci sobre Apollon”. Bianco conta que quando Gramsci lhe falou sobre Giulia e sua família, em maio de 1923, ele alertou o amigo que tivesse cuidado com Apollon porque este era “um rígido genitor à antiga [...] que tenho a impressão de não aprovar minha amizade com Giulia e vice-versa. Tem muita influência sobre as filhas, particularmente Giulia”. Apollon era contra a filha ir morar com Gramsci, como já dito, e Bianco relata que quando levou um carrinho de presente dos amigos italianos, que moravam em Moscou, para Giulia, seu pai, chamou sua atenção e disse: “Gramsci, como dirigente de partido, não devia se casar” (Vacca, 2012, p. 57).

Segundo Vacca (2012, p. 57), além da partida de Giulia significar uma perda importante na renda familiar, se somava a este fato a “frustração” de Apollon não ter recebido o “reconhecimento” esperado pelo governo soviético. A “atitude patriarcal” de Apollon muito interferiu na saúde mental, especialmente, de Giulia.

Em junho, Gramsci escreve para Tatiana surpreso com a visita de Gennaro e fala de sua alegria em recebê-lo em Turi. Conta que o irmão se surpreendeu de como ela se alimenta mal. Faz um comentário irônico sobre a afirmação feita por ela de que: “eu faço questão de receber votos de felicidade por ocasião de meu *onomástico*. Não sei quem lhe revelou este segredo, que mantinha cuidadosamente escondido nos recessos mais íntimos do mais profundo subconsciente [...]” (Gramsci, 2005a, p. 427 [C, n.190]).¹⁰

No mês seguinte, Nino faz perguntas à cunhada sobre a sua viagem de volta e se foi ao médico. Demonstra muita preocupação com a saúde de Tatiana e lamenta não poder exercer o poder de obrigá-la a se alimentar adequadamente. Fala sobre este ofício que combinaria “na medida justa a impiedade fria e a persuasão afetuosa” e lhe sugere um café da manhã. Antonio relata sobre a novidade da redução de sua pena em um ano, quatro meses e

¹⁰ Sobre a ida de Gennaro e sua motivação, ver nota 1 na referida carta (Gramsci, 2005a, p. 428, nota 1 [C, n.190]).

cinco dias, totalizando dezenove anos, o que resultaria na soltura no dia 20 janeiro de 1946. Supõe que esta seja a redução, mas pede que ela lhe confirme sua hipótese (Gramsci, 2005a, p. 429 [C, n. 192]).

Gramsci (2005a, p. 431 [C, n. 193]), mais uma vez, responde à companheira demonstrando os sentimentos que lhe afetam devido à escassa comunicação entre eles. Contabiliza as cartas recebidas de Giulia e menciona que recebeu quatro cartas dela neste ano, sendo uma com data de 1929. Conclui em seguida que, de julho de 1929 até julho de 1930, recebeu apenas uma carta. Argumenta que a constatação lhe parece ter como raiz “uma superestrutura psicológica” e lembra-se de uma pessoa que conheceu no período da guerra que quis convencê-lo a realizar um exercício para torná-los invulneráveis fisicamente. Gramsci não aceitou, mas acredita que imunizou a pele “moral, sentimental ou psicológica” que lhe colocou em um estado de insensibilidade. Fala da alegria de receber as cartas e fotografias, mas percebeu que ela esteve em crise e que ainda não superou. Pensa que um carinho dele poderia mudar esta condição, mas está convencido que o desconhecimento dela mesma e de suas próprias energias colabora para o estado de debilidade e depressão. Pensa que se ela lhe escrevesse mais, a ajudaria também. Comenta sobre o desenvolvimento dos filhos (Gramsci, 2005a, p. 431 [C, n. 193]).

Gennaro, após passar pela Sardenha e por Roma, vai a Turi visitar Gramsci no dia 28 de julho. Tatiana havia enviado um cartão a Nino pedindo que Gennaro passasse novamente em Roma, mas a correspondência só foi entregue ao destinatário depois de terminada a visita, não sendo possível a transmissão do recado. Em nota, consta que em “uma ficha conservada no arquivo político central, sabe-se que Gennaro foi seguido durante toda a sua permanência na Itália, até passar pela fronteira em Como, em 21 de julho” (Gramsci, 2005a, p. 434, nota 1 [C, n. 194])

Gramsci escreve à cunhada explicando o acontecido. Escreve sobre sua alimentação e lhe diz que ao procurar a perfeição ela acaba não fazendo nada. Menciona a ida de Sraffa à Moscou e lamenta que ela não tenha podido viajar com ele. Aconselha a cunhada e diz que o que lhe dificulta é a saúde. Diz que: “Você mesma é o alfa e o ômega de sua vida e de sua liberdade de movimento” (Gramsci, 2005a, p. 434 [C, n. 194]).

Nino escreve a mãe e fala das fotografias dela, que Nannaro (Gennaro) levou para ele. Avalia que ela ainda poderá ver os bisnetos e planeja uma fotografia com todas as gerações com ela “no centro, a colocar ordem”. Refere-se a pouca maturidade da sobrinha Mea, filha de Gennaro, e imagina que “a

tenham mimado demais, sem obrigá-la a se disciplinar”. Lembra de como eram quando crianças e o quanto eles próprios se disciplinaram. Pondera que teria vergonha de cometer tantos erros gramaticais, como Mea, e diz o quanto ele lia até tarde e Teresina também (Gramsci, 2005a, p. 435 [C, n. 195]).

Gramsci está no cárcere há quase quatro anos e, embora, algumas vezes, já tenha mencionado a falta de vontade de escrever, percebe-se que esta tendência começa a se agravar mais nas cartas que se seguem, concomitantemente, com a piora da sua saúde física e de seu estado emocional.

Em agosto, aborda com Tatiana um requerimento que quer fazer, mas o calor e o fato de não dormir estão lhe deixando “embrutecido” e diz que será necessário um “grande esforço” para fazê-lo. Descreve o que sente desta maneira: “Me sobrevém uma espécie de afasia psíquica, que se manifesta na impossibilidade de concentrar a atenção, na dificuldade de relacionar os conceitos [...] de achar as palavras concretas e de lembrar as coisas mais comuns de um minuto para outro”. Pergunta se ela tem o endereço de Gennaro e pede que lhe avise que sua carta do dia 22 de julho foi “amplamente censurada” (Gramsci, 2005a, p. 436 [C, n. 196]).

Sobre o requerimento, segundo nota, existem duas possibilidades: uma se refere à intenção de conhecer a sua nova condição com a redução de pena e a segunda, diz respeito ao desejo de “ler as obras de Trotski depois da sua expulsão da URSS” (Gramsci, 2005a, p. 436, nota 1 [C, n. 196]).

Gramsci (2005a, p. 438 [C, n. 197]) escreve para a companheira uma pequena carta falando sobre a sua ida para a casa de repouso e o desejo que se recupere. Pede que ela lhe explique como lidam com as crianças ao completarem mais um ano. Pergunta por considerar que o aniversário pode ser “uma força estimulante e revigorante”. Avalia que desconhece o sistema de educação e que gostaria de saber.

Em agosto, Nino escreve ao irmão Carlo e aborda o assunto sobre a formação da sobrinha Mea. Gramsci (2005a, p. 439 [C, n. 198]) escreve sobre a importância do ambiente em que se vive e a influência deste no desenvolvimento infantil. Disserta sobre a importância dos estímulos recebidos e a possibilidade de intervir “usando a autoridade que vem do afeto e da convivência familiar, fazendo pressão sobre ela de modo afetuoso e amoroso, mas inflexivelmente rígido e firme”. Pensa ser um erro achar que se deve começar a orientar na puberdade e pensa que os pais devem “se ocupar da criança no primeiro período” quando “a personalidade da criança ainda não se formou” e alega que

“é necessário educar os educadores”. Trata do requerimento de que necessita fazer para poder ler os livros de Trotski e pede que o irmão faça por ele.

Esta carta ficou presa para impossibilitar que Carlo providenciasse o necessário e só no dia 28 de agosto, após um pedido de Gramsci, a carta foi enviada para o Ministério da Justiça (Gramsci, 2005a, p. 441, nota 3 [C, n. 198]). De qualquer maneira, não foi autorizada a leitura dos livros por se tratar de “matéria política”. Mais tarde, em setembro, “Gramsci recorreu diretamente a Mussolini, mas o documento não foi encontrado no arquivo Central do Estado” (Gramsci, 2005a, p. 441, nota 3 [C, n. 198]).¹¹ O recurso foi aceito em novembro.

Gramsci (2005a, p. 446 [C, n. 202]) escreve para Giulia em 6 de outubro e avisa que, muitas vezes, quando recebe a autorização para escrever coincide com seu estado de “depressão nervosa”. Fala sobre a alegria de saber que ela, ao reler as cartas dele de 1928 e 1929, reencontrou a identificação entre eles. Lamenta que, através das cartas, não se estabeleça um diálogo entre eles, acrescido pelo intervalo de tempo que provoca o esquecimento do que escrevem. Completa e diz que não tem vontade de escrever e que “sopra um siroco que dá a impressão de que estou embriagado”

Segundo Vacca (2012, p. 165) Sraffa havia viajado para Moscou onde esteve com Giulia por algumas vezes. No sanatório esteve também com Eugênia e Delio. Baseado nos carimbos do passaporte de Sraffa, ele retornou para a Itália no dia 5 de outubro. Carlo soube por ele da viagem, das visitas feitas e passou para Tatiana as notícias recentes. Tatiana fala para o cunhado da grave depressão da irmã, que se manifestara há quatro anos, e que esta seria a causa do afastamento de Giulia para que Gramsci não soubesse. Com “otimismo” Tatiana acredita que a partir do momento que Gramsci tomasse conhecimento e Giulia soubesse: “Sua cura será imediata, e a comunicação de pensamento entre vocês, fácil e benéfica”

Na carta (Gramsci, 2005b, p. 470-472 [C, n. 10]) do dia 12 de outubro Tatiana transmite notícias dos filhos de Gramsci e conta que Giuliano já se curou do raquitismo da primeira infância. Esclarece também que os dois filhos não sabem da prisão e que Delio ouviu de outra criança na escola e se impressionou, mas desmentiram a informação. Relata a ida de Giulia, Eugênia e Delio para a casa de repouso e sobre os encontros do amigo Sraffa à sua família. Faz uma descrição da doença de Giulia, feita por ela mesma, e diz: “O sintoma principal são as crises de amnésia nas quais, em certos instantes, não lembra o

¹¹ O conteúdo “da minuta” do recurso está também em Gramsci (2005b, p. 441-442 [apêndice 1]).

significado das palavras. Em alguns casos, perdeu a consciência. Quanto ao diagnóstico, não há consenso: “um diz ser psicastenia, outro histeria”. Conclui que o médico atual pensa “que estas crises de amnésia estão relacionadas com a sua habitual incerteza, especialmente para encontrar palavras, agravada pelas dificuldades através das quais passou nestes anos”. Como consequência, ela tem dificuldade de focar em um trabalho e também para escrever. Sraffa opinou que ela deveria ficar ciente que Gramsci já sabia da doença.

Em resposta (20 de outubro) a última carta de Tatiana (12 de outubro), Gramsci (2005a, p. 447-448 [C, n. 203]) discorda da opinião da cunhada em relação à doença de Giulia e acredita que ela sofra de esgotamento nervoso e de anemia cerebral e que não sabe se tratar. Pensa que seria necessário unir meios persuasivos com meios coercitivos para convencê-la que um determinado ritmo de trabalho demanda cuidados de recuperação do corpo. Gramsci faz uma avaliação mais abrangente, não limitando a questão ao indivíduo. Ele aponta os novos modos de trabalho introduzidos recentemente como responsáveis e opina que:

É interessante até do ponto de vista psicológico e são interessantes as medidas tomadas pelos próprios industriais americanos, como Ford, por exemplo. Ford tem um corpo de inspetores que controlam a vida privada dos empregados e lhes impõem o regime de vida: também controlam a alimentação, o sono, o tamanho dos quartos, as horas de descanso e até os assuntos mais íntimos. Ford paga 6 dólares no mínimo, mas quer gente que saiba trabalhar e esteja sempre em condições de trabalhar, isto é, gente que saiba coordenar o trabalho com o regime da vida (Gramsci, 2005a, p. 447-448 [C, n. 203]).

Gramsci (2001, p. 242-243) desenvolve o tema no *caderno 22, Americanismo e Fordismo*, datado em 1934, sobre a questão do trabalho e os novos sistemas em implantação. Entre outras questões, avalia a introdução do fordismo e do americanismo na Europa, e acredita ser difícil conciliar: “a velha e anacrônica estrutura social-demográfica europeia com uma forma moderníssima de produção e de modo de trabalhar, como aquela oferecida pelo tipo americano mais aperfeiçoado, a indústria de Henry Ford”. Justifica esta ser a causa de “resistências intelectuais e morais” que acontecem durante a tentativa de introdução do fordismo de forma coercitiva. Refere-se à Europa como um continente que quer receber os “benefícios” na concorrência, mas também quer manter “seu exercito de parasitas que, ao devorar enormes quantidades de mais-valia, agrava os custos iniciais e debilita o poder de concorrência no mercado internacional”. Assunto que será tratado no próximo capítulo da tese.

De acordo com Vacca (2012, p. 165), Gramsci não aceita a ideia de atribuir a origem da doença de Giulia, à sua prisão. Acredita que o “espírito genebrino” dos Schucht” contribuiu para esta condição da companheira e sugere uma interpretação já mencionada acima, bem característica do seu modo de pensar. Para Vacca, Gramsci “historiciza as condições individuais” e:

[...] atribui a doença de Giulia à incapacidade de adaptar seu modo de viver às condições de trabalho na URSS da “revolução pelo alto”. Enquadra a URSS stalinista nos processos – inevitáveis e progressivos – de adaptação da Europa ao americanismo e ao fordismo, atribuindo seus traumas sociais e individuais à realidade russa, marcada por uma herança histórica e por uma “composição demográfica” completamente diferentes das ocidentais. A tais processos também liga o desenraizamento de Giulia, que, não sabendo se adaptar à realidade da “mecanização” sofria patologias à *bohémienne* (Vacca, 2012, p. 165).

Gramsci (2005a, p. 448-449 [C, n. 204, n. 205]) escreve ao irmão Carlo e se preocupa com a fragilidade física da mãe. Dias depois (4 de novembro) se corresponde com Tatiana e responde a cobrança feita por ela dele não ter colaborado no sentido de convencer a esposa a diminuir o ritmo, no período em que Giulia trabalhou na embaixada soviética, em Roma, entre 1925 e 1926. Gramsci concorda que precisaria se justificar, mas não o faz por achar que não cabe mais. Expõe a sua condição de saúde e explica que tenta manter certa estabilidade. Se queixa pela insônia e relata que a causa principal se dá pela condição carcerária e, por este motivo, de difícil solução. Faz um cálculo sobre as horas dormidas e conclui que durante um mês dormiu cinco horas apenas por dois dias, por nove dias não dormiu nada e o restante dormiu menos de cinco horas, o que significa dormir, na média, duas horas por noite. Menciona que toma *Benzofosfan, Uroclasio e Sedobrol*.

No mesmo dia Antonio se corresponde com Giulia e a tranquiliza dizendo que sabe de sua doença e que, de alguma maneira, já percebia que ela passava por “uma crise psíquica [...] de base orgânica”. Argumenta que ela “pode e deve” escrevê-lo fracamente (Gramsci, 2005a, p. 451 [C, n. 206]).

Em relação à revisão do processo de Gramsci, Tatiana havia se informado sobre a possibilidade de novo pedido de revisão. Vacca (2012, p. 168-169) menciona que Nino entendia que esta atitude pudesse ser resultado da ida de Sraffa à URSS e que seria um recado para que ele entendesse que para o partido a via legal era a única possível. Gramsci havia pedido a Gennaro que tentasse novamente pela via da libertação e se mostrava insatisfeito com o recurso. O irmão sugeriu que a melhor motivação deveria ser a humanitária e

Gramsci provavelmente pensa “que a pessoa mais indicada para aduzir motivos relativos à grave deterioração de sua saúde só podia ser a mulher”.

Gramsci (2005a, p. 460 [C, n. 210]) fica sem notícias do irmão Carlo durante três meses e no dia 15 de dezembro escreve para a mãe preocupado com a saúde dela e dos familiares. Ressente-se por escreverem pouco e esclarece que pensou que Carlo poderia ter encontrado problemas por causa dele e não quisesse lhe contar. Sugere que Mea lhe escreva tranquilizando-o a respeito de todos e da mãe. Refere-se ao Natal e diz que envelheceu, perdeu os dentes, mas “não perdeu o gosto pela vida”. Pede que ela descanse.

No mesmo dia, Gramsci (2005a, p. 461-463 [C, n. 211]) escreve para Tatiana e demonstra não estar com muito interesse pelo recurso. Argumenta que já foi feito o do Umberto e não é necessário outro. Avalia que como o processo deles foi político deduz-se que o recurso, será ou não acolhido “por motivos políticos e não por motivos jurídico-formais”. Utiliza outros argumentos e solicita que ela “esqueça esta questão do recurso”.

Sobre a companheira diz que vai esperar que ela lhe escreva dando notícias sobre a saúde dela e comenta sobre a dificuldade que ele tem se não estabelece um diálogo. Precisa “sentir um interlocutor ou um adversário concreto; mesmo nas relações familiares quero manter diálogos”. Contesta o fato de esconderem de Delio a sua condição de detento sendo esta a pior forma de descobrir “indiretamente”, “da forma mais amarga para um menino, que começa a duvidar da credibilidade de seus educadores” (Gramsci, 2005a, p. 461-463 [C, n. 211]).

Em relação à carta acima Vacca (2012, p. 186) supõe que, para distrair a censura, Gramsci fala da sua limitação/dificuldade quando não se estabelece um diálogo. Tenta através de Tatiana, quando escreve para Giulia, enviar a Sraffa um pedido de combinação de códigos e escreve: “Talvez porque toda a minha formação intelectual foi de natureza polêmica, tenho dificuldade até para pensar “desinteressadamente”, isto é, estudar por estudar”. Avalia que algumas vezes consegue encontrar algum interesse para análise, mas acrescenta que: “Normalmente, preciso me colocar de um ponto de vista dialógico ou dialético, de outro modo não sinto nenhum estímulo intelectual” (Gramsci, 1992 apud Vacca, 2012, p. 186).

Segundo Vacca (2012, p. 168), Gramsci estaria usando a doença de Giulia “como metáfora”. Na verdade, o que ele “esperava de uma nova carta da mulher era compreender se estava disposta a tomar a iniciativa de uma nova tentativa de libertação”. Critica a omissão aos filhos sobre seu encarceramento e pensa

que a companheira poderia lhe orientar de como falar com Delio sobre isso, já que não queria interferir na orientação que lhes era passada, para não atrapalhar. É provável que a intenção implícita no texto fosse de que Giulia assumisse “o tema de sua condição de prisioneiro político como questão explícita da relação entre os genitores comportaria a necessidade, inclusive diante dos filhos, de agir para sua libertação”.

No final do ano e próximo ao final do mês de dezembro (28 de dezembro) Tatiana resolve esclarecer algumas situações pelas quais Giulia passava para que Gramsci pudesse compreender melhor a condição da irmã. Nesta carta ela conta que na família dela ninguém tentava suavizar a situação da relação de Gramsci com Giulia, nem como pai e nem como marido. Lembra que Genia ficou de dar notícias dos sobrinhos duas vezes ao mês e não cumpriu. Diz também que a irmã (Gênia) expôs que as cartas dele eram inadequadas “não têm expansividade, etc.” Tatiana acha que: “Isso, naturalmente, não é uma opinião desapassionada, pelo contrário, mas que as nossas cartas sejam egocêntricas, cheias de amor de nós mesmos, me parece bastante grave [...]” e acrescenta que, se é essa a impressão causada, não justifica que alguém acirre esta ideia e sim minimamente silencie (Gramsci, 2005b, p. 473-474 [C, n. 11, apêndice 2]).

Fala da impressão que a família dela tem dele de não ter nenhum afeto pelos filhos e que não se preocupa com eles. Expõe sobre o “mal-estar” dela em Roma com ele e a sua família e da “atmosfera pesada” em Trafoi. Lembra dos “péssimos dias que passou “sempre numa grande tensão nervosa para fazer com que pelo menos alguma coisa dos direitos naturais fosse respeitada [...]” (Gramsci, 2005b, p. 473-474 [C, n. 11, apêndice 2]).

O período em que Giulia viajou com Eugênia e Delio, para Roma, foi bem difícil para Tatiana, conforme consta na carta acima. Tatiana estava fora há algum tempo. Não se viam desde 1911 quando Genia saiu de Roma para a Polônia para dar aulas e depois voltou para a Rússia. Sua personalidade foi definida como “dominante”, principalmente em relação à Giulia. Em 1926, ficaram evidenciadas, para a Tatiana, “atitudes patológicas” e a razão provável seria a “hostilidade” alimentada por Genia em relação à Gramsci (Vacca, 2012, p. 61-62).

3.6. As cartas de 1931

Ao receber a carta da cunhada, Gramsci (2005b, p. 9 [C, n. 214]) se diz “estupefato”. Esclarece que ela se engana quando pensa que ele tinha conhecimento do que ela expõe. Diz ter percebido o esforço de Eugenia para que Delio não se apegasse a ele e sabe que foi Tatiana que interferiu para que Delio não o chamasse de tio. Justifica que atribuía este comportamento ao apego exagerado pelo sobrinho.

Para Vacca (2012, p. 63) essa justificativa pareceu um tanto vaga, contudo Gramsci, em resposta a cunhada, menciona quando Delio estava com sete meses e, tivera coqueluche, foram levar uma lembrança para a médica. No cartão, Gramsci assinou como pai e Genia colocou seu nome ao lado do nome de Giulia escrevendo “as mães”. Lembra que Apollon se aborreceu e não aprovava que Delio a chamasse de mãe. O avô se ressentia pela distância que o neto mantinha dele, mas só se abria para Tatiana.

Gramsci (2005b, p. 10 [C, n. 214]) refere-se a este sentimento como mórbido e cita uma história que terminou tragicamente. Considera “um caso muito grave de desequilíbrio moral e de irresponsabilidade” e faz algumas reflexões. Ressente-se de não ter sido mais enérgico em relação às interferências e imagina a dor de Giulia. Pede que tentem juntos colocar as coisas em ordem.

Nino (Gramsci, 2005b, p. 11 [C, n. 215]), escreve para a esposa e comenta as fotos recebidas de Delio com outras crianças e acredita serem as melhores que recebeu nos quatro anos e meio. Faz comentários e elogios ao filho e demonstra afetividade. Agora que tem clareza da condição da companheira, Nino relembra o combinado entre eles de serem sempre verdadeiros e questiona por que não cumpriram. Comenta a escassez de cartas recebidas dela e diz ter receio que ela não receba as cartas dele. Expõe que soube de sua saúde muito recentemente e alega o quanto esse comportamento atrapalha as relações e criam “barreiras de arame farpado”. Registra a importância de que ela escreva não só por ele, mas por ela também. Refere-se ao período em que pensou que seria deportado e como pensou que logo morreria.

Carlo esteve desempregado e foi Piero Sraffa que conseguiu indicá-lo para um trabalho em Milão. Inicialmente Gramsci se preocupava por não saber o que estava acontecendo com ele. Tinha receio que em Milão, o sobrenome lhe atrapalhasse com a polícia. Em carta lamenta a doença da mãe. Sente não

receber carta de Gennaro e pede que Carlo lhe transmita esse pedido. Recomenda que o irmão não se preocupe por um tempo com o dinheiro das despesas dele no cárcere (Gramsci, 2005b, p. 16 [C, n. 217]).

Após o esclarecimento sobre a saúde de Giulia e sua relação complexa com a irmã Eugenia e o pai, Gramsci consegue sair um pouco do seu distanciamento e Giulia passa a escrever mais. Nesta carta, Gramsci se retrata com a companheira falando da sua responsabilidade e cita a frase que ela lhe escreveu dizendo que: “[...] penso no que me fez calar, penso que minha fraqueza é algo novo para você...”. Gramsci se pune porque disse para Giulia que ela era mais forte do que supunha e diz que: “quase me repugnava insistir muito neste ponto porque me parecia ser como um traficante de negros, dado que lhe coube o fardo mais pesado de nossa união”. Gramsci percebe o engano criado na comunicação entre eles e continua:

Assim me convenci de que, sobre sua força e fraqueza, cometi por muitas tolices (assim me parecem agora) e as cometi por ternura por você; me convenci de que tudo isto era leviandade de minha parte e, na realidade, eu, que me considerava bastante forte, podia ser tudo, menos forte, e era indiscutivelmente mais fraco do que você. Assim se criou um equívoco, que teve consequências muito graves, uma vez que você não me escreveu, quando teria desejado escrever, para não alterar o esteriótipo que, segundo acreditava, eu tinha formado de sua força (Gramsci, 2005b, p. 18 [C, n. 218]).

Gramsci (2005b, p. 19 [C, n. 218]) pede que ela não se limite ao escrever para ele e menciona a sua força, apesar do que lhe aconteceu, e lembra que mesmo ela estando deprimida, ela “conservou a força de vontade, um grande controle de si mesma”.

Gramsci (2005b, p. 22 [C, n. 219]) faz vários questionamentos para que a cunhada procure responder relacionado à sua saúde. Quer saber sobre a possibilidade de cirurgia para retirada do cólon descendente para quem tem tuberculose glandular, uma forma branda de sífilis hereditária e erupções cutâneas devido à deterioração do aparelho digestivo. Questiona se a cirurgia pode ser feita mesmo com o paciente estando mal de saúde. Continua pensando na mãe e pede que ela lhe dê notícias.

Menciona Umberto Cosmo, estudioso de Dante, que foi seu professor e faz alguns comentários com afeto. Lembra que escreveu contra ele um artigo “violento e cruel” que o deixou em lágrimas. Mais tarde, em 1922, Gramsci foi vê-lo na embaixada italiana em Berlim e no encontro percebeu o quanto havia lhe causado dor em 1920.

Gramsci fica aliviado quando recebe notícia sobre a saúde de Tatiana. Soube que teve um abscesso no dente e avalia a sua dor. Escreve para ela e diz que confirmou que ela deva se cuidar mais. Responde que não perdeu a confiança nas medicações, apenas percebeu que os reconstituintes não só não fazem efeito como lhe prejudicam. Segue na dieta rígida, mas os males continuam e ainda aumentaram. Comenta que quando chegou em Turi, sofria de vômitos, mas não sofria do intestino. Relata que os problemas estomacais quase passaram, mas ficou com complicações no intestino. Observa que acorda de repente e passada meia hora aparecem as dores intestinais. Faz associação à insônia. Parou de tomar o *Benzofosfan*. Diz que tem gastrite crônica e que acredita que “se alguém tem a caixa torácica espremida num espartilho de ferro, inalar oxigênio não é muito útil e pode prejudicar, em vez de ajudar” (Gramsci, 2005b, p. 27 [C, n. 221]).

Antonio escreve a Giulia citando a saúde dela, os filhos e sobre as “interessantes” descrições de ambos do ponto de vista da avó materna. Imagina que quando ela estiver melhor, poderá lhe escrever. No mesmo período escreve para a cunhada e agradece por ela ter parabenizado a sua mãe pelo aniversário. Esclarece sobre as possíveis doenças digestivas que ela nomeou e registra que muitos presos acabam achando que são portadores de vários males pela “arrogante má vontade dos médicos”. Sobre ele, acredita ser portador de “atonía intestinal, que se torna dolorosa quando não durmo e quando o tempo é úmido [...]”. Acredita que foi ingênuo achando que ela teria se organizado quanto sua alimentação, mas Carlo o desacreditou (Gramsci, 2005b, p. 28, p.29, p. 30 [C, n. 222, n. 223]).

No final de março, recebe notícias sobre a saúde de seus familiares sardos e se alegra por saber que a mãe estava bem, mas lamenta o adoecimento da irmã Grazietta e dos sobrinhos. Gramsci soube da possibilidade da sobrinha Mea ir morar com Carlo, seu tio, em Milão e opina sobre a situação. Acha que Mea não tem força de vontade e parece ter pouca auto-estima. Sabe que ela se preocupa com a aparência externa, mas lhe falta “a vontade de ter valor realmente e não só parecer ter, de saber e não só parecer saber”. Conclui que seu irmão Nannaro, pai de Mea, teve a mesma sensação e “estava muito pessimista”. Nino passa as orientações que considera importante, mas admite que possa estar errado (Gramsci, 2005b, p. 32 [C, n. 224]).

Gramsci (2005b, p. 35 [C, n. 226]) responde à Tatiana e disserta sobre o que ela lhe escreveu sobre paixão e comenta o seu questionamento: “Será que

se deveria viver sempre fora do próprio eu, para poder gozar a vida com maior intensidade?” Nino responde dizendo que não compreendeu:

Porque não sei imaginar como se possa viver fora do próprio eu, admitindo-se que exista um eu identificável de uma vez para sempre e não se trate da própria personalidade em contínuo movimento, de modo que se está continuamente fora do próprio eu e continuamente dentro (Gramsci, 2005b, p. 37 [C, n. 226]).

Fala sobre a possibilidade de manifestar uma espécie de egoísmo que se cai inconscientemente, mas acredita que ele, durante a sua vida toda, deu ao outro, pelo menos, o quanto recebeu. Lembra que ficou sem escrever para a mãe, no mínimo, por dois anos e naquele momento percebe como isso foi ruim. No entanto, se estivesse livre, provavelmente não perceberia desta forma ou nem pensaria nisso e cometeria o mesmo erro.

Ainda no mês de abril, Antonio escreve para a cunhada sobre a sugestão de Sraffa para que ele lesse sobre psicanálise. Parte da carta de Piero, transcrita por Tatiana diz que:

Alegro-me muito com o fato de que Giulia tente um tratamento de psicanálise; assim que vi Giulia, tive a ideia de que o caso dela era, precisamente, um daqueles em que a psicanálise podia ser útil, mas nada sugeri porque pensava que, dado que é apresentada por seus adeptos como uma filosofia universal, fosse rejeitada em bloco na Rússia. Mas, a despeito de que, à primeira vista, pareça apenas uma mescla de charlatanice e de ingenuidade, no fundo há certamente um núcleo de verdade, e em alguns casos vi tratamentos psicanalíticos que tiveram resultados impressionantes. Não sei se Nino alguma vez se interessou pela psicanálise – mas, em caso negativo, certamente vai se interessar agora (Gramsci, 2005b, p. 40-41, nota 2 [C, n. 227]).

Sraffa indicou *Introducion à la Psychanalyse, Ed. Payot, Paris*, mas esta obra não estava junto dos outros livros do cárcere e não há referência sobre ele nos *Cadernos*.

Na resposta, Gramsci (2005b, p. 40 [C, n. 227]) aceita a recomendação do amigo e acredita que: “É possível que Giulia tire proveito de um tratamento psicanalítico, se sua doença tiver origens puramente nervosas. Enfim, acredito que conte mais o médico responsável pelo tratamento do que a psicanálise”. Gramsci cita outro médico psiquiatra (Dr. Lombroso) e avalia que este conseguia bons resultados com os pacientes em função da sua capacidade como médico mais do que em relação à “teoria científica”. Nino menciona o valor da psicanálise por forçar os médicos “a estudar mais concretamente os doentes individuais, isto é, a ver o doente e não a ‘doença’; acha que Freud e Lombroso quiseram fazer “uma filosofia geral a partir de alguns critérios empíricos de observação, mas isso não importa”.

Gramsci (2005b, p. 41-2 [C, n. 228]) recebe uma carta de Giulia em abril, enviada por Tatiana, de julho de 1930, que atrasou inexplicavelmente e fica muito satisfeito por isso. Elogia a maneira como Giulia e Tatiana escrevem, com espontaneidade e diz ser o oposto delas. Relata que escrevia poucas cartas e depois da prisão, diz que: “o hábito de controlar cada palavra que digo [...] e a repugnância que me atormenta, por causa da publicidade das cartas, se refletem até quando lhes escrevo; é uma coisa invencível, que muitas vezes falseia o tom daquilo que escrevo”. Menciona que quebrou a armação dos óculos e pede que compre um barato. Na verdade, sabe que o certo seria medir sua miopia e avalia que: “[...] uso-os sobretudo para ter menos dor de cabeça, se bem que esteja convencido de que boa parte da miopia se deve precisamente à dor de cabeça, com ação recíproca”.

Tatiana enviou um telegrama para a direção do cárcere, e não para ele, pedindo notícias sobre a sua saúde e quando ele tomou conhecimento, não gostou. Nesta carta ele confessa ter ficado enfurecido.

Gramsci (2005b, p. 43 [C, n. 229]), em maio, responde à Teresina e menciona o equívoco de interpretação que, ela e Grazietta, fizeram a respeito de um comentário sobre a sobrinha Mea, feito por ele. Em outras correspondências à família já aparecia a opinião crítica que o tio alimentava em relação à orientação ofertada à sobrinha, que vivia longe da mãe e do pai. Na tentativa de esclarecer, ele escreve que:

Em primeiro lugar, conheci Mea só em 1924, quando tinha uns poucos anos e certamente não sou capaz de julgar suas qualidades e solidez destas qualidades. Em segundo lugar, e em geral, evito sempre avaliar quem quer que seja baseando-me no que se costuma chamar de “inteligência”, “bondade natural”, “vivacidade de espírito”, etc., porque sei que tais avaliações têm alcance bem limitado e são enganosas (Gramsci, 2005b, p. 43 [C, n. 229]).

Ele chama a atenção para o papel de quem orienta a criança e continua:

[...] me parece importante a “força de vontade”, o amor pela disciplina e pelo trabalho, a constância nos objetivos, e neste juízo levo em conta, mais do que a criança, aqueles que orientam e têm o dever de fazer com que adquira tais hábitos, sem sacrificar sua espontaneidade (Gramsci, 2005b, p. 43 [C, n. 229]).

Gramsci descreve como na Itália as mulheres encontram dificuldades e chama atenção dizendo que:

[...] as atividades femininas enfrentam condições muito desfavoráveis desde os primeiros anos de escola, como, por exemplo, a exclusão das meninas de muitas bolsas de estudo, etc. de modo que é necessário [...] uma dose maior de tenacidade e de perseverança. É evidente que minhas observações se dirigiam

não a Mea, mas a quem a educa e dirige; neste caso, mais do que nunca, me parece que o educador é que deve ser educado (Gramsci, 2005b, p. 43 [C, n. 229]).

Ao final, Gramsci (2005b, p. 44 [C, n. 229]) pede notícias sobre o acidente do pai e diz que deseja que ele “não tenha sofrido um choque psicológico muito forte”.

Nino escreve a companheira expressando a alegria de ter recebido a sua carta que deixava clara a sua melhora e sua capacidade de organização. Confessa o quanto analisou, nas poucas cartas, as suas palavras tentando buscar mais alguma coisa além. Declara que:

[...] as notícias sobre sua saúde me foram dadas a conta-gotas e acredito que, ainda hoje, eu não saiba exatamente qual terá sido o grau de sua doença e muito menos os diagnósticos feitos pelos médicos; parece, por sua carta, que se falou até de epilepsia, o que é surpreendente e só demonstra, a meu ver, um excesso de sutileza científica (Gramsci, 2005b, p. 47 [C, n. 231]).

Solicita a sua ajuda e conta, para ela, sobre seu estado depressivo que foi originado “por remoer muitos pequenos episódios do passado” (Gramsci, 2005b, p. 48 [C, n. 231]).

Gramsci (2005b, p. 48 [C, n. 232]) se ressentia porque suas irmãs não lhe escrevem e sabe da impossibilidade que a sua mãe o faça. Reclama com Tatiana e imagina que um pensa que o outro escreverá e ninguém escreve, mas admite que também já foi assim. Pede que ela escreva dando notícias dele para a mãe.

Para Foiri (1979, p. 325), embora Gramsci se queixasse de receber poucas cartas da família da Sardenha, ainda assim, sabia mais deles que da nova construção familiar com Giulia.

Tatiana havia comunicado que faria uma cirurgia no maxilar, Gramsci (2005b, p. 58 [C, n. 238]) fica preocupado e pede que ela lhe informe sobre seu estado. Justifica-se por ter ameaçado não lhe escrever mais e diz que se soubesse que ela tem dor de cabeça não teria feito isso. Gramsci conseguiu permissão para escrever toda semana, mas comenta que não sabe como usará esse direito, já que percebe que os laços com o passado estão cada vez mais frágeis. Em contrapartida, não pode mais comprar cigarros e por isso, está sem tabaco e sem poder fumar, lhe provocando uma “agitação nervosa”.

Em 11 de julho, Piero Sraffa avisa a Tatiana sobre o novo direito de Gramsci escrevendo:

Foi publicado o novo regulamento carcerário [...]: pedi que mandassem uma cópia para Nino; e também deveria obter um exemplar do regulamento para si mesma, e lê-lo atentamente, para saber com precisão quais são seus direitos [...] Parece-me que há uma pequena melhora para Nino, que agora (art. 104) pode escrever *uma* vez por semana e (art. 101) pode receber *duas* visitas por mês (Gramsci, 2005b, p. 63, nota 2 [C, n. 241]).

Gramsci parecia piorar seu estado de saúde e suas queixas vão aumentando e se tornando crônicas. Nas cartas que se seguem a condição de saúde é quase sempre evidenciada.

Em 27 de julho escreve para a cunhada dizendo que:

[...] há alguns meses sofro muito com perda de memória. [...] me ressinto, de um estado permanente que pode ser indicado sumariamente como uma evaporação do cérebro; cansaço difuso, atordoamento, incapacidade de concentrar a atenção [...]. (Gramsci, 2005b, p. 62 [C, n. 241]).

Neste mesmo dia ele se dirige a companheira lembrando a proximidade do aniversário de Delio, que completará sete anos, e a importância simbólica que esta idade representa. Gramsci não aceita a escolha de Giulia omitir a verdade sobre sua prisão para os filhos e sugere que este seria um bom momento de contar a verdade sobre a sua condição para Delio (Gramsci, 2005b, p. 63 [C, n. 242]). Giulia responde a sua sugestão escrevendo que:

Creio que Delio compreende melhor o seu pai quando o vê em ação, não sob correntes... Parece-me que tenho muito material para fazer com que ele compreenda o processo histórico não através da dor aguda que adviria ouvindo onde se encontra o seu pai. Parece-me que, neste dado momento, esta dor seria para ele um véu através do qual iria conceber o mundo... Não creia que eu não queira que o seu filho saiba enfrentar a dor, mas isso deve fortalecer a coragem dele, não enfraquecê-la. [...] gostaria que crescesse forte, enérgico, ativo... Que soubesse enfrentar a dor, sem “se encolher”, como eu. (Gramsci, 2005b, p. 65, nota 1 [C, n. 243]).

Gramsci (2005b, p. 65 [C, n. 243]) demonstra, através de suas narrativas, que se fechou por sentir-se alijado do mundo externo. Em carta, no dia 3 de agosto, escreve a Tatiana sobre seu “estado de espírito” e fala sobre a impressão que tem: “o ‘mundo’ de minhas relações afetivas já se acostumou à ideia de que estou no cárcere. Isto não acontece sem reciprocidade; também me acostumei à ideia de que os outros se acostumaram, etc.”. Em seguida, admite já ter passado por este processo, mas antes do encarceramento. Localiza a diferença dizendo que: “Mas, no passado, estes ‘rompimentos de fios’ quase me enchiam de orgulho, tanto que não só não tentava evitá-los, mas os promovia voluntariamente. [...] fatos necessários para a formação de minha personalidade e a conquista de minha independência”.

Sraffa ao tomar conhecimento, através de Tatiana, do conteúdo da carta, escreve no dia 23 de agosto e diz:

Quanto à frase contida na carta dele de 3 de agosto, segundo a qual ‘o mundo de suas relações afetivas já se acostumou [...]’, deveria lhe escrever que está completamente errado; ao contrário, esta aparência se deve exatamente a ele, que paralisou qualquer manifestação por parte de suas relações afetivas, escrevendo-lhes que nunca façam nada sem uma determinação explícita, que não sabem o que é a vida no cárcere, que têm idéias românticas sem contato com a realidade, etc.; se ele encorajasse, suas relações se comportariam de modo diferente. (Gramsci, 2005b, p. 68, nota 1 [C, n. 243]).

Precisamente neste dia 3 de agosto, os sintomas físicos se agravaram e Gramsci (2005b, p. 70-73 [C, n. 245]) faz um relato minucioso, para a cunhada, sobre o que aconteceu na carta datada em 17 de agosto. Relata uma “golfada de sangue” na madrugada que persistiu durante algumas horas. Gramsci foi consultado pelo Dr. Cisternino que lhe receitou “*cloreto de cálcio com adrenalina a um milésimo*”. No dia 5 de agosto, o médico descartou a possibilidade de “afecção nos brônquios”, após ausculta, e atribuiu à causa da febre, que se manifestou, ao intestino. Nino continuou a ter acesso de tosse e disse acreditar ser “tosse nervosa acidental”. Após relatar outros sintomas, acrescenta que: “não me enfraqueci de modo notável e não sofri nenhuma sequela psíquica”.

Nesta mesma carta, Gramsci relata que havia recebido notícias de sua família de Ghilarza e que todos tinham adoecido de “febre malárica”.

Sobre o relato dos sintomas, Tatiana escreve a Sraffa no dia 25 de agosto e diz:

Penso que a situação de Nino, ao contrário do que ele gostaria de fazer crer, é preocupante. Ele deve estar doente de tuberculose pulmonar. [...] Penso que Nino não sabe que está gravemente doente ou, pelo menos, ignora todo o perigo de sua doença (Gramsci, 2005b, p. 73, nota 1 [C, n. 245]).

Gramsci (2005b, p. 75 [C, n. 246]) escreve à mãe e lamenta a falta de notícias e atribui ao fato de que não imaginam como é a vida no cárcere e não sabem o valor que as cartas representam para o prisioneiro. Embora não se atenha ao lado negativo de sua vida, diz que ele existe. Avalia que: “fui um combatente que não teve sorte na luta imediata, e os combatentes não podem e não devem ser lastimados, quando lutaram não porque obrigados, mas porque assim eles mesmos quiseram conscientemente”. Menciona os livros que enviou para a casa da mãe e manifesta o desejo de criar uma “biblioteca familiar” para os sobrinhos. Em relação à malária que afetou sua família, questiona:

Mas, como “explica que a doença se espalhe tanto pelo centro da cidade? [...] Penso que os atuais governantes da cidade deviam fazer a rede de esgotos, assim como os antecessores fizeram o aqueduto: aqueduto sem esgoto só pode significar difusão de malária, onde a malária já existia esporadicamente. (Gramsci, 2005b, p. 75 [C, n. 246]).

Considerando a ausência de um diagnóstico preciso e de um acompanhamento digno para o seu estado, Gramsci (2005b, p. 76 [C, n. 247]) parece tentar chegar a um diagnóstico fazendo suposições e trocando com Tatiana suas impressões. Em outra carta, relata a falta de febre, de coágulos de sangue, mas menciona uma dor nas costas e um peso na região pulmonar que impediu que ele dormisse. Manifesta a vontade de entender qual teria sido “a origem da hemorragia” que teve e pede que a cunhada opine.

Nino se incomoda com o fato da Tatiana relacionar a sua conclusão, citada por ele na carta do dia 3 de agosto que: “o mundo de minhas relações afetivas já se acostumou à ideia de que estou no cárcere” com o grave problema físico que teve no mesmo dia. Discorda dela e em sua opinião: “isto significa que você considerou a questão um pouco superficialmente, quando ela é, para mim, da máxima importância” (Gramsci, 2005b, p. 78 [C, n. 248]).

Segundo Vacca (2012), Giulia escreve ao companheiro falando de sua doença e os possíveis diagnósticos. Diz que:

Mas nem eu mesma sei... além disso, os médicos não entram em acordo. O diagnóstico de epilepsia é o mais antigo e alguns médicos o mantêm inalterado. O diagnóstico de histeria é o último... É dos médicos que me tratam agora, e seu tratamento e o tempo dão resultados sensíveis. [...] em Sebastopol, um médico que me considerou histérico-epileptica (acrescentou que os médicos dão este diagnóstico sempre com relutância, porque esta doença... não existe... Com tal diagnóstico querem só expressar que o estado de saúde de alguém é semelhante ao estado de um ser humano doente de epilepsia) me disse que pessoas geniais Gogol, Dostoievski, tinham esta doença (Vacca, 2012, p. 263).

Giulia declara seu interesse em se curar e afirma não ter necessidade “de nomes ilustres” em sua companhia (Vacca, 2012, p. 263). Uns dias depois Giulia continua informando sobre sua doença:

A orientação que os doutores deram ao meu tratamento me agrada, porque me dizem para desenvolver a máxima atividade, em todos os sentidos. Quem sabe até ser injusta, agressiva, considerando este período como passageiro, mas não me calar, não me fechar, “encolher-me” em mim mesma. Esta é a linha principal deles, que corresponde aos princípios mais fundamentais da minha vida. (Vacca, 2012, p. 263).

Segundo Vacca (2012), Giulia diz, para o companheiro, que não tem mais complexos de inferioridade e admite precisar da sua ajuda tanto para a

educação dos filhos como em seu próprio trabalho. Giulia percebe que até sua atividade profissional seria possível desenvolver junto com Gramsci.

Em 31 de agosto Nino responde à Giulia, menciona a psicanálise e o desconhecimento se ela continuava o tratamento. Lembra que já havia lhe sugerido para ela “desencolher” e diz que:

Estava convencido de que você sofria daquilo que, acredito, os psicanalistas chamam de “complexo de inferioridade”, que leva à sistemática repressão dos próprios impulsos volitivos, isto é, da própria personalidade, e à completa aceitação de uma função subalterna na hora de decidir, mesmo quando se tem certeza de estar com a razão, com exceção das esporádicas explosões de irritação furiosa até por coisas insignificantes (Gramsci, 2005b, p. 81 [C, n. 249]).

Gramsci recebeu a visita de Carlo “entre o dia 31 de agosto e 3 de setembro” (Gramsci, 2005b, p. 85, nota 1 [C, n. 250]). No retorno da visita encontrou Tatiana em Roma e lhe transmitiu notícias sobre a saúde do irmão. No final de agosto Tatiana se corresponde com o Dr. Cisternino para saber do cunhado e transmite “indignada” a resposta do médico ao amigo Srrafa:

Afirma que as condições gerais de Nino são ótimas e que o sangue expelido algum tempo atrás provinha provavelmente da garganta; que, tendo auscultado o enfermo por três vezes, não encontrou nada nos pulmões, e termina dizendo que, desde então, o sangue não apareceu mais. É uma carta verdadeiramente infame. Além disso, parece que o médico não está disposto a fazer nenhum exame de laboratório, diz que não é necessário; e que, em todo caso, quando o detento estiver grave, seremos avisados (Gramsci, 2005b, p. 85, nota 1 [C, n. 250]).

Gramsci (2005b, p. 82 [C, n. 250]) escreve à cunhada surpreso por ela estar impressionada com o que ocorreu com ele no dia 3 de agosto e brinca com a situação dizendo que ele já havia ressuscitado aos quatro anos quando teve sucessivas hemorragias e convulsões durante três dias. Por esta razão sua mãe guardou o caixão até 1914, aproximadamente. Sua tia acreditava que ele teria ressuscitado quando ela ungiu seus pés com óleo da lâmpada de Nossa Senhora.

Nino escreve para a mãe e se interessa pela informação dada pela irmã Grazietta de que “a malária abre caminho facilmente para a tuberculose, significa que a população está desnutrida”. Solicita que ela lhe informe sobre a alimentação semanal dos assalariados rurais, os meeiros e artesãos (Gramsci, 2005b, p. 87 [C, n. 251]).

Em setembro, nas correspondências com a cunhada, Gramsci relata que continua tendo febre, mas diz que se sente melhor e o seu estado atual não tem comparação com a crise de ácido úrico que ele teve em dezembro de 1928. Diz

que observou que quando a temperatura diminui a dor de cabeça volta (Gramsci, 2005b, p. 88, p. 90 [C, n. 252, n. 253]).

Escreve ao irmão Carlo e diz que a sua temperatura normalizou com exceção de um dia que comeu pão. Encontra dificuldade em seguir uma dieta que sacie a fome sem dificultar a digestão. Comenta que sente fome quando não tem uva, mas também não quer sentir distúrbios intestinais que dificulta o seu sono. Acredita que está se recuperando (Gramsci, 2005b, p. 99 [C, n. 255]).

No dia 5 de outubro Nino escreve para Tatiana e alega que ela parece pensar que ele lhe engana. Parece que ela acredita que ele esconde alguma doença que teve em 1928-1929. Confirma as crises que teve antes do natal, em 1928 e no dia do natal mesmo. Lembra que ela foi visitá-lo duas vezes. Diz que esteve fraco, mas não chegou a ficar de cama. Ia tomar banho de sol, mas ficava sentado porque andar lhe cansava. Admite que possa ter omitido esses detalhes por não considerar importante. Avalia que não quer: “transformar minhas cartas em boletins médicos (!) cheios de bobagens e sandices” (Gramsci, 2005b, p. 102 [C, n. 256]).

Gramsci (2005b, p. 102 [C, n. 256]) tenta convencer e ao mesmo tempo tranquilizar a cunhada dizendo:

O que sei é isto: não existem doenças, mas doentes, e no indivíduo doente todos os órgãos são solidários no caso de algum deles estar doente. É o que me basta compreender que o médico deve ser uma espécie de artista, ou seja, que em sua arte tem muita importância algo semelhante à intuição, além do conhecimento científico. Portanto, nenhuma leitura parcial de nada serve, se é que não se torna perigosa, como os manuais populares [...] (Gramsci, 2005b, p. 102 [C, n. 256]).

Em carta Gramsci fala sobre suas origens com a cunhada e anuncia que:

Eu mesmo não tenho nenhuma raça: meu pai é de origem libanesa recente (a família fugiu do É após ou durante as guerras de 1821 e se italianizou rapidamente); minha avó era uma Gonzalez e descendia de alguma família ítalo-espanhola da Itália Meridional (como muitas famílias que permaneceram depois do fim do domínio espanhol); minha mãe é sarda por parte de pai e de mãe, e a Sardenha só foi unida ao Piemonte em 1847, depois de ter sido um feudo pessoal e um patrimônio dos príncipes piemonteses, que a obtiveram em troca da Sicília, longe demais e menos fácil de defender. No entanto, minha cultura é fundamentalmente italiana e meu mundo é este: jamais me vi dilacerado entre dois mundos (Gramsci, 2005b, p. 105 [C, n. 257]).

Ao final da mesma carta pede que não lhe envie óleo de pinheiro e nem pó da Abissínia. Solicita apenas os fermentos lácteos e *Uricedina Stroschein* para a função intestinal (Gramsci, 2005b, p. 103 [C, n. 257]).

No mesmo dia em outubro, Gramsci (2005b, p. 106 [C, n. 258]) envia carta para a mãe e a cunhada falando sobre a sua saúde. Diz à mãe que não está lhe

enganando e que às vezes se surpreende com a resistência que tem. Está com a alimentação restrita por ter perdido os dentes, mas bem. Para Tatiana menciona o clima frio e fala sobre a temperatura corporal, quase normal. Pediu para modificarem sua alimentação e percebeu que de tempos em tempos é necessário que se faça uma alteração. A acidez também às vezes retorna. Imagina que ela tenha recebido a sua carta dizendo que se limita a tomar os fermentos lácteos e a *Uricedina Stroschein*. Comunica que desde agosto não tem nenhum sintoma brônquico.

Após um pequeno período sem muitas queixas Gramsci volta a ter sintomas desagradáveis. Comenta com Tatiana que voltou a ter febre e “distúrbios intestinais”. Percebeu que a febre cede quando ele não come nada, mas esta possibilidade não é viável por muito tempo. Sente dor nos pulmões e atribui a pressão dos “órgãos digestivos” que pressionam quando incham. Por isso decidiu tomar o *Uricedina*. Tomou laxante prescrito pelo médico, mas resolveu parar por provocar fraqueza (Gramsci, 2005b, p. 110 [C, n. 260]).

Nesta mesma carta, Nino reproduz um trecho da carta escrita em 2 de outubro por Tatiana suspeitando que ele lhe escondesse algo sobre sua saúde. Com isso, deseja justificar a resposta dada por ele na carta do dia 5 de outubro citada anteriormente. No texto escrito por ela, Tatiana diz que:

[...] e só me surpreende que você tenha voltado a esta questão, quando devia ter compreendido o quanto, no fundo, seja *aborrecido o tom de pouca sinceridade* que às vezes se deve usar para tratar de determinadas questões; e assim, se lhe censurava por ter se calado a respeito de suas verdadeiras condições de saúde, pode ter certeza de que, *independentemente de tudo o que me escrever a este respeito*, vou manter sempre o mesmo sentimento nesta questão (Gramsci, 2005b, p. 111 [C, n. 260]).

Relembra à cunhada o confisco sofrido da sua primeira carta, endereçada a ela, pelo juiz instrutor por ser “demasiado sincera”. A carta está nos autos, o que poderia ter “agravado” a sua situação. Admite que ela sempre foi sincera com ele, mas acrescenta que tem várias cartas dela “cortadas pela censura carcerária. Sua sinceridade não me serviu de nada, porque eu nunca soube o que me escreveu”. Então questiona: “O que significa, então, ‘sinceridade’ e o que significa que você ‘se aborrece’? Eu também, há cinco anos, me aborreço por estar no cárcere, talvez mais do que você por causa dessa espécie de pouca sinceridade” (Gramsci, 2005b, p. 111-112 [C, n. 260]).

Segundo nota, Tatiana fez uma consulta ao Dr. Angelo Biocca, da Policlínica Umberto I, de Roma, sobre as condições de Gramsci, e este orientou que o clima de Turi não contribuía para a melhora da saúde dele. Sua opinião

fez com que Tatiana pensasse na possibilidade de uma transferência para Soriano Del Cimino, localizada no Lácio, entre Roma e Viterbo (Gramsci, 2005b, p. 115, nota 1 [C, n. 261]).

Em 2 de novembro, Nino comunica o recebimento do cartão de Tatiana falando sobre a orientação recebida do Dr. Biocca. Gramsci avalia que há alguns dias se sente melhor apesar de fraco. Afirma que deverá ficar melhor com a *Uricedina* e diz que recomeçou as gotas de *Uroclasio*. Cita o segundo recurso de Umberto Terracini contra a sentença e faz algumas propostas. Alega não ter escrito para Giulia por não saber o que ela sabe sobre as suas condições de saúde (Gramsci, 2005b, p. 112 [C, n. 261]).

Na semana seguinte, no dia 9 de novembro, escreve novamente a cunhada lembrando o quinto ano de prisão e aponta o período como sendo o “mais produtivo e mais importante na vida de um homem”. Aponta que o mal-estar que vem sentindo nos três últimos meses pode ser o começo de um sofrimento maior por estar no cárcere. Diz que o vento voltou e que com ele, o sofrimento. Aguarda as medicações que ela lhe enviou. Aprendeu a fumar em três etapas menores, mas gasta mais papel porque não gosta de fumar as guimbas, como fazem os detentos, e conseguiu fumar menos. No entanto também associa “fumar pouco” com o “grau de intensidade de trabalho intelectual” e diz que encontra dificuldade de concentração e que se sente: “moído intelectualmente, tal como me sinto fisicamente. Acredito que este estado de coisas irá durar por todo o inverno, no mínimo, isto é, neste período meu esforço será suficiente apenas para não piorar, não para me recuperar” (Gramsci, 2005b, p. 116-17 [C, n. 262]).

Tatiana responde a carta de Gramsci, do dia 2 de novembro, em que ele pergunta se Giulia sabe sobre suas condições de saúde. A cunhada responde que não falou com a irmã e que tem escrito muito pouco para a casa. Diz que não enviou para Giulia as cartas, dele para ela (Tatiana), por achar que seria como se fossem cartas de um “estranho”, já que ele e a companheira pouco se correspondem, caso contrário, as correspondências “seriam interessantíssimas para permitir a Giulia seguir e sentir a sua vida”. Tatiana diz que se ele achar conveniente envia todas as cartas para a irmã. Complementa e diz que: “[...] Giulia só sabe aquilo que você escreveu a ela. Aliás, poderia de vez em quando escrever a ela. Vai ver que será melhor” (Gramsci, 2005b, p. 116, nota 5 [C, n. 261]).

A respeito da transferência para Soriano, Gramsci (2005b, p. 121 [C, n. 265]) se opõe e solicita que Tatiana não tenha nenhuma iniciativa sem lhe

consultar. Acredita que “em qualquer lugar estaria pior do que em Turi”. Avalia que o mais importante para o bem-estar dele é poder ficar sozinho em uma cela e diz que se irrita com muita gente até convulsionar. Já esteve em celas coletivas e descreve o seu processo: “em primeiro lugar, não consigo fechar os olhos por toda noite, porque os movimentos ora de um, ora de outro me deixam num estado permanente de irritação nervosa que piora a cada dia, até as convulsões”. Diz que três anos isolado impediram que seu estado físico entrasse “em colapso”. E mais: “Além disso, estar isolado é uma condição para receber material de escrever e, portanto, poder estudar com um certo método”.

No dia 30 de novembro relata novas referências sobre sua saúde para a cunhada. Sua febre diminuiu, mas voltou a perder sangue pelas vias respiratórias. Acredita que o sangue se deu pelo atrito (tosse) e não porque esteja com alguma doença respiratória. Avalia que a dor de cabeça também desapareceu com a baixa de temperatura. Só se sente fraco (Gramsci, 2005b, p. 123 [C, n. 266])

A partir da próxima carta para a esposa, Gramsci passa a nomeá-la de Iulca e mantém esse vocativo até a carta n. 442, escrita no verão de 1936. A partir desta data, usa Giulia e Iulca alternadamente. A possível motivação para isso talvez se encontre no próprio conteúdo da carta a seguir.

Ainda no dia 30 de novembro lhe escreve indicando a sua dificuldade em escrevê-la e percebe o quanto parece complicado para ela também. Lamenta não encontrar uma solução para isso. Diz que:

[...] nos longos intervalos de seu silêncio, reflito sobre esta situação que veio a se formar, tão diferente daquela que eu imaginava há cinco anos, depois de minha prisão. Acredita que ainda seria possível uma certa comunhão em nossa vida, que me ajudaria a não perder completamente o contato com a vida do mundo; pelo menos, com sua vida e a dos meninos. Em vez disso [...] parece-me que você contribuiu para agravar meu isolamento, fazendo com que eu sentisse mais amargamente (Gramsci, 2005b, p. 125 [C, n. 267]).

Gramsci (2005b, p. 126 [C, n. 267]) narra à esposa que, alguns anos atrás, soube que na sua bolsa tinham várias cartas dirigidas a ele, inacabadas, e que não haviam sido enviadas. Essa notícia lhe atingiu negativamente porque para ele este fato foi desagradável e pode caracterizar a existência de uma barreira entre eles. Fala abertamente o que sente: “Na verdade, não sei nada sobre você: não sei nem mesmo se retomou sua atividade de trabalho. Suas cartas são extremamente vagas. Não consigo imaginar nada de sua vida”. Acrescenta que:

Esta carta é uma nova tentativa que faço para reatar nossas vidas; parece-me que ainda existe o modo e o tempo. Por certo, não esqueci a lula do passado; mas não consigo fazer com que reviva na Giulia de hoje; nem consigo imaginar a Giulia de hoje, concretamente, de modo vivo. Queria poder sacudir fortemente, violentamente, mesmo com o risco de ser injusto e grosseiro com você, mais ainda do que pretenderia. Queria fazer com que sentisse minha ansiedade e minha dor (Gramsci, 2005b, p. 126 [C, n. 267]).

Segundo nota, foi encontrado um rascunho desta mesma carta, com algumas alterações, no caderno onde Gramsci fazia as traduções das histórias dos Irmãos Grimm. Parte do texto está reproduzido na mesma nota (Gramsci, 2005b, p. 126, nota 1 [C, n. 267]).

Gramsci (2005b, p. 127 [C, n. 268]) volta a ter febre e avisa à cunhada que não lhe responderá como ela pede, sobre as suas condições de saúde, porque não tem vontade, naquele momento. Apesar da febre avalia que se sente bem e não tem dificuldade de respirar. Continua tomando a *Uricedina*, mas não os *Sais de Hunt*, pois acabou. Em relação aos “novos métodos de educação” citado em cartão por Tatiana, Gramsci comenta: “O que se deve ver é se mudou a relação entre as crianças e as coisas, isto é, se se consegue despertar nas crianças um novo modo de conceber a natureza e a vida”. Menciona as “brigadas de assalto”, que “eram coletivos estudantis teoricamente criados para estimular a socialização e o costume da autodireção” (Gramsci, 2005b, p. 127, nota 1 [C, n. 268]). Faz um alerta e diz:

Mas, também neste campo, seria preciso ter mais detalhes não só sobre o método mas também, e especialmente, sobre a disponibilidade de material didático: um perigo que, parece-me, logo se apresenta é o de criar precocemente uma orientação profissional artificial. E mais: até os métodos mais fascinantes se tornam estéreis, se falta o pessoal capaz de lhes dar vida em cada momento da vida escolar e extra-escolar, e você sabe que precisamente os melhores tipos de escola fracassaram em razão da deficiência dos professores (Gramsci, 2005b, p. 128 [C, n. 268]).

Giulia escreve um bilhete para a irmã. Tatiana o traduz e envia para o cunhado em 30 de novembro:

Eu me alegro, porque sinto que meu tratamento progride... Ainda que este tratamento em certos momentos esteja ligado a uma grande tensão nervosa... Encolerizo-me e, quando em consulta com a médica, digo-lhe que tive momentos de cólera, de desabafo, que se manifestaram com palavras duras, então ela fica contente comigo, elogiando-me. Eu mesma sinto uma melhora geral e progressiva (Gramsci, 2005b, p. 130, nota 1 [C, n. 269]).

Gramsci (2005b, p. 129 [C, n. 269]) escreve para a esposa e menciona o seu bilhete. Diz que ao lê-lo se arrependeu, inicialmente, do que disse na última carta, mas depois viu que foi importante. Compreende que “a personalidade e a

vontade são produtos dialéticos de uma luta interior que pode e deve ser exteriorizada, quando, internamente, o antagonista é sufocado por um processo patológico”. Avalia que “o tormento”, que resulta do conflito, deva se transformar em um “estímulo concreto à consciência, dado e motivado racionalmente”. Acredita que “somos unidos por laços não só de afeto, mas de solidariedade” e tem o afeto como “um sentimento espontâneo, que não cria obrigações porque está fora da esfera da moralidade. Pode ser despertado irracionalmente [...]”. Por esta razão é que afirma que “é nos laços de solidariedade que podemos e devemos nos apoiar [...]”. Cita também o fato das correspondências serem públicas limitando a espontaneidade e a sinceridade. Faz um paralelo com a igreja e a religião.

Com a proximidade do Natal, Gramsci (2005b, p. 130, p.132 [C, n. 270, n. 271]) escreve para a mãe reivindicando notícias dos familiares, como prometido, e desejando boas festas. À cunhada, pondera que não lhe vê há um ano e meio, mas não a incentiva a ir para Turi no natal como parece que Carlo propôs. Nesta correspondência, Nino justifica-se para Tatiana sobre a não correspondência com os filhos e diz: “A verdade é que sou mesmo incapaz, psicologicamente, de estabelecer relação com eles porque, concretamente, não conheço nada de sua vida e de seu desenvolvimento”. Alega conhecer melhor os sobrinhos, porque lhe escrevem e também obtém informações através da irmã, o que facilita a troca de correspondência. Pensa que para os filhos deve ser “uma espécie de holandês voador, que por motivos imperscrutáveis, não posso participar da vida deles”.

Escreve à Giulia e reforça a necessidade de saber mais sobre os filhos. Propõe que ela faça um estudo, como deseja, de algo que seja também do interesse dele e que tenha relação com a “vida intelectual” dos filhos. Sugere a possibilidade de que ela faça “uma sondagem” anotando e organizando o resultado do “material recolhido” (Gramsci, 2005b, p. 134 [C, n. 272]).

Já próximo ao natal, escreve para Tatiana e menciona sobre seu estado dizendo que já não tem vestígios de sangue na saliva e que o frio não lhe fez tão mal. O médico lhe receitou *cloreto de cálcio com adrenalina* e ele conta que também tomou a *Sirolina* que ela mandou. Há dias que sua temperatura sobe um pouco, mas acredita ser em função do intestino. Explica para Tatiana o porquê de seu aparente mal humor e diz:

[...] acredite que se trata de um modo exterior de minhas relações com os familiares, devido a todo um costume do passado; pode-se dizer que, a partir dos treze anos, vivi isolado, quando ao contrário era propenso à convivência e à

ternura; para parecer forte, mais forte do que era compatível com a minha idade, criei para mim uma capa exterior de frieza, etc., da qual depois não consegui me livrar e talvez nem atenuar (Gramsci, 2005b, p. 137 [C, n. 274]).

Quanto à ida de Tatiana com Carlo a Turi, Carlo escreve:

Cara, Tatiana: Você já deve ter recebido minha carta registrada. Fico aborrecido com o contratempo que tive, mas você compreende muito bem que não estou em condições de fazê-lo. Mas você não deve se mover sozinha. Se quer ir a Turi, deve esperar até 7 ou 8 de janeiro, e então iremos juntos. Conseguirei uma licença de quatro dias e, desse modo, poderei também te acompanhar de volta até Roma, pois em Turi você não deve ficar. Decerto, nossa visita poderá fazer bem a Nino sob vários aspectos; e, depois, indo juntos, poderemos imaginar alguma coisa. Estamos entendidos? Espero uma carta tua que confirme tudo (Gramsci, 1986, p. 97).

Gramsci recebe a carta do dia 23 de dezembro, de Tatiana, sobre a intenção de ir com Carlo a Turi e tenta demovê-la da ideia porque, além da despesa, se preocupa com o clima ruim para eles. Lamenta não poder escrever para a mãe dizendo que recebeu o que ela lhe enviou porque, na verdade, não chegou a tempo e explica a cunhada que já sabe como são seus familiares: “fazem sempre um monte de projetos, de hipóteses, de grandes preparativos e, no fim, esquecem alguma coisa essencial, que leva ao fracasso todos os projetos bem construídos”. Embora pouco se refira ao pai, lembra da característica que ele e seus irmãos tinham. Assim como o pai, acreditavam ter tino para o comércio e atribuíam a terceiros o fracasso de suas iniciativas (Gramsci, 2005b, p. 139 [C, n. 275]).

3.7. As cartas de 1932

Gramsci (2005b, p. 141, p. 144 [C, n. 276 n. 278]) agradece à mãe pelo recebido de natal e comenta o gasto que Carlo terá para visitá-lo. Acha desnecessário já que se encontraram em agosto. Como Tatiana não chegou a Turi e não mencionou mais a viagem, Gramsci lhe escreve justificando-se pelo jeito de se expressar e faz menção ao tempo limitado e fixo para esta tarefa. Explica que, às vezes, fica nervoso e esse estado aparece na escrita das cartas. Expõe para a cunhada porque havia lhe dito sobre a insistência ou incentivo ao Carlo viajar para lá. Oferecer ao irmão dinheiro emprestado, para ele, seria um estímulo à viagem.

Em fevereiro de 1931, Gramsci descreveu uma determinada condição física e havia pedido à cunhada que pesquisasse sobre a possibilidade de uma cirurgia de cólon. Em 11 de janeiro de 1932, na carta acima, ele volta ao tema questionando sobre a pesquisa.

Escreve à cunhada que está contente por ela ter se mudado se for para melhorar a sua vida. Fala sobre a saúde dele e afirma que não teve nenhum mal-estar agudo, mas admite estar desanimado, “ora muito nervoso, ora, ao contrário, tomado pelo abatimento e pela apatia”. Completa que “o estado de semi- idiotice” dele “é uma forma de defesa do organismo psicofísico contra o desgaste permanente que se sofre no cárcere por causa de todas as pequenas coisas e pequenos aborrecimentos” (Gramsci, 2005b, p. 147-148 [C, n. 279]). No mesmo dia escreve para Teresina agradecendo os desenhos dos sobrinhos para ele e diz que “realmente não sei imaginar o que possa fazer para demonstrar meu afeto por eles”. Solicita notícias da mãe (Gramsci, 2005b, p. 149 [C, n. 280]).

Sobre Tatiana, Nino agradece o cartão de aniversário que ela lhe enviou e se justifica por não ter feito o mesmo no aniversário dela no dia 12 de janeiro. Quanto à ida a Turi, argumenta que ela não precisaria se justificar e acredita que fez muito bem em não ir conforme ele havia recomendado. Alega que ela desconhece “a real psicologia de um prisioneiro” e quanto sofrimento gera o estado de incerteza em que vivem (Gramsci, 2005b, p. 152 [C, n. 281]). Já no mês de fevereiro, agradece novamente à cunhada por ter lhe enviado as informações solicitadas sobre a cirurgia (Gramsci, 2005b, p. 154 [C, n. 283]).

Em 15 de fevereiro, Gramsci (2005b, p. 157-8 [C, n. 285]) se dirige à Tatiana e pede auxílio para entender melhor o “estado psicológico” de Giulia. Faz algumas considerações sobre a companheira e sobre a opção dela se tratar através da psicanálise. Escreve sobre sua “impressão central” e diz: “o sintoma mais grave de desequilíbrio psíquico de Giulia não são os fatos, muito vagos, aos quais ela se refere e que seriam a razão para o tratamento psicanalítico, mas antes, o fato de que ela tenha recorrido a este tratamento e tenha tanta confiança nele”. Admite o conhecimento estrito que tem sobre a teoria psicanalítica, mas acha possível concluir alguns pontos, excluindo “todos os elementos fantasmagóricos a até curandeiros”. A esse respeito diz que:

[...] o tratamento psicanalítico só pode ser benéfico para aquela parte dos indivíduos da sociedade que a literatura romântica chamava de “humilhados e ofendidos” e que são muito mais numerosos e variados do que tradicionalmente parece. Isto é, aquelas pessoas que, colhidas nos duros conflitos da vida moderna (para só falar da atualidade, mas todo tempo teve uma modernidade em oposição

a um passado), não conseguem com os próprios meios compreender estes mesmos conflitos e, assim, superá-los, alcançando uma nova serenidade e tranquilidade moral, isto é, um equilíbrio entre os impulsos da vontade e as metas a alcançar (Gramsci, 2005b, p. 158 [C, n. 285]).

Na opinião de Vacca (2012, p. 264, p. 265), quando Giulia apresenta um retrocesso no processo de cura, Gramsci faz um diagnóstico de “inadaptação à realidade criada pela industrialização forçada” e acredita na “tese de que só em si mesma poderia encontrar forças para superá-la, elaborando intelectualmente a experiência que vivia com o fim de historicizá-la”.

Gramsci (Gramsci, 2005b, p. 158 [C, n. 285]) ressalta a fragilidade de algumas personalidades quando diante de “certos momentos históricos e em determinados ambientes”, em especial, aos de “temperamentos muito sensíveis e refinados” e diz que parece que:

Giulia sofre de ‘problemas insolúveis’, irrealis, combate fantasmas suscitados por sua fantasia desregrada e febril, e como, naturalmente, não pode resolver por si o que não tem solução possível para ninguém, precisa se apoiar numa autoridade externa, num curandeiro ou num médico psicanalista (Gramsci, 2005b, p. 159 [C, n. 285]).

Para Vacca (2012, p. 265), Gramsci pensava que “a doença consistia no próprio fato de recorrer à psicanálise, renunciando a valer-se da própria força de vontade” e que recorrer ao “curandeiro” seria consequência da “incapacidade” de elaboração intelectual, que provocaria a criação de “problemas insolúveis”.

Segundo Vacca, Tatiana replica Gramsci:

“Você está inteiramente equivocado em seu modo de ver a situação”. Giulia não sofria de “problemas insolúveis” criados pela sua fantasia “doentia” e pelo seu modo “febril” de viver a situação atual da Rússia, e muito menos estava esmagada pelo modo de sentir as próprias responsabilidades em relação ao trabalho, aos filhos e ao marido prisioneiro. Era só vítima de um esgotamento nervoso, criado por uma carga excessiva de responsabilidade; e, como esgotamento não tinha origens orgânicas, a terapia psicanalítica, a que chegara depois de uma ponderada experimentação de outras terapias farmacológicas e fisiológicas, revelou-se a mais eficaz. Nino não deveria fazer nada além de deixá-la sentir a continuidade e a intensidade de seu amor, porque essa seria a ajuda mais apropriada a uma terapia cujo valor residia justamente em esforçar-se para tornar o paciente capaz de ser médico de si mesmo. (Vacca, 2012, p. 265-266).

Alguns trechos da carta de Tatiana também podem ser encontrados em (Gramsci, 2005b, p. 167, nota 1 [C, n. 289]).

Antes de receber a carta do dia 23 de fevereiro de Tatiana, Gramsci (2005b, p. 160 [C, n. 286]) lhe escreve e cita as falhas de memória que tem percebido. Menciona que o trabalho que vem desenvolvendo, nos cadernos (*caderno 12*), lhe exige muito lhe provocando dores de cabeça que interferem na

sua capacidade de concentração. Queixa-se de dores abdominais e do intenso frio. No mesmo dia escreve para Delio e diz ter apreciado o viveiro que ele tem. Orienta ao filho que se os tentilhões escaparem da gaiola ele não deve tentar pegá-lo pelas asas porque pode machucar. Comenta que na infância criou muitos bichos e narra, com detalhes, como viu ouriços colherem maçãs. Levou alguns para casa deixando-os livres no pátio por meses. Avisa que na próxima carta lhe contará sobre a dança das lebres e sobre outras histórias que viveu. Pergunta em qual atividade Giuliano se destaca (Gramsci, 2005b, p. 162 [C, n. 287]).

Teresina e seus filhos enviaram violetas de Chenale (Cidade próxima a Ghilarza) e bulbos de ciclâmen selvagem que Gramsci (2005b, p. 165 [C, n. 288]) agradece, mas não pode receber e diz: “isto se chocaria com o regulamento que pretende assegurar o caráter punitivo da pena carcerária”. A frase de Antonio Gramsci fala, por si só, da delicadeza do seu ser e a força do seu caráter sólido e crítico que enxergava o mundo conectado em suas partes. Interpreta o regulamento dizendo que: “é preciso que eu seja punido e, por isso, nada de violetas e nada de ciclâmens, nenhuma pequena tentação da natureza deve estimular minhas narinas com o cheiro e meus olhos com a cor das flores”.

Depois que Gramsci (2005b, p. 166 [C, n. 289]) recebe a carta de Tatiana, na qual ela discorda da sua opinião a respeito de Giulia e o tratamento da psicanálise, ele lhe responde e admite que ela possa estar certa. Justifica o possível erro de interpretação pela pouca informação que tem sobre a vida e as condições da companheira, embora tenha demandado por isso muitas vezes. Fala do desconforto intestinal e solicita o *Sal de Hunt*. Embora esteja em dieta o “mal-estar” continua, principalmente, à noite.

Na semana seguinte ele volta ao tema da psicanálise e sustenta seu “ponto de vista” detalhando mais seu pensamento. Gramsci (2005b, p. 168 [C, n. 290]) explicita o que para ele, de concreto, a psicanálise pode trazer à tona: “à observação das devastações que provoca, em muitas consciências, a contradição entre o que parece obrigatório, de modo categórico, e as tendências reais baseadas na sedimentação de velhos hábitos e velhos modos de pensar”. Coloca que esta “contradição” se manifesta de formas diferentes em cada pessoa e que: “Em todo momento da história, não só o ideal moral, mas também o ‘tipo’ de cidadão estabelecido pelo direito público é superior à média dos homens que vivem em um determinado Estado”. Exemplifica aquele momento, do “pós-guerra”, como um “momento de crise” quando as discrepâncias ficam evidenciadas:

[...] seja porque o nível de ‘moralidade’ se abaixa, seja porque mais alto se coloca a meta que se deve alcançar e se expressa uma nova lei e numa nova moralidade. Em ambos os casos, a coerção estatal sobre os indivíduos aumenta, aumenta a pressão e o controle de uma parte sobre o todo e do todo sobre cada um de seus componentes moleculares (Gramsci, 2005b, p. 168-9 [C, n. 290]).

Gramsci acrescenta que sabe da grande abstração e imprecisão que sua reflexão e texto podem gerar se forem “tomado(s) ao pé da letra” e diz ser apenas “um esquema”. Admite que seria necessário mais minúcia e análise, o que não é possível pelo tempo e espaço indisponíveis.

Vacca (2012, p. 266) faz sua leitura sobre o tema e observa que Gramsci resume sua análise:

Na convicção de que a teoria freudiana do superego fosse válida em geral e também no caso de Giulia para explicar a origem de sua síndrome depressiva, mas sob a condição de que fosse historicizada. Em outras palavras, considerava necessário especificar o modo de operar do superego em relação às modalidades concretas da ação pedagógica-repressiva exercida pelo Estado para conformar a sociedade às tarefas estabelecidas pelas elites dominantes. Nesse contexto inseriam-se as psicopatologias individuais, naturalmente diferenciadas inclusive segundo a condição social e a bagagem cultural dos pacientes.

Segundo Vacca (2012, p. 267), Tatiana concorda com Nino sobre as escassas informações vindas da família dela e lhes escreve solicitando mais detalhes. Seu pai responde. Tatiana transcreve ao cunhado e “partindo da insistência do pai de que não referisse a Antonio todas as notícias que fornecia sobre os sintomas da depressão de Giulia, fez acompanhar a transcrição da carta de um comentário que [...] constituía uma replica à sua interpretação da psicanálise”. No conteúdo reafirmou que os transtornos psíquicos estavam relacionados com as “relações familiares” e:

[...] descrevia o universo relacional dos Schucht como um mundo dominado por uma forma peculiar de egoísmo e de hipocrisia na qual “toda esta brava gente da minha casa, todos em bloco e cada qual em particular” tendiam a esconder uns dos outros os aspectos penosos de suas vidas. [...]. O erro consistia em atribuir as dificuldades psíquicas das pessoas às condições materiais de cada um e em considerar que superá-las não dependia da capacidade de superar as situações, mas de eventos ou forças externas, em relação aos quais era melhor esperar, negar e mentir. Em síntese, uma mentalidade tímida e cautelosa, impotente egoísta, que talvez estivesse na raiz da subalternidade de Giulia e só podia aumentar suas dificuldades (Vacca, 2012, p. 267).

Vacca (2012, p. 267) acrescenta que após dois dias, Tatiana retorna ao assunto e comenta, com “indignação”, sobre algumas situações acontecidas quando Giulia, Eugenia e o pai estavam na Itália entre 1925 e 1926. Vacca (2012) avalia que não convém reproduzir o texto por seu conteúdo “doloroso, denso e apaixonado” e menciona a percepção de Tatiana em relação ao

egoísmo da família que a faz concluir que: “a própria família e cada um de seus membros que criam [um] ambiente deletério para Giulia”. Aliada a todas as queixas, Tatiana, provavelmente, também se ressentia do “patriarcalismo” que Apollon exercia e da “hostilidade” que nutria em relação à Gramsci.

Em conclusão, Vacca (2012, p. 268) considera que o mais importante, da denúncia de Tatiana, é que:

O universo dos Schucht por ela esboçado vai muito além da *bohème* denunciada por Gramsci; ela descreve comportamentos “típicos de cigano”, talvez relacionáveis ao modo de viver a própria decadência por parte de uma família da pequena nobreza permeada de romantismo revolucionário, que veio a se encontrar primeiro no exílio, depois na Rússia pós-revolucionária, em condições de profundo desenraizamento. Por fim, relacionando a doença de Giulia ao universo familiar, dela fornece uma explicação mais convincente do que Nino conseguia dar e mais adequada à possibilidade de enfrentá-la com uma terapia psicanalítica (Vacca, 2012, p. 268).

Ainda no mês de março, Gramsci (2005b, p. 170, p. 171 [C, n. 291, n. 292]) escreve para mãe e menciona, as irmãs, sobrinhos, esposa, filhos e fala sobre a rigidez do inverno. Escreve à Tatiana e agradece a *Uricedina* e os *Sais de Hunt*. Nino rebate a ideia, que a cunhada tem, de que ele gasta pouco dinheiro e explica que o que dispõe na cantina, para a compra, ele não pode comer. Comenta a falta de dentes e os problemas digestivos.

Gramsci (2005b, p. 178, p. 179 [C, n. 294, n. 295]) passa um tempo melhor e relata a cunhada que está dormindo bem. Corresponde-se também com Giulia e menciona novamente a dificuldade de escrevê-la. Cita “a psicologia especial” que advém do isolamento que o cárcere provoca, o medo de prejudicá-la no que concerne ao seu tratamento e o tom professoral que ele adquiriu nos últimos anos, como motivos para esse seu “estado de espírito”. Tenta lhe explicar as observações feitas anteriormente sobre a personalidade dela e deduz que:

Um elemento que certamente lhe escapou é como eu mesmo insisti que dedicasse uma parte de seu tempo à música (acredito que a impressionou mal o fato de uma vez eu ter ido embora ou ter demonstrado, de algum modo, que não podia suportar a música: e, certamente, naquela ocasião eu realmente sofria, mas estava em condições nervosas deploráveis e a música me limava os nervos a ponto de me provocar convulsões) (Gramsci, 2005b, p. 179 [C, n. 295]).

Antonio escreve quatro quartas para Tatiana no mês de abril e menciona o que ela lhe envia e o que ele não precisa, naquele momento, incluindo medicação (*Somatose*), café, aveia, macarrão. Pede “extrato peptonizado” que lhe será útil. Lamenta a morte de Giacomo Bernolfo, citado na carta n. 14, que

era um operário turinense que fazia a segurança do L'Ordine Nuovo e de Gramsci (2005b, p. 106 [C, n. 14]). Diz que a amizade deles era grande e relata:

[...] quando o conheci, no pós-guerra, tinha uma força hercúlea...e uma coragem temerária, embora sem bravatas. E, no entanto, tinha uma incrível sensibilidade sentimental, que chegava a tons melodramáticos,[...] os quais, eram sinceros [...] este homem gigantesco, que declama com paixão sincera alguns versos de mau gosto mas capazes de expressar paixões elementares, robustas e impetuosas, e que se interrompe e enrubesce quando é escutado por um 'intelectual', mesmo que amigo". (Gramsci, 2005b, p. 182 [C, n. 297]).

Gramsci (2005b, p. 185-186 [C, n. 299]) não satisfeito com que disse à Giulia, lhe escreve novamente e acrescenta alguns comentários para complementar a carta anterior, pois ele mesmo quando lê, acha que fica desconexa. Diz que o que gostaria mesmo de falar era sobre a avaliação que ela faz de si mesma só considerando a utilidade e a praticidade, sem levar em conta o seu lado artístico. Para ele, aí está a causa da sua doença, "um complexo de inferioridade" que destrói a sensibilidade que ela tem somado aos acontecimentos dos últimos anos. Revela que também se sente um pouco responsável por ter sido provocador e fazendo com que ela se irritasse. Arrepende-se pelo episódio de 1922, logo depois que se conheceram (Cf. carta 150, n. 2) e que não teve a "coragem de enxugar suas lágrimas".

Em maio Gramsci (2005b, p. 192-193 [C, n. 303] escreve à cunhada e relata que recebeu suas cartas incluindo a do seu pai, que ela lhe transcreveu, como vimos anteriormente. Nino agradece que a cunhada tenha lhe esclarecido alguns pontos, mas diz que não sabe "por onde começar". Só naquele momento, percebe a situação como algo "gelatinoso" e por isso difícil de ser "derrotado", que embora "não resista" "se reforma continuamente". Alega que, na maior parte do tempo, viveu sozinho, distante da família e isso fez com que ele não interferisse na vida de ninguém, mesmo sendo "hipercrítico". Quando estava em Roma avalia que não percebia muito a importância de algumas coisas. Expõe que "acontecia o mesmo que acontece a quem está no meio de uma floresta e, de fato, vê cada árvore, mas não vê o conjunto". Pondera que a partir daquele momento: "não vou atirar pedras a esmo".

Sraffa tomou conhecimento do conteúdo da carta de Apollon e opinou:

Tive muito interesse pela carta de seu pai, que contém exatamente aqueles detalhes concretos sobre a vida e a saúde de Giulia e Delio, tão necessários a Nino. É um grande erro acreditar que se deve evitar a um prisioneiro as dores e as inquietudes, escondendo as notícias desagradáveis: fazendo isso, colabora-se, involuntariamente, com os carcereiros: a tarefa destes é arrancar os prisioneiros da vida comum, privá-los tanto dos prazeres quanto das dores que os ligam ao mundo e, assim, reduzi-los à insensibilidade e, por fim, ao embrutecimento [...]. O

que me aflige na carta de seu pai é ver que até ele se interpõe para evitar inquietudes a Giulia e a Nino. Evidentemente, com esta censura dupla, carcerária e familiar, é impossível que eles possam estabelecer alguma comunicação (Gramsci, 2005b, p. 195, nota 1 [C, n. 303]).

Gramsci (2005b, p. 199 [C, n. 305]) recebeu a visita de Carlo em maio e ficou bem feliz. Justifica-se com Tatiana por ter dito, na outra carta, a frase “atirar pedras a esmo”. Diz que se soubesse de certas coisas, não teria usado algumas expressões nas cartas para Giulia. Lembra da observação feita por ela sobre as famílias dela e dele e pergunta se ela concorda “que elas brincam de cabra-cega e se comportam reciprocamente como quem atira pedras a esmo”. Gramsci diz ser um sardo sem “complicações psicológicas”, ou, pelo menos, “era porque talvez não seja mais”.

Na visita de Carlo, Gramsci (2005b, p. 201, p. 202 [C, n. 306, n. 307]) tem notícias sobre a saúde da mãe. O irmão lhe acalmou dizendo que ela melhorou. Já com Tatiana diz que Carlo se equivocou quando lhe informou que ele teve crise de ácido úrico. O que relata ter é uma insônia provocada “por causas externas” o que lhe causa “um grande cansaço e exaustão”. Tatiana perguntou a melhor data para visitá-lo, mas Gramsci pede que ela resolva o que for melhor para ela. Diz que precisa os *Sais de Hunt* que tem lhe ajudado muito. Menciona a carta de Apollon como “sugestiva”. Apollon se opunha a ida de Giulia para Itália e diz que: “Partir daqui seria perder a oportunidade de seguir o que se faz, o que se realiza aqui, ao nosso redor, e de que todo mundo participa, mais ou menos [...] Não se deve partir daqui, especialmente Giulia, que sente com tanta intensidade tudo o que nos rodeia” (Gramsci, 2005b, p. 203, nota 2 [C, n. 307]).

Na carta anterior dirigida à cunhada, Gramsci (2005b, p. 204 [C, n. 307]) se refere ao livro de Silvio D’Amico onde ele menciona um pedido de graça de Frederico Confalonieri dirigido ao Imperador da Áustria. A súplica não é reproduzida pelo autor, mas faz referência ao conteúdo como sendo: “o texto de um homem reduzido ao máximo grau de humilhação e de abjeção”. Em nota (Gramsci, 2005b, p. 204 [C, n. 307]) é dito que Paolo Spriano considerou:

Estas alusões de Gramsci a Confalonieri como reiteração da recusa de qualquer pedido de clemência por parte dos familiares: Por nós interpelado em 1967, o prof. Sraffa nos confirmou que aquele era exatamente o modo imaginado para advertir contra qualquer iniciativa lesiva à própria dignidade, que ele [Gramsci] jamais aceitaria, como, de resto, diz repetidamente, de viva voz, a Tatiana. Seria um suicídio moral e ele não pretendia se suicidar (Gramsci, 2005b, p. 204, nota 3 [C, n. 307]).

Nino continua se correspondendo prioritariamente com a cunhada, mantendo a dieta restrita, tomando algumas medicações e lendo e escrevendo com o incentivo de Tatiana e do amigo Piero Sraffa. Em 19 de junho solicita *Sirolina Roche* para doenças respiratórias e se queixa de dores nestas vias e retorno da secreção (Gramsci, 2005b, p. 213 [C, n. 313]).

Na semana seguinte comenta com Tatiana ter recebido a carta de Giulia e de Delio. Diz que não sabe o que lhe dizer e perde a vontade de escrever porque sabe que não consegue interferir no processo da sua doença. Sente que a esposa nutre juízos e sentimentos que fazem com que ela não consiga se expressar. Como consequência ela se inibe e não se comunica. Para se ajudar, seria necessário que ela conseguisse compreender e superar esses sentimentos. Gramsci acredita que outro fator também interfira na sua condição: acha que ela se preocupa pouco com a saúde física, “alimentação inadequada, repouso mal organizado, esforços excessivos [...]” (Gramsci, 2005b, p. 215 [C, n. 314]).

Após receber carta de Giulia, Gramsci (2005b, p. 216 [C, n. 315]) resolve lhe falar sobre o conto de um autor chamado Lucien Jean. Tenta lembrar o conto e narra sobre um homem que após viver uma “noite exuberante” em um cabaré, cai em um buraco e seu corpo se encaixa “entre pedras e moitas” com vegetação, lesmas e um sapo “aboletado em seu coração”, onde ele fica com medo de se mexer até que o dia clareou. As pessoas passavam, o viam e cada um emitia um julgamento segundo suas concepções, mas ninguém o tirava de lá. Manteve-se no buraco até que “viu exatamente onde tinha caído, desvencilhou-se, arqueou-se, apoiou-se em seus braços e pernas, endireitou-se e saiu do buraco só com suas forças”.

Gramsci lhe diz que não sabe se o que lhe passou foi apropriado, mas acredita que sim, já que ela mesma lhe “escreveu que não concorda com nenhum dos dois médicos” e que decidiu ser mais forte não deixando que decidam por ela. Ao final ele conclui que: “É preciso queimar todo passado e reconstruir uma vida inteiramente nova: [...] É preciso sair do buraco e tirar o sapo de cima do coração” (Gramsci, 2005b, p. 217-218 [C, n. 315]).

Em 12 de julho Nino escreve que não conseguiu ler nenhuma das cartas de Tatiana. Sabe que pelo menos, uma registrada chegou porque a abriram na sua frente para verificar se tinha dinheiro. Solicita novamente que ela tome cuidado ao escrever e não se esqueça da sua condição de prisioneiro (Gramsci, 2005b, p. 219 [C, n. 317]).

Em carta confirma que há um mês não anda muito bem e que em junho teve febre alta por alguns dias. A melhor opção para baixar a febre foi a dieta rígida, que em contrapartida lhe “debilita os nervos e sobrevém uma depressão geral, que elimina toda vontade e iniciativa”. Diz que resolveu só tomar leite, mas tem “ânsias de vômitos” (Gramsci, 2005b, p. 220 [C, n. 318]).

Gramsci (2005b, p. 221 [C, n. 319]) não estava muito bem neste período, mas fica contente com a carta de Giulia por achá-la mais segura. Ele lhe diz que não tem disposição para escrever e emite uma opinião bem negativa sobre a psicanálise. Giulia escreveu no dia 24 de junho que havia saído do tratamento psicanalítico e justificou que não “tinha mais força para ir lá. Quero viver algum tempo por minha conta... [...] e a mamãe tenta fazer com que eu coma de qualquer maneira... como um elefante. E eu, elefante, ou Giulia, já nem sei mais, te amo” (Gramsci, 2005b, p. 221, nota 1 [C, n. 319]).

Gramsci (2005b, p. 222 [C, n. 321]) vai piorando seu estado de saúde e em julho passa a escrever menos. Por orientação médica estava tomando apenas limonada. À cunhada diz que sentia “só uma sensação de vazio e um certo atordoamento”. No início de agosto diz que teve uma pequena melhora, mas não podia comer muito para não sentir dor.

Giulia parece estar se fortalecendo e Gramsci (2005b, p. 227, p. 229 [C, n. 325, n. 326]) em carta, datada em 9 de agosto, se alegra por isso embora ele continue com graves limitações físicas. Diz para a esposa que envelheceu muito e que não se vê no espelho há quatro anos e meio. Avalia que não tem como ajudá-la, mas pede que ela lhe informe sobre o que pretende fazer. Em seguida relata à cunhada a satisfação de saber que Giulia esteja escrevendo mais e reafirma o que disse para a esposa dizendo que: “realmente não sei mais se consigo ser o correspondente que ela [Giulia] deseja ou parece desejar”. Gramsci acha que melhorou um pouco, mas seu estado geral o desanima.

Gramsci (2005b, p. 233 [C, n. 330]), aceita a proposta de Tatiana em ser examinado por um médico de confiança. Declara que de fato está muito mal como nunca esteve e diz: “há mais de oito dias, não durmo mais do que três quartos de hora por noite e não fecho os olhos durante noites inteiras”. Analisa que a “insônia forçada” não determina os males, mas agrava bastante e pondera que antes de ser consultado gostaria de tentar, com o diretor do cárcere, que algumas condições possam ser evitadas. Caso contrário, acredita que, até o fim de setembro deverá concluir sobre o que fará “se não quiser me tornar louco[...]”. Autoriza que ela vá tomando as providências para a consulta.

Em setembro Gramsci (2005b, p. 239 [C, n. 334]) escreve para a mãe e lembra do orgulho que ele próprio sentia pela “capacidade construtiva” que tinha. Menciona um “latoeiro” dono de uma oficina que lhe “pediu que fizesse um modelo de grande veleiro para ser reproduzido em série”.

Neste mesmo mês, no dia 10 de setembro, Carlo escreve à Tatiana falando da preocupação da mãe e de seu estado, mas Gramsci não fica sabendo da carta:

Cara Tatiana: Te mando uma cópia da carta pedida. Nino não escreveu ainda e isso me preocupa muito, inclusive porque mamãe, que está muito mal, sofre terrivelmente com isso. Todos os dias quando o carteiro passa e não traz a carta esperada, ela fica tão abatida que não há jeito de consolá-la: ela desconfia que Nino está muito doente e que não tem nem mesmo condições de escrever. Hoje escrevo eu, e vou mandar 200 liras. Nannaro, depois de um mês e meio, deu notícias. Escreveu uma longa carta, dizendo que esteve muito mal. Lamenta-se particularmente do teu silêncio, tanto mais que você tinha prometido escrever para ele. Ele escreveu para Nino, ao mesmo tempo que nós. Não sei ainda quando partirei. Não ando muito bem. Estou com uma série de problemas tão enrascados que não consigo superá-los. Paciência (Gramsci, 1987, p. 98).

Nino se dirige à Tatiana e lhe fala o quanto lhe incomoda ela se exceder muito em relação a médicos e medicações. Pensa que exagera no cuidado com ele e pede que ela “seja menos zelosa [...], porque este é o melhor modo de me mostrar seu afeto, que me é muito caro” (Gramsci, 2005b, p. 239 [C, n. 335]).

Gramsci (2005b, p. 242 [C, n. 336]), em 19 de setembro responde à cunhada de forma dura e lhe diz o quanto ficou irritado ao saber que ela fez um requerimento, no nome dela e de Giulia, pedindo visita do médico sem a autorização dele para isso. Pensou em não lhe escrever mais, mas com o passar dos dias viu que a culpa era dele. Menciona quantas vezes que ela afirmou que não agiria sem o conhecimento dele. Gramsci fala da surpresa de, no dia 16 de setembro, tomar conhecimento de que o requerimento já havia sido feito e diz que chegou a conclusão que ela é “perigosa” e que ele deve controlar o que lhe fala. Expõe que percebe a ideia de que ele “não pode ter vontade própria e não goza dos direitos de cidadão”. Pede que ela lhe dê detalhes do requerimento e a possibilidade de interromper sua tramitação.

Na semana seguinte (3 de outubro), Gramsci (2005b, p. 246 [C, n. 339]) demonstra ainda estar muito aborrecido com a cunhada e lhe pede que mude sua forma de se relacionar com ele para que ele possa continuar se correspondendo com ela. Fala sobre seu apreço a ela e agradece pela ajuda “a superar as crises periódicas que o cárcere, agravando minha neurastenia

habitual, me fez atravessar”, mas também solicita que “não mais se envolva, de modo nenhum, em minha vida no cárcere [...]”.

Gramsci (2005b, p. 246 [C, n. 339]) continua e narra sobre sua infância para justificar que: “Há muito tempo me oriento sozinho e já me orientava sozinho desde menino”. Conta que começou a trabalhar com apenas onze anos e o seu salário por dez horas de trabalho (incluindo domingo de manhã) lhe rendia mensalmente o equivalente a um quilo de pão por dia. Carregava “livros de registro que pesavam mais do que eu, e em muitas noites chorava escondido porque o corpo todo me doía. Só conheci quase sempre o aspecto mais brutal da vida e consegui dar um jeito, bem ou mal”. Fala sobre sua mãe e o que faz para que ela lembre “aquela pequena parte que, em perspectiva, agora parece cheia de alegria e de despreocupação” para tornar possível “mais doce sua velhice”.

Diz que se convenceu que:

Quando Giulia me escrevia duas ou três cartas por ano, sempre iguais, estereotipadas, e nas quais se sentia o embaraço e o esforço, isto só parcialmente se devia a sua doença; devia-se, certamente, a uma proposta que você lhe fez em relação a mim, que era desonrosa para mim e ela tinha todas as razões para considerar como devida a iniciativa minha (Gramsci, 2005, p. 245 [C, n. 339]).

É possível que a “desonra” que Gramsci cita estivesse relacionada a “algum plano” que Giulia estivesse incluída para um pedido de clemência. Mas, em 12 de outubro, “Tatiana responderia: [...] nunca fiz nenhuma proposta a Giulia: logo, ela não pode absolutamente ter tido ideias especiais ou conhecimento a respeito de iniciativa sua e, portanto, as suas suposições também são absurdas” (Gramsci, 2005, p. 247, nota 1 [C, n. 339]).

O requerimento foi elaborado por Sraffa e entregue para Tatiana no dia 10 de setembro. Foi encaminhado a Mussolini no dia 15 de setembro, apesar das dúvidas de Tatiana por causa da reação do cunhado (Gramsci, 2005, p. 247, nota 1 [C, n. 340]). Gramsci (2005, p. 247 [C, n. 340]) recebeu a cópia enviada pela cunhada e preferiu não fazer nenhum comentário, apenas disse que, caso fosse deferido o pedido, ele explicaria “exatamente como estão as coisas” ao prof. Arcangeli.

No mês de outubro Gramsci escreve a Delio e tenta estabelecer um fluxo contínuo com filho falando sobre coisas que possam lhe interessar. Responde a cunhada e lhe pede desculpas pelo que lhe escreveu e conta que passou uma fase de “agitação neurastênica, de obsessão contínua e espasmódica, o que não

me deixou um momento de paz”. Acredita que essa fase ainda não passou e que não passará logo.

Gramsci (2005, p. 250 [C, n. 343]) se incomoda profundamente por não saber, ao certo, como esta sua mãe, mas imagina que não está bem pelo conteúdo da carta que recebeu de Grazietta. Responde à irmã e diz o quanto se ressentido de imaginar que a mãe possa estar morrendo e que ele não possa mais vê-la. Faz um relato emocionante e emocionado sobre a mãe e a dor que sente:

Lembro-a em seus momentos de maior energia e força, revejo nitidamente várias cenas de nossa vida familiar de antigamente e não consigo me convencer de que ela possa estar acabada, como você escreve, e sinto, ela mesma, que está prestes a nos deixar. Nem sei se você pode fazê-la sentir o quanto quis bem a ela, sempre, e como uma das maiores amarguras de minha vida, e que tanto efeito teve na formação do meu caráter, foi exatamente ver como sua existência jamais teve sossego, como sua vida foi privada de satisfações e de paz duradoura (Gramsci, 2005, p. 251 [C, n. 343]).

Após esta carta de Gramsci (2005, p. 247 [C, n. 344]), Grazietta responde lhe tranquilizando que sua mãe havia se recuperado e que ainda poderia viver muito. Gramsci agradece à cunhada por ter se correspondido com a irmã agradecendo por ele as notícias da mãe, pois na carta anterior lhe dizia que a mãe estava morrendo. De fato, Giuseppina estava muito doente.

Giuseppina Marcias morreu no dia 30 de dezembro de 1932, mas a notícia só foi dada à Gramsci no dia 13 de outubro de 1936 por Tatiana. No dia 13 de outubro a cunhada escreveu à família de Gramsci sobre a possibilidade de ir preparando-o dizendo: “[...] sou de opinião que não se deve fazer isso, [...]; poderia ter consequências desastrosas, dadas as atuais condições de saúde dele. Por isso, não escrevi nem vou escrever nada sobre o gravíssimo estado de sua mãe, creio que seria uma loucura escrever” (Gramsci, 2005b, p. 251, nota 1 [C, n. 343]).

Gramsci (2005, p. 252 [C, n. 345]) em outubro escreve à companheira e diz da alegria de receber “uma cartinha” de Giuliano. Fala sobre o pedido de fotografia e diz estar muito mudado, perdeu os dentes e tem muitos cabelos brancos, repete que não se olha no espelho há quatro anos e meio. Declara a sua “mágoa bem profunda por ter sido privado de participação no desenvolvimento da personalidade e da vida dos dois meninos” e lamenta que justamente ele que facilmente ganhava “a amizade das crianças”. No mesmo papel, escreve uma carta a Giuliano (Gramsci, 2005b, p. 253, nota 1 [C, n. 346]).

Gramsci (2005b, p. 254 [C, n. 347]) tem uma piora no seu estado e em carta à cunhada, no dia 31 de outubro, diz que se sente enfraquecido, com as

mãos trêmulas e que precisou tomar *Sedormit Roche* para dormir porque não dormia há várias noites. Com orientação médica iniciou um tratamento com a injeção *Valero-Fosfer Wassermann* que onerou suas despesas. Avisa que precisará da sua ajuda e agradece as ofertas que ela costuma fazer. Comenta sobre os “boatos” de indultos e anistias integrais, mas na verdade não acredita muito. Pede que ela não crie expectativa e diz que nunca participou “deste frenesi”.

Gramsci (2005b, p. 255 [C, n. 348]), escreve diretamente à Grazietta para novamente agradecê-la pelas notícias da mãe e lembra as dificuldades que ela teve que enfrentar com sete filhos. Questiona se algum dos filhos seria capaz de fazer o que ela fez há trinta e cinco anos. Pede que ela também se cuide e lembra que a geração deles “atravessou tempos muito duros”.

Nino refere-se às dificuldades vivenciadas após a prisão do pai em 1898, quando tinha sete anos. Francesco Gramsci foi processado em outubro de 1900 e ficou preso até 1904. Togliatti, em 1963, faz uma observação a Elsa Fubini e diz “[...] problema não resolvido para mim, este do pai: por que Antonio era tão negativo nas relações com ele? Considere que, se não me engano, o pai morreu depois de Antonio, mas nas cartas este quase não fala dele” (Gramsci, 2005b, p. 256, nota 2 [C, n. 348]).

Antonio continua se correspondendo com Tatiana e com Giulia e percebe a melhora da companheira. Tenta receber informações sobre o cotidiano e a personalidade dos filhos como meio de aproximação. À cunhada diz que a possibilidade de indulto/anistia lhe deixou “confuso com as vagas notícias que ainda giram como um turbilhão”. Faz as contas e sabe que lhe faltam treze anos na prisão, o que representa para ele “prisão perpétua” por causa de sua saúde. Entende que recebeu “uma condenação à morte na prisão” (Gramsci, 2005b, p. 256-257 [C, n. 349]).

No dia 9 de novembro, Gramsci (2005b, p. 259 [C, n. 351]), escreve à Tatiana dizendo que refez a carta porque o Carlo lhe mandou um telegrama que o induziu a conclusões equivocadas que dizia: “Soube concessão anistia estou com você por favor telegrafe necessidade minha presença ou outra coisa”. Com acesso ao decreto, Nino pode perceber o engano e acha que pela complexidade só o “Tribunal Especial pode decidir”. Pede que ela se comunique com Carlo e diz que está incomodado pelo comportamento do irmão com ele. Ao contrário do que prometeu, se afastou.

Nino estava muito mobilizado com os últimos acontecimentos e na mesma carta justifica-se pelo seu estado: “Estou muito abatido. Nestas últimas semanas,

houve um tal acúmulo de fatos que a saúde ficou arruinada; a carta de Grazietta, o atrito com você, que me abalou muito (talvez mais do que possa imaginar), e todas estas trapalhadas de Carlo”.

Gramsci não sabia os motivos que fizeram Carlo se afastar, mas, de acordo com a nota 1 da mesma carta, Carlo tinha passado férias em Ghilarza, no mês de setembro e, “voltando a Milão, visitou sucessivamente o irmão, em Turi, e Tatiana, em Roma. Estava em Roma quando chegou a dura carta, de 19 de setembro, endereçada a Tatiana a recriminando e, por isso, se absteve de apoiar o pedido de exame especial apresentado por ela” (Gramsci, 2005b, p. 260, nota 1 [C, n. 351]).

Sobre o decreto de indulto e anistia Vacca (2012, p. 328) nos revela que enquanto Gramsci se desanimava com as perspectivas, Sraffa, “sugeriu a Tania esperar sua publicação e ater-se estritamente às indicações que transmitiria depois de ‘se aconselhar’. Paralelo a isso, Tatiana envia carta de Nino e sugere “a hipótese de que, entre as iniciativas em que Gramsci começara a pensar, estava a de um recurso para a redução de pena, baseado em suas condições de saúde”.

Em seguida Gramsci (2005b, p. 261 [C, n. 352]), escreve à Tatiana e lhe previne que irá lhe propor algo, mas pede que ela não o considere louco. Expressa a sua dificuldade de dizer o que quer e faz referência a informação de que: “mulheres que tinham o marido no cárcere, condenado a penas altas, se consideraram livres de todo e qualquer vínculo moral e tentaram construir para si uma vida nova”. Avalia que nestes casos, a iniciativa foi unilateral, mas considera que, depois de pensar sobre o assunto se questionou se seria mais justificado se fosse feito um acordo bilateral. Gramsci explica que levantou a questão por querer que ela comunique a Giulia e sinaliza que chegou a pensar na possibilidade de uma decisão unilateral cortando toda relação com Giulia, mas não teria coragem.

Vacca (2012, p. 328) observa que Gramsci já dava sinais do propósito de se distanciar, nas cartas do dia 9 e 15 de agosto à companheira, mas à Tatiana, mais diretamente falando, esta seria a primeira: “a carta parte de episódios recentes que parecem levar Gramsci a revelar a Tania um propósito longamente meditado”.

No entanto, Vacca (2012, p. 329) procura deter-se em outros “pontos de difícil interpretação” como: “a afirmação de que ‘há muito tempo, talvez desde o primeiro dia em que fui detido’ pensava em divorciar-se de Giulia. [...], a declaração de não poder e não querer revelar a Tania todos os motivos de sua

decisão, nem por escrito nem de viva voz” e por último a possibilidade de uma “nova fase de vida”, não só para a companheira, como também “toda uma série de questões correlatas seria resolvida” e ele [Gramsci] “voltaria à minha concha ‘sarda’”.

Vacca (2012, p. 330) continua e aborda que: “Pode-se conjecturar que, preparando-se para esboçar um novo projeto de libertação, [...], pretendesse promover uma investigação sobre a carta de Grieco e quisesse criar as condições para dela excluir Giulia”.

Gramsci (2005b, p. 264, p. 265 [C, n. 353, n. 354]) escreve a Tatiana e a Grazietta fazendo recomendações sobre o decreto e que tenham cautela, já que ainda não pode saber o que irá alterar ou não a sua situação. Pede a Tatiana que procure saber no Tribunal Especial se ele seria beneficiado e como. Reforça para que ela: “não acrescente nada por sua conta nem faça castelos nas nuvens ou propostas de nenhuma espécie” e diz que aguarda sua resposta sobre a proposta da carta anterior. Para a irmã diz que: “Não posso avaliar a necessidade que vocês tiveram de fazer mamãe acreditar que eu seria libertado”. Acrescenta que não concorda com essa forma de enganar porque no final a tentativa de proteger o doente pode acabar causando “danos piores”.

Ao tomar conhecimento da proposta de Gramsci (2005b, p. 267 [C, n. 355]) nota 1, de separação, Sraffa escreve à Tatiana dizendo:

O estado de espírito de Nino é muito preocupante: sua última carta impressiona pelo absurdo. Deveria responder a ele que se recusa absolutamente a enviá-la a Giulia, que ficaria ofendida: porque a carta quase implica que Giulia esteja ligada a Nino por um ‘contrato’, de modo que se pode ver livre deste contrato mediante o consentimento da ‘outra parte’! É evidente que, na realidade, a ligação é de outra natureza e é inteiramente independente da existência ou não existência do ‘consentimento’ de Nino. Por outro lado, deveria enviar a carta a Giulia (sem dizê-lo a Nino) como documento de um enfermo, que ela deve considerar seriamente: e talvez a leve a perceber o quanto é urgente e necessária uma visita dela a Nino o mais rápido possível (Gramsci, 2005b, p. 267, nota 1 [C, n. 355]).

No dia 28 de novembro, Gramsci (2005b, p. 268 [C, n. 356]) responde à Giulia de uma forma bem rude, mas ao final diz: “mas quanta tolice estou lhe escrevendo!”.

Em seguida, no dia 5 de dezembro escreve uma longa carta à cunhada lamentando ela estar doente e mencionando a carta enviada a ela sobre a proposta. Gramsci (2005b, p. 270 [C, n. 357]) faz uma longa narrativa que, sintetizando, pedia que ela não quisesse discutir os pontos com “argumentos contrários” e nem se preocupasse com “expressões afetuosas”. Resume o seu pedido e diz: “peço-lhe, por isso, que não inicie uma discussão. Você deve me

responder só uma coisa: está disposta a se tornar intérprete, perante Giulia, daquilo que lhe escrevi, ou considera isto impossível? Um sim ou um não, eis o que quero saber”

Gramsci (2005b, p. 275 [C, n. 358]) não recebe carta de Tatiana há dez dias e se preocupa com a possibilidade dela estar doente. Diz á cunhada que não escreveu á Giulia sobre o decreto, como ela, por não ter informações precisas e considera a questão bem “complexa”. Fala sobre a ida dela no Tribunal Especial, e pensa como seria importante primeiro saber se ele tem “direito ou não ao benefício”. Faz uma autocrítica sobre o tom em que escreve para ela e para Giulia como um “pedagogo pedante” e conclui que não pode “escrever de modo diferente”. Avalia que suas cartas são “o resultado de uma série complexa de esforços da vontade e de atos de autocontrole, que não podem deixar de se combinarem numa forma que a mim mesmo parece ridícula”.

Em 11 de dezembro Tatiana responde a carta, do dia 5 de dezembro, de Nino e diz que ele fez uma leitura equivocada do que ela escreveu e explica que ao dizer que:

Estando doente e cansada, tenho medo de não saber usar [...], termos bastante afetuosa não quis “dar-lhe carinho, consolá-lo” [...]. Ao contrário, devendo pura e simplesmente censurá-lo por cada uma das palavras da sua famigerada carta em questão, tinha medo de ser veemente demais, de atingi-lo muito profundamente. [...], quero responder à pergunta explícita da sua última carta [...]. Naturalmente, você já compreendeu que só pode ser um “não”, do modo mais decidido (Gramsci, 2005b, p. 484 [apêndice 2]).

No dia 13 de dezembro, Nino (Gramsci, 2005b, p. 270 [C, n. 357]) escreve para Grazietta e envia recados para a mãe dizendo que estava forte e sereno e que ela também deve ser forte como sempre foi. Prevê que ainda possam todos se encontrar.

Depois da carta à irmã, Gramsci (2005b, p. 276, p. 282 [C, n. 360, n. 362]) escreve mais duas cartas a Tatiana e uma para Giulia. Para Tatiana pede que ela lhe oriente sobre qual a medicação para sua insônia, menos nociva que voltou a se manifestar, ele deve tomar. Avalia que já não pode ficar sem tomar algum medicamento para dormir. Na outra carta pergunta sobre a resposta da petição feita sobre visita do prof. Arcangeli e diz que não quer que ele vá examiná-lo sem que antes ele possa conversar com ela. Agradece novamente pelo que ela sempre faz por ele, mas insiste que ela “não tente, de modo algum, forçar minha vontade com fatos consumados”.

Tatiana vai morar em Turi e fica até o verão, realizando algumas idas rápidas a Roma (Gramsci, 2005b).

3.8. As cartas de 1933

Gramsci (2005b, p. 285 [C, n. 363]) escreve à Tatiana em 2 de janeiro e fala do alívio de saber que ela não marcou a visita do prof. Arcangeli, como ele pediu. Menciona o decreto de anistia e indulto e deduz que em três ocasiões ela deu informações diferentes. Ao final de tudo conclui-se que a redução de sua “condenação foi reduzida a doze anos e quatro meses, isto é, devo ainda cumprir seis anos, quatro meses e dezessete dias”.

No dia 9 de janeiro, Tatiana escreve a Nino e comunica a sua ida a Turi dizendo: “Portanto, decidi visitá-lo nesta semana [...]. Pode bem imaginar o quanto estou ansiosa por revê-lo depois de tanto tempo. Viajo na quinta-feira e vou visitá-lo na sexta”. Tatiana afirma que só irá falar com o prof. Arcangeli quando ele disser que pode (Gramsci, 2005b, p. 286, nota 1 [C, n. 363]).

Nino escreve para Teresina agradecendo tudo o que lhe enviaram no natal, cita o problema intestinal e pede que ela não peça nada a Carlo que se refira a ele. Queixa-se do comportamento do irmão e comenta as promessas que ele fez, de manter as correspondências, e não cumpriu sem dar nenhuma explicação. Depois envia um telegrama dizendo, praticamente, que ele seria anistiado (Gramsci, 2005b, p. 287 [C, n. 364]).

Gramsci (2005b, p. 287 [C, n. 364]) escreve para Tatiana e conta que melhorou, mas perdeu peso e dorme em média três horas e meia, mas tomando o *Sedormit Roche* para dormir. Se sente sempre cansado e “muitas vezes, pareço estar como que suspenso no ar, sem equilíbrio físico, no estado em que ficamos quando temos vertigens e tonturas ou estamos bêbados”

Tatiana foi para Turi no dia 12 de janeiro e visitou o cunhado no dia 14 de janeiro, depois de dois anos e meio. Gramsci (2005b, p. 287 [C, n. 364]) conta para Giulia sobre o encontro com a sua irmã e a alegria que ficou. Também menciona o decreto e a redução de sua pena, embora ainda não tenha recebido nada oficial. Anexado à carta manda um bilhetinho aos filhos.

Na carta do dia 30 de janeiro Nino (Gramsci, 2005b, p. 298 [C, n. 371]) diz a Giulia que ficou feliz ao saber que Giuliano quis lhe enviar seu primeiro dentinho que caiu. Pede que ela seja sincera e não esconda nada, inclusive

sobre a sua saúde. Diz que se abateria caso soubesse que ela não luta por sua própria melhora e se refere aos momentos difíceis em que se sentiu fraco, mas sem ceder. Recorda os seis anos que já se passaram e os sofrimentos pelos quais passou. Fala da força que ela tem e da capacidade de superação. Solicita que ela escreva com frequência e os filhos também. Menciona a carta de Genia para Tania sobre Delio, a avaliação da professora e sua insatisfação. Avalia que Delio vive “numa atmosfera ideológica um tanto mórbida e bizantina, que não o ajuda a ser enérgico...”.

Gramsci (2005b, p. 300 [C, n. 372]) recebe a sentença declaratória do Tribunal Especial e comunica à Tatiana que a partir daí se convenceu da anistia de quatro condenações e a multa. Aborda que já ficou possível fazer o recurso. Justifica-se pelo embrutecimento porque não dorme e não descansa. Sente-se às vezes enlouquecendo.

Depois de uma semana Gramsci (2005b, p. 306-7 [C, n. 373]) se dirige a Tatiana e fala sobre o último ano e meio e diz que entrou em uma “fase catastrófica”. Vê o quanto não consegue mais reagir fisicamente ao mal que lhe atinge e que as suas forças se esvaem. Diz que: “os reflexos psíquicos existem e em alguns momentos parece que estou enlouquecendo, mas as causas são essencialmente físicas, porque minhas forças estão esgotadas”. Pede que ele lhe compreenda e perceba a “gravidade de minhas condições”. Muitas vezes se sente criança e “tenho vontade de chorar, a tal ponto me sinto esgotado e tenho medo de entrar em delírio. Não acreditava que o lado físico pudesse sobrepujar assim as forças morais ou talvez confiasse demais em minhas forças”. Avalia que desistiria de lutar, caso não se sentisse responsável por Lulca e os filhos. Diz que não pode mais esconder sua condição e que sua vida se tornou “pesada e odiosa”.

Gramsci (2005b, p. 309 [C, n. 374]) continua dormindo muito pouco e atribui todos os outros problemas secundários à falta de descanso. Escreve à Tatiana sobre soníferos e conta que o Dr. Resta, que lhe consultou, também pensa que “tanto os problemas cardíacos quanto os problemas intestinais são de origem nervosa, ligadas à falta de sono”. Também diz que o médico excluiu a possibilidade de doença orgânica no coração ou pulmões, embora, às vezes ele sinta dores.

Nino, em carta, expõe a irmã Teresina detalhes sobre sua saúde. Conta a grave crise que teve no dia 3 de agosto de 1931 e cita a dificuldade de se equilibrar novamente. Descreve que a percepção do tempo mudou e diz: “tudo me oprime e pesa como se alguém limasse meus nervos [...] Sou como um

mecanismo gasto: causas fúteis produzem efeitos desproporcionais e, talvez, causas que pareçam graves não produzem nenhum efeito”. Teresina, depois que tomou conhecimento do mal-estar entre Gramsci e Carlo, escreveu para o cárcere e tentou remediar a situação. Gramsci explica que não há “rancor”, nem “conflito” e não tem o que “perdoar” e agradece à irmã pela gentileza (Gramsci, 2005b, p. 309-310 [C, n. 375]).

Gramsci, cansado física e emocionalmente parece estar esgotado de dar explicações sobre seu estado psíquico gerado pelo isolamento, a doença, a falta de notícias e todos os sentimentos provenientes da condição de prisioneiro. Faz um desabafo à cunhada e fala sobre sua situação “moral”. Diz que: “Acredito poder assegurar que, pelo menos até agora, o elemento psíquico não determina o físico nem vice-versa; mas é verdade que, em determinadas condições físicas, determinados sentimentos se tornam imperiosos e, às vezes, obsessivos [...]” (Gramsci, 2005b, p. 311 [C, n. 376]). Discorre sobre determinados pensamentos que tomam uma direção em função de uma “situação física” e avalia que:

Em meu caso particular, é certo que, em todos esses anos, sempre pensei em certos fatos (no caso específico, na série de fatos que podem ser simbolicamente resumidos na famosa carta mencionada pelo juiz instrutor em Milão, sobre a qual, também recentemente, me detive), mas também é certo que nestes últimos meses, por assim dizer, estes pensamentos foram se intensificando, talvez porque diminuía em mim a confiança de poder esclarecê-los pessoalmente, de poder me ocupar deles “filologicamente”, remontar às fontes e obter uma explicação plausível (Gramsci, 2005b, p. 311 [C, n. 376]).

Gramsci (2005b, p. 312 [C, n. 376]) relaciona o seu mal-estar, também, à sua relação com Giulia e considera que existe “um fundo falso, uma ambiguidade que impede ver claro”. Nino tem a sensação de que foi excluído e passou a ser “uma questão burocrática”. Sente que “algo lhe escapa”. Sabe que sua condenação pelo Tribunal Especial foi efetuada por um conjunto de pessoas concretas, mas entende que de fato quem lhe condenou “foi um organismo muito amplo, do qual o Tribunal Especial foi apenas a expressão exterior e material, que lavrou o ato legal da condenação”, e percebe que entre os que o condenaram estava a sua companheira, que o fez “inconscientemente” e outros “menos inconscientes”.

Tatiana visitou o cunhado no dia 26 de fevereiro e antes da viagem escreveu para o amigo Sraffa dizendo: “Escreva-me, por favor, sobre a impressão que lhe causam as cartas de Nino. [...] o estado dele me dá medo de verdade” e Sraffa concorda com a necessidade de urgência do exame médico extraordinário e acha que o adiamento se dá “[...] por um lado, uma espécie de

punição que [Gramsci] quer nos dar e, por outro, o único modo de afirmar sua vontade. O que não impede que o resultado seja desastroso” (Gramsci, 2005b, p. 311, nota 1 [C, n. 376]).

Nino faz uma reflexão sobre o seu processo emocional e faz um paralelo com um naufrágio onde as pessoas envolvidas não se consideravam antropófagas antes do ocorrido, até que naufragam e, diante da falta de alimentos, a possibilidade de canibalismo passa a ser uma opção. Gramsci admite que simbolicamente elas não são as mesmas pessoas de antes e em face da “necessidade” ocorreu “um processo de transformação molecular”. Neste caso, diz que “a personalidade se desdobra: uma parte observa o processo, outra parte sofre” (Gramsci, 2005b, p. 315 [C, n. 377]).

No dia 7 de março, Gramsci (2005b, p. 318 [C, n. 378]) sofre uma grave crise de saúde e passa a ser acompanhado por duas pessoas amigas dia e noite, durante duas semanas. Um deles é Gustavo Trombetti. Em 14 de março Gramsci escreve para Tatiana e conta o ocorrido, o consequente aumento da fraqueza geral e uma confusão mental considerável. No cárcere, o médico que o consulta, faz um diagnóstico de uma “anemia cerebral e debilidade cerebral”. Gramsci sugere uma transferência para uma enfermaria em outra prisão dado o seu estado geral.

Anos depois, na década dos anos de 1950, foi constatado, quando Domenico Zucàro fez uma entrevista com o Dr. Cisternino, que este fez muito pouco para ajudar neste projeto de transferência. Conforme solicitado por ele em carta, Tatiana vai visitá-lo logo e no dia 18 do mesmo mês escreve para Sraffa que havia visitado o cunhado e que este foi preciso ser amparado para chegar ao espaço da visita. A pedido de Gramsci Tatiana solicitou uma consulta urgente ao Dr. Arcangeli, que, após exame, constatou:

Antonio Gramsci, detido na Penitenciária de Turi, sofre grave cifoscoliose por causa do mal de Pott, tido na infância; tem lesões tuberculares no lobo superior do pulmão direito, que provocaram duas hemoptises, das quais uma em quantidade considerável, com febre por alguns dias; sofre de arteriosclerose, com hipertensão das artérias; teve desmaios com perda prolongada de consciência e, em consequência parafasia, que durou alguns dias. Também mostra senilidade precoce, perdeu muitos dentes, etc., em razão do que não pode mastigar bem e sofre de má digestão. Desde outubro de 1932, perdeu sete quilos; sofre de insônia, acompanhada de agitação, e, por causa destes sofrimentos, não está mais em condições de estudar e escrever como no passado. [...] Gramsci não poderá sobreviver por muito tempo nas condições atuais; portanto, considero necessária a sua transferência para um hospital civil ou uma clínica, se não for possível conceder a liberdade condicional (Gramsci, 2005b, p. 319, nota 2 [C, n. 378]).

Arcangeli enviou este atestado para Tania e Sraffa. Após o recebimento, Sraffa envia para a direção do PCI em Paris. Em 8 de maio de 1933, o atestado é publicado em *L'Humanité* quando acontecia uma mobilização espontânea para que Gramsci fosse libertado.

Gramsci (2005b, p. 324 [C, n. 384]) diz à Tatiana que a saúde dele oscila entre “altos e baixos”. Faz uma comparação com a crise de 7 de março, relata que as alucinações passaram e a retração dos membros melhoraram, embora ainda se movimentem involuntariamente. Lembra que em 1922-1923 ficou por uns oito meses nas mesmas condições e além de poder se tratar melhor não tinha problema cardíaco e nem contrações nos membros, por esta razão, acha que dessa vez deverá demorar mais a se recuperar. Neste período escreve também para Delio e Giulia (Gramsci, 2005b, p. 324 [C, n. 384]).

Tatiana, em 19 de abril, comunica à Gramsci (2005b, p. 30, nota 1 [C, n. 388]) que havia apresentado um requerimento baseado no atestado feito pelo professor Arcangeli solicitando a transferência dele para uma Casa de Saúde. Por esta razão, Gramsci foi examinado pelo médico inspetor Dr. Filippo Saporito, e percebe que este parece desconsiderar os seus problemas mais graves. Escreve para Tania dizendo que: “Pareceu-me que o inspetor se preocupava em estabelecer que tais condições devem ser explicadas com elementos de minha vida biológica anterior à prisão e aos sofrimentos da vida carcerária jamais aliviados por nenhum tratamento”.

Nino discorre sobre a conversa com o inspetor e lembra a perda dos dentes, a possível lesão no ápice direito do pulmão, a arteriosclerose aos 42 anos, a informação de que teria sofrido na infância de mal de Pott. Conta para a cunhada a versão de que sua doença teve origem em um tombo que teria sido escondido pela empregada dos seus pais. Em 1911, teve a oportunidade de encontrar o médico que o tratou quando criança que lhe disse que “sua desgraça” teria se dado pela negligência do seu pai (Gramsci, 2005b, p. 328 [C, n. 388]).

O médico inspetor, após realizar o exame no cárcere, elaborou um relatório onde dizia que o laudo de Arcangeli seria “exagerado” quanto a condição de saúde de Gramsci (2005b, p. 328, nota 1 [C, n. 388]).

Tatiana volta para Turi em 25 de abril e fica na cidade até junho do mesmo ano (Gramsci, 2005b, p. 331, nota 1 [C, n. 389]).

Antonio fica feliz que a cunhada esteja em Turi, mas ao mesmo tempo se preocupa com o bem estar dela e com os aborrecimentos que ela possa ter por causa dele. Questiona porque ela não reivindicou visitas extras justificadas pela

doença dele e menciona que sua memória está funcionando “aos trancos” (Gramsci, 2005b, p. 333 [C, n. 391]).

No dia 16 de maio, Antonio diz à Tania não se sentir em condições de responder à esposa e considera que seu [dela] “estado de espírito” expressa um “otimismo” absurdo que ele “está longe de compartilhar”. Gramsci faz uma rígida avaliação sobre as atitudes de Tatiana e exemplifica com o ocorrido em setembro do ano anterior (sobre requerimento Prof. Arcangeli). Expressa sua indignação e diz:

O que me exaspera é ver como minha vida se tornou um brinquedo ao sabor de decisões impulsivas e insensatas e com a qual facilidade você assumiu a responsabilidade de produzir em mim a convicção de que, se os fatos não se desenvolveram de acordo com uma certa linha, isto deve ter acontecido porque minhas indicações não foram seguidas” (Gramsci, 2005b, p. 335 [C, n. 392]).

Datada em 21 de maio, a cunhada lhe envia uma resposta:

Só devo escrever uma coisa. Nenhuma das suas indicações jamais foi desprezada, como você diz. Nunca deixei de lado uma só palavra do que me recomendou. Além disso, por favor, acredite que jamais fiz coisas impensadas da minha própria cabeça sem levar em conta os seus conselhos (Gramsci, 2005b, p. 335, nota 1 [C, n. 392]).

Nas cartas enviadas por Gramsci, via de regra, sempre há uma especial preocupação com a saúde dos familiares e quando menciona as crianças, sejam os filhos ou sobrinhos, a atenção se volta, além da saúde, para o desenvolvimento como um todo, o tipo de educação escolar e familiar e, principalmente, o tipo de estímulo recebido para a formação do caráter.

Em correspondência com Tatiana e sugerindo livros para Delio diz: “Nestas histórias circula uma energia moral e de vontade diametralmente oposta àquela do *Pai Tomás*, e me parece de ser caso de fazer com que Delio e qualquer outro menino apreciem isto, para lhes fortalecer o caráter e estimular a força vital” (Gramsci, 2005b, p. 337 [C, n. 393]).

Gramsci (2005b, p. 338, p. 339, p. 340 [C, n. 393, n. 394]) se sente pior, outra vez, e volta a ter febre e tontura. Pelo que escreve, percebe-se que seu estado físico e emocional só se deteriora e sua consciência, desta condição, o deixa cada vez mais com sentimento de impotência. Menciona o problema de ouvido que Tatiana teve e a suspensão da visita por este motivo. Gramsci se responsabiliza pela condição da cunhada e se justifica. Se sente “num estado de obsessão psíquica” e a tentativa de sair disso o “abate cada vez mais”. Explica que o pedido de excluir Giulia das tentativas de ajudá-lo foi originado pela

intenção de protegê-la. Acha que está próximo de um “colapso” e que não conseguirá evitar “a invalidez permanente”.

Neste período, Mariano D’Amelio (tio de Piero Sraffa) estava empenhado em:

Sondar a disposição do Tribunal Especial para acolher o recurso relativo à aplicação mais favorável do decreto de anistia, o que possibilitaria levar adiante o pedido de livramento condicional. Mas, por uma carta de Ângelo Sraffa ao filho Piero, em 29 de maio, sabe-se que D’ Amelio detectou um obstáculo imprevisto. Esperava-se, por parte do presidente do Tribunal, uma “resposta quase certamente favorável. Mas eis que... rataplã...na última hora chega a notícia de que L’Humanité publicou o diagnóstico de Arcangeli, para furor do chefe da Polícia e de todos os demais”; portanto “esse pobre Gramsci não encontrará a boa disposição que se esperava até sexta-feira”. (Gramsci, 2005b, p. 343, nota 1 [C, n. 396]).

Em 18 de junho, Gramsci (2005b, p. 344-345 [C, n. 398]) relata uma dor de cabeça contínua e intensa. Lembra que já se passaram dois meses do dia em que foi examinado, pelo inspetor, e nada foi decidido. Pede que ela volte para Roma, descanse e agradece ao “advogado”. Conclui que teria sido melhor que ela tivesse concordado com ele sobre o que propôs em novembro de 1932 (separação de Giulia), pois assim, embora a companheira sofresse um “golpe”, agora já estaria em processo de cura.

Gramsci (2005b, p. 346 [C, n. 399]) parece estar no seu limite máximo de desgaste físico e psíquico e se culpa por ter permitido prolongar a situação até aquele momento que as coisas chegassem aonde chegaram. Pede que ela releia as cartas desde janeiro e ela poderá confirmar que esta é a “fase terminal de um longo processo”. Diz que se sente “separado de tudo e de todos” e teve certeza disso durante a visita na véspera, que “não via a hora de terminar”. Percebe-se “vazio” e diz que em janeiro teve o “ultimo espasmo de vida”. Anuncia que este processo teve início em setembro quando ele tentou transmiti-la as suas “condições” físicas e psíquicas. “De resto, já me habituei a pagar pessoalmente, mesmo quando, por minha incapacidade, não consegui fazer com que me entendesse ou levassem a sério e minhas indicações fossem seguidas”. Termina dizendo que: “Precisamente por isso estou no cárcere há sete anos e sacrifiquei minha vida”.

Gramsci (2005b, p. 348 [C, n. 401]) no dia 6 de julho pede permissão para uma “carta extraordinária” e orienta que ela solicite uma visita de despedida e depois vá para Roma, o quanto antes, para fazer uma “petição urgente” para solicitar sua transferência. Demonstra total intolerância a não observância do que ele solicita e acusa a cunhada de ter deixado passar quatro meses sem

fazer a petição com o pedido de alguma solução, tratamento ou transferência. Seu interesse era receber uma orientação correta para seu tratamento para sair do “inferno” que se encontrava.

Descreve a dor na cabeça e a progressiva limitação dos movimentos das mãos. Naquele momento, Gramsci (2005b, p. 349 [C, n. 401]) não está mais interessado em saber se terá ou não sua pena atenuada e sim sair da situação de morte lenta que se encontrava. Ironiza a tragédia vivida e diz que ela “dá a impressão de alguém que assiste a um afogamento e, em vez de tirar a vítima da água, se preocupa primeiro em lhe arranjar uma roupa nova e, quem sabe, uma outra profissão na qual não corra o risco de cair n’água”.

Na carta do dia 10 de julho, Gramsci (2005b, p. 324 [C, n. 402]) faz algumas observações que evidenciam a urgência do seu estado de saúde e requisita que uma solução seja providenciada o mais rápido possível. Sua saúde piorou a cada dia e, pelo conteúdo da carta, Gramsci parece perceber que a sua vida está nas mãos de Mussolini, conforme havia lhe sinalizado o juiz instrutor e o procurador militar. Ambos lhe alertaram que: “tudo aquilo que se refira a mim e tenha uma certa importância jamais será decidido sem uma resolução do chefe de Governo”. Sugere que seja pedida uma audiência e que Tania esteja acompanhada por pessoa amiga e que esta tenha prestígio.

No entanto, após Saffra saber desta intenção, aconselhou que Tatiana não fizesse isso por não acreditar na possibilidade dela ser atendida (Gramsci, 2005b, p. 348, nota 2 [C, n. 401]).

Gramsci (2005b, p. 353 [C, n. 403]) apresenta novos sintomas e sente como se tivesse alfinetes nas mãos, o que dificulta a sua escrita. Tem “espasmos” involuntários. Tania volta para Roma entre os dias 10 e 13 de julho (GRAMSCI, 2005b, p. 353, nota 1 [C, n. 403]).

Gramsci, (2005b, p. 354 [C, n. 404]) tem conhecimento de que Giulia está ciente sobre seu estado de saúde, pelo que ela lhe escreveu e pergunta se Tatiana lhe falou. Trocou de cela e teve uma melhora. Admite a eficácia da medicação *Quadro Nox* que era muito valorizada por Tania e solicita que lhe envie. Nino foi examinado por outro médico que lhe receitou umas injeções à base de estriçnina e fósforo e lhe disse que “a base do meu mal-estar, está um esgotamento nervoso e as outras manifestações são de caráter funcional e não orgânico”. Admite que “é preciso tratar também de minha psique”.

Nesta carta mesma carta, Gramsci conta sobre os delírios que teve e o conteúdo do que falava segundo, outro prisioneiro, um operário de Grosseto. Gramsci escreveu:

A lucidez consistia no fato de que tinha certeza de que ia morrer e tentava demonstrar a inutilidade da religião e sua inanidade e me preocupava com o fato de que, aproveitando-se de minha fraqueza, o padre me levasse a fazer ou me impingisse cerimônias que me repugnavam ou das quais não soubesse me defender. Parece que, por toda uma noite, falei da imortalidade da alma em sentido realista e historicista, isto é, como uma sobrevivência necessária de nossas ações úteis e necessárias e como incorporação delas, além da nossa vontade, ao processo histórico universal, etc. Quem me ouvia era um operário de Grosseto, que caía de sono e, suponho, acreditava que eu enlouquecia, o que era também a opinião até mesmo do guarda de plantão (Gramsci, 2005b, p.355 [C, n. 404]).

Em resposta a esta carta, em 28 de julho, Tania admite que contou para a irmã a condição de saúde do cunhado, sobre o exame do prof. Arcangeli e sobre o que providenciaram. Nesta ocasião a situação de Giulia se mantinha como antes e em carta para Tania, Giulia escreve: “Tanitchika, gostaria de falar com você, sentirmo-nos uma à outra, enquanto tudo dói, tenho medo de tudo... dos sons, do movimento” (Gramsci, 2005b, p.355, nota 1 [C, n. 404]).

Gramsci (2005, p. 356 [C, n. 405]) responde a Giulia timidamente e diz não saber o que escrever.

No dia 8 de agosto, Gramsci (2005, p. 360 [C, n. 409]) novamente escreve à companheira e avisa que será enviado dois livros para Delio e que seria interessante que se contextualizasse para ele, no tempo e no espaço, a história da *A cabana do pai Tomás*. Em função desta necessidade, faz uma crítica a esposa falando que ela se põe na postura subalterna e não de dirigente e diz que ela demonstra não ter capacidade de criticar as ideologias historicamente de maneira que explique e justifique uma “necessidade histórica do passado”. E explica que essa postura é “de quem, posto em contato com um determinado mundo de sentimentos, sente por ele atração ou repulsa, mas permanece sempre na esfera do sentimento e da paixão imediata”.

Tatiana e Carlo estiveram em Turi entre os dias 12 e 19 de agosto e conseguiram licença para visitar Gramsci quatro vezes (Gramsci, 2005b, p. 362, nota 1 [C, n. 410]).

Com as medidas tomadas para melhorar a condição no cárcere, Gramsci resolve não mais querer sair de Turi para outra penitenciária. Resolve solicitar uma transferência para um hospital ou clínica civil e comunica sua decisão ao irmão e a cunhada durante a visita realizada por eles. Carlo na volta de Turi passa por Roma, dirige-se ao Ministério e envia uma petição à Mussolini contendo o desejo do irmão. Tatiana escreve para Gramsci um cartão em 1º de

setembro contando tudo o que foi feito (Gramsci, 2005b, p. 363, nota 1 [C, n. 411]).

Em 3 de setembro, Gramsci (2005b, p. 365 [C, n. 412]) responde à cunhada e demonstra muito insatisfação. Primeiro por falta de notícias dela e de Carlo e depois, por perceber que sua vontade foi contrariada, apesar de todas as recomendações. Faz acusações infundadas e Tania não entende o ocorrido. Em carta, no dia 11 de setembro, se dirige a Sraffa e diz que o cunhado está muito doente e escreve:

Na verdade, não consigo compreender o que ele entendeu mal no meu cartão 'famigerado'. Eu lhe dizia que havíamos apresentado uma outra petição de acordo com o seu desejo [...] Quanto ao resto, não compreendo nada, ou seja, não consigo explicar o seu desespero e como ele entendeu que aquilo que foi feito não só é precisamente o contrário do que ele desejava, mas também o contrário do que tínhamos decidido juntos (Gramsci, 2005b, p.365, nota 1 [C, n. 412]).

Gramsci encerra a carta de uma forma muito formal, com apenas "abraços", o que era menos usual até aqui.

No dia 25 de setembro, depois de ficar 22 dias sem se dirigir a cunhada, Gramsci (2005b, p.366, nota 1 [C, n. 414]), o faz friamente e com o pedido que ela tomasse conhecimento de uma carta a Carlo, e, em seguida, a transmitisse ao irmão. O conteúdo da carta é bastante rude e hostil e demonstra o estado emocional de Nino. Tatiana, ciente do conteúdo, decide não passar a correspondência para Carlo também apoiada por Sraffa. Percebe-se o proposital distanciamento de Nino até pela maneira como se dirige à cunhada como "Cara Tatiana".

Em 1 de outubro Gramsci (2005b, p.368, nota 1 [C, n. 416]), escreve à Tatiana, agradece o dinheiro enviado e despreza as informações enviadas por ela contando o encontro com Sraffa em Roma onde ficou sabendo que Mariano D'Amelio iria de novo tentar, no Tribunal Especial, a aplicação do "decreto de anistia", o que possivelmente poderia "acelerar o pedido de liberdade condicional". Sinaliza que recebeu, pela primeira vez, uma carta do filho Giuliano e lamenta que ela não a tenha traduzido porque foi ela, possivelmente, que a remeteu. Pede mais medicação para dormir (*Quadro Nox e Sonniffen Roche*).

Escreve à Giulia e solicita que ela traduza as cartas dos filhos para facilitar seu entendimento e apressar o recebimento. Todas as cartas, escritas em outras línguas, precisavam ser traduzidas, primeiro, provocando a demora na entrega. Recomenda que diga a Giuliano que se orgulha dele. Queixa-se de nunca poder saber sobre ela (Gramsci, 2005b, p.369 [C, n. 417]).

Tatiana escreve à Gramsci (2005b, p. 370, nota 1 [C, n. 418]) em 12 de outubro dizendo: “Querido Nino, o Ministério aceitou o nosso pedido para a sua internação numa casa de saúde. O Ministério escolheu uma ‘clínica’ e pediu a Carlo autorização para tomar providências”

Gramsci (2005b, p.370 [C, n. 418]) continua tratando a cunhada com distanciamento e frieza e quando recebe a notícia da possibilidade de internação em uma casa de saúde, ele responde que ela e o Carlo deveriam não “se meter” por terem o dom de “obscurecer” e “complicar as coisas mais simples e retilíneas”.

Carlo escreve a Antonio no dia 19 de outubro comunicando a possibilidade dele ir para uma Clínica, mas que terá que pagar uma diária de 120 liras. Gramsci (2005b, p.373 [C, n. 419]) recebe a notícia, escreve para Tatiana e diz que chegou a ficar em dúvida por causa do valor, mas acabou pensando ser melhor, mesmo que por poucos dias. Lamenta pela demora de darem entrada na petição e supõe que não consegue mais recuperar a saúde perdida. Percebe o silêncio de Tatiana e diz que sabe que a magoou com que escreveu. Presume que não vai poder esclarecer sua posição com ela e a vê como uma “boa e gentil senhorita”. Percebe o “esforço” dela, mas este não é compatível com o “resultado” e por isso fica com “raiva”. Se diz confuso e percebe estar entrando em uma “nova fase” no cárcere, “talvez pior do que todas as anteriores, porque só vou contar comigo mesmo e com minhas poucas forças”. Lembra a ela que em breve farão sete anos de sua prisão.

Tatiana já havia escrito para Sraffa que a Clínica cobraria uma diária de 120 liras. Sraffa se posiciona em 14 de outubro dizendo que:

Nas condições em que se encontra Nino, não se deve perder um minuto. É mais do que evidente que, *seja qual for* a casa de saúde, será melhor do que o lugar que se encontra atualmente. Seria uma terrível crueldade prolongar seu tormento, mesmo que por um só dia. Portanto, é necessário que Carlo aceite logo a concessão e se comprometa a fazer o pagamento (Gramsci, 2005b, p.373, nota 1 [C, n. 419]).

As despesas com a Clínica Cusumano, em Formia, seriam pagas pelo PCI. O dinheiro seria enviado a Tania clandestinamente.

No dia 29 de outubro, Gramsci (2005b, p. 373 [C, n. 420]) escreve à Tatiana comunicando que Carlo lhe escreveu outra carta lhe dando notícias sobre a entrega do “termo de aceitação” e deduz que ela não lhe enviou a carta, como pedido por ele, do dia 25 de setembro. Diz também que soube da negativa do Tribunal Especial em relação ao recurso para a aplicação do decreto de

anistia e indulto, no seu caso, e parece que não se surpreende muito, mas expressa o desejo que Sraffa “o advogado” dê continuidade à ação, e avalia que o único impedimento seria o “financeiro”. Alega não ter se perturbado com isso, mas diz que: “o que me faz mal não é a ação negativa dos representantes do poder estatal, mas só a ação incoerente, desconexa, pouco séria daqueles que me são ou deveriam ser caros”.

Segundo nota 2, na data da carta anterior, nem Tatiana e nem Sraffa sabiam do indeferimento do recurso. Em 9 de novembro, Sraffa escreve para Tatiana lhe orientando que escreva logo para Gramsci comunicando que nem ela e nem o advogado Castelett foram notificados, portanto ele [Castelett] não tem como dar uma opinião precisa. Apenas é possível afirmar que a despesa será pequena. Sraffa continua e diz:

É importante que vença suas hesitações e diga claramente a Nino como estão as coisas, de modo que ele não tenha ilusões. A importância reside no fato (e isso, naturalmente, é inútil comunicar a ele) de que, quando perceber que só há uma esperança mínima de resultado por via judiciária, se oporá menos do que agora a uma permanência prolongada no hospital. Na realidade, se a notícia conseguida por Nino for correta, a única esperança que resta é que ele possa ficar no hospital até a primavera, quando poderá fazer o pedido de liberdade condicional (Gramsci, 2005b, p.375, nota 2 [C, n. 420]).

Gramsci é transferido, provisoriamente, para a Penitenciária de Civitavecchia no dia 19 de novembro, mas antes disso, escreve sua última carta em Turi, ironizando a postura fantasiosa da cunhada e faz críticas ao seu comportamento. Emite sua opinião sobre o “despacho do Tribunal Especial”, mas esclarece ser “de um ponto de vista histórico-jurídico” (Gramsci, 2005b, p.373 [C, n. 422]).

Na ocasião, faz também um recurso endereçado a Giovanni Novelli (Diretor Geral dos Estabelecimentos Penais) esclarecendo que a petição feita por ele foi mal interpretada e faz um pedido de correção. Ratifica que aceita ser internado em uma clínica particular e que, após este período, que ele vá para a enfermaria de outra penitenciária que não seja em Turi (Gramsci, 2005b, p.447-448 [Apêndice 1]).

Na nota 1 desta carta consta que a petição foi feita no mês de setembro, no entanto a referida petição foi escrita no dia 16 de novembro como consta (Gramsci, 2005b, doc. 9, p. 447-448 [Apêndice 1]).

Gramsci (2005b, p. 447-448, nota 1 [C, n. 423]) permaneceu por dezoito dias na Penitenciária de Civitavecchia enquanto era providenciada a transformação de uma cela em quarto em uma clínica em Formia. Gramsci

desconhecia esta informação, embora Tania tenha tentado lhe informar em carta escrita em 5 de novembro.

Depois de três meses tratando a cunhada com frieza e distanciamento, Gramsci (2005b, p. 379 [C, n. 423]) parece conseguir expressar afeto por Tania. Diz confiar no seu bom senso, que imagina que ela irá vê-lo e que aguarda notícias com ansiedade. Na semana seguinte, Gramsci (2005b, p. 381 [C, n. 424]) escreve para cunhada, preocupado com os seus pertences que ficaram em Turi, e pede que ela providencie o necessário para que suas coisas não se percam por ele não se sentir em condições de qualquer providência. Despede-se com “abraços afetuosos”, como era usual ao final das cartas.

Segundo nota (Gramsci, 2005b, p. 381, nota 1 [C, n. 424]), Gustavo Trombeti, um dirigente comunista de Bolonha, dividiu a cela com Gramsci em Turi por vários meses e o ajudava depois da grave crise de saúde, vivenciada por ele, no mês de março de 1933. Trombeti morreu em 1991, e foi um grande elo possível. Em 1987 deu um depoimento a respeito de como conseguiram salvar os Cadernos do Cárcere contando que, no dia 17 de novembro de 1933, sexta-feira, receberam a notícia que finalmente Gramsci seria internado em uma clínica em Formia na segunda-feira seguinte. No entanto, no sábado, dia 18 de novembro de 1933, à noite, após o toque de silêncio, chega a informação que a viagem seria na manhã seguinte, no domingo. Trombeti discorre que:

Assim, por volta das 11 da noite, levaram-nos ao depósito onde os detentos têm as suas coisas pessoais, livros, malas, roupas, etc., e ali devíamos encher a mala que Gramsci levaria e um baú que seria expedido à cunhada Tatiana, em Roma. Gramsci, enquanto esperava que nos levassem ao depósito, me expressou a preocupação com a sorte dos seus *Cadernos*, no caso de o guarda, que estava presente com a tarefa de controlar qualquer coisa que se pusesse na bagagem, não deixa passar aqueles escritos. Certamente, eles se perderiam para sempre. Assim, pusemo-nos de acordo, fazendo um pequeno plano. Num certo ponto, ele iniciaria uma conversa em língua sarda com o guarda, que era, como Gramsci, um sardo, e no momento combinado, justamente quando Gramsci deliberadamente se colocou entre mim e o guarda, eu, naquele instante, tirei da prateleira o pacote dos *Cadernos* e os enfiei no baú, tomando o cuidado de cobri-los logo com outras coisas. Assim a operação teve êxito e Gramsci ficou mais tranquilo. Depois de cheio o baú, ele foi fechado e lacrado com chumbo, na presença de Gramsci. (Gramsci, 2005b, p. 381, nota 1 [C, n. 424]).

Tatiana consegue visitar Gramsci em Civitavecchia no dia 3 de dezembro e no dia 7 do mesmo mês escreve a Sraffa que:

Devo confessar que o aspecto de Nino realmente me assustou. Não sei se posso dar uma ideia das condições físicas em que se encontra, se disser não só que parece reduzido aos mínimos termos, como massa, mas tem os movimentos de um indivíduo que pode quebrar, se fizer um movimento brusco. Para sentar ou levantar, Nino parece tão cauteloso que causa preocupação. E, no rosto, tem uma

expressão de grande ansiedade. As mãos lhe queimavam, emagreceu ainda mais. Pedi que me dissesse algo sobre sua saúde. 'O que é que eu posso dizer?', respondeu. Não pude deixar de fazer uma exclamação de espanto ou de aflição: 'Mas você não tem o aspecto de quem está muito bem'. 'Eu sei, disse" (Gramsci, 2005b, p. 379 [C, n. 423]).

3.9. As cartas de 1934

Gramsci fica na enfermaria de Civitavecchia até o dia 7 de dezembro de 1933 quando é transferido para a Clínica Cusumano, em Formia (Gramsci, 2005b, p. 383, nota 2 [C, n. 425]).

Em Formia, onde Gramsci ficou até agosto de 1935, Tatiana faz visita todos os domingos assim como o amigo Piero Sraffa pôde vê-lo por três vezes quando ia para Itália. A primeira e única carta do ano de 1934, Gramsci (2005b, p. 385 [C, n. 426]) escreveu para a mãe no dia 8 de março, lhe conta sobre suas condições físicas e explica porque não tem escrito. Em 24 de dezembro de 1933, quando chegou em Formia, Gramsci tenta voltar aos estudos e para isso apresenta um requerimento pedindo autorização para receber jornais e revistas (Gramsci, 2005b, p. 386, nota 2 [C, n. 426]). Necessitava de muito esforço para conseguir trabalhar e:

Salvo algumas novas notas, escritas em geral para complementar os cadernos 'miscelâneos' de Turi, todos os cadernos do período de Formia são 'especiais', retomando e agrupando tematicamente - às vezes, com alterações - os parágrafos escritos durante 1929-1933 (Gramsci, 2005b, p. 386, nota 2 [C, n. 426]).

Gramsci pede, em 24 de setembro de 1934, liberdade condicional, que é aceito em 25 de outubro do mesmo ano e:

Na nova situação, embora sempre sob estrito controle, o prisioneiro obteve permissão de deixar a clínica na companhia de pessoas autorizadas. Nesse mesmo mês de outubro, manifestava a intenção de permanecer em Formia, pelo menos temporariamente [...]. Neste período, Gramsci, além das visitas semanais de Tatiana, teve alguns encontros com o irmão Carlo e, a partir de janeiro de 1935, com Sraffa. De um modo geral, no entanto, seu estado de saúde e a vigilância policial impediram-no de desfrutar plenamente da liberdade condicional (Gramsci, 2005b, p. 386, nota 2 [C, n. 426]).

3.10. As cartas de 1935

No ano de 1935 constam na edição brasileira das *Cartas do Cárcere*, apenas seis correspondências: uma para o filho Delio, duas para Tatiana, uma para Giuliano (sem data precisa) e duas para Giulia. Em agosto de 1935, Gramsci é transferido para a Clínica Quisisana, em Roma aonde recebeu a visita de Sraffa por cinco vezes. Tatiana o acompanhou até a morte em abril de 1937 (Gramsci, 2005b, p. 23-24 [C, n. 219]).

Ao filho Delio, em 8 de abril, Gramsci escreve: “Lamento muito não poder estar perto de meus queridos meninos nem poder ajudá-los em seus trabalhos escolares e em sua vida” (Gramsci, 2005b, p. 386 [C, n. 426]).

À Giuliano, Gramsci (2005b, p. 389 [C, n. 429]) escreve, sem data precisa, em Formia, entre 25 de outubro de 1934 e 24 de agosto de 1935. Diz que o filho viu o mar pela primeira vez e pergunta se bebeu água salgada, se pegou peixinhos ou caranguejos. A partir da liberdade condicional conquistada em 25 de outubro de 1934, e o dia da ida para Roma em 24 de agosto de 1935, ele e Tatiana puderam passear pela cidade de Formia.

Após conversa com o amigo Sraffa, Gramsci (2005b, p. 389, nota 2 [C, n. 428]) em 25 de abril, faz um requerimento dirigido a Mussolini solicitando transferência para a Casa de Saúde Poggio Sereno, em Fiesole-Toscana por esta ser especializada em doenças nervosas. Quase dois meses depois, em junho, faz a mesma solicitação ao inspetor-geral de segurança pública, Antonio Valenti. Ao ser examinado pelo Dr. Vittorio Puccinelli em 12 de julho, este recomenda que ele vá para o campo ou montanha. Em seguida, Gramsci faz nova solicitação a Mussolini requerendo a transferência para Fiesole.

Em 22 de julho, escreve para Tatiana e diz estar convencido da necessidade dela marcar uma entrevista com o comendador Leto, chefe da seção da Direção-Geral da Segurança Pública, pela função que ocupa no Ministério, com intuito de obter a transferência para a Casa de Saúde Poggio Sereno (Gramsci, 2005b, p. 387 [C, n. 428]).

A ida para Fiesole não foi autorizada e a partir daí foram sugeridas quatro clínicas na cidade de Roma. Em 24 de agosto de 1935, Gramsci foi transferido para Clínica Quisisana em Roma, “acompanhado pelo prof. Puccinelli”. (Gramsci, 2005b, p. 390 [C, n. 430]).

A Giulia, Gramsci (2005b, p. 391 [C, n. 431]) escreve que mesmo precisando de esforço para escrevê-la, sente-se mais tranquilo. Fala sobre os

dois filhos e sobre o interesse de Giuliano saber sobre ele. Supõe que o interesse tenha sido despertado pela sua foto que tem em um parque da cultura (em Moscou, no Parque Gorki, havia retrato de Gramsci e de outros comunistas presos). Sente-se triste quando pensa que estão há tantos anos afastados, mas “é preciso resistir, continuar firme, buscar forças”.

Em nota, consta que: “A data desta e demais cartas subsequentes à mulher e aos filhos se deve a conjecturas de Elsa Fubini e de outros pesquisadores do Instituto Gramsci” (Gramsci, 2005b, p. 391, nota 1 [C, n. 431]).

Em dezembro, Gramsci (2005b, p. 392 [C, n. 432]) escreve para a esposa e faz uma proposta que ela vá à Itália para que os dois possam se ajudar e diz que percebe que o “estado de espírito” de ambos são semelhantes. Declara que: “Minha cara, sempre a esperei, e você sempre foi um dos elementos essenciais de minha vida, mesmo quando não tinha notícia precisa de você ou recebia cartas esporádicas”. Sentia como se ela não quisesse dar nenhum “ponto de apoio e contato”. Diz que acredita que: “chegou o momento de pôr fim a este estado de coisas, o que pode ser feito se você vier me ver, porque eu não posso me deslocar”.

Apesar das declarações que faz e de um grande apelo para que ela vá, Giulia não retornará à Itália (Gramsci, 2005b, p. 392, nota 1 [C, n. 432]).

3.11. As cartas de 1936

Gramsci (2005b, p. 393 [C, n. 433]) escreve à Giulia tentando mostrar a ela os benefícios que ela teria indo à Itália. Expõe seu desejo de conversar com ela de amigo para amigo e não quer ser impositivo. Acha que esta viagem poderia, entre outras coisas, lhe dar mais segurança e livrá-la de “preocupações, de sentimentos reprimidos [...]”. Desabafa e diz que há dez anos foi “arrancado do mundo” e o “vasto mundo” continuou. Conta sobre o impacto que teve quando se viu “no espelho depois de tanto tempo”. Segundo nota, Gramsci se referia “à viagem de Turi para Civitavecchia, em 19 de novembro de 1933”. Sugere que ela faça a viagem com Tatiana, caso esteja insegura.

Ao longo deste ano Gramsci (2005b, p. 397, p. 398 [C, n. 436]) escreveu, à companheira, dez cartas e na maior parte delas cita sua dificuldade de escrever para ela e para os meninos. Descreve seu descontentamento e sua desilusão ao término da escrita. Diz para Giulia que percebe o desconforto que ela está de

viajar, mas tem dificuldade de “apreender” o motivo. Fala pra ela que a sua hesitação interfere na vida dele e lhe faz mal. Comenta sobre quantas vezes se questionou sobre: “quem me condenou ao cárcere, isto é, me condenou a levar esta vida, deste modo determinado?”. Avalia que a resposta não é fácil porque “além da força principal”, existem outras que “consciente ou inconscientemente” estão presentes e as vezes “com mais força do que o ato principal”.

Delio e Giuliano fazem aniversário no mesmo mês e Gramsci (2005b, p. 400, nota 2 [C, n. 438]) enviou-lhes dois relógios de presente. Neste período, ele pensava se, concluída a pena, voltaria para Sardenha. Sua família chegou a se movimentar para alugar um espaço em Santu Lussirgiu, mas logo em seguida surge a possibilidade de exílio na União Soviética. Demonstra estar preocupado com a doença que Delio teve e a ida de Giuliano para uma escola especial. Diz que gostaria de escrever sobre os filhos, mas falar das “questões” que envolvem a “ternura” que sente por eles o “debilitam e perturbam” (Gramsci, 2005b, p. 404, p. 405 [C, n. 442, n. 443]).

Sraffa redige “a minuta de um pedido de expatriação, depois de obter a concordância do amigo durante uma visita em 25 de março de 1937” (Gramsci, 2005b, p. 400, nota 2 [C, n. 438]).

Ao pedir detalhes sobre a vida dos filhos, Giulia lhe responde e afirma que: “fazer um relatório (!?) sobre a vida dos rapazes é desfazer a vida deles”. Nino se explica e esclarece que não é um “sargento”, mas gostaria de saber as impressões subjetivas dela sobre os filhos (Gramsci, 2005b, p. 407 [C, n. 445]).

Nino também se preocupa com a saúde de Tatiana e sua alimentação, divide com a esposa suas preocupações. Acha que a cunhada come pouco e mal, mas não quer recriminá-la mais (Gramsci, 2005b, p.410 [C, n. 448]).

Tenta esclarecer alguns pontos com Giulia e exemplifica a questão da escola de Giuliano. Pondera que ter que discutir sobre isso já lhe incomoda por achar que ela deveria espontaneamente lhe falar sobre o assunto. Amargura-se por não saber quase nada dos filhos e lembra que só soube que Giuliano já falava, por ler uma carta dela para a irmã. Tatiana havia lhe comunicado, anteriormente, que o filho estava atrasado no desenvolvimento da linguagem. Em relação ao Delio e a outros estudantes da sua idade, considera que é:

[...] sempre necessário conduzir os estudantes por um caminho que permita o desenvolvimento de uma cultura sólida e realista, depurada de todo e qualquer elemento de ideologias rançosas e estúpidas, e permita a formação de uma geração que saiba construir sua vida e a vida coletiva de modo sóbrio, com economia máxima de esforços e rendimento máximo (Gramsci, 2005b, p. 412 [C, n. 450]).

Tatiana entrega a Gramsci as cartas escritas por Giulia, em 1933, e ele diz a esposa que a leitura das cartas fez com que ele sentisse a “força” da sua “ternura” por ela. Pergunta se ela acreditava mesmo que ele não sentia que sua mãe tinha morrido em 1932 e menciona que para ele “a falsa piedade não passa de sandice” e chega a ser uma “crueldade” provocando “desconfiança” no prisioneiro. Fica ciente da morte de seu sogro e se ressentido por ela também. Apollon morreu em junho de 1933 e Tatiana preferiu poupar Gramsci por causa de sua recente crise, em março, daquele ano.

Em 1936, Antonio escreve ao Giuliano quatro cartas e os assuntos abordados estão sempre relacionados à vida escolar, ao cotidiano, ao desenvolvimento e a organização do filho. Faz perguntas do tipo: como é a sua memória, se dorme bem, se se distraí quando estuda. Tece elogios, críticas positivas e negativas, fala de filmes, livros, jogos e incentiva o filho a não ter medo. Conta sobre si quando era criança e deseja ser informado sobre a vida dele. Solicita cartas maiores e apesar de chamar a atenção sobre os erros e desatenção do filho, Gramsci faz questão de incentivá-lo e diz: “não me leve a mal e escreva sempre tudo o que pensa, mesmo com pressa; depois, você volta a pensar melhor, corrige seus erros e consolida suas opiniões”. Lamenta não poder rir e brincar com ele e o irmão (Gramsci, 2005b, p. 395, p. 408, p. 413, p. 417 [C, n. 434, n. 446, n. 451, n. 454]).

Para Delio, constam oito cartas com conteúdo semelhantes ao de Giuliano acrescido de uma preocupação maior com a sua saúde, sua capacidade física e a menção ao papagaio que o filho cria. Refere-se também aos clássicos e histórias infantis que o filho lê e diz que acha “uma coisa muito bonita” esse interesse diversificado. Acha que era um pouco assim quando criança. Cita o poeta Puchkin e imagina que o filho irá se interessar pela vida e obra do escritor e que pode trocar com o pai sobre o autor, quando quiser. Diz que admira a sua inteligência, mas reclama dos bilhetes desinteressantes. Cobra bilhetes maiores e com empenho. Demonstra alívio pela recuperação da saúde dele e propõe um combinado de que ele abrace a mãe, bem forte, todos os dias de manhã e que Giuliano faça o mesmo porque assim terão “cinco minutos do papai” (Gramsci, 2005b, p. 396, p. 398, p. 400, p. 402, p. 403, p. 409, p. 411, p. 414 [C, n. 435, n. 437, n. 439, n. 440, n. 441, n. 447, n. 449, n. 452, n.]).

Gramsci (2005b, p. 401 [C, n. 439]) além de manter com os filhos um diálogo sincero, os estimula ao desenvolvimento de “um espírito crítico”.

3.12. As cartas de 1937

Todas as cartas a Delio e Giuliano, a partir da carta n. 458, “estavam anexadas a outras endereçadas a Giulia, mas nem sempre é possível datá-las com segurança. Nas várias edições das *Cartas*, elas são colocadas no final da correspondência” (Gramsci, 2005b, p. 422, nota 1 [C, n. 458]).

São vinte e uma cartas não datadas dirigidas aos dois filhos, destas, nove são para Delio e doze para Giuliano. No início de 1937, Delio (1924) estava com doze anos e Giuliano (1926) com dez anos. Para me aproximar mais um pouco dos sentimentos e pensamentos externados, em palavras, por Nino, decidi destacar algumas frases de algumas das cartas que dizem bem sobre a relação de afeto, sobre a sua autenticidade e sobre os valores, que parece, que ele gostaria de transmitir aos seus filhos... Em todas essas correspondências Gramsci se despede com “papai”, “seu papai” ou “Seu papai Antonio”.

Cartas à Delio:

“gostei da sua ideia de ver o mundo povoado de elefantes empinados sobre as patas traseiras, com o cérebro muito desenvolvido”. (Gramsci, 2005b, p. 422 [C, n. 459]).

“[...] na evolução do homem, juntaram-se muitas condições favoráveis no sentido de ajudá-lo a se tornar o que era, mesmo antes de se desenvolverem a vontade definida para um fim e a inteligência suficiente para organizar os meios necessários para alcançar o próprio fim”. (Gramsci, 2005b, p. 423 [C, n. 459]).

“Faz algum tempo que você me escreve bem pouco e sobre coisas pouco interessantes. Por quê? Escreva mais” (Gramsci, 2005b, p. 425 [C, n. 462]).

“Não sei se o elefante pode [...] evoluir até se tornar na terra um ser capaz, como o homem, de dominar as forças da natureza e de se servir delas para seus próprios fins”. (Gramsci, 2005b, p. 426 [C, n. 464]).

“Acredito que, para estudar a história, não se deve fantasiar muito sobre o que teria acontecido, ‘se’... (se o elefante tivesse [...], se..., se...; [...]).” (Gramsci, 2005b, p. 426 [C, n. 464]).

“Já é muito difícil estudar a história realmente acontecida, porque se perdeu todo e qualquer documento de grande parte dela; como se pode perder tempo estabelecendo hipóteses que não tem fundamento?” (Gramsci, 2005b, p. 426 [C, n. 464]).

“Aqui não faz muito frio [...]. Sempre há flores desabrochando” (Gramsci, 2005b, p. 426 [C, n. 464]).

“Uma vez me escreveu que se interessava pela história, mas depois não foi capaz de continuar a questão e enveredou pelos elefantes; agora, me parece, que se interessa pelos macacos como progenitores dos homens” (Gramsci, 2005b, p. 427 [C, n. 465]).

“[...] posso dizer que você gosta mais da fantasia do que da história e seria mais oportuno estudar a história real, aquela que se pode escrever com base em documentos bem precisos e concretos”. (Gramsci, 2005b, p. 427 [C, n. 465]).

“Fantasiar sobre hipóteses científicas era típico de homens que, [...] viviam em condições muito difíceis de luta ideológica”. (Gramsci, 2005b, p. 427 [C, n. 465]).

“Hoje [...] a vida superou tanto o protagonista quanto o antagonista e criou o construtor” (Gramsci, 2005b, p. 427 [C, n. 465]).

“Sinto-me um pouco cansado e não posso escrever muito. Mas me escreva sempre e de tudo que lhe interessa na escola”. (Gramsci, 2005b, p. 429 [C, n. 468]).

“Penso que você gosta de história, tal como eu gostava quando tinha sua idade, porque se refere aos homens vivos, e tudo o que se refere aos homens, [...] enquanto se unem entre si em sociedade, trabalham, lutam e melhoram [...] só pode lhe dar prazer” (Gramsci, 2005b, p. 429 [C, n. 468]).

“Espero que, quando receber esta minha carta, você tenha recuperado bem a saúde e ganho... pelo menos cinco quilos de peso. Desejo-lhe tudo de bom e insisto que coma bastante, mas bastante mesmo” (Gramsci, 2005b, p. 433 [C, n. 476]).

“Por que não fala de seu pequeno papagaio? Ainda está vivo? Será que não me fala mais porque, eu, uma vez, notei que você falava sempre dele?” (Gramsci, 2005b, p. 434 [C, n. 477]).

“Em sua idade, eu tinha um cachorrinho e me tornei meio maluco de tão contente por tê-lo. [...] É verdade que um cachorro dá muito mais satisfação do que um papagaio (mas talvez você pense o contrário), porque brinca com o dono, se afeiçoa...” (Gramsci, 2005b, p. 434 [C, n. 477]).

“Eu o tosei como um leãozinho, mas objetivamente não era bonito, aliás, era bastante feio, feio demais, agora que estou pensando nele. Mas como me divertia e como lhe queria bem!” (Gramsci, 2005b, p. 434 [C, n. 477]).

Cartas à Giuliano:

“Viva Julik! Recebi sua fotografia e fiquei muito feliz ao ver sua pequena figura” (Gramsci, 2005b, p. 422 [C, n. 458]).

“Escreva-me tudo e eu vou responder com seriedade [...]”. (Gramsci, 2005b, p. 423 [C, n. 460]).

“Escreva-me sobre o que anda fazendo na escola, se tem aprendido com facilidade, o que tem lhe interessado”. (Gramsci, 2005b, p. 423 [C, n. 460]).

“Caro, Julik, tenho interesse por todo e qualquer momento de sua vida” (Gramsci, 2005b, p. 423 [C, n. 460]).

“[...] se é preciso fazer alguma coisa, é preciso fazê-la sem se lamentar, sem choramingar como um cachorrinho que quer mamar, para que se possa tirar dela todo o proveito”. (Gramsci, 2005b, p. 424 [C, n. 461]).

“Não gosto que um rapagão como você se lamente, enquanto na fotografia parece resolutivo, tranquilo, cheio de vontade de atingir seu objetivo; é assim que gosto muito de você e mando muitas felicitações”. (Gramsci, 2005b, p. 424 [C, n. 461]).

“É Tania [Tatiana] quem me faz escrever, não estou bem e por isso escrevo mal; pode me dar zero em tudo” (Gramsci, 2005b, p. 424 [C, n. 461]).

“Mas por que é que você não me escreve algumas palavras? Fico muito contente quando recebo uma carta sua e [...] quantas coisas você poderia escrever sobre a escola, [...] colegas, [...] professores, [...] as árvores que vê, [...] brincadeiras, etc.” (Gramsci, 2005b, p. 425 [C, n. 463]).

“[...] quais são as ‘coisas sérias’ que pretende ler em minhas cartas? Você é um rapaz e as coisas de rapaz também são muito sérias, porque tem relação com sua idade, com suas experiências, com a capacidade que as experiências e as reflexões sobre elas lhe trouxeram” (Gramsci, 2005b, p. 428 [C, n. 467]).

“Meu caro, eu só o conheço através de suas cartas e das notícias que os adultos me mandam de você: sei que é um bom rapaz, mas por que não me escreveu nada sobre sua viagem no litoral? Acha que não foi uma coisa séria? (Gramsci, 2005b, p. 428 [C, n. 467]).

“Tudo aquilo que se refere a você é muito sério para mim e me interessa muito; inclusive, as brincadeiras” (Gramsci, 2005b, p. 428 [C, n. 467]).

“Mas por que é que este meu filhote Julik não me escreve nunca? (Gramsci, 2005b, p. 429 [C, n. 469]).

“Caro Julik, quero saber de você como está e se gosta de sua nova vida” (Gramsci, 2005b, p. 429 [C, n. 469]).

“E, assim, você foi dispensado do coletivo e está indo para o campo? Você volta para a escola? Por que escrever exatamente na última hora, enquanto espera o carro? (Gramsci, 2005b, p. 429-430 [C, n. 470]).

“Muitos abraços pelo aniversário; e lhe mando um pequeno relógio, esperando que ele faça você pensar no tempo e deste modo... não escrever na última hora” (Gramsci, 2005b, p. 429-430 [C, n. 470]).

“Recebi com muito entusiasmo seus novos desenhos: vê-se que está alegre e, portanto, acredito que esteja com saúde”. (Gramsci, 2005b, p. 430 [C, n. 472]).

“Você não me escreveu se lhe ensinam desenho na escola e se também gosta de desenhar ‘a sério’” (Gramsci, 2005b, p. 430 [C, n. 472]).

“Gostei muito de seus desenhos, porque são seus. Também são muito originais e acredito que a natureza nunca inventou coisas tão surpreendentes. (Gramsci, 2005b, p. 432 [C, n. 474]).

“Gosto também do fato de que seus homens podem caminhar, com a ponta dos pés, nos lugares mais difíceis; na ponta do galho de uma árvore e na cabeça dos animais (por isso, talvez, é que o animal perdeu as orelhas...)”. (Gramsci, 2005b, p. 432 [C, n. 474]).

“Como vai essa cabecinha? Gostei muito de sua carta; seu modo de escrever está mais firme do que antes, o que mostra que está se tornando uma pessoa crescida”. (Gramsci, 2005b, p. 432 [C, n. 474]).

“[...] em relação a você, tenho interesse em que estude bem e com proveito, mas também seja forte e robusto e moralmente cheio de coragem e decisão; além disso, tenho interesse em que durma bem, coma com apetite, etc.”. (Gramsci, 2005b, p. 432 [C, n. 474]).

“Eu escrevo seriamente, porque vejo que já não é mais um menino e também porque você mesmo uma vez me escreveu que quer ser tratado com seriedade” (Gramsci, 2005b, p. 432 [C, n. 474]).

[...] “também se pode ver, pela fotografia que recebi, que existe muita energia em você. Viva Julik! Eu lhe quero muito bem” (Gramsci, 2005b, p. 432 [C, n. 474]).

“Como tem ido na nova escola? Do que é que gosta mais, viver perto do mar ou viver perto das florestas, entre as grandes árvores?” (Gramsci, 2005b, p. 433 [C, n. 475]).

“Se quiser me dar uma alegria, devia me escrever seu dia, desde quando se levanta da cama até quando dorme, de noite. Assim vou poder imaginar melhor sua vida, vê-lo em quase todos os seus movimentos” (Gramsci, 2005b, p. 433 [C, n. 475]).

O tema saúde se fez presente em quase todas as correspondências de Gramsci que tive acesso, envolvendo a sua própria condição física e/ou psíquica, assim como, a de seus interlocutores e afins. Não tenho como avaliar com precisão o impacto causado, por esta condição, em sua vida, mas considerando sua capacidade de analisar a realidade concreta e de percebê-la como um processo histórico que se constrói, não tem como desvincular os sérios problemas de saúde física, que teve desde a infância, da forma como ele foi capaz de construir todo seu pensamento durante o período em que ficou encarcerado e, como isso afetou sua condição emocional tendo seu agravamento após a prisão.

4.

As relações saúde-trabalho no pensamento de Gramsci

4.1.

Saúde e política andam de mãos dadas

Giovanni Berlinguer, nascido em 1924, sardo como Antonio Gramsci, foi um professor de Medicina Social em Roma, pesquisador da saúde coletiva, militante político e, posteriormente, parlamentar no Partido Comunista Italiano (PCI) que muito se dedicou a Saúde do Trabalhador. A obra do autor priorizou apontar as articulações existentes entre medicina e política e sua tarefa foi lutar pela diminuição das desigualdades sociais que se expressam no processo de saúde e doença (Fleury, 2015).

Para Berlinguer (1978) as forças sindicais e políticas “organizam, orientam e representam as grandes massas populares” (p.5) e por isso têm um papel relevante na “formação da consciência sanitária” (p.7) da sociedade. Em relação à história italiana cita que em 1892 foi criado o Partido Socialista Italiano (PSI) que, considerando a época, contribuiu para o alcance de uma consciência sanitária mais elaborada. Tullio Rossi Doria era um médico socialista, e seus artigos eram publicados no Jornal *Avanti!* e no Semanário *Sempre Avanti* no período entre 1894 e 1904. Esses artigos causavam muitas polêmicas pelas ideias reformistas de seus conteúdos e repercutiam na construção da política sanitária do país. Rossi Doria acabou saindo do partido, porque suas propostas de reformas higiênico-sociais eram consideradas subversivas. Para ele era necessária uma “ação coletiva” para tornar possível o controle da nocividade do ambiente.

Segundo Berlinguer (1978, p. 7), o médico argumentava que o tratamento das doenças esbarra em limites e por isso uma ação sanitária deveria permear a ação política. Dizia que: “A mim interessa que constituam *aquela força, que falta à ciência para passar do campo do saber ao do fazer*”. Neste período, três doenças afligiam a Itália e Rossi Doria pergunta:

Como é possível acreditar que se possa livrar o nosso país do tríplice flagelo da malária, da pelagra e da tuberculose, quando estas três doenças, contra quais vocês conclamam à luta por parte da medicina política, tem sua origem na miséria, se não se combate esta de frente? [...] E é com projetos anêmicos de reformas apresentadas com medo timidamente defendidas, prestando atenção para não ferir nenhum interesse, não ofender nenhuma suscetibilidade, não fazer barulho, e

quase escorregar quietamente no campo inimigo adormecido, que vocês pretendem alcançar a vitória? Ilusão! (Berlinguer, 1978, p. 8).

Outro tema valorizado pelo médico era sobre o trabalho das mulheres. Rossi Doria era ginecologista e compactuava com seu companheiro de profissão, Gaetano Pieraccini, que considerava que não convinha as mulheres o trabalho na produção; primeiro porque nas zonas industriais da Itália as mulheres adoeciam muito mais; segundo porque em algumas indústrias as doenças ginecológicas tinham taxas mais elevadas; e terceiro porque conforme o aumento do trabalho feminino, também aumentava a mortalidade infantil, os abortos e os partos prematuros. Por estas razões defendia que as mulheres não poderiam “desenvolver dois trabalhos ao mesmo tempo, o feminino da maternidade, e o masculino da produção”. Acreditava que desta forma nasceriam “filhos fracos e débeis”. Pieraccini era positivista e como tal legitimava seu argumento na biologia e no social dizendo que cabia ao homem funções “conquistadoras”, “atividades neuromusculares” e uma “vida de relação” e a mulher funções “conservadoras”, “atividades plásticas” e uma “vida vegetativa” (Berlinguer, 1978, p. 9).

Segundo Berlinguer (1978, p. 10), Pieraccini acusava Marx de ter cometido uma “heresia científica” quando avaliou que o socialismo possibilitaria que a mulher fosse mãe e trabalhadora. O médico também criticava Antonio Labriola (1843-1904), filósofo italiano marxista, por este considerar “um ideal pequeno burguês” o desejo que a mulher se acomodasse em casa. Defendia que as razões biológicas são capazes de “solucionar todos os problemas sociais”. Desta forma, em busca de novas diretrizes e orientações que pudessem responder as novas demandas científicas e sociais “a educação política e higiênica dos trabalhadores” esbarrou com muitas polêmicas e discordâncias.

Sobre Labriola, importante ressaltar o valor que Gramsci (2011a, p. 224) atribui ao autor para o aprofundamento de sua reflexão sobre o marxismo e, entre outras citações, no *caderno 11*, § 70 sugere um resumo das publicações do filósofo sobre a filosofia da práxis por considerar que ele foi o único que procurou “construir cientificamente” esta teoria. Na leitura de Gramsci, Labriola a classifica como uma teoria autossuficiente, autônoma, que não necessita de nenhuma outra que lhe dê sustentação. A partir da revalorização do marxismo suscitada por Labriola, a práxis passa a ocupar o lugar de categoria central desta teoria e é desse ponto que parte Gramsci, do marxismo como teoria não desvinculada de uma prática.

Gramsci (2011a, p. 225), a este respeito, menciona que:

[...] a partir do momento em que um grupo subalterno torna-se realmente autônomo e hegemônico, suscitando um novo tipo de Estado, nasce concretamente a exigência de construir uma nova ordem intelectual e moral, isto é, um novo tipo de sociedade e, conseqüentemente, a exigência de elaborar os conceitos mais universais, as mais refinadas e decisivas armas ideológicas. Daí a necessidade de repor Antonio Labriola em circulação, fazendo predominar a sua colocação do problema filosófico.

Na busca de satisfazer as necessidades científicas e sociais do início do século XX, em meio a diversas polêmicas, havia o propósito de favorecer os servidores da saúde por estes serem considerados os melhores instrumentos de propagação da educação política e higiênica dos trabalhadores. Rossi Doria critica alguns médicos por não cumprirem seu papel social e por priorizarem o econômico, mas também admite a existência de outros profissionais da classe que se empenham em difundir “o fermento de novas ideias, o eco de novas descobertas e [...] contribuem positivamente para a educação das massas que é o terreno mais propício para o futuro progresso da humanidade” (Berlinguer, 1978, p. 10-11).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial e do fascismo italiano percebe-se um recuo das ideias científicas. Em uma palestra em 1937 proferida por Eugênio Morelli, secretário do Sindicato Nacional Fascista dos Médicos, ele diz: “houve um tempo antes da guerra em que o médico infelizmente, foi se orientando para os partidos chamados subversivos”, mas a partir da necessidade de ir para a guerra o médico teve que “abandonar aquela bagagem de ideologias e partir para a guerra [...] e assim o vimos abraçar com o mesmo ardor a ideia fascista, quando acreditou que tal ideia se identificava com a grandeza da Pátria” (Berlinguer, 1978, p. 11).

Durante o fascismo a estatística torna-se um fim e deixa de ser um meio para o conhecimento da realidade, o que não é priorizado, e assim perde-se o interesse sobre a infância, o trabalho infantil e a mortalidade perinatal (Berlinguer, 1978).

Segundo Berlinguer (1978), em 1922 nasce na Itália o Instituto de Medicina Social que no início se chamava Instituto Italiano de Higiene, Previdência e Assistência Social fundado por Ettore Levi. Embora seu nascimento tenha coincidido com o fascismo no poder, a relação entre as duas situações não é real. Na verdade, a medicina social já desapontava no início dos anos 1900 na Itália. Guido Baccelli (1832-1916) médico italiano e estadista já se referia à medicina política. Gramsci (2002a, p. 389) no *caderno* 19 cita o autor como ministro da Educação em três governos.

Outro médico citado por Gramsci foi Angelo Celli que era higienista e parasitologista e ficou conhecido pelo seu trabalho de controle da malária. No Caderno 3 § 53, Gramsci (2002b, p. 156) menciona as escolas na zona rural de Roma e da zona pantanosa do Pontino, para educação dos camponeses, criadas por Angelo e Anna Celli, sua parceira. Berlinguer (1978, p. 31) indica que o médico fazia críticas aos sociólogos e políticos que consideravam “as epidemias, a alta mortalidade, as mortes prematuras” como forma de controlar o “crescimento dos aspirantes ao banquete da vida”.

Em carta para a sua mãe, em agosto de 1931, Gramsci (2005b, p. 74 [C, n. 246]) menciona a febre da malária e faz uma observação questionando como que a doença se espalha tanto no centro da cidade. Avalia a conduta dos governos da época e opina que deveriam fazer a rede de esgotos, assim como os governos anteriores fizeram um aqueduto. Afirma que: “aqueduto sem esgoto só pode significar difusão da malária, onde a malária já existia esporadicamente”.

Gramsci (2005b, p. 86 [C, n. 251]), correspondendo com a mãe no mês seguinte, menciona a carta recebida da irmã Grazietta e o quanto lhe interessou saber detalhes sobre o assunto (malária e tuberculose). Pensa que se a malária abre caminho para a tuberculose, significa que a população está desnutrida. Solicita à irmã que lhe escreva informando sobre o que comem, em uma semana, as famílias de grupos específicos como: pequenos grupos de proprietários que trabalham na própria terra, assalariados rurais que ganham por dia, artesãos, pastores com ovelhas. Questiona quantas vezes eles comem carne, qual quantidade, quanta gordura, legumes, massas, etc.

Com o desenvolvimento da medicina social na Itália, desde o início do século XX, a higiene, a medicina do trabalho e a medicina legal se expandiam e ao mesmo tempo a consciência dos trabalhadores e da sociedade em geral, de que o social interferia no controle das doenças e dos diversos males. Fica evidenciado que: “malária e feudalismo agrário, pelagra e desnutrição, tuberculose e trabalho do menor, mortalidade infantil e trabalho feminino eram fenômenos ligados de maneira indissolúvel” (Berlinguer, 1978, p. 31).

E. Levi, o fundador do Instituto, tinha o propósito de “desenvolver pesquisas sobre as causas das doenças sociais, em relação aos danos que produzem às classes carentes e aconselhar as soluções”. Um dos objetivos era contribuir com a “educação higiênica dos italianos”. Havia entre os motivadores grande entusiasmo pedagógico e a maior parte dos médicos e sociólogos se identificavam com positivismo (Berlinguer, 1978, p.32).

Segundo Berlinguer (1978), E. Levi também se inspira em Enrico Ferri (1856-1929) que foi um dos fundadores da moderna criminologia. Inicialmente este tinha uma visão mais progressista, chegou a ser dirigente no PSI e editor do *Avanti!* entre 1900 e 1905 até se tornar fascista. Em 1929 foi nomeado senador e defendeu um positivismo biologista extremado, fazendo com que acatasse posições racistas. Gramsci (2010, p. 317, p. 324; 2011b, p. 285; 2004) menciona o criminologista em vários momentos nos *Cadernos do cárcere* (caderno 2, § 74; caderno 3, § 47; caderno 13, §11; caderno 8, § 74; caderno 9, § 12) sobre o “lorianismo”, expressão cunhada por ele mesmo a partir de Achille Loria (1857-1943), que foi um professor de economia na Itália. O professor fazia “uma leitura extremamente vulgar do marxismo” misturando “com um positivismo acrítico e cientificista”.

No início de 1923, E. Levi escreve no nº 1 da revista do Instituto, *Difesa Sociale*, o editorial “A Raiz dos Males Sociais: O Fascismo à prova” constatando que a construção do “edifício político social tem seus fundamentos instáveis sobre um terreno minado pelo sofrimento humano”. No entanto, no final de 1923, o Instituto passa a ser patrocinado por Vittorio Emanuele e pela Caixa Nacional de Seguros Sociais, o que provoca um sentimento de esperança e otimismo em seu fundador, mas o que poderia ser motivo de otimismo e crescimento, logo depois, se traduz em restrições e condicionamentos. Em 1927, E. Levi deixa o Instituto e a revista, quando já se percebia um declínio apesar da dedicação dos estudiosos (Berlinguer, 1978, p. 33).

Berlinguer (1978) elucida que a evolução da medicina social não se limitou ao Instituto, mas entre os anos vinte até os anos setenta do século XX, em muitos momentos, o Instituto conseguiu estimular a expansão do conhecimento, através de publicações e pesquisas. No entanto, as transformações ambientais, institucionais e culturais na Itália foram limitadas.

No período fascista foi editado o *Trattato di Medicina Sociale* em dois volumes, organizado por G. Tropeano, e chama a atenção o imenso conteúdo de dados e notícias, “amontoados” sugerindo uma “interação entre os objetivos atribuídos à medicina social e os perseguidos pelo regime”. O que era apontado como “grandes problemas sociais” que deveriam ser “enfrentados” eram: “a eugenia e a política demográfica, a política rural, o alcoolismo, a prostituição, a degeneração sexual, a esterilidade, as ‘intoxicações voluptuosas’ e o suicídio” (Berlinguer, 1978, p. 36).

Segundo Berlinguer (1978, p. 36), o tema da eugenia visava ter famílias “fascistas dinâmicas, criativas e audaciosas”, assim como, “famílias numerosas,

educadas para a audácia e para pobreza, porque somente a necessidade educa para a ordem desenvolve a inteligência, desperta a astúcia”. Sobre a medicina social no campo, a política rural admitia que no campo havia um “teor de vida verdadeiramente miserável”.

Para Matos (2021, p. 30), em princípio estes problemas de saúde pública identificados deveriam gerar medidas para seu controle, no entanto o que se propunha eram “medidas profiláticas que passavam menos pelo recurso à ciência e mais pela moralização, com controle dos modos de viver e pensar de estratos da classe trabalhadora”. Ao mesmo tempo a desigualdade social era naturalizada e a pobreza representava “um valor”.

Berlinguer (1978, p. 37) menciona que após a abordagem preconceituosa e equivocada da publicação, durante anos não houve nenhum outro trabalho amplo de medicina social e “o deserto cultural deixado por tais elaborações continua a frear, durante longos anos, as tentativas de reelaboração sistemática da matéria”. Com o fim do fascismo, alguns anos depois, as pesquisas sobre os problemas sanitários realizadas eram desvinculadas da orientação fascista, mas no “senso comum” e na publicidade desqualificada, as ideias anteriores continuavam prevalecendo.

Berlinguer (1978, p. 40) enfatiza que o PSI, desde sua criação, lutou pelo “compromisso de médicos e sociólogos” assim como “a burguesia procurava princípios de racionalidade nas fábricas ou consentimentos entre os operários, solicitando o ‘estudo científico do trabalho’”. Apesar do fascismo, neste período, foi possível a realização de alguns estudos de “valor no campo da higiene e da medicina de trabalho”, no entanto esses estudos não alcançaram sucesso em função das precárias condições do mercado de trabalho que contavam 169.358 pessoas inscritas em agências de emprego em 1924 e 1.000.303 em 1932. Além de haver um grande contingente de “reserva para substituir a mão de obra precocemente desgastada”, a ideologia fascista vigente não vinculava a ciência ao trabalho.

Segundo Matos (2021), o recém criado PCI, na década de 1920, não percebeu a força do movimento fascista na Itália e desprezou seu potencial, apesar do alerta feito em 1923 por Clara Zetchin, uma alemã, socialista, marxista e feminista, no “III Pleno ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista” onde propôs o “combate ao fascismo” e a formação “de uma frente única dos trabalhadores”. Algumas análises apontam que o relatório possa ter sido elaborado coletivamente. Neste período Zetchin, Gramsci e Trotsky se relacionavam; Matos (2021, p. 28) avalia que “daí se compreende os escritos de

Gramsci, sempre atentando para a importância de um amplo combate ao fascismo e também de Trotsky, quando do seu exílio”.

A respeito da percepção do perigo do fascismo, Secco (2000) aborda que em 1932 os trotskistas puderam ter contato com a tradução realizada por Mario Pedrosa do livro de Trotsky *Revolução e contra-revolução na Alemanha* onde este cita o filósofo sardo de maneira positiva dizendo:

O Partido Comunista da Itália nasceu quase ao mesmo tempo que o fascismo. Mas as mesmas condições de refluxo revolucionário que faziam o fascismo subir ao poder, entravavam o desenvolvimento do Partido Comunista. O Partido Comunista não tinha uma noção exata da extensão do perigo fascista, embalava-se com ilusões revolucionárias, foi irremediavelmente hostil à política de frente única, foi atingido, em suma, por todas as doenças infantis. Não há nisso nada de surpreendente; tinha só dois anos. Só via no fascismo uma “reação capitalista”. O Partido Comunista não discernia os traços particulares do fascismo, que a mobilização da pequena burguesia contra o proletariado lhe apresentava. Segundo as informações dos amigos italianos, exceto Gramsci, o Partido Comunista nem mesmo admitia a possibilidade da tomada do poder pelos fascistas (Trotsky, 1932 apud Secco, 2000, p.17; grifo meu).

Segundo De Felice (1978, p. 214), em 1925 Gramsci já interpretava o fascismo como uma solução para a “crise do pós-guerra” e percebia a ligação entre as questões nacionais e a perspectiva internacional em atuação. Em discurso na Câmara Gramsci diz:

A burguesia industrial não foi capaz de deter o movimento operário, nem o movimento rural revolucionário. Por isto, a primeira e instintiva e espontânea palavra de ordem do fascismo após a ocupação das fábricas foi esta: ‘Os rurais controlarão a burguesia urbana, que não sabe ser forte contra os operários’... Mas este não é um fenômeno puramente italiano, embora na Itália, pela maior debilidade do capitalismo, ele tenha se desenvolvido ao máximo; é um fenômeno europeu e mundial, de extrema importância para compreender a crise geral do pós-guerra, seja no domínio da atividade prática, seja no domínio das idéias e da cultura. A eleição de Hindenburg na Alemanha, a vitória dos conservadores na Inglaterra, com a liquidação dos respectivos partidos liberal-democráticos, são o correspondente do movimento fascista italiano (Gramsci, *La costruzione Del Partito comunista*, p. 77 apud De Felice, 1978, p. 214).

Neste ponto, cabe ressaltar a análise de Schlesener (2017, p. 245) sobre a concepção de política, encontrada no pensamento de Gramsci, que percebe de forma ampliada a questão e fundamenta-se na divisão da sociedade em classes onde existem governantes e governados, dirigentes e dirigidos. Esta divisão é a expressão do “antagonismo de classes gerado no modo de produção, [e] todas as ações realizadas são marcadas pelas relações de forças que garantem ou renovam uma determinada estrutura de poder que se definem como relações de hegemonia”.

Para Gramsci, segundo Schlesener (2017, p. 245), a existência de dirigentes e dirigidos se sustenta em “uma cultura acadêmica” que não representa a “cultura nascida da realidade das classes populares”. Sendo assim, na sociedade, existem culturas opostas que desempenham uma função nas relações hegemônicas. Necessário esclarecer que se considera popular “o que é produzido pelas classes populares e o que é apresentado e veiculado para elas e que funciona como elemento que fundamenta o consenso”. Sendo o senso comum fruto de conhecimento comprometido pelas referências do pensamento hegemônico, este se manifesta de forma fragmentada e contraditória.

Considerando-se que toda ação guarda em si uma concepção política, mesmo quando não se tem muita clareza, Schlesener (2017) nos fala que:

A assimilação do ideário dominante se faz de forma fragmentada, com base na fábula e da neutralidade do pensamento e do Estado, de modo que a separação entre filosofia e política apareça como natural; os procedimentos institucionais reforçam a ideologia dominante e consolidam as divisões sociais, também estas apresentadas como naturais e não históricas. Compreender como se constitui o real para além das aparências e da ideologia dominante, que esconde as contradições que perpassam a vida dos trabalhadores implica entender o movimento das lutas de classes a fim de criar formas de resistência e instituir uma nova sociabilidade. A crítica a esse conjunto de relações só pode ser feita a partir do entendimento claro do modo como se articulam filosofia e política, pensamento e ação, produzindo determinadas relações de hegemonia. (Schlesener, 2017, p. 246-247).

Para Gramsci, o homem simples que faz parte da massa e que tem uma vivência prática, nem sempre partilha de uma consciência teórica. Em muitos momentos, inclusive, é possível que a consciência do agir esteja se contrapondo à consciência teórica, já que a verbalização de uma concepção pode ser mera herança do passado que foi absorvida sem crítica, o que possibilita um distanciamento ou antagonismo entre o que expressamos e a nossa ação.

Partindo do ponto de que todo ato é um ato político, como fica quando o ato contraria a filosofia, a palavra? Além da possibilidade de má fé, esse fato expressa contradições de “natureza histórico-social”, isto é, quando existe “submissão e subordinação intelectual” provocando o uso de uma concepção de mundo que não é própria. Por esta razão, Gramsci acredita não ser possível separar filosofia de política (Gramsci, 2011a, p. 97).

A filosofia da práxis, com isso, não considera que esta “concepção verbal” da massa seja leviana, mas é resultado da ligação que se tem com um determinado grupo que influi e dirige a vontade, as condutas morais das massas, muitas vezes provocando, em função da insatisfação, uma paralização que se

converte em “um estado de passividade moral e política”. A superação dessa fase inicia para Gramsci quando:

A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam (Gramsci, 2011a, p. 103).

Para Gramsci unir teoria e prática é, portanto, um “devir histórico” que, superando a sua fase primária de separação, alcança uma completa e realística concepção de mundo. Por essa razão é que o desenvolvimento do conceito de hegemonia, como conceito político que é, tem uma representação muito importante no progresso filosófico da sociedade. Seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao alcance de “uma unidade intelectual e uma ética” que, superando o senso comum, através do senso crítico, alcançam a concepção da realidade (Gramsci, 2011a, p. 104).

O panorama visto nos parágrafos anteriores sobre a condição italiana, na década de 1920, guarda semelhanças no que Antunes (2020b, p. 14) discorre acerca do atual momento:

As alienações, as coisificações e os tantos estranhamentos, as devastações ambientais, as opressões de gênero, raça, etnia, sexos, todas essas aberrações – e tantas mais – estão sendo desencavadas dos porões mais abjetos, das catacumbas mais lúgubres [...].

As crises de 1968-1973, em especial a de 2008-2009, facilitaram o retorno de situações temporariamente superadas como o ritmo acelerado de trabalho, ataques desmedidos ao meio ambiente, destruição do trabalho rural em nome do agronegócio entre outros. Além da “eugenia social”, o racismo em alta escala, a homofobia, “opressão de gênero”, desvalorização da ciência e outras características que apontam para a aniquilação.

Não posso deixar de mencionar o momento pandêmico que vivenciamos muito recentemente e seus desdobramentos ainda ferozmente sentidos. Antunes (2020b, p. 20) examina que em meio uma “crise estrutural do capital”, que voltaremos a falar mais adiante, surge a pandemia da Covid-19, desencadeada pelo novo coronavírus, que muito rapidamente se espalha e mata milhares de pessoas em várias partes do globo, gerando milhões de desemprego.

Neste contexto, Antunes (2020b, p. 20) menciona que David Harvey, em seu livro *Política anticapitalista em tempos de coronavírus*, observou que esta

pandemia se caracterizou como portadora de gênero, classe e raça, mesmo que o discurso propalado fosse que a luta seria de todos. Hoje nos Estados Unidos a classe trabalhadora é formada por mulheres, afro-americanos e latinos que tiveram que escolher cuidar dos doentes e se contaminar, trabalhar como entregadoras/es ou ficar desempregada sem direitos. Como se não bastasse, em quase todo mundo há um empenho para que as forças produtivas sejam “socializadas durante muito tempo para se comportarem como bons sujeitos neoliberais (ou seja, culpar a si mesmas ou a Deus se algo der errado, mas nunca ousar sugerir que o capitalismo pode ser o problema)” (Antunes, 2020b, p. 20).

Para Matos (2021, p. 3) a população negra no Brasil foi a mais atingida nesta pandemia da Covid-19, por ser a população com as condições de vida e de trabalho mais precarizadas e, conseqüentemente com mais limitações em relação às demandas de isolamento, higienização e quarentena. Somado a esta realidade tem-se que o Sistema Único de Saúde (SUS), após anos de “sucateamento” e “desgoverno”, esbarrou com muitas dificuldades para desempenhar o seu papel.

Vale destacar o artigo 198 da Constituição Federal Brasileira de 1988, que garante que: “A saúde é direito de todos e dever do Estado” que inclui política pública gratuita, distributiva e universal. Três princípios regem a doutrina do SUS: a Universalidade que garante o acesso a todos sem distinção; a Igualdade/Equidade que assegura o mesmo atendimento respeitando as diferenças e necessidades individuais; e a Integralidade que assegura que as ações e serviços sejam integrados e busquem a promoção, proteção e recuperação do indivíduo, no nível municipal, estadual e federal.

Matos (2021) reforça a garantia do financiamento do SUS através dos “impostos e arrecadações nas três esferas de governo”, mas ressalta que infelizmente o sistema “sofre boicotes” que o impossibilita de cumprir com êxito o seu principal fundamento e compromisso de garantia de saúde pública para todos. A principal motivação para que isso se dê está nos interesses privados dos grandes empresários da saúde que visam lucros com os planos privados de saúde.

O governo Temer (2016-2018) foi o responsável pela Emenda Constitucional (EC) nº 95/2016, aprovada em 16 de dezembro de 2016 que limitou os gastos e investimentos públicos em especial nos serviços da área social e irá vigorar por 20 anos, independentemente de como esteja a economia, incluindo saúde e educação. Para Matos (2021, p. 6) o governo Bolsonaro

(2019-atual), dando sequência à destruição iniciada no governo Temer, coloca em prática uma “agenda fascista para a saúde” e “aprofunda o desmonte em curso do Sistema Único de Saúde, dando continuidade ao desfinanciamento, as parcerias público-privadas” além de dar fim ao *Programa Mais Médicos* suspendendo os contratos das/os médicas/os cubanas/os.

Segundo Aliaga (2020, p. 126-127), é possível perceber uma semelhança entre o “Fascismo na Itália e o Nazismo na Alemanha” com muitas situações que assistimos e vivenciamos atualmente no Brasil. No entanto, a autora expõe que não se pode afirmar que Bolsonaro “tenha um projeto de Estado – diferente de Hitler e Mussolini –, mas, ao contrário, o que se torna cada vez mais evidente é que ele possui exclusivamente um projeto individual (ou familiar) de poder”. Para continuar no poder o presidente aprofunda “a crise de hegemonia, aprofundando as rachaduras no interior do bloco no poder” e com isso limita a possibilidade de criar consensos. Desta forma ele amplificou “a crise política, econômica e sanitária, permitindo e mesmo contribuindo para morte de milhares de pessoas, despertando forças reacionárias que não será capaz de controlar” (Aliaga, 2020, p. 127).

4.2.

Americanismo e fordismo nas cartas e a saúde do trabalhador

O tema americanismo e fordismo aparece, como um dos itens (11º), na primeira página do *caderno 1*, a ser desenvolvido por Gramsci durante o período do cárcere, em uma lista contendo 16 temas, iniciado em 8 de fevereiro de 1929. Alguns anos depois, o mesmo nome será título de um “caderno especial”, *caderno 22*, contendo 16 § (Gramsci, 2001), com data suposta entre fevereiro e março de 1934, segundo proposta do filólogo Gianni Francioni.

Foram muitas reflexões realizadas por Gramsci nos primeiros cadernos, sobre o tema, até chegar ao *caderno 22*, com algumas questões já mais amadurecidas. Neste espaço, em função da nossa pesquisa, iremos privilegiar as questões mais evidenciadas nas cartas, escritas por Gramsci no cárcere, que implicam no modo de produção e na saúde do trabalhador, seja física e/ou psíquica.

Acho importante, no entanto, trazer algumas distinções observadas por Baratta (2017) na elaboração de Gramsci, a respeito dos temas “americanismo” e “fordismo” que pode auxiliar na compreensão na totalidade.

Baratta (2017, p. 38) alerta sobre a necessidade de distinguir os dois termos citados e observa que nos *Cadernos*, o “americanismo” aparece como uma representação “ideológico-cultural” do modo de produção capitalista na sociedade da época, enquanto o “fordismo” representaria a “dimensão técnico-produtiva”. Também fica compreensível a relação territorial do termo “americanismo”, e mais veladamente “a hegemonia americana” no mundo capitalista.

Até o *caderno* 4, segundo Baratta (2017, p. 39), Gramsci percebe o americanismo como a garantia “do desenvolvimento capitalista dos ‘tempos modernos’”, nos dois sentidos que lhe cabem, tanto econômico quanto “político-cultural”, e pensa, inicialmente, ser a questão demográfica e socioeconômica o alicerce de sustentação da “modernidade” e da “racionalidade” do americanismo. Escreve ainda em nota comparando o americanismo e a filosofia de Giovanni Gentile (filósofo, político e educador italiano) e aponta a diferença entre o que é o americanismo: “ação real, que modifica essencialmente tanto o homem como a realidade exterior (isto é, a cultura real)” e a filosofia do educador como: “o ridículo espírito gladiador que se autoproclama ação e que só modifica as palavras e não as coisas, o gesto exterior e não o interior do homem”. Gramsci (2001, p. 254) contesta a crítica que se faz ao americanismo de ser “mecanicista, grosseiro, brutal” em contraposição à “tradição”.

Baratta (2017) chama atenção sobre a prioridade dada à ação e cita outro trecho do *caderno* 23 onde Gramsci (2002b, p.107) escreve que em alguns períodos da história “a atividade prática pode absorver as maiores inteligências criativas de uma nação: em certo sentido, [...] todas as melhores forças humanas são concentradas no trabalho estrutural e ainda não se pode falar em superestruturas” e acrescenta que “essa foi a base da construção na América de uma teoria sociológica”. Ao mesmo tempo, Gramsci afirma ser necessário “uma ampla atividade criativa no campo prático” e pergunta: “esta atividade ‘poético-criativa’ existe e é vital, estimulando todas as forças vitais, as energias, as vontades, os entusiasmos do homem, por que não estimula também a energia literária e não cria uma épica?”.

Para Baratta (2017) esse é um momento em que Gramsci ao se aproximar do americanismo, ao mesmo tempo, se distancia. Gramsci (2002b, p. 107) complementa seu raciocínio e analisa que “se isto não ocorre, nasce a legítima dúvida de que se trata de energias “‘burocráticas’ de forças não expansíveis universalmente, mas repressivas e brutais”. Para o filósofo sardo essas forças não se apresentam como repressoras apenas “em face do trabalhador

instrumental, o que é compreensível, mas são repressivas universalmente” o que seria característico deste tipo de força.

Muitas outras questões sobre o “americanismo e fordismo” foram suscitadas nos *Cadernos* pelo próprio Gramsci e outras surgiram, e ainda surgem, trazidas por pesquisadores importantes e renomados que nos ajudam a acompanhar o processo do pensamento de Gramsci no entendimento do tema.

Para esse estudo considero importante trazer, nesta pequena introdução, principalmente, que houve um caminho percorrido pelo autor construído com questionamentos e reflexões oportunizando o aparecimento de aparentes contradições. Vale também lembrar o alerta de Baratta (2017, p. 41) de que uma leitura do *caderno 22* desvinculada do restante, “pode induzir a mal-entendidos, porque ele não traz passos (precedentemente citados) importantes”, que foram escritos pelo pensador em outros cadernos. Ao escrever o *caderno 22* Gramsci já tinha desenvolvido uma autocrítica em “relação a resíduos parcialmente economicistas de suas primeiras colocações”.

4.2.1. Americanismo e fordismo nas cartas

No *Dicionário gramsciano*, no verbete “americanismo e fordismo”, Baratta (2017a, p. 41) chama a atenção para o fato de que Gramsci (2005a, p. 128 [C, n. 25]), quando escreve para sua cunhada, em 19 de março de 1927, esboçando um projeto de estudo no cárcere, não inclui o referido tema na proposta. Dois anos depois, em outra correspondência, datada de 25 de março de 1929, ele inclui “o americanismo e o fordismo” como plano de estudo, cita os dois livros que tem de Ford e dois volumes de Siefried e Lucien Romier, autores franceses (Gramsci, 2005a, p. 329 [C, n. 147]).

A mudança de plano, provavelmente, se deu em função dos estudos realizados no período desses dois anos no cárcere, quando Gramsci se dedicou a estudar a questão americana, principalmente, através da leitura e tradução da revista alemã *Die literarische Welt*, de 14 de outubro de 1927, sobre a literatura dos Estados Unidos, assim como os livros citados no parágrafo anterior, romances com traduções em francês e também os artigos em várias revistas sobre o fordismo e a sociedade americana (Baratta, 2017a).

Para nos conectar com o processo pelo qual passou o pensamento de Gramsci (2005a, p. 159-160 [C, n. 37]) no período da prisão, acho relevante citar

que em carta a Tatiana, em 23 de maio de 1927, ele menciona que iniciou uma atividade física que lhe fez sentir melhor e refere-se à dificuldade que encontra de estudar e se fixar em um tema, como se deve, quando se quer aprofundá-lo. Levanta a possibilidade de que a concentração possa vir acontecer no estudo de línguas que tem feito “sistematicamente, isto é, não deixando de lado nenhum elemento gramatical”. Afirma que está decidido, após estudar o alemão e o russo, passar para o inglês, o espanhol e o português. Nesta mesma carta à cunhada faz um catálogo dos livros de sua “biblioteca permanente”, cita o livro de Ford *Hoje e Amanhã* e a este respeito, diz se divertir com a leitura porque considera que o autor, além de ser “um grande industrial”, lhe “parece um grande teorizador”.

No ano seguinte, em carta enviada à cunhada Tatiana, datada em 9 de abril de 1928, Gramsci (2005a, p. 258 [C, n. 104]) faz menção ao jogo *Mecanno*, (criação inglesa, mas que representava bem a cultura americana), que gostaria de dar ao filho Delio. É a primeira vez que ele cita o *kit Mecanno* que, segundo nota, foi criado no início do século XX com peças metálicas com o objetivo de montar vários objetos diferentes. Nove meses depois, em 14 de janeiro de 1929, Gramsci (2005a, p. 312 [C, n. 137]) escreve à companheira Giulia, e pergunta como Delio interpreta o brinquedo. Seu interesse se dá por não saber se ele é um brinquedo recomendável, já que a seu ver, priva a criança “de seu próprio espírito inventivo”.

Baratta (2004, p. 155-156) observa que neste momento Gramsci retoma seu interesse pela cultura moderna americana e durante o ano de 1929 faz a tradução, conforme já citado, da revista “*Die literarische Welt*” que continha informações bem documentadas sobre a América. Sinaliza também que, justamente no ano da “grande crise”, o filósofo redescobre o americanismo e demonstra muito cuidado ao emitir opinião sobre a crise de 1929. Para Baratta (2004, p. 156), Gramsci (2001) considera que a crise seria: “uma ‘manifestação clamorosa’ [...] de algo mais profundo, ou seja, da ‘crise orgânica’ ou permanente que toma conta constantemente do capitalismo, particularmente do capitalismo ‘americanista’ dos tempos modernos [...]”.

De acordo com Baratta (2004, p. 155), Gramsci percebe que a América não é somente “um modelo econômico, político e cultural” e torna-se um “centro” dentro de um “processo de integração mundial da realidade econômica e social”. No *caderno* 10, § 41, VII, Gramsci (2011a, p. 381) enumera as bases do método de produção no taylorismo e fordismo e avalia que: “A seleção de um novo tipo de operário torna possível, através da racionalização taylorizada dos

movimentos, uma produção relativa e absoluta maior do que a anterior, com a mesma força de trabalho”.

Gramsci (2011a, p. 382) acrescenta que os novos métodos podem desencadear uma sequência de crises que trazem os mesmos problemas em relação ao aumento dos custos e, isto pode ocorrer sucessivamente até que algumas questões sejam sanadas. Cita como exemplo o senador Agnelli que, na Fiat, trouxe para si os lanterneiros de outras empresas oferecendo salários mais altos. Sendo assim, as fábricas que perderam seus operários tentaram inovar criando um para-lamas de madeira, o que não deu certo e criou novas dificuldades. Para o pensador italiano, o americanismo surge para o controle da queda da taxa do lucro, e traz o “ritmo acelerado no progresso dos métodos de trabalho e de produção e de modificação do tipo tradicional do operário”.

No *caderno 22*, § 2, sobre a “racionalização da composição demográfica europeia”, Gramsci (2001, p. 242-243) explica que o americanismo não prescinde de uma “composição demográfica racional”, isto é, as “classes absolutamente parasitárias”, sem uma função produtiva devem ser racionalizadas. No caso da América, esse controle se dá naturalmente, diferente da Europa que, segundo o pensador, mantém várias classes. Foram classes “criadas pela ‘riqueza’ e pela ‘complexidade’ da história passada”, a saber, “do pessoal estatal, do clero, da propriedade fundiária, do comércio de rapina e do exército”. Gramsci acrescenta que quanto mais antigo é o país, maiores serão as “massas ociosas e inúteis” que vivem das heranças deixadas pelas “avós”.

Gramsci (2011a, p. 351) no *caderno 10*, § 36 aponta que os empresários tentam escapar da lei da queda da taxa de lucro apostando em novas tecnologias para o aumento da produtividade e conseqüente aumento de lucro. No entanto, na medida em que a novidade técnica se socializa há novamente a queda do lucro, tão almejado, o que faz com que sejam utilizadas estratégias de manutenção desta nova tecnologia como registro de patentes, “segredos industriais, etc.”. Para Gramsci, outra estratégia empresarial utilizada é a busca constante de novas mudanças “progressivas” na produção e no trabalho e diz que: “Toda atividade industrial de Henry Ford pode ser estudada deste ponto de vista: uma luta contínua e incessante para fugir da lei da queda da taxa de lucro, pela manutenção de uma posição de superioridade sobre os concorrentes” (Gramsci, 2011a, p. 351).

Del Roio (2007, s/p.) ratifica que Gramsci observa que o capital, através do americanismo-fordismo, teria criado um método de combater “a lei da tendência histórica ao declínio da taxa de acumulação”. Através da gestão científica da

produção e do processo de adaptação dos trabalhadores aos “novos métodos de trabalho” seria possível elevar a taxa de “exploração do trabalho”.

Para De Felice (1978), Gramsci percebe a mudança do mercado e pensa que se deve considerar que a economia não é mais a mesma e passou a ser baseada em produções de grande massa, o que provocou uma crise difícil de ser controlada dada sua amplitude. Para o pensador é necessário entender a crise a partir da compreensão na queda tendencial da taxa de lucro e a partir daí determinar quais elementos foram modificados. Gramsci (2001, p. 305) analisa as modificações que se deram no capitalismo no pós-guerra e diz: “No pós-guerra, a categoria dos improdutivos parasitários cresceu enormemente, em sentido absoluto e relativo, e é tal categoria que devora a poupança. Nos países europeus, ela é ainda maior do que na América, etc.”. Ele considera que não é uma crise “moral” ou “política” e sim “econômico-sociais”. Acrescenta que: “a sociedade cria seus próprios venenos, deve sustentar massas (não só de assalariados desempregados) de população que impedem a poupança e rompem assim o equilíbrio dinâmico”.

De acordo com Del Roio (2018, p. 119), Gramsci quando escrevia no *L'Ordine Nuovo* considerava que a “autogestão do processo produtivo” poderia acontecer a partir do conhecimento técnico da produção pelos trabalhadores. No entanto, os conselhos de fábrica deveriam gerir o “novo Estado” a partir de uma “mudança profunda no conjunto da vida social” que não dispensaria uma “qualificação cultural”.

Ainda segundo Del Roio (2018, p. 163), a tentativa fracassada do movimento operário italiano, na década de 1920, abriu portas para a instalação do fascismo com o propósito de manter a hegemonia burguesa que havia sido abalada pelas lutas operárias. Gramsci interpretou o fascismo como uma revolução passiva e por esta razão necessitaria de um aparato estatal e de outras contribuições, além das coercitivas, para se manter. Além da “recomposição da hegemonia burguesa” italiana especificamente, “na sequência da derrota da revolução socialista internacional” era preciso considerar a hegemonia internacional. Por esta razão, Gramsci viu o “americanismo-fordismo” como um investimento muito grande na possibilidade de construir um novo tipo de homem/trabalhador.

Gramsci (2001) dedica o *caderno 22* – escrito em 1934, com 16 parágrafos – ao tema Americanismo e Fordismo e no § 1 faz referência aos vários problemas encontrados na sociedade moderna, as complicações de várias ordens e a necessidade de se buscar soluções, que em geral, são contraditórias

causando inúmeros problemas, crises econômicas, polêmicas entre outras questões. Segundo Baratta (2017), para Gramsci, o americanismo e fordismo surgiram como resultado da necessidade de construir a passagem de uma economia mais individualista para uma economia que fosse programática e, por esta razão sua relevância do ponto de vista histórico.

Ainda no *caderno* 22, § 1, Gramsci (2001, p. 241) avalia que uma “tentativa progressista”, proveniente de uma “força social”, quando é experimentada sempre é acompanhada de consequências. Acredita que, neste caso, as “forças subalternas” sempre resistem às tentativas de manipulação e racionalização para o alcance das novas propostas, assim como alguns “setores das forças dominantes”.

No § 11, do mesmo *caderno*, Gramsci (2001, p. 266) menciona o novo método de trabalho nas indústrias e como a “vida íntima dos operários” é invadida e controlada na sua “moralidade” pelos serviços que inspecionam os trabalhadores. O filósofo italiano registra que minimizar o fato é não “compreender o significado e o alcance objetivo do fenômeno americano” que é criar “um tipo novo de trabalhador e de homem”. Lembra a frase “gorila amestrado” dita por Taylor com “cinismo” expressando “o objetivo da sociedade americana” em transformar o trabalhador em uma pessoa maquinal e automatizada, impedido da expressão da inteligência, criatividade e resolutividade, próprias do trabalho qualificado.

Schlesener (2019, p. 121) nos fala sobre o papel determinante da educação repressiva no que diz respeito à formação da sociedade e, neste ponto, inclui as questões relacionadas à adaptação ao trabalho e à introdução das novas formas de produção como foi no Taylorismo. Avalia que se observarmos a história da humanidade e do mundo do trabalho podemos concluir que também a “inserção de novas tecnologias [...] caracterizou-se como uma história de educação coercitiva dos trabalhadores, de assimilação de valores, normas e novos costumes necessários para a sua adaptação ao trabalho”.

Para a autora, o processo de desenvolvimento do trabalho e a consequente demanda de um processo educativo evidenciam a função da educação repressiva como uma forma das(os) trabalhadoras(es) se adequarem às exigências “e aos interesses das classes dominantes”. Schlesener (2019, p. 122-123) avalia que Gramsci também buscou entender como se daria, na Europa, os processos de mudanças provenientes da América e como poderia, a

racionalização do trabalho, ser eficiente para um “projeto de uma nova ordem social e política sem desembocar em nova forma de bonapartismo”.

Escrevendo à cunhada Tatiana, sobre as condições de saúde de sua companheira Giulia, em 20 de outubro de 1930, Gramsci (2005a, p. 447 [C, n. 203]) atribui seu esgotamento nervoso ao fato dela não saber se cuidar e compara com a mesma situação que aconteceu com a irmã Genia, em 1919, e diz que a esposa “não quer se convencer de que um determinado ritmo de trabalho só é possível com certos cuidados de recuperação do organismo e com certo método de vida [...]” e continua ponderando que “não se trata de um fenômeno individual; infelizmente, está difundido e tende a se difundir cada vez mais, como se vê pelas publicações científicas feitas em relação aos novos sistemas de trabalho introduzidos pela América”.

Na mesma correspondência, Gramsci (2005a, p. 448 [C, n. 203]) ressalta o caráter psicológico da questão e menciona as “medidas tomadas” pelos industriais inclusive por Ford que possui vários “inspetores que controlam a vida privada dos empregados e lhes impõem o regime de vida: também controlam alimentação, o sono, o tamanho dos quartos, as horas de descanso e até os assuntos mais íntimos”. Argumenta que o industrial oferece salários mais altos, mas quer pessoas que “saibam trabalhar e estejam sempre em condições de trabalhar, isto é, gente que saiba coordenar o trabalho com o regime de vida”. Gramsci diz que os europeus como ele são *bohémians*, isto é, “acreditamos que podemos fazer algum trabalho e viver como quisermos”.

Segundo Vacca (2012), Gramsci concordava com Tatiana sobre o diagnóstico funcional atribuído à doença de Giulia, mas também acreditava que a situação em que se encontrava socialmente a Rússia, interferia na condição física e psíquica da esposa. Para Gramsci, seria importante considerar as questões sociais e psicológicas oriundas das mudanças no trabalho iniciadas na América. Vacca (2012, p. 166) argumenta que na percepção de Gramsci: “A introdução do taylorismo na Europa não se fazia acompanhar daquele mix de coerção e de políticas sociais com que os industriais americanos tratavam de criar o ambiente mais favorável ao novo industrialismo”.

Para De Felice (1978, p. 254), Gramsci observa que até mesmo a construção do socialismo na União Soviética não conseguiria livrar-se da atuação de “alguns elementos da revolução passiva” e do que caracteriza o momento de uma “guerra de posição” (internacional), na “construção de um novo Estado”. O filósofo sardo analisa que revolução passiva e guerra de posição representam ao mesmo tempo uma “face retrógrada e progressista na medida

em que exprimem a defesa de uma ordem historicamente superada ou a organização das forças em desenvolvimento”.

Del Roio (2018, p. 212) expõe que o fascismo, como revolução passiva, representou a resposta das classes dirigentes tradicionais da Itália à pressão exercida pelas classes subalternas italianas e pela revolução socialista internacional. Para o autor, “a revolução passiva é expressão de uma guerra de posição conduzida pela classe dominante contra as classes subalternas e por um posicionamento mais favorável no contexto internacional” (Del Roio, 2018, p. 212).

Gramsci (2001, p. 267) no *caderno* 22, § 11, critica Ford e admite que o industriais americanos não se preocupam com a “humanidade” e nem com a “espiritualidade” do trabalhador e diz que só na “‘criação’ produtiva” esta preocupação era possível. No objeto criado pelo artesão, por exemplo, continha ali a personalidade daquele trabalhador. O filósofo sardo argumenta que o controle da vida pessoal exercido pelo fordismo tem como objetivo garantir um “equilíbrio psicofísico” do trabalhador, fora do horário do trabalho, mantendo a continuação de sua “eficiência física” e “muscular nervosa”.

Segundo Costa (2017, p. 123), Gramsci observou que a partir das transformações no interior da fábrica na América se deu o fortalecimento do fordismo e taylorismo, e a partir daí outras mudanças se estenderiam para fora interferindo na maneira de viver, na cultura popular e na sociedade em geral. O americanismo, reproduzindo a lógica do capital, almeja formatar a “vida dos seres humanos”.

Gramsci (2001, p. 267) cita o “equilíbrio” como inicialmente “externo e mecânico”, mas que poderia tornar-se “interno”, a partir da proposta derivada do “próprio trabalhador”. Para Costa (2017, p. 124), este equilíbrio está intimamente ligado à “subjetividade do trabalhador” e diz respeito à “formação de uma hegemonia, que tinha na lógica da fábrica a sua referência fundacional”. Com isso “a alienação do ato de produzir era transferida também para o ato de viver, de controlar o seu próprio tempo livre”. Neste contexto, “a educação passa a ser um veículo desse processo de formação de uma vontade coletiva urbanoindustrial” que objetivava, mais do que uma submissão, seria preciso, ser “internalizada, naturalizada e vivida como único fim”.

Gramsci expõe que foi necessária uma intermediação para diminuir os conflitos entre a produção e as necessidades dos trabalhadores, que tornou possível a educação “para um novo padrão de sociabilidade industrialista”, o que possibilitaria a interiorização “dos valores éticos e morais tayloristafordista”.

Assim, tem-se o consumo e o trabalho assalariado como referência, fazendo parte natural da “existência humana” e o surgimento do “novo homem’ urbano” sustentando o capitalismo (Costa, 2017, p. 124).

Em carta enviada à Tatiana, datada em 4 de novembro de 1930, Gramsci (2005a, p. 449 [C, n. 205]) responde não ter lido o livro de Ford, edição em alemão, sobre os judeus que a cunhada havia adquirido para estudar esta língua, mas diz conhecer seu modo de pensar lendo outros livros e diz que: “a luta contra os judeus é o aspecto mais incisivo de sua luta contra a plutocracia, que várias vezes tentou se apoderar de seu sistema industrial mediante pressão financeira e também através da ação dos sindicatos operários”. Gramsci continua e questiona quem tem condições de suportar “o ódio que Ford está sentindo agora, depois das duas crises na Bolsa de Nova Iorque que puseram um freio na construção de automóveis! Todo otimismo de sua visão industrial foi destruído e será difícil fazê-lo renascer”.

No § 1, do *caderno 22*, Gramsci (2001, p. 241) menciona alguns itens “dos problemas mais importantes ou interessantes” provenientes do americanismo e fordismo. Um dos itens citados é a psicanálise e o aumento de sua divulgação. Para ele, este aumento, seria no pós-guerra, consequência do “aumento da coerção moral exercida pelo aparelho estatal e social” sobre as pessoas e também resultado do aumento das crises provocadas pelas coerções sofridas por esses indivíduos.

Segundo Vacca (2012), Giulia inicia um tratamento psicanalítico em abril de 1931 e Gramsci questiona, inicialmente, a possibilidade de eficácia da psicanálise para o caso da esposa. Mais adiante, Gramsci (2005b, p. 39 [C, n. 227]) em carta para Tatiana, datada em 20 de abril de 1931, avalia que se “sua doença tiver origens puramente nervosas” acreditaria que ela poderia ser beneficiada com esse tipo de tratamento. Em 31 de agosto de 1931, Gramsci (2005b, p. 79 [C, n. 249]) escreve à companheira e menciona seu desconhecimento sobre a continuação ou não do tratamento psicanalítico e diz estar convencido de que ela sofria do que “os psicanalistas chamam de ‘complexo de inferioridade’”. Giulia parecia estar melhor da depressão.

Em correspondência de 15 de fevereiro de 1932, Gramsci (2005b, p. 157 [C, n. 285]) pede ajuda a cunhada para entender melhor o “estado psicológico” de Giulia e volta a defender sua hipótese inicial de que Giulia sofria de uma “inadaptação à realidade criada pela industrialização forçada”, e diz que a companheira não conseguia resolver os problemas ela mesma e necessitava se

“apoiar em uma autoridade, num curandeiro ou num médico psicanalista”

(Vacca, 2012, p. 264).

De Felice (1978) ressalta que nesta carta Gramsci (2005b, p. 158 [C, n. 285]) evidencia a enorme tensão sofrida pela sociedade quando diz que:

A situação se torna dramática em determinados momentos históricos e em determinados ambientes, isto é, quando o ambiente está superaquecido até o ponto de uma tensão extrema, quando são desencadeadas forças coletivas gigantescas que pressionam cada indivíduo até o ponto da convulsão, para dele obter o rendimento máximo de impulso volitivo para a criação. Estas situações se tornam desastrosas para os temperamentos muito sensíveis e refinados, enquanto são necessárias e indispensáveis para os elementos sociais atrasados, por exemplo, os camponeses, cujos nervos robustos podem ser submetidos a tensões e vibrações num diapasão mais alto, sem se ferirem (Gramsci, 2005b, p. 158 [C, n. 285]).

Para Gramsci, todas as pessoas possuem uma “prática filosófica quando interpretam o mundo”, e acompanha Marx, para quem a filosofia se converte em “uma força material” que influencia o senso comum de um determinado tempo. As ideologias de uma época devem ser consideradas para a análise de um sistema filosófico. Dessa forma, o marxismo pode ajudar os trabalhadores a tornarem-se protagonistas da história, a partir de uma atividade crítica da realidade (Bottomore, 2001, p.167).

No trabalho aparentemente mecânico, que parece depender somente de desempenho físico, requer-se o mínimo de criação e de alguma intelectualidade, por menor que seja. Para Gramsci (2010), os intelectuais, assim como os grupos fundamentais (aqui entendidos como hegemônicos), também têm uma relação na sociedade com o sistema de produção, só que de maneira mais indireta. A sua organicidade pode ser medida em função da conexão que eles estabelecem, maior ou menor, com o grupo social a que pertencem. Semeraro (2006) interpreta que, ao se interligarem com o mundo do trabalho e com as diversas organizações culturais e políticas, os intelectuais orgânicos se comprometem com um projeto maior de sociedade e com um determinado tipo de Estado. São eles orgânicos, na medida em que são especialistas em suas áreas de trabalho e, ao mesmo tempo, elaboram e representam uma concepção de mundo ético-política na cultura, na educação e na organização da sociedade. O Estado e a hegemonia social ficam assim assegurados.

De Felice (1978, p. 254) coloca que era notório para Gramsci que mesmo a “construção do socialismo na União Soviética não pode escapar à atuação de alguns elementos da revolução passiva”, isto é, mudança pelo alto. No *caderno* 6, § 138, Gramsci (2011b, p. 255) argumenta que no processo de construção de

um novo Estado, durante o período da guerra de posição, é exigido “enormes sacrifícios de massas imensas de população; por isto, é necessária uma concentração inaudita da hegemonia e, portanto, uma forma de governo mais ‘intervencionista’, que mais abertamente tome a ofensiva contra os opositores” e que haja uma organização constante que cuide para que não aconteça uma “desagregação interna”.

Para Vacca (2012, p. 266) Gramsci considerava importante descrever como o superego funcionava a partir das ações pedagógicas repressivas concretas do Estado, na tentativa de modelar a sociedade de acordo com o projeto construído pelas “elites dominantes”.

Em resposta à cunhada, em 7 de março de 1932, Gramsci tenta esclarecer seu pensamento a respeito e escreve:

Em todo momento da história, não só o ideal moral, mas também o “tipo” de cidadão estabelecido pelo direito público é superior à média dos homens que vivem num determinado Estado. Esta discrepância se torna muito mais pronunciada nos momentos de crise, como é este do pós-guerra, seja porque o nível de “moralidade” se abaixa, seja porque mais alto se coloca a meta que se deve alcançar e se expressa numa nova lei e numa nova moralidade. Em ambos os casos a coerção estatal sobre os indivíduos aumenta, aumenta a pressão e o controle de uma parte sobre o todo e do todo sobre cada um de seus componentes moleculares (Gramsci, 2005b, p. 168-169 [C, n. 290]).

Na referida carta, Gramsci (2005b, p. 169 [C, n. 290]) deixa claro que o efeito da pressão, em cada indivíduo, se dá de diferentes formas e graus. Muitos conseguem resolver com facilidade e “superam a contradição com o ceticismo vulgar”. Já outros grupos seguem à risca, externamente, o que está determinado, isto é, a “letra da lei”, mas há os que não conseguem lidar, a não ser de um modo “catastrófico, visto que provoca desencadeamentos mórbidos de paixões reprimidas, que a hipocrisia social só aprofunda e perturba”. Gramsci cita a “hipocrisia social” como sendo “a obediência à fria letra da lei”, forma como alguns conseguem “sobreviver” à pressão. O que não era o caso de Giulia.

Aqui o filósofo sardo sinaliza, para a cunhada, o tamanho da abstração e imprecisão que contém as suas reflexões sobre o assunto e alerta que suas colocações não devem ser “tomadas ao pé da letra”. Considera como sendo um “esquema” que encerra apenas “uma orientação geral” e pensa que seria importante “uma exposição mais minuciosa e analítica” para melhor entendimento, o que não seria possível nas cartas (Gramsci, 2005b, p. 169 [C, n. 190]).

Segundo De Felice (1978, p. 253), a admiração de Gramsci pelo fordismo não se dá pelo seu conteúdo, mas pela tentativa que este faz para vencer a crise

do capitalismo. Mesmo não sendo “uma resposta real” à crise não se pode “reduzir” a “experiência”. Baratta (2017a, p. 31) aborda que a descrição do fordismo deverá sempre ser acompanhada pela descrição do taylorismo, que tem o operário como um prolongamento da máquina e deverá ser tratado como tal. O “trabalho vivo” é visto sob vários ângulos e deverá ser analisado, estudado etc. para que possa ser desenvolvido na sua maior potência produtiva o que significa “sistema Taylor-Ford que cria um novo tipo e qualificação e de profissão”.

Segundo Baratta (2017a), Gramsci (2001, p. 267) avalia que o fordismo atua “sobre o processo reprodutivo da força do trabalho” oferecendo salários diferenciados. No entanto, a diferença não consegue compensar o desgaste “psicofísico” a que são submetidos os trabalhadores além da submissão às regras sobre o uso do álcool e sobre a vida sexual para garantir “a eficiência física, isto é, muscular-nervosa do trabalhador”.

Gramsci (2001, p. 268-269) no *caderno 22*, § 11, analisa que fica evidenciado que o “novo industrialismo quer a monogamia” para que o trabalhador não desperdice energia “na busca desordenada e excitante da satisfação sexual ocasional”. Gramsci observa que a intenção é que aconteça com o operário “do tipo novo” o mesmo que acontece no campo com o camponês que volta à noite para a casa e não costuma ir em busca de prostitutas, porque “ama sua mulher, segura, sempre presente, que não fará dengo nem pretenderá a comédia da sedução e do estupro para ser possuída”.

Ainda que muitas tenham sido as reflexões realizadas por Gramsci, fica a abordagem realizada por Del Roio (2018, p. 165) que diz que para o filósofo sardo:

O americanismo-fordismo constituía uma forma de imperialismo que tenderia a se sobrepor à Europa e particularmente ao fascismo, agravando as contradições sociais tanto na própria América como principalmente na Europa. De outro lado, o americanismo-fordismo materializaria uma nova força de trabalho com condições de se dotar de subjetividade antagônica. Ou seja, o americanismo-fordismo provocava um deslocamento geopolítico de hegemonia e ao mesmo tempo criava condições materiais para que uma nova classe operária, ainda em processo de definição, viesse a postular a hegemonia e a construir uma nova civilização socialista (Del Roio, 2018, p. 165-166)

4.2.2.

Subjetividade e contradição no capitalismo contemporâneo

Segundo Stampa (2012), a partir da crise estrutural do capitalismo contemporâneo observa-se uma reestruturação do modo de produção capitalista que provoca consequências importantes para o mundo do trabalho, expressão que se reporta aos processos sociais e as mudanças que deles resultam. A partir das transformações societárias, surgem novos arranjos, novas formas sociais e técnicas que alteram a organização do trabalho desde o final do século XX até o momento atual, em todo mundo.

Stampa e Lole (2020, p. 88) advertem que vivenciamos, no Brasil, o “desmonte dos direitos sociais previstos na Constituição Federal de 1988” com a redução dos gastos com as políticas sociais, o desvio de verbas públicas para fomentar projetos de interesse do capital, o desenvolvimento de ações desvinculadas da política de assistência social com o intuito de descaracterizá-la como enquanto um direito, a aprovação da contrarreforma trabalhista (Lei 13.429/2017, lei da terceirização), contrarreforma da previdência social, desmonte da universalidade e gratuidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

Antunes (2018, p. 78; 2013, p. 20) nos alerta que vivemos uma “nova era de precarização estrutural do trabalho” e enumera alguns pontos relevantes que caracterizam esse momento como: o trabalho contratado e regulamentado substituído por “trabalho atípico, precarizado e ‘voluntário’”; as organizações que se travestem de cooperativas que na verdade usurpam valores e direitos; o chamado “empreendedorismo”; as diversas formas de terceirização e o trabalho imigrante degradante.

Desta forma, não só no Brasil, mas em várias partes do globo, estamos vendo e convivendo com práticas de exploração vistas no passado, ausência de direitos como se estivéssemos na época da escravidão, a destruição dos direitos conquistados e o “desmonte da legislação social protetora do trabalho” algumas alcançadas desde a Revolução Industrial e, no nosso caso, no Brasil, direitos adquiridos na década de 1930 (Antunes, 2013, p. 21).

Para Antunes (2018, p. 88), se assistimos a “era da degradação do trabalho” no século XX, agora, nos últimos anos desse século e início do século XXI, estamos diante de novas modalidades e “modos de ser da precarização, próprios da fase da flexibilidade toyotizada”. Embora durante o século XX, o taylorismo e fordismo tenham sido formas de trabalho ultrajantes, arbitrárias e com características que desqualificavam o indivíduo como tal coisificando-os,

ainda assim, havia contratos e os direitos eram, de alguma forma, reconhecidos e regulamentados.

A inclusão da máquina como ferramenta do trabalho no século XX não eliminou o trabalho estável que agora, com a introdução da “máquina informacional-digital”, como novo meio de trabalho, tem provocado os mais diversos “modos de informalidade” e “mais recentemente os trabalhos intermitentes” (Antunes, 2018, p. 78). De acordo com Antunes (2020a, p. 8), “a terceirização, a informalidade e a flexibilidade” tornaram-se “inseparáveis” no vocabulário e na forma de atuar das empresas na atualidade, além da intermitência, que tem sido, a pior das destruições que se poderia ter no que diz respeito à proteção trabalhista.

Para Praun e Antunes (2020), considerando-se as mudanças estruturais do capitalismo, torna-se necessário, através de pesquisas, conhecer a dinâmica que se desenvolve globalmente, bem como as configurações decorrentes para entender como, essas mesmas configurações, se dão localmente, principalmente em países de capitalismo dependente, como é o caso do Brasil, onde o trabalho foi sempre atravessado pela precariedade e onde as mulheres e homens negros são os primeiros a serem afetados.

As décadas de 1980 e 1990, no Brasil, foram palco de uma reestruturação do trabalho com o desenvolvimento da indústria automobilística e a introdução de novas medidas que utilizavam estratégias de aproximação forjando uma ação mais participativa como: o início das jornadas flexibilizadas, dos times de produção, das avaliações de desempenho e a troca do léxico para colaboradores para nomear trabalhadores. Importante também notar que se incorpora, com frequência, o saber do trabalhador, isto é, sua subjetividade, para aumentar a produtividade (Praun; Antunes, 2020).

Segundo Antunes e Praun (2019, p. 6) o neoliberalismo provocou diversas alterações nas normas legais que impactaram qualitativamente a forma como se processava as relações de trabalho também no Brasil. Com o trabalho intermitente sendo regido pela Lei 13.467 de 13 de julho de 2017, que entrou em vigor em 11 de novembro de 2017, e a Medida Provisória nº 808, as mudanças na legislação trabalhista brasileira atingiram novo patamar, além de interferir direta e indiretamente na “capacidade de mobilização e organização sindical dos trabalhadores e trabalhadoras, almejando enfraquecê-las ainda mais, fator também contributivo para o aprofundamento da precariedade das ocupações e do acesso a direitos” segundo informações do Departamento Intersindical de

Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e o Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit).

Antunes (2020a, p. 9) indica uma das modalidades de trabalho mais conhecidas por nós atualmente, a Uber, que tem como norma que as trabalhadoras e os trabalhadores assumam todas as despesas do carro, seguro, alimentação, saúde, previdência, risco de acidentes, entre outros. O aplicativo fica pra si com todo o “mais-valor” fruto do “sobretabalho” sem nenhum tipo de regulação, além das/dos motoristas correrem o risco de serem demitidos/as caso recusem as chamadas.

Na Itália, no início de 2017, se desenvolveu uma modalidade de trabalho pago através de *voucher*, isto é, o trabalho realizado é pago com *vouchers* pelas horas trabalhadas que devem ser trocados por equivalente ao valor da hora do salário mínimo oficial. Além desta exploração, “os trabalhos excedentes, muitas vezes são oferecidos ‘por fora’ do pagamento oficial de *vouchers*, isto é, pagando-se ainda menos que o salário mínimo oficial, o que significa uma precarização ainda maior do trabalho ocasional e intermitente” (Antunes, 2020a, p. 10).

Antunes (2020a, p. 10) entende que a exploração intensa realizada por grandes empresas deve ser rechaçada pelos trabalhadores e trabalhadoras através de “movimentos de resistência” e atuação de sindicatos. Em maio de 2019, houve uma tentativa de greve mundial da Uber que evidenciou que a precariedade do trabalho já não era tão bem aceita como parecia inicialmente e este fato pode significar que “os caminhos de confrontação tendem a se ampliar nos próximos anos”

A reorganização contemporânea da produção capitalista provocou mudanças no contexto do trabalho que afetam diretamente a composição social na atualidade, acirrando as desigualdades sociais. Evidenciam-se as contradições, principalmente em função da organização e da gestão do trabalho, a questão social passa a ocupar um lugar de destaque pelas condições precárias do trabalho e pelo desemprego crescente (Stampa; Lole, 2020).

Segundo Antunes (2020c), não é por acaso que passamos por uma imensa crise pandêmica pelo novo coronavírus. O autor analisa que a crise é a “expressão de um sistema social” que ele chama “de sistema de metabolismo antissocial do capital”, uma formulação de István Mészáros que ele resgata e acrescenta o “sistema de metabolismo antissocial”. Antunes (2020b, p. 16) indica que para Mészáros, o “sistema de metabolismo antissocial do capital” é formado pela interrelação entre “o capital, o trabalho assalariado e o Estado” e dada esta

interrelação, o sistema só poderá ter fim quando os três elementos desaparecerem. Por esta razão é tão difícil ultrapassar o sistema.

Para Antunes (2020c, p. 1) esse sistema tem como característica a capacidade de crescer na mesma proporção em que é capaz de destruir. O capital aumenta, destrói a natureza e segue o processo de exclusão de vários trabalhadores e trabalhadoras do mundo do trabalho de forma global. Assim, “esse sistema de metabolismo social” não está preocupado com as necessidades humanas e sociais dos indivíduos, mas sim se preocupa com a “sua autovalorização”.

Outra questão levantada por Mészáros, e lembrada por Antunes (2020b, p. 16), é o conceito de “taxa de utilização decrescente do valor de uso das mercadorias”, isto é, o tempo de vida de um produto é cada vez menor e, sendo assim, se faz necessário a reprodução de um novo produto aumentando o processo de valorização, independente da necessidade humana. Fica evidenciado que a produção de bens, neste caso, se vincula a produzir valores de troca para a obtenção de lucro e não para suprir as demandas humanas e sociais, como vimos.

Antunes (2020b, p. 18) concebe que no cume da crise estrutural e da destruição gerada por ela, temos o capital financeiro que admite o trabalho unicamente como “custo” e diz que: “Como o avanço informacional-digital é um relógio que não para de rodar, sua destrutividade se intensifica a cada momento, tornando a força de trabalho global cada vez mais descartável e supérflua” e, como se não bastasse esta enorme “devastação” tivemos o agravante de uma pandemia que atingiu todo o globo. Hoje no Brasil são, aproximadamente, 20 milhões de desempregados.

Atualmente, no Brasil, assistimos ao corrompimento do Estado, com o desmonte das diversas políticas públicas, o agravamento da política de extermínio da população mais pobre e negra, o aumento da precarização no trabalho, a contrarreforma do ensino médio, a tutela militar, o corte na educação, a naturalização da barbárie em vários níveis, o autoritarismo crescente, a autorização de manifestações racistas, homofóbicas, xenofóbicas etc., e uma infinidade de ações que violentam um Estado que se diz democrático.

Segundo Safatle (2019), o atual presidente Jair Bolsonaro se coloca como o artífice de uma revolução conservadora e as políticas devastadoras propostas pelo seu governo, que causaram uma pauperização, certamente serão irreversíveis. Como o governo não teve um plano razoavelmente construído, técnico, o país torna-se “ingovernável”. Para tornar possível a governabilidade,

neste contexto, é preciso destruir o sentimento de solidariedade social, desenvolver a lógica do “cada um por si” e aumentar o uso da violência contra qualquer organização autônoma ou institucional que evidencie ou construa uma capacidade crítica e de mobilização social.

Para Antunes (2017) vivemos uma “contrarrevolução preventiva” no Brasil, ideia trazida por Florestan Fernandes, e aderida por ele, embora que para o sociólogo não houvesse, no momento da entrevista, a possibilidade de uma revolução. A política de conciliação de classes adotada nos governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016), que já não mais satisfazia ao capital financeiro pode, com a contrarrevolução preventiva, ser extinta do cenário político.

Já para Safatle (2019) existe uma revolução possível e acredita em uma energia de revolta muito presente. Para o autor, não é piada ou engano quando o presidente fala de “marxista cultural” e de “comunistas”. Para o filósofo é uma percepção do atual presidente do que poderá voltar no futuro, talvez em torno de 2030, e acrescenta que exatamente por este motivo, o alvo maior deste governo se fixa na juventude por ter sido, parte dela, concebida com as ocupações nas escolas e por estarem atentas as questões sociais de submissão. “É uma juventude potencialmente revolucionária” a exemplo do movimento “Ele Não” que teve seu começo a partir da iniciativa de 30 meninas nas redes sociais: “Trinta garotas que não tinham partido por trás, nada por trás, conseguiram parar o país, botar 1 milhão e meio de pessoas na rua”. Entretanto, em sua opinião, falta uma direção, uma “dinâmica de convergência” que não precisa necessariamente ser criada a partir de um partido, mas também por outras formas de organização não clássicas como movimentos ou ideias que apontem uma direção.

4.2.3. Trabalho como princípio educativo

Em Turim, Gramsci, marcado por uma grande influência do idealismo, começa a escrever os artigos nos jornais e demonstra um especial interesse e preocupação com a cultura dos trabalhadores no sentido de que, através dela, eles poderiam se tornar independentes da intelectualidade burguesa (Manacorda, 2008).

Gramsci questiona o valor dado à cultura veiculada passivamente através de um saber de enciclopédia e denuncia em seus escritos o compromisso

burguês, classista e excludente da escola italiana, não possibilitando que filhos de proletários possam frequentá-la. Defende uma “cultura educativa” que não se limite à informação (Gramsci, 2004, p. 76) e, também, que a classe operária adquira uma formação que seja cultural e filosófica e que através de uma “associação cultural” possa estabelecer objetivos de classe somados à ação política e econômica. Apoiava uma concepção de cultura diferente do intelectualismo que ele denomina “ofegante e incolor”, e acha que a cultura verdadeira é capaz de transformar a realidade, pela compreensão do próprio valor na história, na vida e pela compreensão de seus direitos e deveres (Buci-Glucksmann, 1990, p. 18).

Gramsci (2004, p. 58) concebeu a cultura como “organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: é graças a isso que alguém consegue compreender seu valor histórico”. Quanto a esta elaboração gramsciana, Manacorda (2008, p. 31) assinala que: “o idealismo manifesto dessa concepção, que custou a Gramsci a acusação de ‘culturalismo’, não deve, todavia, induzir a erro; ele não é senão a razão teórica de uma exigência prática revolucionária e antievolucionista”.

Gramsci acreditava na criação de uma cultura de democracia operária, que deveria estar centrada na educação da classe trabalhadora, tendo como proposta seções de instrução dentro da própria fábrica. Seria necessário que os trabalhadores adquirissem conhecimentos sobre os processos de produção, criando uma cultura onde o saber operário fosse reconhecido e desempenhasse o papel de eixo estruturador de suas reivindicações.

No período anterior à prisão, seus textos têm características bem diferentes dos outros jornais socialistas. Suas propostas políticas eram originais e concretas, havendo nelas a convicção de que a teoria deve se traduzir em fatos e nas ações por ela sustentadas e, para não se tornarem inúteis, devem tomar a feição de um método. Há na sua proposta algo da maiêutica socrática. O método em Gramsci redunha na educação de massas, em contraposição ao modelo discursivo de tribunos. Segundo Fiori (1979), Gramsci se preocupa com a cultura e a participação direta dos trabalhadores, acreditando que os problemas devem ser analisados metodologicamente. Através da cultura, o proletariado toma consciência da sua função histórica e é capaz de criar um novo Estado e uma nova sociedade (Togliatti, 1950; Fiori, 1979).

Segundo Buci-Glucksmann (1990, p. 162), a Revolução Russa foi considerada por Gramsci ainda com uma linguagem idealista, uma “revolução total”, por incluir uma transformação de costumes e de concepção de vida. Ele

acreditava que a revolução socialista da Itália deveria surgir da união dos operários e dos trabalhadores do campo, ultrapassando os interesses corporativistas. Turim representa, em 1917, o ápice do desenvolvimento operário da Itália e, daí, a necessidade da criação de uma atividade cultural ser considerada como complemento à atividade política e econômica, o que, na concepção de Gramsci, naquele momento, tornaria o movimento proletário mais sólido. Até ali as soluções aos problemas surgidos se dão de maneira apressada, sem uma real convicção por parte dos envolvidos. Pela urgência das resoluções, as diretrizes são respeitadas em função da credibilidade depositada, mas falta “convicção íntima”, o que representa uma incoerência para o movimento (Gramsci, 2004, p. 124).

A revolução que destrói o Estado burguês e constrói um novo aparelho estatal, sem uma garantia de sobrevivência mínima, é uma revolução destrutiva que se manifesta pela raiva e tende a não modificar as relações econômicas vigentes por não conseguir passar da organização política do proletariado, acabando por recuar em função da reação capitalista. Alguns países que viveram esse tipo de revolução, tais como Alemanha, Ucrânia, Hungria, embora tivessem as condições externas para tal, não alcançaram a transformação comunista. Condições externas como a existência de um Partido Comunista, o fim do Estado burguês, sindicatos fortes e armamento do proletariado não foram suficientes, porque não havia forças produtivas que pudessem se desenvolver e se expandir, não havia movimento de massas proletárias conscientes que engrossassem o poder político e, por último, faltou a vontade por parte das massas populares de criar, a partir da fábrica, um novo Estado.

No período de 1920, Gramsci caracterizou a revolução proletária e comunista como aquela que é elaborada dentro da própria sociedade, favorecendo a liberação de forças proletárias produtivas capazes de organização e expansão para, em seguida, desenvolver um trabalho disciplinado de construção de uma nova ordem, onde seja possível a modificação das relações de produção e distribuição de bens na sociedade com o fim da divisão de classes e de poder de Estado (Gramsci, 2004).

Gramsci defendeu uma maior disciplina e maior produção do trabalho, já que a pouca produtividade do trabalhador se daria em função da presença do capitalista. Esta era uma visão muito presente na época, nos grupos comunistas. A esse respeito, Liguori (2007, p. 65) nos fala da crítica dirigida à Gramsci (por

Bruno Trentin¹²) de ter sido seduzido pelo modelo burguês de produção, e acrescenta que havia uma “ilusão”, que partia de Lenin, de que seria possível fazer “uso não taylorista do taylorismo”.

Alguns autores pesquisaram a referida postura de Gramsci em relação à organização do trabalho e chegaram à conclusão, segundo Liguori (2007), de que não se pode atribuir a Gramsci uma visão reduzida, que era própria da Terceira Internacional (1919-1943)¹³, na qual se defendia uma cultura industrialista e produtivista. No entanto, é possível afirmar que Gramsci não fez uma reflexão merecida das contradições encontradas no taylorismo. Liguori acrescenta que:

[...] a fábrica diante da qual Gramsci se encontra ainda é, parcialmente, uma fábrica “pré-fordista”: só muito mais tarde fordismo e taylorismo se afirmarão plenamente na Itália, e certamente não é casual que uma nova sensibilidade em relação à organização do trabalho por parte do movimento operário só vá emergir com o “segundo biênio vermelho”, o de 1968-1969. Mas, sobretudo, deve-se lembrar que o peculiar sistema de conselhos do *ordinovismo*, original em relação ao soviético, uma vez que se propõe vincular fortemente Estado e fábrica, política e lugar-sujeito da produção, já representa em si um entrave objetivo, uma insubordinação implícita à “organização científica do trabalho” (Liguori, 2007, p. 65).

Sobre o mesmo tema Manacorda (2008, p. 19), que estudou os *Cadernos* antes da edição crítica de Gerratana¹⁴, através dos manuscritos, assevera que tanto o “americanismo e o conformismo” de Gramsci, cada um representando respectivamente, o “industrialismo e o antiespontaneísmo”, somado ao trabalho, têm como resultado aparentemente paradoxal o “princípio educativo” que Gramsci procurava.

Manacorda (2008, p. 273) coloca que Gramsci só concebe valor na espontaneidade e na sinceridade quando há disciplina. Assim, quando se pretende concretizar a vontade coletiva, a relação entre governantes e governados, embora não deva ser de passividade nem mecânica, necessita ser disciplinada, limitando o “arbitrio e a impulsividade irresponsável”.

Portanto, a disciplina não anula a personalidade e a liberdade: a questão da “personalidade e liberdade” se apresenta não em razão da disciplina, mas da “origem do poder que ordena a disciplina”. Se esta origem for “democrática”, ou seja, se a autoridade for uma função técnica especializada e não um “arbitrio” ou

¹² Bruno Trentin (1926-2007) foi sindicalista e político italiano e secretário geral da Confederação Geral do Trabalho da Itália de 1988 a 1994.

¹³ A Terceira Internacional (1919-1943) foi uma organização internacional fundada por Lenin e pelo Partido Comunista da União Soviética, em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

¹⁴ Refere-se à edição dos *Cadernos do cárcere* organizada no Instituto Gramsci pela equipe de Valentino Gerratana e lançada pela editora Einaudi em 1975.

uma imposição extrínseca e exterior, a disciplina é um elemento necessário de ordem democrática, de liberdade (Gramsci, 2011a, p. 309).

Gramsci definiu o método comunista como uma revolução permanente, já que o comunismo está baseado nos princípios do materialismo histórico, em que não existe instituição definitiva e absoluta. A história é construída todos os dias, numa dialética constante, e Gramsci lembra as palavras de Lenin quando diz que se deve preocupar com o momento atual concreto porque este representa o elo de uma cadeia que deverá se conectar ao elo seguinte (Gramsci, 2004).

Após a prisão, com a vitória do fascismo e o fracasso da revolução, Gramsci encontra no conhecimento a força propulsora da transformação e diz que “é preciso atrair violentamente a atenção para o presente tal qual ele é, se quisermos transformá-lo” (Buci-Glucksmann, 1990).

Mais adiante, no *caderno* 21, § 5, Gramsci enfatiza o fracasso da cultura idealista e sua inexpressiva condição de desenvolver um projeto político pedagógico e diz:

Os laicos fracassaram em sua tarefa histórica de educadores e elaboradores da intelectualidade e da consciência moral do povo-nação; não souberam satisfazer as exigências intelectuais do povo precisamente por não terem representado uma cultura laica, por não terem sabido elaborar um “humanismo” moderno, capaz de se difundir até nas camadas mais rudes e incultas (como era necessário do ponto de vista nacional), por se terem mantido ligados a um mundo antiquado, mesquinho, abstrato, demasiadamente individualista e de casta (Gramsci, 2002b, p. 44).

A expressão “senso comum” surge nos *cadernos* e, segundo Liguori (2007, p. 100), Gramsci faz uso dela de maneiras variadas, aparecendo no sentido de ser a própria “concepção de mundo” de um grupo social e, em outros momentos, aparece como o oposto de uma “concepção de mundo desenvolvida e coerente”, isto é, seu sentido aparece de forma negativa.

Liguori (2007, p. 122) nos fala do Gramsci já mais maduro que, diante das experiências vividas, repensa a sociedade ocidental e a sua estrutura se dando conta do quanto a relação entre economia e política tornou-se cada vez mais complexa. Seu conceito de senso comum aparece quase sempre de forma negativa nos *cadernos* e, embora ele tenha certeza do papel de cada um, como sujeito coletivo e da vontade coletiva, não descarta a passividade, a inércia e a subalternidade como reflexo do senso comum.

No *caderno* 11, Gramsci relacionou a concepção de mundo com as fases históricas pelas quais a sociedade foi passando e pensou que desenvolver um senso crítico é fundamental. Precisamos conhecer a história da filosofia e a história da cultura na qual estamos envolvidos. Sem ter consciência da

historicidade, das diversas etapas que ela representou e das possíveis contradições contidas nestas representações, não podemos cumprir o papel de filósofos críticos e coerentes. Cada época gera uma concepção de mundo e a reprodução de uma cultura, que diz respeito àquela realidade e aos problemas que a ela corresponde (Gramsci, 2011a).

Por isso, Gramsci considerou tão importante que o homem sistematizasse criticamente sua percepção do mundo e que, partindo da história da filosofia, percebesse a forma como foi elaborado determinado pensamento e que forças atuaram para fixar o pensamento presente.

Dessa forma, para difundir uma nova consciência que se proponha homogênea, é necessário desenvolver várias ações. Uma das mais importantes para Gramsci seria a participação de “um centro homogêneo”. Para ele, nem todos os sujeitos elaboram da mesma maneira a cultura e a consciência. Um determinado conceito que é passado, mesmo que de maneira clara, pode suscitar diferentes interpretações. Os intelectuais têm uma maneira própria de pensar, que não é inata, mas adquirida, que lhes dá certa “qualificação” para o uso da “indução e dedução”, o que não acontece necessariamente com todas as camadas sociais (Gramsci, 2010, p. 205-206).

Gramsci condena a “repetição” mecânica, mas considera importante a “repetição sistemática” sem desconsiderar a cultura e as tradições. No entanto, é de suma importância que sejam aventados todos os aspectos positivos e também as perdas relacionadas ao que se tem como tradicional. O tratamento de um tema específico deve ser visto sob vários ângulos e aspectos. Gramsci considera que o “trabalho educativo-formativo” deve ter como sustentação a realidade e a experiência (Gramsci, 2010, p. 206).

Descobrir a identidade real sob a aparente diferenciação e contradição, e descobrir a substancial diversidade sob a aparente identidade, eis o mais delicado, incompreendido e, não obstante, essencial dom do crítico das ideias e do historiador do desenvolvimento histórico (Gramsci, 2010, p. 206).

Para Liguori (2007, p. 100-101), quando Gramsci se refere ao “centro homogêneo de cultura” e ao “trabalho educativo-formativo” é provável que estivesse pensando no papel do Partido Comunista, e critica a consideração feita pelo “iluminismo” de que todos os sujeitos são iguais. Liguori (2007) reforça que, para Gramsci, o senso comum não deve ser pensado como um “inimigo a ser vencido”, mas com ele deve-se estabelecer uma relação dialética que tenha como proposta questionamentos do tipo socrático, com o objetivo de se conquistar um “novo senso comum”.

Vázquez (1967, p. 113-114), que demarcou histórica e conceitualmente a filosofia da práxis na ideologia marxista, considera a práxis humana fundamentada em três vertentes: “como atividade produtiva, atividade revolucionária e prática social no processo de conhecimento”. Desse modo, uma filosofia da práxis gramsciana é coerente com o seu pensamento revolucionário, que associa revolução à cultura no âmbito dos processos produtivos.

Gramsci questionou se, toda filosofia, em algum momento da sua construção teórica, seria “especulativa” e se esse fato seria um problema histórico, por ser toda concepção de mundo “especulativa” no seu ápice ou em seu declínio, e traduz seu pensamento a respeito:

[...] que toda cultura tem o seu momento especulativo ou religioso, que coincide com o período de completa hegemonia do grupo social do qual é expressão, e talvez coincida precisamente com o momento no qual a hegemonia real se desagrega na base, molecularmente, mas o sistema de pensamento, justamente por isto (para reagir à desagregação), aperfeiçoa-se dogmaticamente, torna-se uma “fé” transcendental (Gramsci, 2011a, p. 198-199).

Um aspecto relevante no seu pensamento foi o de considerar o trabalho como princípio educativo. Gramsci, durante a ocupação das fábricas em 1920, foi descrito, segundo Liguori (2011, p. 262), como um “chefe ‘capaz de escutar’ os operários” e de compreender os seus problemas. Conhecia o cotidiano e a psicologia daqueles trabalhadores. Junto com os companheiros de *L’Ordine Nuovo* viveu com os operários uma relação de intensa proximidade. Conheceu de perto a organização do trabalho na fábrica da Fiat, aprendeu, ensinou e dirigiu na escola operária.

L’Ordine Nuovo representava, naquele momento, um guia e cumpria o papel de um partido. Nesta relação entre os trabalhadores e o jornal aparecia a espontaneidade. Como se observou anteriormente, Liguori (2011, p. 263) fala da colocação de Gramsci no *caderno 3*, sobre a acusação feita, em relação ao caráter “espontaneísta” do movimento de Turim, onde mostrava claramente o teor educativo impresso na direção desenvolvida nas relações oriundas da realidade, dos problemas vividos, da maneira de cada um ver o mundo. Uma relação que partia da “espontaneidade”, mas que tinha na educação a sua continuidade, alcançando uma “direção consciente”.

Quando no cárcere, ao desenvolver o tema sobre os intelectuais no *caderno 12*, Gramsci deixa claro que através do trabalho é possível uma proposta de formação de trabalhadores, que possa gerar seus próprios

intelectuais, capazes de avaliar e intervir no processo de produção visando uma transformação.

Ao considerar o trabalho como categoria formativa, Marx reconhece a possibilidade de transformação, na medida em que o trabalhador representa a atividade que é desenvolvida num processo de interação com outros trabalhadores e com a própria experiência vivida através do trabalho. O que significa para Souza (2009, p. 59):

Trabalhar implica uma relação de transformação sobre algo no mundo, requer uma ação transformadora singular e subjetiva sobre a realidade. Demanda operações inteligentes de ação de um sujeito sobre o objeto. Não há sujeito operando de forma passiva e mecânica uma tarefa prescrita. O pensamento sobre a atividade tem uma dupla tarefa: a inteligibilidade e a ação são indissociáveis. A atividade de trabalho desafia os trabalhadores a uma busca constante de invenções e reinvenções. Há uma dialética interna, subjetiva, em conferir um novo sentido permanente à autocriação humana. O homem, por meio do trabalho, está em constante relação consigo próprio e com outros homens, por meio da reflexão e da ação. O trabalho é, portanto práxis material e, sobretudo, práxis humana individual e coletiva.

Em suas reflexões no *caderno 10*, segundo Manacorda (2008, p. 270), amplia a dimensão pedagógica de sua teoria e relaciona pedagogia com política, colocando a filosofia como aquela que torna possível uma luta cultural, capaz de mudar um pensamento popular. Gramsci também faz um paralelo com a relação professor-aluno, onde se estabelece uma troca entre os dois, sendo o professor, também aluno e, o aluno, professor. No entanto, não significa que ele limite as relações pedagógicas às relações escolares.

Para Souza (2009), Gramsci deixa claro a sua concepção do trabalho como princípio educativo e como proposta de formação de trabalhadores. Para ele, a formação de intelectuais orgânicos proporciona a análise e a intervenção sobre as formas geradas pelas bases materiais e não materiais de produção, com o objetivo de transformação. Em suas próprias palavras: “Todo grupo social [...] cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político” (Gramsci, 2010, p. 15).

Para aguçar a percepção a respeito do homem e revolucionário em Gramsci, repasso o que Manacorda (2008, p. 76-77) nos conta sobre o conflito e a reflexão feita no cárcere a respeito da cultura e a formação tradicional humanística; e a cultura e a formação mecânico-matemática moderna do tipo americana, que envolve a educação de seu filho Delio. Gramsci coloca em dúvida a capacidade da cultura moderna e questiona se não torna o homem “um

pouco seco e maquinal, burocrático”. Na realidade, Gramsci rejeita as duas formas e, em uma série de cartas, demonstra a dificuldade de conciliar sua forte moral com o desenvolvimento urbano de característica industrial. E fazendo um paralelo, em uma carta a Tatiana, escrita em 22 de abril de 1929, refere-se ludicamente às sementes de rosas que ele havia plantado no pátio do presídio:

Todos os dias me vem a tentação de puxá-las um pouquinho a fim de ajudá-las a crescer, mas permaneço incerto entre as duas concepções de mundo e de educação: se devo ser rousseauiano e deixar em paz a natureza que não se equivoca, mas é ,ou se devo ser voluntarista e forçar a natureza introduzindo na evolução a mão habilidosa do homem e o princípio da autoridade. Até agora a incerteza não se dissolveu e na minha cabeça debatem-se as duas ideologias (Gramsci, 2005a, p. 334 [CC, n. 148]).

5.

A influência de Gramsci no Modelo Operário Italiano (MOI) e no Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB)

A origem do Modelo Operário Italiano (MOI) se deu a partir do movimento operário na Itália que se iniciou na *Confederazione Generale Italiana del Lavoro* (CGIL)¹⁵, no fim da década de 1950 e início da década de 1960, cuja principal bandeira de luta era o controle da nocividade dos ambientes de trabalho.

Influenciado pelo número alarmante de acidentes de trabalho, nas décadas de 1950 e 1960, que atingiram a marca de um milhão e meio, por ano, e se encontravam em ascensão, o movimento nasceu com a proposta de romper com o paradigma no qual a defesa da saúde ficava exclusivamente a cargo das instituições oficiais.

A partir de 1961, o movimento operário assume um formato mais organizado com a concorrência dos próprios trabalhadores, sindicalistas, técnicos e outros atores sociais no campo da política.

Todo o processo desenvolvido com o propósito de criação do modelo foi sempre acompanhado pela ideia da necessidade fundamental de um envolvimento ativo e responsável dos trabalhadores, junto com os técnicos, e pela implicação da saúde não como reivindicação, mas sim como algo a ser construído com a participação direta dos trabalhadores, através da conscientização do significado da própria saúde, como salvaguardá-la e quais os meios utilizáveis para preservá-la no ambiente de trabalho.

Em 1972, uma Convenção promovida pelas Federações CGIL-CISL-UIL (*Confederazione Generale Italiana del Lavoro - Confederazione Italiana Sindacati Lavoratori - Unione Italiana del Lavoro*), em Rimini, fez o primeiro balanço das experiências vividas e ficou claro para os sindicatos o valor da centralidade da fábrica na luta pela mudança, por tornar-se um laboratório vivo, onde se experimenta e se aplica, o que possibilita a elaboração de novos modelos de produção e diferentes condições de trabalho e de vida. A opinião dos trabalhadores e as suas experiências deixaram de ser apenas uma impressão e

¹⁵ A Confederação Geral do Trabalho da Itália é um sindicato nacional com sede na Itália. É o sindicato italiano mais importante desde a sua criação em 1944. Atualmente, o CGIL é o segundo maior sindicato da Europa, depois da DGB alemã (Deutscher Gewerkschaftsbund - Confederação Sindical Alemã em tradução livre), que tem mais de 6 milhões de membros. O CGIL é afiliado à Confederação Sindical Internacional e à Confederação Sindical Europeia e é membro do Comitê Consultivo Sindical da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Fonte: <https://www.dgb.de/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

passaram a ocupar o lugar destinado ao conhecimento científico com a função de instrumento de transformação.

Nesse processo, a classe trabalhadora italiana amadureceu uma consciência de luta pela saúde, percebendo-se não mais objeto de investigação sanitária, mas sujeito de construção de outra (nova) política de saúde voltada para as relações saúde-trabalho.

Neste capítulo pretendo analisar a relação entre a construção do MOI e o Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB) a partir de uma conscientização histórica e política, como sugere Gramsci em sua obra, a possibilidade de uma proposta de direção que parta de uma organização, não necessariamente tradicional ou oficial, mas oriunda de ideias de grupos que percebam na sua prática profissional cotidiana o potencial de luta no trabalho e a representação da saúde-educação neste contexto.

Gramsci (2011b, p. 196) no *caderno* 3, § 48, observou o valor da “espontaneidade” nos movimentos operários de seu tempo, mas também não deixou de refletir em seus textos sobre os limites a que estão submetidos os grupos subalternos quando não há uma “direção consciente”. Acredita que esta direção tem seu início na espontaneidade, mas se fortalece na educação onde encontra meios de garantir a sua continuidade. Para o filósofo sardo, é necessário desenvolver uma “autoconsciência crítica”, isto é, que seja histórica e política, que possa contar com organizadores e dirigentes; e acrescenta no *caderno* 11, § 12, que para que um grupo se destaque e se torne independente “para si” é imprescindível que se organize e que, o aspecto teórico da ligação entre teoria e prática, “se distinga concretamente em um estrato de pessoas ‘especializadas’ na elaboração conceitual e filosófica” (Gramsci, 2011b, p. 104). Gramsci avalia que este é um processo longo, difícil e repleto de contradições.

Na década de 1970, no Brasil, os Partidos Comunistas exerciam uma forte influência no debate político dos intelectuais e, ao mesmo tempo, havia o domínio, dentro desses partidos, de uma leitura “determinista” do marxismo. Possivelmente, a evidente presença do pensamento de Gramsci neste período, nas pesquisas, se deu como contraponto a esta tendência. No entanto, o maior impacto, se deu na década de 1980, quando ficou mais evidenciada a influência do autor no Brasil (Saviani, 2005; Simionatto, 2011). Ponto fundamental é o fato de que no pensamento marxista de Gramsci e na sua militância encontram-se questões que, ainda hoje, são relevantes e que vieram ao encontro das nossas necessidades de transformações.

Paralelamente, o debate desenvolvido no Brasil e em diversos países sobre o campo das relações saúde-trabalho, entre as décadas de 1960 a 1980, discutia a necessidade de se buscar novas alternativas de enfrentamento da nocividade dos ambientes de trabalho, com a criação de novas metodologias de intervenção. Um dos enfoques relevantes no debate era a participação do trabalhador como protagonista imprescindível na luta, o que nos reporta às lutas operárias na Itália nos primeiros anos do século XX, em que Gramsci, com sua militância e formulações político-filosóficas, havia participado intensamente e influenciado na criação de metodologias de ação e cotejamento teórico com os acontecimentos.

Podemos perceber que o pensamento de Gramsci se tornou mais presente no Brasil na proporção em que os movimentos sociais e políticos pressionavam o fim da ditadura militar no país, no período de 1964 a 1985, fazendo com que o filósofo italiano se tornasse uma referência da esquerda, já que encontramos em sua práxis o valor imprescindível do protagonismo dos sujeitos, sua direção e sua organização para que seja possível a transformação da sociedade.

5.1. Modelo Operário Italiano (MOI)

A riqueza dos movimentos dos trabalhadores, em suas lutas por mais direitos, fortaleceu a classe trabalhadora e suas organizações no final do século XIX e início do século XX. Entretanto, as duas guerras mundiais (1914-1918; 1939-1945), com o surgimento do fascismo em vários países, especialmente na Itália, cenário de nossa discussão, enfraqueceram a luta operária neste período.

País vencido na Segunda Guerra Mundial, a Itália, em seu processo de reconstrução nos anos 1950 e 1960, exibia altíssimos índices de acidente de trabalho. Dados do anuário *Notizie statistiche dell'Inail*, de 1954, mostravam que os acidentes de trabalho superavam um milhão de casos anuais. De 1953 a 1962 o aumento dos acidentes de trabalho na indústria italiana foi de 80%. Em 1964 reportava-se um acidente de trabalho a cada 20 segundos, uma invalidez permanente a cada dez minutos e 15 mortes por dia: “un infortunio ogni venti secondi; un invalido permanente ogni dieci minuti, quindici morti per infortuni sul lavoro ogni giorno”¹⁶ (Belli, 2001, p. 67).

¹⁶ Em tradução livre: “uma lesão a cada vinte segundos; um inválido permanente a cada dez minutos, quinze mortes por acidentes de trabalho todos os dias”.

Este fato colocou a reconstrução do país em confronto com a reconstrução da sua classe operária, sua organização e sua luta, no período em que se consolidava a divisão do mundo pós-guerra nos dois blocos ideológicos da Guerra Fria. À maneira da época da militância de Gramsci, 40 anos antes, o sindicalismo operário italiano, após a Segunda Guerra Mundial, era fortemente vinculado ao PCI que, no período da Guerra Fria, chegou a ser o maior partido comunista do ocidente fora do bloco soviético. Pelo fato de ostentar uma força político-partidária considerável no contexto italiano, o PCI contribuiu para o fortalecimento da luta operária, cujo foco foi muito marcado sobre a “saúde nas fábricas”, especialmente em virtude da gravidade dos indicadores de acidentes de trabalho (Paiva; Vasconcellos, 2011).

Durante os debates promovidos pelos sindicatos e partidos políticos sobre as relações capital-trabalho na década de 1950, a saúde nas fábricas era um tema recorrente e, no ano de 1954, a *Confederazione Generale Italiana del Lavoro* (CGIL) introduziu o tema “Retorno à fábrica”, para que seus sindicatos afiliados envidassem negociações com os patrões sobre as relações de trabalho (Alonso, 2007).

Berlinguer (1983) assinala o dilema de se escolher, naqueles anos, entre emprego ou luta pela saúde. Sindicatos e trabalhadores aceitavam passivamente os riscos à saúde, por obterem compensações salariais de horas extras, indenizações e adicionais de risco no trabalho.

Por certo, ainda não havia nascido uma identidade da classe trabalhadora italiana que reconhecesse sua força de luta, na qual sobressairia a questão da saúde que, tempos depois, viria a servir como paradigma de mudanças na forma de intervir sobre os problemas de saúde no trabalho.

A consciência e o amadurecimento político e cultural do operariado italiano, que ocorreu nos anos 1950, culminaram, na década de 1960, com a mobilização da classe trabalhadora vinculada ao tema “exploração = doença e ação coletiva = mais saúde” (Berlinguer, 1983, p. 17).

Nesse contexto, com o direcionamento que o sindicalismo operário assumia, tornou-se imperioso conhecer a realidade do processo produtivo em seus meandros, a organização do trabalho, seus tempos e movimentos, as condições e o ambiente de trabalho e toda a diversidade de variáveis envolvidas. Era necessário desenvolver investigações que, por força de sua motivação operária, se tornasse participativa, criando estratégias de proteção física e psíquica para os trabalhadores.

À prevalente cultura proletária e patronal de monetarização do risco – exposição ao risco em troca de dinheiro (Alonso, 2007; Berlinguer, 1983) – interpunha-se um movimento que precisaria superar o desejo arraigado do operariado de receber um pagamento para continuar se expondo aos riscos, adoecendo e morrendo no trabalho.

O movimento que foi se delineando, pouco a pouco, teve a participação e colaboração de diversos personagens, muitos deles anônimos, que ajudaram a construir essa história. Contudo, entre os inúmeros trabalhadores, sindicalistas, estudantes, técnicos, políticos e militantes partidários que participaram do movimento, alguns personagens se destacaram por sua devotação e liderança, como Gastone Marri (sindicalista e mentor do modelo), Ivar Oddone (médico e mentor do modelo), Giovanni Berlinguer (médico do trabalho e parlamentar do PCI), além do próprio PCI que cumpriu um papel fundamental na luta, influenciando profundamente na política do país nesse período (Vacca, 2007).

As transformações que principiavam a ser pretendidas tinham os próprios trabalhadores como protagonistas da condução das lutas, auxiliados pelos sindicalistas e técnicos. Dentro da CGIL, em torno de 1961, como resultado do movimento operário, nascia um modelo de controle da nocividade do ambiente de trabalho, cuja face marcante foi o reconhecimento, por parte dos próprios trabalhadores, do poder do seu saber e o potencial transformador a partir desse saber (Alonso, 2007; Berlinguer, 1983). “O Modelo Operário Italiano nasceu com a proposta de modificar conceitos e romper com o paradigma no qual a defesa da saúde deveria ficar a cargo das instituições oficiais” (Paiva; Vasconcellos, 2011). Desse modo, o saber operário revestiu-se de importância essencial na transformação dos ambientes de trabalho, pois a experiência operária tinha informações e impressões da realidade vivida que ninguém mais o tinha (Alonso, 2007).

Na observação de Oddone et al. (1986, p. 28) “a classe operária contrapõe à tendência patronal uma alternativa: um ambiente de trabalho no qual não só esteja ausente qualquer fator nocivo, mas onde também sejam satisfeitas as exigências do homem”. Com esse espírito, o processo de criação do modelo foi acompanhado pelo envolvimento ativo e responsável dos trabalhadores, entendido como necessário para o seu êxito. Com a riqueza dos inúmeros debates, a valorização dessas experiências foi impulsionando gradativamente uma nova cultura e estratégia sindical de luta pela saúde (Alonso, 2007).

Os primeiros passos foram dados quando, após denúncia dos trabalhadores, foi identificado por meio de debates e entrevistas na Farmitalia¹⁷, por trabalhadores, sindicalistas e técnicos as causas da nocividade ambiental e as características do seu processo produtivo. Em seguida, outras experiências sucederam-se na Fiat Mirafiori e, mesmo tendo algumas dessas lutas ficado inconclusas, tornou-se visível a possibilidade real de aliança entre técnicos e operários na direção da mudança. Em 1961, um dos convênios realizados entre patrões e o sindicato adotou reivindicações revolucionárias, como a utilização de substâncias menos nocivas; diversas medidas preventivas; criação de comissão ambiental; rodízio e pausas nos trabalhos de risco; direito do sindicato intervir com peritos externos (Alonso, 2007; Oddone et al., 1986).

Gastone Marri¹⁸ observa que, em 1963, já havia material teórico suficiente para iniciar um debate mais qualificado do sindicato e trabalhadores em relação a alguns temas: adaptação às condições de trabalho; indenização em detrimento da prevenção; eficácia do controle interno das condições de trabalho, maquinário e outros componentes; legislação sobre doenças do trabalho; relação homem-máquina; exigências psicossomáticas dos trabalhadores (Belli, 2001).

Com a evolução do movimento foi criado, por um grupo de operários, sindicalistas, estudantes e técnicos, em Turim, em 1964, o primeiro centro de luta contra a nocividade no trabalho. Logo, em Milão, foi criado o segundo e mais quatorze foram criados em seguida. Seu objetivo era o de construir um centro de memória da luta, em princípio de modo informal, que se propunha a estudar o controle da nocividade do ambiente, as doenças, os efeitos da fadiga, os agentes químicos e a silicose, entre outros estudos importantes (Alonso, 2007).

Os centros nos rememoram a palavra de Gramsci em um de seus artigos no *L'Ordine Nuovo*: “Somente de um trabalho comum e solidário de esclarecimento, de persuasão e de educação recíproca é que nascerá a ação concreta de construção” (Gramsci, 2004, p. 245).

A par dos inúmeros debates, a experiência e colaboração de Ivar Oddone¹⁹ contribuiu de forma decisiva, situando a saúde não como reivindicação, mas como algo a ser construído pelos trabalhadores, com sua participação direta, conscientização e ressignificação da saúde no ambiente de trabalho (Belli, 2001).

¹⁷ Companhia farmacêutica italiana fundada em 1935.

¹⁸ Gastone Marri (1921-2006) foi uma liderança sindicalista e mentor do “modelo italiano” de defesa da saúde no trabalho nas décadas de 1960 e 1970.

¹⁹ Ivar Oddone (1923-2011) era médico e psicólogo e, também, um dos mentores do “modelo italiano”.

A necessidade de obter um maior conhecimento sobre as condições de trabalho, a partir da percepção dos operários, culminou com uma iniciativa do PCI, em 1967, no sentido de realizar um inquérito nas fábricas. Por intermédio de entrevistas e aplicação de questionários, foi feito um amplo levantamento das reais condições de trabalho no interior das fábricas. Os pontos de vista dos operários retrataram a realidade da exploração e sua repercussão sobre a saúde, demonstrando claramente a conivência dos órgãos do aparelho de Estado responsáveis pela proteção do trabalhador (Berlinguer, 1983). Segundo Paiva e Vasconcellos:

A participação ativa do trabalhador, o conhecimento e a sua autonomia possibilitaram, pouco a pouco, a construção do conceito de não delegação, cujo significado implica em não delegar à técnica tradicional e instituída e à gestão político-institucional o direito do controle das condições do ambiente de trabalho (Paiva; Vasconcellos, 2011, p. 387).

Um dos principais pilares conceituais do modelo: a validação consensual dos problemas e suas soluções foi se consolidando, pouco a pouco. A busca de consenso entre os próprios trabalhadores e, em seguida, destes com os técnicos, tais como os médicos, foi gradualmente possibilitando a validação de parâmetros dos riscos à saúde e, ainda, das condições de trabalho em determinadas situações e atividades, como, por exemplo, a utilização de determinadas substâncias. Desse modo, o emprego de instrumental técnico validado acabou por tornar-se capaz de sustentar ao longo do processo as reivindicações do operariado (Alonso, 2007; Belli, 2001).

Em 1968 foi realizado um convênio regional de Medicina Preventiva e Ambiente de Trabalho, em Ravenna, com a participação de Ivar Oddone que discorreu sobre os princípios norteadores do modelo. Na ocasião, ficou patente o papel do sindicato e ressaltou-se que tanto a validação consensual quanto a não delegação (*validazione consensuale e la non delega*) não são princípios de luta e ação que acontecem espontaneamente, mas somente tornam-se capazes de mudar a realidade se for demonstrado com firmeza e de forma clara o seu objetivo. Na fábrica, cabe ao sindicato identificar grupos homogêneos de trabalhadores expostos aos mesmos riscos à saúde (*gruppi operai omogenei*), subsidiar as análises ambientais fornecendo modelos e suas estruturas e sistematizar as informações recolhidas pelos grupos. Estas, obtidas pela observação espontânea visando a busca de soluções, passam a ser os fatores de contestação e negociação para a criação de um sistema permanente de

controle das situações causadoras dos problemas que afetam a saúde dos operários (Belli, 2001, p. 141).

A ideia de grupo operário homogêneo, com o grupo de trabalhadores submetidos às mesmas, ou similares, condições de trabalho, assumiu um protagonismo no sentido de avaliar os riscos e perigos nas fábricas e se consolidou como instância capaz de sugerir e exigir as modificações necessárias. A rigor, o grupo operário homogêneo tornou-se o principal interlocutor político e “científico” do processo.

A síntese desses conceitos que surgiam, enquanto palavras de ordem de uma nova luta, foi retratada no lema “A saúde não se vende nem se delega: se defende”. Essa emblemática sentença passou a ser a marca do movimento, aparecendo em cartazes, periódicos sindicais (Maccacaro, 1980) e publicações, como no título do livro de Alonso (2007), em que é narrada a trajetória do modelo operário. (Paiva; Vasconcellos, 2011, p. 388).

Um dos principais resultados das observações empíricas dos operários, especialmente no âmbito de sua atuação no grupo homogêneo, foi o mapa de riscos. Hoje consagrado em vários países do mundo, inclusive no Brasil, o mapa de riscos passou a ser o principal instrumento, criado pelos próprios trabalhadores, para realizar as análises metodológicas qualitativas do ambiente, do processo e das condições de trabalho nas fábricas. Atualmente, o mapa de riscos é utilizado em outros setores da economia e não somente no setor fabril. Um fator relevante do mapa de riscos foi o estímulo à participação do trabalhador ao ver-se identificado no instrumento. A representação estampada no documento impresso e validado consensualmente legitimava a correlação entre o estado de saúde dos operários e a exposição ao risco correspondente. “Al leerlo, los trabajadores encontraban reflejado su estado de salud y su relación con la exposición a riesgos. Fue un elemento que incitaba a la participación”²⁰ (Alonso, 2007, p. 20).

As diversas conquistas foram ocorrendo gradativamente, especialmente a partir do biênio 1968-1969. Uma delas, a eliminação, ou expressiva diminuição, da monetarização do risco (recebimento de adicionais de insalubridade) nos novos contratos de trabalho firmados no período. Outra conquista foi a exigência, por parte dos trabalhadores, do controle sobre as condições de trabalho nocivas à saúde. E, ainda, conquistou-se o poder de intervenção dos trabalhadores em todas as situações capazes de afetar sua integridade física e psíquica, estabelecendo-se acordos para uma menor exposição aos riscos, por meio de

²⁰ Em tradução livre: “Ao lê-lo, os trabalhadores encontraram seu estado de saúde e sua relação com a exposição a riscos. Foi um elemento que incentivou a participação”.

rodízios, redução de carga horária, alterações de ritmo, colocando a exposição ao risco trocada por salário em posição indesejável (Berlinguer, 1983).

Todo esse movimento culminou, em 1970, com a promulgação do *Estatuto dos Trabalhadores* (Lei nº 300)²¹. Seu conteúdo proibia acertos promovidos pelos patrões que envolvessem absenteísmo, doenças ou acidentes de trabalho e, ainda, determinava o seu controle por intermédio dos serviços públicos de inspeção. Os trabalhadores tinham direito, por meio de seus representantes, de controlar a aplicação de normas para a prevenção de acidentes e de doenças profissionais e de promover investigações, elaborações de propostas e execução de medidas de proteção da saúde.

Além dessa conquista, agregaram-se outras situações que favoreceram a consolidação do movimento e seu modelo de intervenção. Podem ser citadas: uma nova consciência de juristas e médicos sobre essas questões; a ideia de que a lei poderia ser aprimorada e ampliada; a realização de inquéritos com a participação de trabalhadores e técnicos; e o engajamento da sociedade local no controle das intervenções sanitárias. À ideia de que a saúde deveria ser protegida “como direito fundamental do indivíduo e interesse da coletividade”, como determina o art. 32 da Constituição Italiana, corresponde a proposta de um novo modelo de proteção à saúde, em que a participação da comunidade referenda a regulação da relação homem-ambiente. Berlinguer assim expressa o que caracterizou como vanguarda:

[...] o Estatuto dos Trabalhadores e alguns contratos coletivos firmados na Itália entre 1969 e 1973 são conquistas de vanguarda, no que diz respeito ao mundo capitalista. [...] Há entretanto alguns conceitos, algumas aquisições teóricas, que nasceram da experiência desses anos (e, portanto, radicadas nas massas) cujo valor transcende provavelmente o tema saúde e ultrapassa as fronteiras italianas. Creio que se os nossos filósofos [...] estivessem mais atentos à evolução da relação entre capital e trabalho, entre ciência e sociedade; [...] poderiam ser retiradas das lutas pela saúde conduzidas na Itália nesses anos, algumas indicações interpretativas de valor internacional para argumentos antigos que hoje suscitam debates apaixonados: a democracia como participação de massa; a relação ciência-trabalho e ciência-poder; os valores humanos na tecnologia moderna; a relação homem-ambiente (Berlinguer, 1983, p. 23-24).

Em 1972, em Rimini, foi realizada uma conferência para a avaliação do período de 1968-1971 com a participação de delegados, sindicatos e técnicos de saúde na busca de sintetizar e elaborar um plano de ação que pudesse tratar da questão do ambiente do trabalho. Os pontos levantados no evento

²¹ Lei nº 300, de 1970, da Itália, conhecida como *Statuto dei Lavoratori* (Estatuto dos Trabalhadores). Norme sulla tutela della libertà e dignità dei lavoratori, della libertà sindacale e dell'attività sindacale nei luoghi di lavoro e norme sul collocamento (Em tradução livre: Regras sobre a proteção da liberdade e dignidade dos trabalhadores, liberdade sindical e atividade sindical no local de trabalho e regras de colocação).

ultrapassaram um plano de negociação e representaram “um plano orgânico de intervenção”, recuperando experiências e formulações dos anos antecedentes nas fábricas. A Conferência Nacional de Rimini: “A defesa da saúde nos locais de trabalho”, deixou claro para os sindicatos o valor da fábrica como potencial político e cultural dos trabalhadores, lugar de experiência, aplicação e transformação, sem delegação (Oddone et al., 1986, p. 79). Ficou patente nesse histórico encontro a consolidação de algumas conquistas, das quais podemos destacar: o reconhecimento e a socialização de um saber emanado dos trabalhadores; o princípio de não delegar aos técnicos a decisão sobre o que fazer para transformar e a validação consensual; a priorização de um comportamento prevencionista; o direito à informação; e a reestruturação do poder público em função do novo processo.

Laurell (1984, p. 32), em sua análise sobre a importância da luta italiana pela saúde do trabalhador ressalta que:

La concepción que se perfila en el Modelo Obrero más claramente es la subjetividad-experiencia obrera como conocimiento latente acumulado, resultado del vivir y actuar en determinada realidad, cuyo portador es el grupo homogéneo, o sea, la colectividad que comparte esa realidad.²²

No quadro, a seguir, listei 12 dos principais pontos decididos na conferência correlacionando-os com as conquistas categorizadas como expressões relevantes do MOI, mais diretamente ligadas a cada um dos pontos.

²² Em tradução livre: “A concepção delineada no Modelo Operário Italiano é mais claramente a experiência da subjetividade-trabalhador como conhecimento latente acumulado, resultado de viver e agir em uma determinada realidade, cujo portador é o grupo homogêneo, ou seja, a coletividade que compartilha essa realidade”.

Quadro 1
Conferência Nacional de Rimini, 1972: correlação entre 12 pontos decididos e
categorias relevantes do MOI

Pontos decididos na Conferência	Expressões relevantes de conquistas do MOI				
	Conhecimento Saber operário	Não delegação Valid. consenso	Preven ção	Direito à Informa ção	Poder público
1 - Não monetização da saúde e do risco	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
2 - Intervenção do sindicato quanto à localização, projeto e construção das novas fábricas	SIM	--	SIM	SIM	--
3 - Avaliação crítica da legislação sobre prevenção a nível civil e penal e de todas Instituições que tratam da medicina ambiental, assim como o estabelecimento de uma nova relação com a Magistratura	SIM	--	SIM	SIM	SIM
4 - Capacitação dos grupos homogêneos, estímulo à participação na descoberta de riscos e danos e elaboração das modificações necessárias	SIM	SIM	SIM	SIM	--
5 - Conquista de conhecimento dos Conselhos de fábrica em matérias consideradas de competência patronal (acidentes e doença profissional).	SIM	SIM	SIM	SIM	--
6 - Troca de experiências e iniciativas isoladas através de uma coordenação política	SIM	SIM	SIM	SIM	--
7 - Investimento no problema do ambiente relacionado às categorias de serviços e de emprego público	SIM	--	--	--	SIM
8 - Ação sindical regionalizada e direcionamento para que as instituições locais coordenem as ações que garantam a utilização das estruturas sanitárias programadas.	--	--	--	--	SIM
9 - Relacionamento orgânico com os técnicos de saúde com o objetivo de responsabilização da troca de experiências, enriquecimento de conteúdo e substituição das técnicas patronais	--	SIM	--	--	SIM
10 - Constituição do Centro de Documentação Nacional assegurando a socialização do conhecimento e das experiências e a criação de centros unitários de coordenação contra a nocividade para que técnicos possam organicamente se inserir	SIM	--	--	SIM	SIM
11 - Promoção de atividades formativas específicas sobre saúde e ambiente	SIM	--	--	SIM	--
12 - Presença da Patronal nos locais de trabalho visando unir a ação de pesquisa sobre danos e riscos do trabalho com a questão da indenização e ressarcimento	SIM	--	--	SIM	SIM

Fonte: Elaboração da autora, baseado em Oddone *et al.*, 1986.

Dentre as conquistas dos trabalhadores italianos, nesse processo, sobressai o fato de terem sido protagonistas numa luta que transcendeu a Itália. Também em outros países, com a introdução do mapa de risco, fruto das observações dos próprios trabalhadores, suas experiências passaram a ser observadas e respeitadas, deixando de ser mera impressão para ocupar um lugar destinado ao conhecimento científico, com a função de servir como instrumento de transformação. “A classe operária adquire capacidade hegemônica por ser a classe produtora, a classe mais espoliada e atingida, mas também a mais consciente das causas da exploração e da insalubridade, aquela capaz de liberar, consigo mesma, o restante dos homens” (Berlinguer, 1983, p. 63).

Maccacaro (1980) observa que se a medicina do capital existe para administrar a patologia do capital, a saúde da classe operária deve requerer uma medicina da classe operária, em que esta se expresse como sujeito médico e político. Ao insuficiente controle sanitário deve se juntar o controle social, em que ambos se contraponham a uma medicina baseada na “gestión farmacológica de los problemas sociales” e à ideia de que a rebelião contra o estado natural das coisas é uma forma de doença. Nesse sentido, a medicina não seria curativa nem preventiva, mas “quizá solamente calmante y marginante” (Maccacaro, 1980, p. 80).

Essa luta, em que o trabalhador tomou consciência de si próprio como parte fundamental do processo de produção e do desenvolvimento econômico, que irrompeu na Itália como “explosão de uma consciência específica” nos anos 1960, possibilitou algumas descobertas relevantes, entre elas, a de que ao se mudar o sujeito do discurso muda-se o próprio discurso. Outra descoberta para os trabalhadores foi a dimensão mental do complexo “bienestar-malestar”. E, quanto ao caráter metodológico, a descoberta de que o grupo operário, a pesquisa de fábrica e a relação entre fábrica e região, ocupam e se tornam um “lugar” social (Maccacaro, 1980, p. 83-84).

Podemos concluir que a classe trabalhadora italiana amadureceu a consciência de luta pela saúde percebendo-se não mais objeto de investigação sanitária, mas sujeito de construção de uma política de saúde, onde são encontrados **pontos fundamentais discutidos nessa luta**, como enfocou Franco Basaglia com outros autores no livro *La salute in fabbrica. Per una linea alternativa di gestione della salute nei posti di lavoro e nei quartieri* (Paiva; Vasconcellos, 2011, p. 391; grifo meu).

O livro de Basaglia e outros, em sua edição mexicana de 1980 (a partir da tradução da edição italiana original de 1974), assinala alguns desses pontos fundamentais: o processo saúde-doença como emergente estrutural das condições de trabalho e das condições sociais gerais vinculadas ao trabalho (Basaglia et al., 1980, p. 14); a incapacidade teórica do modelo médico de analisar a problemática da saúde dos trabalhadores (p. 16); a solução mais significativa para a crise da saúde é dada pelo movimento operário que reivindica a unidade de ação e luta em torno da relação política e saúde (p. 28); “la salud obrera es la única que liberándose, libera también la salud de los demás hombres” (p. 73); se a medicina do capital serve para administrar a patologia do capital, a saúde da classe operária requer uma medicina da classe operária, em que esta possa se expressar como sujeito médico e político (p. 86); e, entre outros, as conquistas do movimento operário da Itália com o Estatuto dos Trabalhadores (p. 114).

Oddone et al. (1986, p. 84) sintetizam algumas dessas conquistas, de forma objetiva, nos diversos campos em que o movimento teve atuação e êxito. São elas:

1. Campo do conhecimento e do controle de riscos e danos – conhecimento da natureza e composição das substâncias químicas utilizadas, recusa do uso de substâncias e formas de energia que se desconheça a composição e/ou tenham efeitos danosos à saúde; controle de aplicação das normas dos serviços sanitários e dos laboratórios empresariais de higiene; negociação da denúncia de exercício e dos expostos à sílica e ao asbesto; controle da execução das consultas periódicas; direito de partes das representações sindicais de empresas de conhecer o registro de acidentes; direito dos delegados de controlar o ambiente com instrumentos e de receberem treinamentos por conta das empresas; direito de estabelecer registro dos dados ambientais e bioestatísticos nas empresas e setores; cadernetas pessoais de riscos e sanitárias; criação pelas empresas de estruturas sanitárias para o controle da nocividade na fábrica e no território; instalação feita pelas empresas de medidores contínuos de substâncias tóxicas.

2. Campo das medidas idôneas para reduzir riscos – uso do Máximo Aceitável de Concentração (MAC); direito à interrupção do trabalho se os níveis ambientais superarem o MAC contratual; direito de negociação de uma nova função, no caso de acidente ou doença profissional; férias suplementares para trabalhadores que desempenhem tarefas nocivas; obrigação das empresas de gerirem as operações de manutenção; substituição de substâncias nocivas;

revezamento nas tarefas nocivas; redução de horário de trabalho para ocupações nocivas; locais específicos para pausas de repouso; revezamento nas tarefas nocivas medidas pelo MAC biológico.

3. Campo dos processos produtivos e organização do trabalho – direito de intervenção do sindicato na projeção, reorganização ou reestruturação da produção; direito de intervenção na ecologia e negociação das novas indústrias; separação das tarefas nocivas e divulgação do local e do horário onde será realizada; negociação dos ciclos produtivos e dos programas de manutenção; uso de equipamentos individuais de proteção, pausas, aumento do pessoal e das modalidades de controle e manutenção dos equipamentos; negociação dos tempos e ritmos; pausas para necessidades fisiológicas e efeitos estressantes; negociação em relação a prêmios e substituição de pessoal da produção e direito a conhecer os dados e os critérios utilizados para a determinação do tempo de trabalho, através de quadros de aviso para que os operários de uma determinada linha possam ter o controle; negociação das normas de segurança; empresas cujo trabalho se dê ao ar livre se comprometem a instalar refeitórios, vestiário, serviços higiênicos sanitários com aquecimento e água corrente, mesmo que seja em área comum com outras empresas.

Cabe reforçar que no pensamento gramsciano se evidencia o valor dado à organização, à ligação entre teoria e prática e à disciplina, enquanto direção consciente:

Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “para si” sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica. Mas este processo de criação dos intelectuais é longo, difícil, cheio de contradições, de avanços e de recuos, de debandadas e de reagrupamentos; e, neste processo, a “fidelidade” da massa [...] é submetida a duras provas (Gramsci, 2011a, p. 104).

Técnicos e operários tinham concepções diferentes sobre o conceito de saúde e do que seria problema do trabalho. Foi necessário um esforço de entendimento e de unificação dos conceitos utilizados na avaliação do ambiente. Em relação ao conhecimento técnico, o médico socializava o seu conhecimento com os operários e juntos criavam uma linguagem única que facilitasse a criação de um método.

Essa estratégia, como Oddone et al. (1986, p. 77) lembraram, teve muito do que Gramsci valorizou na produção de uma cultura:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, socializá-las por assim dizer; e portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral (Gramsci, 2011a, p. 95).

Era importante que o grupo que estava na vanguarda do movimento passasse adiante os resultados já alcançados. O valor dado ao saber do operário levava-os à consciência da não delegação.

Também no *L'Ordine Nuovo*, o pensamento gramsciano no artigo “*Socialismo e Cultura*” nos fala do valor da organização, da disciplina e da cultura como:

[...] conquista de uma consciência superior: e é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres. Mas nada disso pode ocorrer por evolução espontânea, por ações e reações independentes da própria vontade, como ocorre na natureza vegetal e animal [...]. O homem é sobretudo espírito, ou seja, criação histórica, e não natureza. (Gramsci, 2004, p. 58).

A posição adotada por Oddone et al. (1986) evidencia que a subjetividade e a experiência operária passam a ser o instrumento mais importante para o desenvolvimento de um modelo capaz de controlar a nocividade no ambiente do trabalho. Tanto a subjetividade operária, que pode ser considerada como o acervo cultural que os trabalhadores trazem em matéria de sua percepção das coisas do trabalho, como as sentem, como as vivem e como se vêem afetados ou não por elas, quanto a experiência operária, que pode ser representada pelo acúmulo de situações vividas e suas decorrências, passam a ser os fatores predominantes na luta pela transformação das coisas do trabalho. Para que isso possa ser assim considerado, a não delegação aos técnicos da decisão sobre o fazer a mudança é o fator que possibilita uma nova hegemonia operária.

Contudo, o conhecimento técnico até então hegemônico e o arranjo hierárquico arraigado do modelo dominante calcado na estrutura capitalista de classes constituem-se em fatores de contenção do avanço para o reconhecimento de uma nova hegemonia operária na transformação da nocividade do trabalho. O formato estratégico para avançar é consolidado pela aproximação permanente da subjetividade e experiência operária com o conhecimento técnico tradicional, buscando pontos de consenso e validados no processo de luta contra a nocividade. Não delegação e validação consensual firmam-se, deste modo, como pilares estratégicos da luta. Gramsci, de alguma forma, sinalizava para essa estratégia.

Uma cuidadosa análise da história italiana, antes de 1922 e mesmo antes de 1926 [...] deve levar à conclusão objetiva de que precisamente os operários foram os portadores das novas e mais modernas exigências industriais e que, a seu modo, defenderam-nas implacavelmente; pode-se mesmo dizer que alguns industriais compreenderam este movimento e procuraram se apropriar dele [...]. (Gramsci, 2001, p. 258).

5.2. Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB)

Do início do século XX até a década de 1980, o sistema de saúde no Brasil passou por várias mudanças. Desde o sanitarismo campanhista passando para o modelo médico-assistencialista e chegando, à década de 1980, ao modelo hoje vigente que inclui o Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo Mendes (1996), dois fatores principais influenciaram esse processo: o econômico e a concepção de saúde dos referidos períodos.

Esse longo processo de mudanças, que culminou com a criação do SUS, teve como base o Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB), iniciado na década de 1970, como uma proposta contra-hegemônica. Na referida década, o Brasil passava por profundas transformações com o início da transição para a democracia e, paralelamente, um processo mundial de globalização em conformação. A implementação da Reforma Sanitária Brasileira (RSB) foi concomitante com o que Gerschman (1997, p.61) chamou de “liberalismo brasileiro”, iniciado com o governo Collor. Os atores sociais, segundo sua opinião, naquele momento, embora tenham desempenhado papel relevante na construção do MRSB, tornaram-se secundários por ser a participação social ainda muito carente de poder.

No processo de (re)democratização do Brasil vários interesses entraram em disputa na arena política incluindo a saúde que, neste período, coincidia com a necessidade de construção de uma política de atenção primária em saúde de dimensão internacional e o surgimento de novos sujeitos sociais na luta contra o regime ditatorial no país. Esses fatores vinham ao encontro da demanda de reformulação do modelo de saúde no Brasil, mobilizando vários segmentos como professores, estudantes e profissionais da saúde que se reuniam em busca de mudanças (Paim, 2008).

No período dos anos 1980 a democratização se caracterizava pela possibilidade de eleger governadores e presidente, na reorganização das instituições, antes autoritárias, e no aumento da participação da população

através de movimentos participativos. Desta maneira, a política de saúde foi tomando novos rumos com novos atores sociais conformando o projeto sanitário do Brasil (Mendes, 1996).

Em março de 1985, após mobilizações, foi extinto o período da ditadura militar no Brasil com a eleição indireta de um governo civil tendo Tancredo Neves para a presidência da República e, como Vice-Presidente, José Sarney. Após o falecimento de Tancredo, em 21 de abril, Sarney assume o posto de Presidente da República e em seguida, instala-se uma Assembleia Nacional Constituinte (Faleiros et al., 2006).

Segundo Mendes (1996), após muitos projetos, crises e proposições tivemos um importante evento político para a área da saúde, em 1986, com a realização da VIII Conferência Nacional de Saúde (CNS), que representou todos os movimentos ligados à saúde, desenvolvidos ao longo da década de 1970/1980. Esta Conferência se destacou pelo caráter democrático impresso com a presença de mais de 4.000 pessoas vindas de todos os estados do país, milhares de delegados, representantes de várias forças sociais, e pela maneira que se processou: partindo de conferências municipais, para as estaduais, até chegar ao nível federal (Possas, 1988).

A partir daí foi possível que a sociedade pudesse ter acesso a uma doutrina e a inúmeras propostas políticas que incluíam a saúde e “que apontavam para a democratização da vida social e para a Reforma Democrática do Estado. É justamente esse processo de democratização da saúde que naquela época cunhou-se o nome de “Reforma Sanitária” (Paim, 2008, p.27).

Foram desenvolvidos vários trabalhos técnicos que definiram a sua doutrina, tornando-se instrumento e guia para influenciar mais tarde, em 1987, a implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), anterior ao SUS, e na elaboração da Constituição Federal Brasileira de 1988 (Mendes, 1996).

Antes da Constituição Federal de 1988 foram vários os movimentos sociais, na área da saúde, que lutaram pela mudança de paradigma. A saúde deveria ser considerada não apenas um direito conquistado, mas também uma questão que deveria incluir a todos nos processos decisórios. Na construção dos ideais da RSB, assim como no MOI, se faziam presentes os princípios políticos e éticos da educação popular. Assim, a participação passa a ser meta de articulação, tornando os sujeitos antes passivos em sujeitos ativos e coletivos (Faleiros et al., 2006). A política de saúde no Brasil, em função do MRSB, incluiu

a saúde como direito de todos os cidadãos e dever do Estado, na Constituição Federal de 1988.

Para Faleiros et al. (2006), a luta pelo direito à participação abriu novos espaços públicos, agregados ao fortalecimento da sociedade organizada e da sociedade civil. Assim, surgem novas reivindicações de direitos que vão se conformando através dos grupos de mulheres, negros, pessoas com deficiência etc. Surgem os conselhos de saúde que, articulados com os movimentos sociais, buscam dar voz ao povo, nesta direção Vasconcelos (2001, p.122) enfatiza como este movimento de profissionais de saúde persiste por tempos e embora estivessem comprometidos “com a população não conseguem conquistar a hegemonia do seu funcionamento, mas resistem implementando pequenas práticas alternativas e marginais, nas quais a relação educativa com a população é priorizada”.

Mendes (1996, p.49) considera que, apesar da Constituição Federal de 1988 ter incorporado em seu conteúdo conceitos e princípios retirados da prática hegemônica, mesmo assim reorganizou-os “na nova lógica referida pelos princípios da reforma sanitária”. Com a implantação do SUS, em 1990, através das Leis n. 8.080 e n. 8.142 estavam concretizadas as conquistas legais contidas na Constituição de 1988 e também as suas contradições.

Segundo Paim (2008), diversos autores como Lenaura Lobato, Silvia A. Gerschman, Grynspanm e Cordeiro entre outros se dedicaram ao estudo da RSB sob o enfoque da implantação do SUS. No entanto, o Movimento, que deu origem a RSB propriamente dito foi pouco analisado. Importante lembrar que o MRSB possuía articulação pluralista e suprapartidária que deu conformação técnico-política à proposta reformista.

Há também os que apontam sua fragilidade em função da ausência, ao longo do processo, da ampliação de sua base social, devido à prioridade dada à atuação a partir do interior do aparelho de Estado e da burocracia estatal sem uma perspectiva de “quebra do estado”, configurando o que se caracterizou como reforma “pelo alto” (Oliveira, 1989).

Na opinião de Campos (1988, p. 182) diferente do que aconteceu em outros países capitalistas, que fizeram uma reforma no sistema de saúde, onde intelectuais da ala progressista compartilharam com os sindicatos e/ou partidos, aqui no Brasil, “o principal agente das transformações teria sido o ‘partido sanitário’ encastelado no aparelho estatal e apoiado, evidentemente, por autoridades constituídas”. Importante ressaltar que o autor define o ‘partido sanitário’ como “instituição imaginada para reforçar a aparência de que essa

linha de pensamento ou até mesmo esse movimento sanitário teriam um afastamento e uma independência das classes dominantes”.

Cohn (1992, p. 100) considera relevante abordar o quanto que na RSB houve de acumulação de forças e de formulação teórico-prática elaborada, por exemplo, pelo movimento sindical brasileiro, e avalia ser uma deficiência já que “ainda continua a imperar o desconhecimento desses atores sociais, [...] qualificados pelos marcos teóricos de nível macro de análise, e não por suas práticas concretas”.

Nesse aspecto, merece atenção o processo de acumulação de forças que, a partir do final dos anos 1970, o movimento sindical brasileiro passa a ter quando assume, como campo de luta, a questão das relações entre trabalho e saúde (Lacaz, 1994). Isto ocorre ao se articular internamente de maneira suprapartidária e intersindical e, externamente, numa aliança com setores intelectuais médios, criando um organismo que passa a desenvolver o papel de “intelectual orgânico”, com a criação do Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (Diesat)²³, modelo este resgatado da experiência histórica do próprio movimento sindical brasileiro, pautado no Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese)²⁴, marco histórico da articulação entre o movimento sindical e setores médios representados por intelectuais, técnicos e acadêmicos, reproduzindo, de certa forma, o papel desempenhado pelo bloco de partidos de esquerda na experiência do MOI.

Paim (2008, p. 78) lembra que “enquanto o governo implementava políticas racionalizadoras”, em Brasília, em julho de 1976, na 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, se cria o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), com a proposta de discutir a questão da democratização da saúde e tornar-se um edificador da cultura com o propósito de reformular o conceito de saúde. E em 1979 se cria a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – Abrasco (Faleiros et al., 2006).

Em entrevista para Faleiros et al (2006, p. 58), José Gomes Temporão, médico, sanitarista, presidente do Cebes (1981-1984) declara que o Cebes

²³ O Diesat foi criado em 1980 como uma espécie de Dieese da saúde, por um conjunto de sindicatos de diferentes categorias profissionais. Seu principal objetivo consiste em pesquisar, estudar, sistematizar e divulgar as correlações entre saúde/doença e trabalho, desde o ponto de vista dos trabalhadores, em suas reivindicações, em conjunto com os sindicatos. Fonte: <http://diesat.org.br/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

²⁴ O Dieese é uma entidade criada e mantida pelo movimento sindical brasileiro. Foi fundado em 1955, com o objetivo de desenvolver pesquisas que subsidiassem as demandas dos trabalhadores. Sindicatos, federações, confederações de trabalhadores e centrais sindicais são filiados ao Dieese e fazem parte da direção da entidade. Atualmente, são cerca de 700 associados. Fonte: <https://www.dieese.org.br/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

representava “um conjunto de intelectuais orgânicos, digamos assim, na perspectiva gramsciana. [...] uma espécie de desaguadouro de síntese do que vinha dos movimentos sociais urbanos, das associações de moradores, da igreja, do sindicalismo”, resultado das reflexões críticas sobre a questão da saúde. E acrescenta que este foi um espaço fundamental para a construção e propagação das “novas ideias e de luta pela Reforma Sanitária”. Só com democracia “seria possível o acesso à saúde plena”. Fundamental para a divulgação foi a revista *Saúde em Debate* criada em São Paulo por David Capistrano da Costa Filho, médico sanitário, importante ator da reforma sanitária.

Aqui novamente importante ressaltar a importância dada por Gramsci (2011a) de que o homem sistematize sua percepção crítica do mundo e que, tome consciência, a partir da história da filosofia, de como foi elaborado determinado pensamento e quais forças estavam presentes e atuaram para o prevalecimento do pensamento presente. Só assim é possível uma reflexão consciente.

O Cebes se aproxima do que seria para Gramsci (2010, p. 205-206) o “centro homogêneo”. Como já visto, este deve ter como proposta difundir uma nova consciência que se proponha homogênea possibilitando que os sujeitos elaborem da mesma maneira a cultura e a consciência, evitando, desta forma, que um determinado conceito seja interpretado de diferentes maneiras. Os intelectuais desenvolvem um pensamento que lhes dá uma certa “qualificação” para o uso da “indução e dedução”, o que é restrito à algumas camadas sociais. Daí a importância de uma consciência homogênea.

Neste período, do final da década de 1970, novos conhecimentos a respeito das relações saúde, trabalho e direito vão sendo integrados na experiência brasileira seguindo, de alguma maneira, “o princípio da validação consensual do Modelo Operário Italiano” (Gaze et al., 2011, p. 314).

Sabe-se que o movimento empreendido pelos sindicatos de trabalhadores inspirava-se claramente na experiência italiana, instigado pela publicação do livro de Berlinguer intitulado *Medicina e Política*, e também pela visita do médico em 1978 ao Brasil. Lacaz (2007, p. 762) menciona que na ocasião teve início uma importante troca entre os sindicalistas dos dois países e os técnicos, além da divulgação da proposta do MOI que teve “influência sobre técnicos e dirigentes sindicais brasileiros atuantes em Saúde do Trabalhador” engajados neste projeto.

Segundo Faleiros et al. (2006, p. 37), ainda no período da ditadura, as contradições produzidas pela política econômica vigente além de afetarem diretamente as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora, também não agradavam os “empresários”, a classe média e as “forças sociais” que mantinham e sustentavam o regime ditatorial. Como consequência, em 1978, no ABC paulista, são deflagrados “movimentos grevistas” e várias “lideranças sindicais são cassadas”.

Gramsci (2011a, p. 19), no *caderno 13*, § 2, entende que para uma análise das relações de forças deve se levar em conta as diversas situações em que elas se encontram, isto é, é necessário avaliar os níveis em que se estabelecem as forças em disputa de uma determinada realidade. As questões concretas como estratégias e táticas utilizadas na política devem ser expostas para se ter a verdadeira dimensão de seu significado, assim como esclarecer o que será considerado orgânico, propaganda ou “plano estratégico”, incluindo as relações de forças internacionais e as relações sociais objetivas.

Segundo Vasconcellos e Ribeiro (2011, p. 424) com a mudança de paradigma nas relações saúde e trabalho no Brasil, na década de 1980, surge, através de um movimento institucional, a área da saúde do trabalhador que: “Influenciada pelo movimento da Reforma Sanitária Italiana (RSI), de forte inspiração operária, e moldada nos pilares da medicina social latino-americana” se revela como um conhecimento capaz de intervir nas causas que atuam e provocam o adoecimento durante o processo de produção.

Na reformulação do setor saúde ficou evidente a necessidade de traçarem novos rumos a começar pelo “conceito de saúde” que deverá estar “relacionado com todos os seus determinantes e condicionantes (trabalho, salário, alimentação, habitação, transporte, meio ambiente, entre outros)” (Paim, 2008, p. 155).

Berlinguer (1988, p. 3) afiança que para que a saúde se imponha à doença, “é preciso mudar profundamente o comportamento cotidiano, os modelos de vida, a produção e o consumo, as formas de participação na atividade comunitária, a direção política do governo e das administrações locais”, sendo imprescindível “uma revolução profunda”.

Para Gramsci, todas as pessoas têm uma concepção de mundo que mesmo que inconsciente as remete a uma “*linguagem*” que expressa esta concepção. Quando se supera este momento e se alcança a crítica e a consciência, surge a questão:

[...] é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia, [...] paróquia [...], “atividade intelectual” [...], ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (Gramsci, 2011a, p. 93-94).

Vasconcellos e Ribeiro (2011, p. 425) discorrem que tanto as referências técnicas e científicas da relação saúde-trabalho, como a política- institucional, antes do MRSB, estavam centradas na medicina do trabalho e na saúde ocupacional, além do que não eram reconhecidas como problemas de políticas públicas, as doenças e os acidentes de trabalho. Os autores afirmam que só após o debate iniciado da RSB “e a emergência de um novo conceito de saúde do trabalhador é que a questão da saúde no mundo do trabalho veio à tona como um eventual problema de saúde pública”.

Em seu estudo, Paim (2008, p. 32) sustenta que a RSB não representa apenas uma “política social ou de saúde”, mas é fruto de “um projeto de reforma social”. “O ângulo privilegiado de análise é a própria *reforma sanitária*, enquanto ideia, *proposta*, *projeto* e *processo*, ainda que só analiticamente seja possível distingui-la do *movimento*”.

Para Paim (2008, p. 32) importante considerar o momento da *ideia*, que é anterior à proposta, assim como é no *movimento* que acontece o *projeto* e *processo*. Lembra que: “Ainda que se reconheça a importância do ‘momento da *ideia*’, este não se realiza completamente se não contar com as relações sociais que possibilitam a práxis dos sujeitos” e menciona Gramsci (2011b, p. 82) que no *caderno 13*, § 30, diz que: “as ideias e as opiniões não ‘nascem’ espontaneamente no cérebro de cada indivíduo: tiveram um centro de formação, de irradiação, de difusão, de persuasão”. É preciso que alguém ou um grupo de pessoas as tenha elaborado e apresentado “na forma política de atualidade”.

Faleiros et al. (2006, p. 18) relatam que no período anterior à Constituição Federal de 1988, foram deflagrados vários movimentos sociais que tinham a saúde como tema e a proposta de tê-la como um direito a ser pensado por todos. Tornou-se evidente a necessidade da participação de todos “como sujeitos ativos” e a articulação do poder com estes sujeitos, agora “coletivos”. Desta forma, “a questão da saúde deixa de ser ‘um negócio da doença’ para se transformar em garantia da vida, rompendo-se com o modelo flexneriano” que

vigorou nos Estados Unidos, no início do século XX limitando a saúde a um diagnóstico dado por especialistas, donos de um “saber”. A participação coletiva demanda que as relações de poder sejam revistas e implica “uma dimensão que politiza tanto o diagnóstico como as ações de saúde, repolitizando, assim, criticamente as políticas”.

Como podemos perceber, os movimentos convergiam para um projeto que era comum a todos e no fim dos anos da década de 1970 e início de 1980 já era possível vislumbrar uma articulação com “princípios e objetivos comuns de luta nas várias frentes” e Nelson Rodrigues dos Santos, médico, sanitarista, entrevistado em 9 de março de 2005 por Faleiros et al (2006, p. 65) conclui que: “[...] no final dos anos 1970, o movimento pela Reforma Sanitária assume uma identidade. Ele não é mais uma reação pontual contra ações conservadoras que o governo ditatorial tomava contra a saúde da população”.

O MRSB havia construído uma identidade que para alguns era representada com uma “estrutura político-partidária de agregação de tendências, a ponto de ser denominado de ‘Partido Sanitário’”, como visto anteriormente. Já na 6ª Conferência Nacional da Saúde em 1977 esta percepção de partido já existia segundo José da Silva Guedes, médico e sanitarista, explicitado em seu depoimento (Faleiros et al., 2006, p. 65).

Segundo Paim (2008, p. 71), esses movimentos eram formados por grupos “populares, estudantis, profissionais e intelectuais”. Jacobi (1993 apud Paim, 2008, p. 71) cita os Movimentos do Custo de Vida, os clubes de mães, os conselhos comunitários e as organizações na Zona Leste e na periferia de São Paulo, assim como o Movimento Popular de Saúde (MOPS). Também segundo Machado (1987, p. 301 apud Paim, 2008, p. 71), inicia-se a Semana de Estudos de Saúde Comunitária (SESAC) onde se “formam consciências que mais tarde serão decisivas na constituição de movimentos e que vão orientar o pensamento mais progressista de saúde no Brasil”.

Gerschman (1997, p.62) avalia que a “implementação da política de saúde” apesar de incluída na Constituição Federal de 1988, não alcançou “uma lógica própria do gasto e da organização de serviços”. Tanto as políticas sociais como as de saúde são facilmente substituídas pela “macroeconomia” que tem como prioridade, entre outras, por exemplo, a “estabilidade monetária”.

Muitos outros movimentos são mencionados por Paim (2008, p. 72), mas aqui nos cabe, em concordância com o autor, ressaltar a importância e o significado que eles tiveram no momento que antecedeu a RSB. Assim como mencionar o valor da “participação das universidades e dos serviços de saúde

no desenvolvimento de programas de medicina comunitária”, que, via de regra, eram “financiados por fundações americanas, contemplando a integração docente assistencial, com ênfase no pessoal auxiliar, organização de serviços de saúde e participação da comunidade”.

Paim (2009, p. 29) acredita que o povo brasileiro foi capaz de responder as demandas da época de forma ousada “articulando lutas sociais com a produção de conhecimentos”. Em meio a uma ditadura onde o autoritarismo permeava as instituições “defendiam a democratização da saúde como parte da democratização da vida social, do Estado e dos seus aparelhos” e assim “engendraram a ideia, a proposta, o movimento e o projeto da Reforma Sanitária brasileira” e, paralelamente, construam “um novo campo científico e um novo âmbito de práticas denominado Saúde Coletiva”.

Foram muitas as publicações e estudos sobre a RSB, sobretudo na década de 1990, apontando suas origens, base social e semelhanças com processos correlatos ocorridos em outros países, particularmente a Itália. Houve também enfoque sobre as dificuldades de concretizar-se enquanto política social e de direitos de cidadania que pudesse promover mudanças na organização dos serviços de saúde e em sua lógica de funcionamento. Muitos tratam do modelo de gestão/participação social e da sua competência técnica e capacidade de hegemonizar o processo de construção do SUS, conforme preconizado pelo MRSB (Freury, 1988, 1989, 1992; Berlinguer et al., 1988; Costa, 1989; Campos, 1992).

No entanto, segundo Escorel (1998 apud Paim, 2008, p. 28): “O próprio movimento sanitário, reconhecido como um ator central de sustentação para a RSB, foi investigado da sua emergência até o início da década de [19]90”, “mas pouco analisado na conjuntura pós-constituente” (Gerschman, 1994, Misoczky, 2002 apud Paim, 2008, p. 28).

Santos (2012, p. 112) entende que a fragilidade encontrada no Brasil dos mecanismos democráticos onde a participação das classes subalternas é precária, se deve, ao que ela chama de “modernização conservadora”, isto é, quando diante de um processo de modernização capitalista, as classes dominantes se antecipam aos possíveis movimentos populares e, dependendo da mudança, a antecipação pode ser de caráter progressista e/ou restaurador, o que Gramsci chamou de “revolução passiva”. Para Santos (2012), o capitalismo no Brasil buscou e busca não arcar com os ônus das conquistas alcançadas pelas lutas das classes trabalhadoras e caminha representado pelas classes

dominantes, através do Estado, criando meios de controlar a abrangência dos resultados destas conquistas.

Paim (2008, p. 144-145) assinala que mesmo que o movimento sanitário tenha influenciado muitos trabalhadores de saúde, “dispor de capacidade de iniciativa política, articular com partidos, entidades e parlamento, além de ocupar postos de relevância no executivo, o movimento sanitário teve dificuldade em capilarizar-se na sociedade brasileira”. Tratava-se de mudanças emblemáticas para uma sociedade historicamente conservadora, mesmo parecendo ao contrário. Assim aconteceu na “Independência, na Proclamação da República ou na ‘Revolução de [19]30’”.

Contando com a contribuição de outros autores Paim (2008) define a RSB “como uma reforma social centrada nos seguintes elementos constituintes: democratização da saúde, democratização do Estado e democratização da sociedade” e finalizando o autor reproduz o que uma das vertentes do movimento sanitário defende atribuindo à “Reforma Sanitária como um projeto civilizatório articulado à radicalização da democracia na perspectiva do socialismo”. Ratificando o dito anterior, Paim (2008, p.174, nota 3) cita que na *Revista Radis* de 20 de fevereiro de 2001 foi publicada a matéria intitulada “*Arouca em SUS: revendo a trajetória, os avanços e retrocessos da Reforma Sanitária Brasileira*” que diz:

O projeto da Reforma é o da civilização humana, é um projeto civilizatório, que para se organizar precisa ter dentro dele princípios e valores que nós nunca devemos perder, para que a sociedade com um todo possa um dia expressar estes valores, pois o que queremos para a saúde é o que queremos para a sociedade brasileira.

Sabe-se que tanto no Brasil como na Itália um projeto de Reforma Sanitária não seria bem-vindo e, por esta razão, encontrou muitas “resistências conservadoras” por ir de encontro com “interesses privados” que justificavam sua impossibilidade. Somado a este fato, no Brasil, devido à conjuntura política da época, não contava com políticas públicas sociais justas e era essencial uma grande mobilização “cultural, sindical e política” (Possas, 1988, p. IX).

No entanto, a grave condição sanitária que o país se encontrava fazia com que uma mudança se tornasse imprescindível. Embora Itália e Brasil estivessem em condições bem diferentes, a contribuição da experiência italiana trouxe reflexões bem importantes.

Segundo Paim (2008), a Reforma Sanitária no Brasil teve como elementos constitutivos cinco tópicos na sua construção: ampliação do conceito de saúde; a

saúde vista como direito de todos e dever do Estado; a criação do SUS; participação popular; e constituição e ampliação do orçamento social.

Dos elementos citados acima, ressaltamos a fundamental importância da criação de um sistema de saúde com o potencial do SUS e a constatação de que depois de trinta e dois anos de sua criação, ainda não foi possível uma consolidação segura sem que tenhamos a sombra do risco de desmonte.

A defesa do SUS na atualidade significa a continuação da disputa de valores que foram conquistados com muita luta e o retrocesso representa muitas perdas nas políticas de saúde, conforme considera Ronald Ferreira dos Santos, ex-presidente da Federação Nacional dos Farmacêuticos (Fenafar) e do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Para evitar mais desmontes, Santos (2018, s/p) alerta que:

Em 2015, deputados e senadores aprovaram a Emenda Constitucional 86, retirando os recursos do pré-sal, que seriam investidos em Educação e Saúde. Em 2016, eles também aprovaram a Emenda Constitucional 95, que congela por 20 anos os gastos com Saúde e Educação. Na prática, isso significa menos Farmácia Popular, menos postos de saúde, menos hospitais, menos profissionais de saúde nos territórios. Esse é só um pequeno retrato de uma situação gravíssima no governo e no Congresso Nacional, onde a maioria tem se preocupado em beneficiar os empresários da saúde, em detrimento da população. As mudanças, sem diálogo e participação, acontecem em uma velocidade assustadora, como foi com a Política Nacional de Saúde Mental, que agora incentiva parcerias com comunidades terapêuticas, abrindo espaço para o retorno do modelo manicomial.

É evidente, no mundo contemporâneo, a destruição que o capitalismo promove atingindo o ambiente, o mundo do trabalho e a grande parcela da sociedade que se encontra subjugada às normas do mercado. Alguns autores admitem que a recente crise pandêmica, do coronavírus, está relacionada diretamente com a capacidade destrutiva do capital que provocou e ainda provoca a devastação da natureza e, com a demora de tomada de medidas sanitárias eficientes, aumentando a propagação do novo coronavírus (Antunes, 2020c; Correia, 2022).

No Brasil, a pandemia da covid-19 chegou justamente no período da gestão de um presidente negacionista e extremamente autoritário que adiou a compra das vacinas provocando a morte de, pelo menos, quatrocentas mil pessoas desnecessariamente, de acordo com reportagem do Portal Uol²⁵. Ainda

²⁵ De acordo com a reportagem quatro entre cinco mortes poderiam ter sido evitadas se houvesse vacina contra a Covid-19. Cf. HALLAL, Pedro. Brasil poderia ter impedido 400 mil mortes por covid, diz epidemiologista. **Uol**, Seção VivaBem, publicação de 29/06/2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/29/brasil-covid-19-mortes-pedro-hallal.htm> Acesso em: 24 out. 2022.

assim, apesar de tanta destruição, foi possível evitar que a tragédia fosse maior, porque contamos com o SUS (Correia, 2022).

Segundo Correia (2022), nos governos de Michel Temer (2016-2018) e de Jair Bolsonaro (2019-atual) houve uma expansão do setor privado na saúde e a implantação das emendas constitucionais já citadas que beneficiaram o capital. Durante este período, a pasta da saúde foi ocupada por sucessivos sujeitos comprometidos com o fortalecimento do mercado dos planos privados de saúde.

Estamos diante de uma grande ameaça e em face do tamanho do desmonte, a autora acredita que:

Para consolidar o SUS público e universal será necessário retomar a pauta da estatização da saúde pactuada na 8ª CNS, desvencilhar-se das amarras do setor privado dentro do SUS – que funciona como um hospedeiro, em que o parasita lhe suga o fundo público, desmonta sua estrutura e precariza o trabalho, subtraindo as forças necessárias para o SUS atender às necessidades em saúde da população – e atualizar nas trincheiras de lutas o projeto político emancipatório da reforma sanitária dos anos 1980.

As lutas sociais das classes subalternas pela saúde pública estatal e universal devem estar articuladas às lutas por uma nova hegemonia. Para isso, é central enfrentar o caráter mercantil da saúde como fonte de riqueza, além de criar as condições necessárias para tornar as relações de forças mais favoráveis às classes subalternas e ao seu projeto, com vistas à sua hegemonia e ao fortalecimento da sua identidade e autonomia, frente à estrutura capitalista imposta como natural (Correia, 2022, p. 85-86).

Considerando que a temática da saúde sempre foi cara para Gramsci, como demonstrado no decorrer desta tese, para finalizar, minha intenção, neste capítulo, foi de demonstrar a relação saúde-trabalho no MOI e no MRSB, onde a saúde aparece como ferramenta de luta para a transformação do mundo do trabalho, e a forte inspiração gramsciana presente nos dois processos, sinalizando que a construção de uma nova hegemonia digna e justa não prescinde de um olhar historicizado para o tema saúde/trabalho, como sempre sugeriu Antonio Gramsci.

6. Conclusão

A vinculação da vida pessoal e da vida política de Antonio Gramsci com a construção do seu pensamento nos possibilita identificar a sua capacidade de perceber o que há de potente entre um modo de pensar “natural” e a construção de uma consciência histórica crítica capaz de despertar uma emoção, uma vontade coletiva. Gramsci valoriza o conjunto das relações sociais e suas contradições, que se estabelecem em um determinado tempo e que são passíveis de mudanças a cada época.

Gramsci compreende que a história é escrita através das lutas individuais e de grupos que têm como objetivo efetivar mudanças. Nasceu em um tempo em que, na Sardenha, 35% dos operários da mineração morriam de tuberculose e no início de um processo de transformação onde a revolta começa a dar lugar para a luta coletiva (Fiori, 1979). A miséria do Sul da Itália não era entendida como hegemonia do Norte, consequência de uma unidade feita desigual entre campo e cidade, mas sim como fruto da incapacidade de origem orgânica daquela população e sua “inferioridade biológica”. Esta era a concepção dos sociólogos do positivismo que a defendiam como uma “verdade científica” (Gramsci, 2002a, p.74).

Na leitura e análise das *Cartas do cárcere* foi possível constatar o processo de degradação física de Gramsci, sua resistência emocional, a consciência de sua condição e a busca constante para superar os reveses sem nunca perder a capacidade de lutar para se manter íntegro nas suas convicções. Nino em inúmeras cartas reivindicou que lhe escrevessem, porque assim estaria conectado com o mundo externo. Mesmo distante, solicitava informações sobre a saúde, a educação e o desenvolvimento dos filhos e sobrinhos para que pudesse acompanhá-los no processo de amadurecimento.

No período em que esteve preso, muitas doenças atingiram seus familiares e pessoas próximas, tais como: febre espanhola, febre malária, coqueluche, escarlatina, raquitismo, depressão, epilepsia, melancolia, transtorno psicológico, além das suas próprias e mesmo debilitado não deixava de se preocupar e analisar, através de uma perspectiva humana e ao mesmo tempo político-social-econômica, a questão da saúde.

Acompanhou com sofrimento a doença de sua mãe e sempre expressava a sua admiração e afeto por ela. Nino vinculava os problemas de saúde de sua mãe ao fato dela ter trabalhado demais, aos sacrifícios que fez e lembra-se dos “grandes sofrimentos” e “atribuições” pelos quais ela passou. E escreve: “suas mãos sempre ocupadas em nosso benefício, para nos aliviar os sofrimentos e buscar alguma utilidade em todas as coisas” (Gramsci, 2005a, p.121 [C, n. 22]).

Em 1930, Gramsci refletiu sobre a doença de Giulia e, mesmo reconhecendo que ela poderia sofrer de um “esgotamento nervoso e anemia cerebral”, atribuiu ao ritmo de trabalho a causa de sua condição física e psíquica, assim como havia acontecido com a sua irmã Eugenia, em 1919, quando precisou também se internar no mesmo sanatório, perto de Moscou, onde os três se conheceram. Baseado nas publicações científicas, avaliou a doença como um “fenômeno” coletivo e consequência dos novos sistemas de trabalho introduzidos pela América.

Considerou que, para a companheira, era muito difícil adaptar seu modo de vida as formas de trabalho da URSS de Stalin que passava por uma “revolução pelo alto” e que tentava se enquadrar ao americanismo e fordismo. Gramsci, sem deixar de considerar a individualidade de Giulia, interpreta a realidade social em que ela vive e a história construída no percurso até ali. Para ele, “a mecanização”, imposta pelas novas formas de trabalho, provocava um “desenraizamento” da esposa (Vacca, 2012, p. 165).

Nas cartas, cita as recentes medidas tomadas pela indústria americana, em especial por Ford, que controlava a vida privada das trabalhadoras e trabalhadores regulando a alimentação, o sono, a habitação, a vida sexual, entre outros pontos. Ofereciam salários mais altos, mas exigiam uma vida pessoal que fosse coordenada com o trabalho desenvolvido.

Em correspondência com Tatiana, Nino menciona o otimismo e a ingenuidade que ela conservou até aquele momento e alega, que devido às experiências que ele teve desde criança, “estar imunizado contra tais fraquezas”. Relata que começou a trabalhar aos onze anos e que carregava livros de registros mais pesados que ele, lhe causando fortes dores durante a noite que o faziam chorar escondido. Gramsci viveu no próprio corpo, desde criança, o dilema da pobreza e do trabalho infantil e na juventude, em condições precárias, físicas e econômicas, a questão da saúde do trabalhador e a precarização do trabalho.

Em 1931, no período em que vários familiares de Gramsci foram vítimas da malária, ele questiona como se explica um surto e opina que sem rede de

esgoto a tendência seria mesmo a proliferação da doença. E sabendo pela irmã que a malária estava servindo de porta de entrada para a tuberculose conclui que a população estava malnutrida e solicita informações detalhadas sobre a alimentação dos assalariados rurais, meeiros, pequenos proprietários, pastores de ovelhas e artesãos. Como se vê, Gramsci estava nitidamente atento para as questões sociais e econômicas que desencadeavam um desequilíbrio não só ambiental, mas que também interferia e causava danos na saúde da população trabalhadora e em geral.

Gramsci vincula saúde e trabalho sobre um coletivo de trabalhadores e questiona se eles tinham acesso a uma alimentação compatível com as suas necessidades vitais. Desta forma, o filósofo sardo reivindica dois dos pressupostos tanto da Reforma Sanitária Italiana como da Brasileira: o primeiro é a saúde vista como um processo resultante das condições de vida e o segundo que a atenção à saúde não fique restrita a assistência médica, mas envolva todas as ações de promoção, proteção e recuperação (Paim, 2008, p. 156; Berlinguer, 1988, p. 3).

Na história da medicina e da saúde muito se atribuiu aos especialistas todos os progressos do conhecimento e das técnicas alcançados, no entanto, na Itália na década de 1970 procurou-se escrever uma “história global” onde as doenças, vida social, organização sanitária, ciência e movimentos de massa aparecem interligadas. Em outros países, que estavam com estudos mais avançados, alguns historiadores concluíram que o alcance do controle de doenças como tuberculose, cólera, sífilis, varíola, entre outras se deu muito como resultado dos “movimentos de emancipação das classes e dos povos oprimidos” que conquistaram melhores condições habitacionais, de salário, alimentação e a “difusão do conhecimento”.

As duas reformas citadas neste estudo, Reforma Sanitária Italiana (RSI) e Reforma Sanitária Brasileira (RSB), foram originadas a partir de uma conscientização histórica e política, como sugere Gramsci em sua obra, que possibilitou a proposta de uma direção a partir de uma organização – não necessariamente tradicional ou oficial –, mas oriunda de ideias de grupos que percebiam na sua prática profissional cotidiana o potencial de luta no trabalho e a representação da saúde-educação neste contexto.

Também vimos que ambas partiram da ideia de modificar conceitos sobre a saúde e relacioná-los com as condições sociais considerando o trabalho, salário, alimentação, habitação, transporte, meio ambiente, entre outros como fatores desencadeantes. Em ambas foi necessário contar com a construção do

conhecimento e a sua socialização como forma de difundir um novo modo de conceber a saúde com suas determinações sociais possibilitando o rompimento com o velho. Gramsci propõe a difusão de verdades descobertas para que possam servir de base para “ações vitais” e diz ser mais importante que “uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente” do que “a descoberta” de um “gênio” que fique limitada a um pequeno grupo de intelectuais (Gramsci, 2001, p. 95).

O estudo do campo das relações saúde-trabalho e sua história mostram o processo de mudança de paradigmas, que passando primeiro pela medicina do trabalho e depois pela saúde ocupacional, alcança os primeiros programas em saúde do trabalhador no final da década de 1970 no Brasil. Com isso foi possível analisar como o trabalho é capaz de afetar a saúde e propor ações reformadoras. A partir dos debates suscitados pela RSB é que relação saúde-trabalho passou a ser vista como um problema de saúde pública (Vasconcellos; Ribeiro, 2011).

O tempo em que Gramsci estava no cárcere foi um tempo em que a medicina devia se submeter à política, que a eugenia era um impulso para o alcance da seleção racial, que o acidente no trabalho era resultado da imprudência do trabalhador indisciplinado que coloca sua vida em risco, que o médico deveria receitar a medicação nacional mesmo que seja a menos indicada, que o trabalho infantil e a mortalidade perinatal deixam de ser uma preocupação.

Contudo, direta ou indiretamente, as categorias desenvolvidas por Gramsci contribuíram para a criação não só de uma concepção ampla a respeito da saúde, mas também foram fundamentais para a construção de métodos e formulações teórico-conceituais propondo caminhos para a reformulação das políticas de saúde pública e da saúde do trabalhador no Brasil.

As *Cartas*, consideradas por um dos seus editores no Brasil, Luiz Sérgio Henriques, como “uma espécie de obra-prima por acaso”, junto com os *Cadernos* complementam-se dando forma ao pensamento de Gramsci.

Nesta direção minha proposta foi poder, através das *Cartas*, dimensionar o lugar que ocupou na vida de Gramsci a temática saúde e analisar em que proporção esteve presente, mesmo que indiretamente, na formação de seu pensamento influenciando o campo formativo do sistema de saúde e a saúde do trabalhador.

7. Referências bibliográficas

ALIAGA, Luciana. Revolução-restauração em tempos de pandemia. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo R. Lima (Org.). **Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

ALONSO, Ángel Cárcoba. El modelo obrero. In: ALONSO, Ángel Cárcoba (Org.). **La salud no se vende ni se delega, se defiende**. Fundación Sindical de Estudios. CC.OO. Madrid: Ediciones GPS, 2007.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A riqueza e a miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A Uberização, trabalho digital e a Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020a.

ANTUNES, Ricardo A expansão do trabalho uberizado nos levará à escravidão digital. Entrevista especial à Patrícia Fachin, **IHU On-Line**, nov. 2020c. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/ricardo-antunes-a-expansao-do-trabalho-uberizado-nos-levara-a-escravidao-digital/> Acesso em: 01 ago. 2022.

ANTUNES, Ricardo **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020b.

ANTUNES, Ricardo Entrevista concedida a Gabriel Brito. **Correio da Cidadania**, 23-12-2017. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574907-2017-o-ano-que-nao-deveria-ter-existido-entrevista-com-ricardo-antunes Acesso em: 27 maio 2019.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A aposta nos escombros: reforma trabalhista e previdenciária: a dupla face de um mesmo projeto. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 56-81, 2019.

BARATTA, Giorgio. **As rosas e os Cadernos**. O pensamento dialógico de Antonio Gramsci. Trad. Giovanni Semeraro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BARATTA, Giorgio. Verbete: americanismo e fordismo. In: LIGOURI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. Ana Maria Chiarini et al (tradução); Marco Aurélio Nogueira (revisão técnica). 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017a.

BARATTA, Giorgio. Verbete: americanismo. In: LIGOURI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. Ana Maria Chiarini et al (tradução); Marco Aurélio Nogueira (revisão técnica). 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017c.

BARATTA, Giorgio. Verbete: fordismo. In: LIGOURI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. Ana Maria Chiarini et al (tradução); Marco Aurélio Nogueira (revisão técnica). 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017b.

BASAGLIA, Franco y otros. **La Salud de los trabajadores**: aportes para una política de la salud. México: Editorial Nueva Imagen, 1980.

BELLI, Andrea. **“Delega” e “non delega”**: la CGIL davanti all’infortunio e alla malattia professionale. [Tesi Di Laurea]. Firenze: Facoltà di Scienze Politiche "Cesare Alfieri", Università di Firenze, 2001.

BERLINGUER, Giovanni. **Medicina e política**. São Paulo: Hucitec/Cebes, 1978.

BERLINGUER, Giovanni. **Saúde nas fábricas**. Rio de Janeiro: Cebes, 1983.

BERLINGUER, Giovanni; FLEURY, Sonia Maria Teixeira; CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Reforma Sanitária**: Itália e Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec; Cebes, 1988.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. **Gramsci e o Estado**. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CAMPOS, Gastão Wagner Sousa. A reforma sanitária necessária. In: BERLINGUER, Giovanni; FLEURY, Sonia Maria Teixeira; CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Reforma Sanitária**: Itália e Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec; Cebes, 1988.

CAMPOS, Gastão Wagner Sousa. **Reforma da reforma**: repensando a saúde. São Paulo: Hucitec, 1992.

COHN, Amélia. Conhecimento e prática em saúde coletiva: o desafio permanente. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 97-109, 1992.

CORREIA, Maria Valéria Costa. A ofensiva do capital e a necessária defesa da saúde pública e estatal. **Temporalis**, Brasília (DF), n. 43, p. 72-89, jan./jun. 2022.

COSTA, Nilson do Rosário. Transição e movimentos sociais: contribuição ao debate da Reforma Sanitária. In: COSTA, Nilson do Rosário; MINAYO, Maria Cecília Souza; RAMOS, Cecília Leitão; STOTZ, Eduardo Navarro (Org.). **Demandas populares**: políticas públicas e saúde. Petrópolis: Vozes/Abrasco, 1989.

COSTA, Reginaldo Scheuermann. A Fundação Leão XIII e a Formação da Vontade Coletiva Urbanoindustrial Subordinada: Educação para a Favela (1947-1964). **Revista ENFIL**, Niterói, ano 5, n. 7, 2017.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cronologia da vida de Antonio Gramsci. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedito Croce. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Co-eds. Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b, p. 49-74.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia – a filosofia de Benedito Croce. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

COUTINHO, Carlos Nelson; HENRIQUES, Luiz Sérgio. Cronologia da vida de Antonio Gramsci. In: GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. Vol. 1: 1926-1930. Tradução Luiz Sérgio Henriques; organizadores Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a, p. 47-59.

COUTINHO, Carlos Nelson; HENRIQUES, Luiz Sérgio. Os correspondentes de Gramsci e os membros das famílias Gramsci e Schucht. In: GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. Vol. 1: 1926-1930. Tradução Luiz Sérgio Henriques; organizadores Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b, p. 61-69.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (Org.). **Organização sindical e relações de trabalho**: a luta dos trabalhadores na Itália e no Brasil. São Paulo: CUT, 2008.

DE FELICE, Franco de. Revolução passiva, fascismo, americanismo em Gramsci. In: FERRI, Franco (Coord.). **Política e história em Gramsci**. Trad. Luiz Mário Gazzaneo. Atas do encontro Internacional de Estudos Gramscianos. Instituto Gramsci. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DEL ROIO, Marcos. Democracia dos trabalhadores, essencial para a emancipação humana. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Edição 231, 13 agosto 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1206-marcos-del-roio-1> Acesso em: jul. 2022.

DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FALEIROS, Vicente de Paula; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de; SILVA, Jacinta de Fátima Senna da; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **A construção do SUS**: histórias da Reforma Sanitária e do Processo Participativo. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Trad. Sergio Lamarão. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FLEURY, Sonia Maria Teixeira (Org.). **Reforma sanitária**: em busca de uma teoria. São Paulo: Cortez /Abrasco, 1989.

FLEURY, Sonia Maria Teixeira. Democracia e saúde: algumas considerações políticas. In: FLEURY, Sonia Maria Teixeira (Org.). **Saúde**: coletiva? Questionando a onnipotência do social. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FLEURY, Sonia Maria Teixeira. Giovanni Berlinguer: socialista, sanitaria, humanista! Construtores da Saúde Coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, n. 20, v. 11, nov. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/DGbtbf9YPGkPHcYJdhm8Ggk/?lang=pt#>

FLEURY, Sonia Maria Teixeira. O dilema da reforma sanitária. In: BERLINGUER, Giovanni; FLEURY, Sonia Maria Teixeira; CAMPOS, Gastão

Wagner de Souza. **Reforma Sanitária**: Itália e Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec; Cebes, 1988.

GAGLIARDI, Alessio. O problema do corporativismo no debate Europeu e nos Cadernos. In: AGGIO, Alberto; HENRIQUES, Luiz Sérgio; VACCA, Guiseppe (Org.). **Gramsci no seu tempo**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

GAZE, Rosangela; LEÃO, Luis Henrique da Costa, VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel. Os movimentos de luta dos trabalhadores pela saúde In: VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de (Org.). **Saúde, trabalho e direito**: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

GERSCHMAN, Silvia. Democracia, políticas sociais e globalização: relações em revisão. In: GERSCHMAN, Silvia; VIANNA, Maria Lucia Werneck (Org.). **Miragem da pós-modernidade**. Democracia e políticas sociais no contexto da globalização. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997.

GRAMSCI JUNIOR, Antonio. Sobre a família Schucht em Moscou. Tradução: Josimar Teixeira. In: **Gramsci e o Brasil**, dezembro 2007. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=830>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedito Croce. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Co-eds. Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2: os intelectuais, o princípio educativo e jornalismo. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Co-eds. Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Co-eds. Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 4: Temas de cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira Co-eds. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5: o Risorgimento e notas sobre a história da Itália. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Co-eds. Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 6: Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Editor e Trad. Carlos Nelson Coutinho; Co-eds. Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. Vol. 1: 1926-1930. Editor Carlos Nelson Coutinho; Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. Vol. 2: 1931-1937. Editor Carlos Nelson Coutinho; Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. Vol. 1: 1910-1920. Org. e Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Novas cartas de Gramsci e algumas cartas de Piero Sraffa**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HENRIQUES, Luiz Sérgio. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. Vol. 1: 1926-1930. Tradução Luiz Sérgio Henriques; organizadores Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a, p. 7-46.

LACAZ, Francisco Antonio de Castro. O campo saúde do trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 4, p. 757-66, 2007.

LACAZ, Francisco Antonio de Castro. Reforma Sanitária e saúde do trabalhador. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.3, n.1, p. 41-59, jan./jul. 1994.

LAURELL, Asa Cristina. Ciência y experiencia obrera: La lucha por La salud em Itália. **Cuadernos Políticos**, D.F., México, n.41, p. 63-83, julio/diciembre 1984.

LIGUORI, Guido. Movimentos Sociais e Papel do Partido no pensamento de Gramsci e hoje. In: SEMERARO, Giovanni et al (Org.). **Gramsci e os movimentos populares**. Niterói, Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2011.

LIGUORI, Guido. **Roteiros para Gramsci**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

MACCACARO, Giulio. Clase y salud. In: BASAGLIA, Franco y otros. **La Salud de los trabajadores**: aportes para una política de la salud. México: Editorial Nueva Imagen, 1980.

MAESTRI, Mário; CANDREVA, Luigi. **Antonio Gramsci**: Vida e obra de um comunista revolucionário. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MANACORDA, Mário Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**: americanismo e conformismo. Trad. Willian Laços. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

MATOS, Maurílio Castro. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da covid-19. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas-Tocantis, v. 8, n. 35, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/about>. Acesso em: agos. 2022.

MEDICI, Rita. Gramsci e o Estado: para uma releitura do problema. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 29, p. 31-43, nov. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782007000200004>. Acesso em: 05 jun. 2011.

MENDES, Eugênio Villaça. **Uma agenda para a saúde**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ODDONE, Ivar; MARRI, Gastone; GLORIA, Sandra; BRIANTE, Gianne; CHIATTELLA, Mariolina; RE, Alessandra. **Ambiente de trabalho**: a luta dos trabalhadores pela saúde. Trad. Salvador Obiol de Freitas. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

OLIVEIRA, Jaime. Reformas e reformismos: para uma teoria política da reforma sanitária (ou, reflexões sobre a reforma sanitária de uma perspectiva popular). In: COSTA, Nilson do Rosário; MINAYO, Maria Cecília Souza; RAMOS, Cecília Leitão; STOTZ, Eduardo Navarro (Org.). **Demandas populares**: políticas públicas e saúde. Petrópolis: Vozes/Abrasco, 1989.

PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. Salvador: EdUFBA; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

PAIM, Jairnilson Silva. Uma análise sobre o processo da Reforma Sanitária brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 81, p. 27-37, jan./abr. 2009.

PAIVA, Maria Julia. **A influência do pensamento de Antonio Gramsci no movimento operário italiano de saúde do trabalhador**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde Pública). Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca-ENSP, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=2762>. Acesso em: 27 maio 2019.

PAIVA, Maria Julia; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel. Modelo Operário Italiano – o surgimento do campo da saúde do trabalhador. In: VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de (Org.). **Saúde, trabalho e direito**: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

POSSAS, Cristina de Albuquerque. Prefácio. In: BERLINGUER, Giovanni; FLEURY, Sonia Maria Teixeira; CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Reforma Sanitária – Itália e Brasil**. São Paulo: Ed. Hucitec; Cebes, 1988.

PRAUN, Luci; ANTUNES, Ricardo. A demolição dos direitos do trabalho na Era do capitalismo informacional-digital. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **A Uberização, trabalho digital e a Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SAFATLE, Vladimir. Ataque à juventude é eixo de Bolsonaro. Entrevista concedida a Tutameia. **DCM**, em 15 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-ataque-a-juventude-e-eixo-de-bolsonaro-por-vladimir-safatle/>. Acesso em: 27 maio 2019.

SANTOS, Josiane S. **“Questão Social”**: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

SANTOS, Ronald. Diante dos retrocessos, como resistir ao desmonte do SUS? **Federação Nacional dos Farmacêuticos (Fenafar)**, publicação de 14/05/2018. Disponível em: <https://fenafar.org.br/2022/05/11/diante-dos-retrocessos-como-resistir-ao-desmonte-do-sus-leia-artigo/>. Acesso em: 10 out. 2022.

SAVIANI, Dermeval. Introdução à edição em Língua Portuguesa: Gramsci na Educação brasileira. In: RAGAZZINI, Dario. **Teoria da personalidade na sociedade de massa: a contribuição de Gramsci**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHLESENER, Anita Helena. **Educação repressiva: as várias faces da repressão na formação da sociedade**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2019.

SCHLESENER, Anita Helena. Política e cultura em Gramsci. In: DEL ROIO, Marcos (Org.). **Gramsci periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.

SECCO, Lincoln. A pré-história de Gramsci no Brasil (1927-1974). **Novos Rumos**, Marília, ano 15, n. 32, 2000. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0032/NOR32PG16A28.PDF Acesso em: jul. 2022.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da Filosofia da Práxis**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SIMIONATTO, Ivete. O social e o político no pensamento de Gramsci. In: **Gramsci e o Brasil**, 1997. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=294>. Acesso em: 01 mar. 2011.

SOUZA, Katia R. **A aventura da mudança: sobre a diversidade de formas de intervir no trabalho para se promover saúde**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde Pública). Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

STAMPA, Inez. Transformações recentes no “mundo do trabalho” e suas consequências para os trabalhadores brasileiros e suas organizações. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 30, v. 10, p. 35-60, 2º sem. 2012.

STAMPA, Inez; LOLE, Ana. Trabalho, precarização social e movimento organizado de trabalhadores em tempos de intensificação do neoliberalismo. In: STAMPA, Inez et al. (Org.). **Trabalho, regressão de direitos e serviço social**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

TOGLIATTI, Palmiro. Antonio Gramsci, Chefe da Classe Operária Italiana. **Problemas: Revista Mensal de Cultura Política**, n. 25, mar./abr. 1950. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/togliatti/ano/mes/gramsci_25.htm. Acesso em: 10 ago. 2009.

VACCA, Giuseppe. A esquerda italiana e o reformismo no século XX. Trad. Luiz Sérgio Henriques. In: **Gramsci e o Brasil**, junho de 2007. Disponível em:

<https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=732>. Acesso em: 05 abr. 2010.

VACCA, Giuseppe. **Vida e pensamento de Antonio Gramsci 1926-1937**. Trad. Luiz Sérgio Henriques Brasília: Fundação Astrojildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; RIBEIRO, Fatima Sueli Neto. A construção e institucionalização da saúde do trabalhador no Sistema Único de Saúde. VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de (Org.). **Saúde, trabalho e direito: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Redefinindo as práticas de Saúde a partir de experiências de Educação Popular nos serviços de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 121-126, fev. 2001.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da praxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Apêndice 1. Índice de dados das *Cartas do cárcere*

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
ANO 1926								
1		s/data	73	Senhoria Clara Passarge	Prezada senhora	Desculpas pelo transtorno/prisão, envio de roupas e livros, pede notícias do filho/escarlatina.	Com a mais elevada consideração	Antonio Gramsci
2	Roma	20/nov	74	Esposa	Minha querida lulca	Crescimento dos filhos, amor, coragem, questão material, cansaço/insônia.	Com a maior ternura, abraços para você e os meninos	Antonio
3	Roma	20/nov	76	Mãe *Primeira carta com menção ao seu pai	Querida mamãe	Sofrimento Giulia, serenidade dele, nascimento de Giuliano, doença de Delio, irmãos, pai, pede que não se envergonhem dele.	Para você, querida mamãe um abraço e uma infinidade de beijos	Nino
4	Palermo	30/nov	77	Senhoria	Prezada senhora	Devolução das chaves, envio dos pertences, saúde Gramsci.	Cordialmente	A. Gramsci
5	Ustica	9/dez	78	Cunhada	Querida Tatiana	Dificuldades da viagem para Ustica, características da cidade/povo, enxaqueca recorrente, encontro com amigos, censura nas cartas, metas para seguir, livros, Giulia/filhos, aspirina.	Abraços carinhosos, querida, porque, assim, abraço todos que me são caros	Antonio
6	Ustica	11/dez	83	Amigo Piero Sraffa	Querido amigo	Característica de Ustica, amigos do cárcere, saúde boa, solicitação de livros/revistas.	Abraços afetuosos	A Gramsci
7	Ustica	17/dez	84	Amigo Piero Sraffa	Querido amigo	Agradecimento, clima, saúde ótima	Abraços	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
8	Ustica	19/dez	85	Cunhada	Querida Tania	Resumo dos acontecimentos desde a prisão com detalhes, solicitação de livros, objetos e aspirina.	Abraços afetuosos, querida Tatiana	Antonio
9	Ustica	21/dez	92	Amigo Piero Sraffa	Querido amigo	Agradecimento/conta livraria, curso no cárcere, prisioneiros políticos amigos, descrição do grupo, descrição da ilha, saúde dele, alimentação.	Lembranças afetuosas	Antonio
10	Ustica	27/dez	94	Cunhada	Querida Tania	Doença da senhoria, cotidiano, livros que recebeu e que quer, alimentação/sono, Giulia/filhos.	Abraços afetuosos	Antonio
11	Ustica	29/dez	96	Cunhada	Querida	Clima, preocupação com ela, aspirina.	Lembranças	A.
ANO 1927								
12	Ustica	2/jan	99	Amigo	Querido amigo (Piero Sraffa)	Livros recebidos, 60 amigos, implantação de escola, curso de línguas, funcionários /moradores, bebida, presos políticos, aspirina Bayer/tintura de iodo/ remédio dor de cabeça	Abraços fraternais	Antonio
13	Ustica	3/jan	102	Cunhada	Tania querida	Agitação, calma, livros, assinatura jornais, aulas de história /geografia, conta bancária, Sraffa, cartas	Abraços afetuosos	Antonio
14	Ustica	7/jan	104	Cunhada	Querida Tania	Objetos, panetone, caprichos, “mezze calzette”- intelectuais medíocres, atingir amigos, Delio, Giulia, fotos, Bordiga, aula de história, dinheiro, melancolia dela, clima, mar, céu, pé de limão	Abraços	Antonio
15	Ustica	8/jan	107	Esposa	Minha querida lulca	Cartas do filho, justificativa, diário, boato sobre saúde, orgulho/energia física, dificuldades dos prisioneiros	Abraços carinhosos	Antonio
16	Ustica	15/jan	108	Cunhada	Querida Tania	Falta de notícias, porco, desconexão	Abraços afetuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
17	Ustica	15/jan	110	Esposa	Minha querida lulca	Partilha do cotidiano, natureza, atividades, horários, notícias, fotos, filhos, saúde de todos	Abraços muito, muito apertados	Antonio
18	Ustica	19/jan	111	Cunhada	Querida Tania	Carta, melancolia, mudança Ustica, agradecimento/dinheiro	Abraços afetuosos	Antonio
19	Ustica	20/jan	112	Cunhada	Cara Tatiana	Transferência Milão, cárceres Palermo/Nápoles/Roma, telegrama comunicando	Lembranças afetuosas	Antonio
20	Milão	12/fev	113	Esposa e cunhada	Queridas	Permissão limitada para escrever, transferência repentina, viagem, péssimas condições, cárceres, doença, natureza humana, trajeto, clima, correntes	Abraços carinhosos para todos	Antonio
21	Milão	19/fev	116	Cunhada	Querida Tania	Queixa/notícias, ansiedade, isolamento, pensamentos desagradáveis, preocupação/saúde, repouso/alimentação, histórias, troca de nome, homem grande, rotina, Giulia/filhos/Genia	Abraços	Antonio
22	Milão	26/fev	120	Mãe	Querida mamãe	Transferência, acusação, paciência, força/velhice, reencontro, Delio, Edmea, verdades, despreocupação, notícias	Abraços carinhosos para todos; e para você, querida mamãe, o abraço mais carinhoso	Nino
23	Milão	26/fev	123	Cunhada	Querida Tania	Sem notícias, extravio, família, Giulia, filhos, repetição	Abraços afetuosos, querida Tania	Antonio
24	Milão	12/mar	124	Cunhada	Querida Tania	Sem notícias, recebimento, respostas, privação de notícias/preocupação, gripe espanhola, inconveniência, vida dos filhos, Giulia, amigos, aventuras, diretor, fotos Delio/Giulia	Abraços afetuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
25	Milão	19/mar	127	Cunhada	Querida Tania	Cartões, livros, triagem, notícias recebidas, doença Delio/escarlatina/gripe, sogra/meninos, muita leitura, monotonia, "fur ewig", quatro temas, pé de limão, senhoria	Abraços, minha cara. Queira-me bem e me escreva	Antonio
26	Milão	26/mar	131	Cunhada	Querida Tania	Cartas atrasadas, letra de Giulia/ feliz, Santo Antonio de Pádua X Santo Antonio do Porco, Ustica, livros, Delio, semelhança física, mãe, sofrimento, páscoa, doces	Abraços	Antonio
27	Milão	26/mar	133	Irmã	Querida Teresina	Carta/foto, foto Mimi, sobrinhos, língua sardo, Edmea, febre espanhola/filhos, animais, desânimo, notícia confinamento, frieza, honra/retidão/dignidade	Abraços afetuosos para o Paolo; e muitos beijos para você e suas crianças	Nino
28	Milão	4/abr	136	Cunhada	Cara, cara Tania	Mágoa, equívoco, cela nova, posição do sol, livros recebidos, rotina, vestimentas/utensílios, visita/autorização, advogado, correspondência combinada	Abraços	Antonio
29	Milão	11/abr	139	Cunhada	Querida Tania	Agradecimento/notícias, penas ruins, liberação de canetas, estudos, retrospectiva cinco meses, estudos, solidariedade/sicilianos, sentimentos populares, gorro, verniz, regulamento carcerário/psicologia/organização de massa, "terríveis engulhos"	Abraços	Antonio
30	Milão	18/abr	144	Cunhada	Cara Tania	Bilhetes Tania/Giulia, doces, dia do Estatuto, incômodos na alimentação, injeções, engulho/náuseas/insônia	Abraços afetuosos	Antonio
31	Milão	18/abr	145	Esposa	Minha querida lulca	Correspondências, lembranças dela, violino/valise, estado de espírito, viagem de Nansen, notícias dos meninos, operário/União Soviética, passado, elogio/Tania.	Lembranças a todos os seus. Amo muito você	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
32	Milão	25/abr	148	Mãe	Querida Mamãe	Agradecimento, Carlo, vocação para negócios, vida igual, condenação, honestidade, reencontro, notícias das pessoas, fotos, Grazietta	Beijos para todos e muitos, muitos beijos para você	Nino
33	Milão	25/abr	150	Cunhada	Querida Tania	Aborrecimento, Ustica, Situações incomuns, economia local, mulheres, reação/material/subjetividade, valor das notícias, chocolates, uva	Abraços	Antonio
34	Milão	2/mai	154	Cunhada	Querida Tania	Cartão, Giulia, conexão, enumerar as cartas, carta não recebida, doces, agradecimento, espétula de madeira	Abraços	Antonio
35	Milão	2/mai	155	Esposa	Querida Giulia	Promessa, aventuras, Tania, livros/jornais/revistas, vida dela e Delio, Atlas, romance, geografia	Abraços muito, muito fortes	Antonio
36	Milão	23/mai	157	Mãe	Querida Mamãe	Falta de notícias, Saúde de Grazietta, leitura/alimentação/sono, Carlo, endereço Mario,	Para você um abraço afetuoso	Nino
37	Milão	23/mai	158	Cunhada	Querida Tania	Carta, Giulia, alimentação/ginástica, leituras/estudos, idiomas, estado psicológico, tranquilidade, biblioteca pessoal, livros, cotidiano, jornais políticos, visita, 6 meses sem ninguém da família	Abraços	Antonio
38	Milão	6/jun	162	Mãe	Querida Mamãe	Agradecimento, 8 municípios, confiante, tranquilizar, força moral/saúde física, 10 anos de luta, felicidade, filhos, irmão/ Nannaro/salário/Moscou	Abraços afetuosos	Nino
39	Milão	27/jun	164	Mãe	Querida mamãe	Foto Mea, bem de saúde, adoecimento de Tania, critica educação sobrinha, dinheiro, presente, livro/poema,	Abraços carinhosos	Nino

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
40	Milão	4/jul	166	Amigo	Caro Berti	Agradecimento, “cansaço moral”, “caráter familiar”, cursos, sugestões, escola/professor, “belo livro”, curso filosofia, Marcucci	Cordialmente	Antonio
41	Milão	11/jul	169	Irmão	Carlo	Falta de cartas, negócios, saúde razoável, distração/leitura, “ocupações carcerárias”	Abraços para todos. Afetuosamente	Nino
42	Milão	18/jul	170	Cunhada	Querida Tania	Recebimento de carta, sem endereço, Ester, lamenta o adoecimento, medo de desencontro	Abraços carinhosos, com a esperança de vê-la em breve	Antonio
43	Milão	25/jul	171	Cunhada	Querida Tania	Visita, nervoso/falta de notícias, saúde, apendicite, transferência, história do vilarejo, cuidado, culpa, descontrole	Eu lhe quero muito bem	Antonio
44	Milão	1/ago	172	Mãe	Querida mamãe	Carta, foto Teresina, beleza, três sem notícias dos filhos e esposa, cirurgia de Tania, falta de notícias cunhada	Abraços para todos	Nino
45	Milão	8/ago	173	Cunhada	Querida Tania	Cartas/Tania/Giulia, angústia, tolice, culpa, depressão, alegrar, pardal	Cara Tania, quero-lhe muito bem. Abraços	Antonio
46	Milão	8/ago	175	Amigo	Querido Berti	Carta recebida, melhora/saúde, leituras, “aspectos interessantes”, “psicologia popular difusa”, agradecimento, livro	Abraços	Antonio
47	Milão	22/ago	178	Mãe	Querida mamãe	Um mês sem notícia, bilhete/rede/ferroviária/desmaios/tonturas/multa, independente	Abraços afetuosos	Nino
48	Milão	22/ago	180	Cunhada	Querida Tania	Reclamação/cartas, aflição, informação, cirurgia/tranquilidade/ar puro/boa alimentação, descrença das condições	Abraços	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
49	Milão	29/ago	180	Mãe	Querida mamãe	Mário/visita, hospital/Tania, bem de saúde, notícias, exagero, Grazietta	Abraços afetuosos para todos; e muitos muitos beijos para você	Nino
50	Milão	29/ago	181	Cunhada	Querida Tania	Mario/notícias/ tranquilo, agitação, descarga nervosa, convite, passeios, livros, Giulia, música, imaginação	Abraços afetuosos	Antonio
51	Milão	5/set	183	Amigo	Querido Berti	Recebimento de cartas, amigos, outono/melancolia, poucas reservas físicas/exaustão, jornais políticos/companhia, frio/transferência, desabafo	Abraços fraternais,extensivos aos demais amigos	Antonio
52	Milão	Sem data	185	Irmã	Cara Grazietta	Resposta, preguiça, expansivo, não indiferença, familiares, notícia e carta de todos	Beijos infinitos para todos	Nino
53	Milão	12/set	186	Cunhada	Querida Tania	Cartas/frutas, visita depois de quatro meses/ansiedade/pensamentos ruins, mudança, frio, Giulia/semelhança física, próxima visita, falta de confiança Mario, facilidades	Abraços afetuosos	Antonio
54	Milão	12/set	188	Irmão	Querido Carlo	Agradecimento/cartas, Mario/derrotado, desconhecimento, dificuldades, reação, fidelidade/convicções	Abraços afetuosos para você, junto com todos em casa	Nino
55	Milão	19/set	191	Cunhada	Querida Tania	Felicidade/visita, agradecimento, troca de jornais por companhia, livros/leituras, recuperação	Abraços	Antonio
56	Milão	26/set	193	Cunhada	Querida Tania	Carta Giulia, Guiliano/Delio/crescimento, sentimentos complicados, "estado de espírito", atormentada/visita	Abraços	Antonio
57	Milão	3/out	194	Cunhada	Querida Mamãe	Agradecimento Sermão padre Poddighe, jornais/companhia, dedicação de Tania, livros, músicas, festas locais, filhos	Abraços afetuosos para você, junto com todos em casa	Nino

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
58	Milão	3/out	196	Cunhada	Querida Tania	Sem cerimônia, livros, enfurecer, linguas	Abraços	Antonio
59	Milão	10/out	198	Cunhada	Querida Tania	Visita, sacrifício, recuperação da saúde, clima, viagem no mesmo trem, transferência, vigilância, praticidade/bondade	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
60	Milão	17/out	199	Cunhada	Querida Tania	Milão/museu/galerias, núcleo social, aristocracia, operários/ciganos, características, livros, Roma, mala	Abraços afetuosos, enquanto espero vê-la	Antonio
61	Milão	24/out	201	Mãe	Querida mamãe	Cartas extraviadas, transferência Roma, ansiedade, tranquilidade	Lembranças afetuosas para todos. Abraços	Nino
62	Milão	31/out	201	Amigo	Querido Berti	Sem carta/1 mês, Lauriti, Amadeu, muitas cartas, antiepistolografia congênita	Saudações afetuosas para todos os amigos	Antonio
63	Milão	31/out	202	Cunhada	Querida Tania	Carta Tania /Giulia, doença da esposa	Abraços carinhosos	Antonio
64	Milão	7/nov	203	Mãe	Querida Mamãe	Carta da mãe e Carlo, agradecimento/dinheiro, sacrifício, transferência janeiro/fevereiro, mães, cavernas, publicações mentirosas, saúde, Tania, doença de Giulia, morte da prima.	Cara mamãe, abraços afetuosos para todos e, para você, muitos beijos	Antonio
65	Milão	7/nov	205	Cunhada	Querida Tania	Retratação/frieza, vergonha, peças recebidas, linho	Abraços afetuosos, cara Tania	Antonio
66	Milão	7/nov	205	Esposa	Querida Iulca	Cartas, sem notícias, escrever longamente sobre a vida dela e filhos	Abraços carinhosos	Antonio
67	Milão	14/nov	206	Cunhada	Querida Tania	Livros recebidos, lista dos que deseja, Maquiavel/leituras que fez/obra completa	Abraços, cara Tania, depois desta digressão que irá lhe interessar de modo muito relativo	Antonio
68	Milão	14/nov	208	Esposa	Cara Giulia	Lembrança, um ano na prisão, mais forte e organizado, estado de espírito, Delio,/impressões para a vida, alegria	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
69	Milão	21/nov	208	Mãe	Querida mamãe	Saída de Milão, livros, saúde, cela com amigo.	Abraços	Nino
70	Milão	21/nov	209	Cunhada	Querida Tania	Livros recebidos, agradecimento, Genia, roupas (uniforme).	Abraços carinhosos	Antonio
71	Milão	21/nov	210	Esposa	Querida Giulia	Filho Delio, amigo de cela e sua filha, combinar casamento conforme costume sardo.	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
72	Milão	28/nov	211	Cunhada	Querida Tania	Não tem febre, sem dor de cabeça	Abraços afetuosos,	Antonio
73	Milão	28/nov	212	Esposa	Querida Giulia	Recebeu notícias dos filhos, pede fotos	Abraços	Antonio
74	Milão	5/dez	212	Cunhada	Querida Tania	Esgotado/corte cabelo e barba, menos cigarros	Abraços carinhosos	Antonio
75	Milão	12/dez	213	mãe	querida mamãe	Tormento não ter notícias, é forte fisicamente, Delio.	Abraços carinhosos para você, junto com os outros em casa	Nino
76	Milão	12/dez	214	Cunhada	Querida Tania	Livros, abandono de escrever sobre “esta mesa redonda é quadrada”, nervoso, inquieto e irrequieto.	Abraços carinhosos, gostaria de beijar suas mãos.	Antonio
77	Milão	19/dez	216	Cunhada	Querida Tania	Reservado, Natal de 1922	Abraços carinhosos	Antonio
78	Milão	19/dez	217	Mãe	Querida mamãe	Natal, Saúde	Abraços carinhosos para você, junto com todos em casa	Nino
79	Milão	26/dez	218	Tania	Querida Tania	Natal no cárcere, aventura de natal aos 14 anos	Abraços carinhosos	Antonio
80	Milão	26/dez	220	Amigo	Querido Berti	Transferência do amigo, advogados maçons	Abraços fraternais	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
ANO 1928								
81	Milão	2/jan	223	Mãe	Querida mamãe	Festa de final de ano, saúde boa	Abraços afetuosos para você, junto com todos em casa	Nino
82	Milão	2/jan	224	Cunhada	Querida Tania	Projetos de final de ano, integridade moral	Sorria e me perdoe. Abraços	Antonio
83	Milão	9/jan	226	Mãe	Querida mamãe	Agradece o que recebeu, comunica provável ida para Roma	Lembranças e beijos para todos. Abraços carinhosos	Nino
84	Milão	9/jan	226	Cunhada	Querida Tania	Livros, terno, agradecimento	Abraços afetuosos, muito obrigado	Antonio
85	Milão	23/jan	228	Mãe	Querida Mamãe	Falta de notícias	Abraços afetuosos. Beijos	Nino
86	Milão	30/jan	228	Cunhada	Querida Tania	Mal estar dela, Remorso	Abraços carinhosos	Antonio
87	Milão	30/jan	229	Amigo	Querido Berti	Monotonia, livros e comentários sobre cada um	Cordialmente. Lembranças afetuosas	Antonio
88	Milão	6/fev	232	Mãe	Querida mamãe	Saude boa, injeções, doença e internação de Tania	Abraços afetuosos para todos e, para você, muitos, muitos abraços	Nino
89	Milão	6/fev	233	Cunhada	Querida Tania,	Saúde Tania, ameaça de suspender injeções e visitas	Gostaria de acariciá-la: braços afetuosos	Antonio
90	Milão	13/fev	234	Cunhada	Querida Tania	Saúde Tania, alerta sobre clima ruim	Abraços carinhosos	Antonio
91	Milão	20/fev	235	Cunhada	Querida Tania	Saúde Tania e de Gramsci, livros, visita privada	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
92	Milão	20/fev	236	Irmã	Querida Teresina	Sobrinhos, monotonia, preocupação com a mãe, luta política	Lembranças afetuosas para todos. abraços	Nino
93	Milão	27/fev	237	Cunhada	Querida Tania	Doença de Tania, carta de Giulia	Abraços	Antonio
94	Milão	27/fev	240	Esposa	Querida Giulia	Desorientação/apatia, resistência, desenvolvimento dos filhos	Abraços carinhosos	Antonio
95	Milão	5/mar	242	Mãe	Querida mamãe	Cartas que enviou, preocupação excessiva dela, saúde boa, tia que morreu, foto sem enfeites	Abraços muito, muito fortes	Nino
96	Milão	5/mar	244	Cunhada	Querida Tania	Desespero da mãe, doença de Tania, relação parental na família de Tulli	Muitos, muitos parabéns. Abraços	Antonio
97	Milão	12/mar	246	Mãe	Querida mamãe	Doença do Giuliano, transferência para Roma, condenação.	Abraços carinhosos	Nino
98	Milão	12/mar	248	Cunhada	Querida Tania	Notícias dos meninos, recuperação de Tania, transferência, livros,	Abraços afetuosos	Antonio
99	Milão	19/mar	249	Cunhada	Querida Tania	Expectativa de visita, processo/advogado/nota, injeção, livros	Abraços carinhosos	Antonio
100	Milão	26/mar	251	Mãe	Querida Mamãe	Julgamento, sentença, condenação	Abraços muito, muito fortes	Nino
101	Milão	26/mar	253	Cunhada	Querida Tania	Saúde Tania/familiares, ida a Moscou p visitar a mãe	Abraços carinhosos	Antonio
102	Milão	2/abr	254	Cunhada	Querida Tania	Cobra por cartas, relação de livros, saúde Tania, transferência, clima	Muitos votos de bom feriado e abraços carinhosos	Antonio
103	Milão	9/abr	256	Mãe	Querida mamãe	Transferência, doença de Tania, falta de visitas, irmão, missa/sermão.	Lembranças afetuosas para todos. Abraços carinhosos	Nino

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
104	Milão	9/abr	257	Cunhada	Querida Tania	Giordano Bruno, depressão Tania, livros, aniversário Delio/brinquedo, suas inclinações na infância, desejo de comida	Me escreva com frequência. Abraços	Antonio
105	Milão	16/abr	260	Cunhada	Querida Tania	Falta de notícias, revistas sobre cultura, livros, caneta ruim		Antonio
106	Milão	23/abr	261	Mãe	Querida Mamãe	Processo, Saúde boa, fotografia do Delio, honra por estar no cárcere	Abraços afetuosos	Nino
107	Milão	30/abr	262	Mãe	Querida mamãe	Envio da fotografia, processo 28 de maio, previsão de condenação	Abraços	Nino
108	Milão	30/abr	262	Cunhada	Querida mamãe	Processo, transferência, cabeça de cabrito, pede prudência com a saúde.	Abraços	Antonio
109	Milão	30/abr	264	Esposa	Cara Giulia	Julgamento, informações inexatas, desconfiança, poucas notícias	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
110	Milão	7/mai	265	Amigo	Caro Borioni	Prisão, isolamento, Ustica, livros e cartas que deixou	Cordialmente	Gramsci
111	Milão	7/mai	266	Cunhada	Querida Tania	Saúde Tania, advogado/livros.	Abraços carinhosos	Antonio
112	Milão	10/mai	268	Mãe	Querida mamãe	Transferência, condenação, condições física e moral	Abraços carinhosos	Nino
113	Roma	15/mai	269	Mãe	Querida mamãe	Transferência, queixas, ausência do diretor, alimentação, saúde	Abraços carinhosos	Antonio
114	Roma	22/mai	270	Mãe	Querida mamãe	cunhada, saúde	Abraços carinhosos	Antonio
115	Roma	29/mai	270	Mãe	Querida mamãe	Audiência, fotografias, dor da cabeça, processo	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
116	Roma	1/jun	271	Mãe	Querida mamãe	Visita de Carlo, sentença	Abraços carinhosos	Antonio
117	Roma	19/jun	272	Irmão	Querido Carlo	Limite de cartas, exame médico especial, dureza	Abraços afetuosos para você, junto com todos em casa	Antonio
118	Roma	27/jun	273	Cunhada	Querida Tania	Mãe, limite de cartas, destino penitenciária	Abraços carinhosos	Antonio
119	Roma	3/jul	274	Mãe	Querida mamãe	Viagem adiada, saúde, estado de espírito	Abraços carinhosos	Antonio
120	Caserta	10/jul	275	Cunhada	Querida Tania	Viagem Caserta, herpes, dores, livros, reconhecimento, autodefesa	Abraços carinhosos, querida Tania	Antonio
121	Turi	20/jul	277	Cunhada	Querida Tania	Limite de correspondência, dores/inflamação, livros, quarentena, Giulia, família	Abraços carinhosos	Antonio
122	Turi	30/jul	278	Cunhada	Querida Tania	Autorização para visitas, herpes, roupas, cela, pedidos.	Abraços, minha cara	Antonio
123	Turi	13/ago	281	Irmão	Querido Carlo	Correspondências, doença da mãe, requerimento cela individual, papel/tinta, tuberculose, seu diagnóstico.	Afetuosamente	Antonio
124	Turi	27/ago	283	Cunhada	Querida Tania	Transferência, cela individual, livros, papel/caneta, medicações, Giulia.	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
125	Turi	6/set	286	Cunhada	Querida Tania	Iniciativa sem autorização, cárcere, livros, vontade racional	_____	Antonio
126	Turi	24/set	288	Irmão	Querido Carlo	Cela/papel/caneta, cigarros, iniciativa sem autorização, doença, viagens, mãe, livros	Muitos abraços para mamãe e muitos votos de saúde. Abraços para todos	Antonio
127	Turi	24/set	290	Cunhada	Querida Tania	Iniciativa sem autorização, medicação, uricemia, injeções, publicações, cartas.	Espero suas cartas. Abraços	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
128	Turi	8/out/	292	Irmão	Querido Carlo	Sardenha/delinquência, suicídios, livraria, revistas, sobrinha, autorização para escrever.	Abraços afetuosos para todos	Antonio
129	Turi	20/out	294	Cunhada	Querida Tania	Insensibilidade, intuições, revistas, fotografias, Guilã.	Abraços carinhosos	Antonio
130	Turi	3/nov	296	Cunhada	Querida Tania	Requerimento, escrivantina, livros.	Abraços afetuosos, querida Tania	Antonio
131	Turi	5/nov	298	Mãe	Querida mamãe	Cigarros/livro, tratamento no cárcere, saúde da mãe, requerimento, medicação	Abraços para todos e para você, mais carinhosamente	Antonio
132	Turi	19/nov	299	Esposa	Querida Giulia	Cansaço, impressões visuais, estado emocional, encarceramento,	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
133	Turi	3/dez	301	Irmão	Querido Carlo	Notícias, gastos financeiros, reclusão x confinamento, nasalina	Muitos abraços afetuosos para mamãe. Beijos para todos. Cordialmente	Antonio
134	Turi	17/dez	304	Cunhada	Querida Tania	Viagem a URSS, livros, finanças, dor de cabeça, estado psicológico, desanimo, Milão x Roma	Querida, muitos abraços carinhosos e muitos votos de felicidade	Antonio
135	Turi	31/dez	307	Irmão	Querido Carlo	Medicações, Visitas de Tatiana, Crise de uricemia	Para todos, muitos votos de feliz ano novo. Beijos afetuosos	Antonio
ANO 1929								
136	Turi	14/jan	311	Cunhada	Querida Tania	Livros, saúde deles, medicações, alimentação, mãe,	Abraços carinhosos, cara Tania	Antonio
137	Turi	14/jan	312	Esposa	Querida Giulia	Correspondência, brinquedo/cultura tipo americana/ Delio.	Abraços muito, muito fortes	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
138	Turi	28/jan	313	Mãe	Querida mamãe	Correspondência Grazietta, sobrinhas, autorização para escrever	Para você, muitas felicidades e toda a minha ternura	Antonio
139	Turi	29/jan	314	Cunhada	Querida Tania	Correspondência Giulia, plano de estudos, livros/publicações	Abraços carinhosos	Antonio
140	Turi	9/fev	315	Cunhada	Querida Tania	Frio/bolsa água quente, livros, plano de estudos, juiz de instrução	Abraços	Antonio
141	Turi	9/fev	317	Esposa	Querida Giulia	Delio, Tatiana, dificuldade de rir, contato intimo	Abraços muito, muito fortes	Antonio
142	Turi	24/fev	319	Mãe	Querida mamãe	Alegria/notícias, isolamento, Carlo, saúde, uricemia	Abraços carinhosos	Antonio
143	Turi	24/fev	320	Cunhada	Querida Tania	Livros, Innocenzo Cappa, clima, lã/agulha/favas/semente de flores	Abraços afetuosos	Antonio
144	Turi	11/mar	322	Cunhada	Querida Tatiana	Alegria, caderneta, Giulia, livros, Srª Pina, aniversário da mãe	Queira-me bem, apesar disso	Antonio
145	Turi	11/mar	324	Esposa	Querida Giulia	Pouca informação, tratamento, saúde, sono, traduções	Abraços muito, muitos fortes	Antonio
146	Turi	22/mar	325	Irmão	Querido Carlo	Cooperativa de leite, discurso 1925, medicação, livros/biblioteca pessoal, tradução	Muitos beijos carinhosos para todos, especialmente para mamãe	Nino
147	Turi	25/mar	328	Cunhada	Querida Tania	Livros, indicação de livros/filosofia, discurso chefe de governo	Abraços afetuosos , querida	Antonio
148	Turi	22/abr	333	Cunhada	Querida Tania	Paciência, roseira e outras sementes, biblioteca do cárcere,	Abraços afetuosos	Antonio
149	Turi	6/mai	337	Cunhada	Querida Tania	Carta de Giulia, hipoteca casa família Schucht, babuchas	Abraços afetuosos, cara Tania, enquanto espero sua longa carta	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
150	Turi	20/mai	339	Esposa	Cara Giulia	Correspondências, apatia, processo de encarceramento, filhos	Abraços carinhosos	Antonio
151	Turi	20/mai	342	Filho	Caro Delio	Escola, correspondência, Giuliano, roseira/lagartixa	Beije Giuliano por mim e também a mamãe e todos em casa, e a mamãe, por sua vez, vai beijar você por mim	Seu papai
152	Turi	1/jun	343	Irmão	Querido Carlo	Ajuda financeira, franqueza, tristeza	Cordialmente	Antonio
153	Turi	3/jun	345	Cunhada	Querida Tania	Clima/depressão, necessidade real, sementes, livros	Abraços	Antonio
154	Turi	3/jun	348	Esposa	Querida Giulia	Aniversário Delio, coqueluche, futuro	Abraços carinhosos	Antonio
155	Turi	17/jun	349	Irmão	Querido Carlo	Dinheiro, retratação, mãe, lista de livros	Cordialmente	Antonio
156	Turi	1/jul	351	Cunhada	Querida Tania	Polainas, apatia, roseiras/sementes, fenômenos cósmicos	Lhe mando um abraço	Antonio
157	Turi	1/jul	353	Esposa	Cara Giulia	Filhos, características, tendências, concretude nas informações	Minha cara, abraços para você e os meninos	Antonio
158	Turi	14/jul	354	Cunhada	Querida Tatiana	Engano da livraria, Sraffa, revisão do processo, saúde da cunhada, roseira	Abraços afetuosos	Antonio
159	Turi	30/jul	356	Cunhada	Querida Tatiana	Fotografias, cunhado, Itália, tabaqueira, ovomaltine, bem querer.	Abraços	Antonio
160	Turi	30/jul	359	Esposa	Cara Iulca	Fotografias, relações, força, princípios, leis soviéticas	Abraços, minha cara	Antonio
161	Turi	26/ago	361	Cunhada	Cara Tatiana	Fotografias, saúde, traduções, livros, Giulia, favas americanas	Abraços querida afetuosos,	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
162	Turi	9/set	365	Mãe	Querida mamãe	Saúde da mãe, descanso, vida dos irmãos, escolhas de vida	Cara mamãe, desejo que esteja melhor e se recupere. Abraços carinhosos	Antonio
163	Turi	23/set	367	Mãe	Querida mamãe	Saúde da mãe, amigos de Ghilarza, tédio, visita de Tania, livros, cigarros	Lembranças e beijos para todos em casa; e para você, querida mamãe, um afetuoso abraço	Antonio
164	Turi	21/out	369	mãe	Querida mamãe	Cunhada, limites pacote alimentícios, dicionário, irmão, imposto, sobrinha Mea	Lembranças e beijos para todos; para você, abraços afetuosos	Antonio
165	Turi	4/nov	371	Cunhada	Cara Tatiana	Insensibilidade, respeito, liberdade, requerimento, corte de relações	Abraços carinhosos	Antonio
166	Turi	18/nov	374	Cunhada	Querida Tatiana	Carta anterior, livros, silêncio de Giulia, melancolia, consideração	Abraços carinhosos	Antonio
167	Turi	2/dez	377	Irmão	Querido Carlo	Falta de notícias, livros duplicados, catálogos, Tânia, Giulia, dor de cabeça	Escreva-me logo, mandando notícias de todos,e abrace todos em casa	Antonio
168	Turi	16/dez	379	Cunhada	Querida Tatiana	Falta de vontade de escrever, obsessão, silêncio de Giulia, desgosto	Abraços carinhosos	Antonio
169	Turi	19/dez	381	Irmão	Querido Carlo	Agradecimento, mãe, Irmão Nannaro, estado de espírito, irmã Teresina, Natal	Abraços afetuosos para todos, especialmente, para mamãe	Antonio
170	Turi	30/dez	384	Esposa	Cara Giulia	Estado de espírito, desenvolvimento de Delio, formação infantil, Freud	Abraços afetuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
ANO 1930								
171	Turi	13/jan	389	Cunhada	Querida Tania	Carta, estado de espírito, Extinção de afetos, aniversário, saúde/negligência	Abraços, minha cara	Antonio
172	Turi	27/jan	391	Cunhada	Querida Tania	Carta com acusação de dureza, condição de isolamento, injustiça, serenidade	Abraços carinhosos	Antonio
173	Turi	10/fev	393	Cunhada	Querida Tania	Saúde dela, indecisão, livraria, plantas	Abraços afetuosos	Antonio
174	Turi	10/fev	395	Esposa	Querida Giulia	Traduções e sugestões, livros, interesse, Giuliano	Abraços carinhosos	Antonio
175	Turi	24/fev	398	Cunhada	Querida Tania	Crítica a cunhada, livros, carta ao irmão	Abraços carinhosos	Antonio
176	Turi	24/fev	400	Irmão	Querido Carlo	Recurso da sentença, advogado, Tatiana, família/sobrinhas	Afetuosamente	Antonio
177	Turi	10/mar	402	Cunhada	Querida Tania	Marasmo intelectual, fantasias, livros, São Francisco	Abraços carinhosos	Antonio
178	Turi	24/mar	406	Cunhada	Querida Tatiana	Visita Tatiana, saúde, Giulia, indiferença, crise/dor de cabeça, advogado	Abraços carinhosos	Antonio
179	Turi	30/mar	407	Mãe	Querida mamãe	Agradecimento por notícias, orientação sobre câmbio	Lembrança a todos. Abraços carinhosos	Antonio
180	Turi	7/abr	408	Cunhada	Querida Tania	Utensílios, livros, medicamentos, nevralgia, Carlo, tratamento de saúde	Abraços carinhosos	Antonio
181	Turi	14/abr	412	Irmão	Querido Carlo	Irmão mais velho, Requerimento sentença, medicação	Abraços	Antonio
182	Turi	14/abr	413	Mãe	Querida mamãe	Preocupação de mãe, aniversário, envelhecer, filhos/doença infantil	Minhas felicitações para todos e abraços afetuosos para você	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
183	Turi	21/abr	414	Cunhada	Querida Tania	Páscoa, animal sociável, sentença, injeções, revistas, mãe	Querida, agradeço-lhe novamente. Abraços carinhosos	Antonio
184	Turi	5/mai	415	Cunhada	Querida Tania	Saúde dela, irmão, dinheiro, sentença, revistas, camisetas, incompreendido	Abraços carinhosos	Antonio
185	Turi	5/mai	417	Esposa	Querida Giulia	Estado de espírito de Giulia, impotência dele, necessidade de notícias	Estou esperando. Abraços	Antonio
186	Turi	19/mai	418	Cunhada	Querida Tatiana	Cárcere, praticidade, golpes metafóricos, Roupas/livros, mãe	Abraços carinhosos	Antonio
187	Turi	24/mai	421	Mãe	Querida mamãe	Irmão Mario, Carlo, falta de notícias, dicionário Mea, livros	Abraços afetuosos para você e muitos votos de felicidade para todos.	Antonio
188	Turi	30/mai	423	Irmão	Querido Carlo	Dinheiro, Código Penal/revisão, dor de cabeça, livro	Abraços afetuosos	Antonio
189	Turi	2/jun	423	Cunhada	Querida Tatiana	Condição psíquica de Giulia, carta do sogro, lembrança da infância	Abraços carinhosos	Antonio
190	Turi	16/jun	426	Cunhada	Querida Tatiana	Visita de Gennaro, alimentação de Tatiana, aniversário, Santo Antonio, livros	Abraços carinhosos	Antonio
191	Turi	30/jun	428	Mãe	Querida mamãe	Notícias, Carlo/Gennaro/Edmea/Mario	Abraços carinhosos	Antonio
192	Turi	14/jul	429	Cunhada	Querida Tatiana	Cartas/fotografias, saúde dela/alimentação, redução de pena, livros, Gennaro	Abraços afetuosos	Antonio
193	Turi	14/jul	431	Esposa	Querida Giulia	Quantitativo de cartas, insensibilidade, autoconhecimento, depressão, desenvolvimento dos filhos	Sinta-se, realmente, como se eu abraçasse você muito, muito apertado, junto com Delio e Giuliano, e, sorrindo, acariasse seu rosto	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
194	Turi	28/jul	432	Cunhada	Querida Tania	Gennaro, cartas, alimentação dela, viagem para Moscou, Piero Sraffa, coragem	Abaços carinhosos	Antonio
195	Turi	28/jul	434	Mãe	Querida mamãe	Fotografia, Gennaro, Mea, imaturidade, disciplina, livros, vaidade	Beijos para todos, Abraços carinhosos	Antonio
196	Turi	11/ago	436	Cunhada	Querida Tatiana	Requerimento, sem vontade de escrever afasia psíquica, Gennaro, censura, mudança de residência, força de vontade, alimentação/cuidado, livro	Abraços carinhosos, cara Tania	Antonio
197	Turi	11/ago	438	Esposa	Querida Giulia	Não tem vontade de escrever, casa de repouso, filhos, aniversários, Piero/presentes, notícias	Abraços	Antonio
198	Turi	25/ago	438	Irmão	Querido Carlo	Carta/dinheiro, educação de Mea, educadores, requerimento, livros	Abraços para todos em casa. Cordialmente	Antonio
199	Turi	22/set	442	Mãe	Querida mamãe	Carta/dinheiro, Carlo Nannaro, saúde da mãe, tratamento, notícias	Beijos para todos em casa e, para você, muitos abraços afetuosos	Antonio
200	Turi	22/set	442	Cunhada	Querida Tatiana	Giulia, sogro, medicações, dor de cabeça, fotografia, Delio, livros/revistas, papel/envelope	Abraços carinhosos	Antonio
201	Turi	6/out	444	Cunhada	Querida Tania	Carlo, livros/novelas, divertimento, "cérebro evaporou", sem vontade de escrever	Abraços afetuosos	Antonio
202	Turi	6/out	446	Esposa	Querida Giulia	Cartas, "depressão nervosa", identificação, sem vontade de escrever	Minha cara, abraços carinhosos pra você e e nossos meninos	Antonio
203	Turi	20/out	447	Cunhada	Querida Tatiana	Fotografias, doença de Giulia, Ritmo de trabalho, americanismo/fordismo	Abraços carinhosos	Antonio
204	Turi	20/out	448	Irmão	Querido Carlo	Correspondências, filhos, Giulia, saúde dele.	Lembranças e beijos para todos em casa; um abraço afetuosos para mamãe. Cordialmente	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
205	Turi	4/nov	449	Cunhada	Querida Tatiana	Giulia, exaustão, insônia, medicação, livros, Ford	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
206	Turi	4/nov	451	Esposa	Querida Giulia	Clínica, saúde dela, franqueza, filhos.	Abraços afetuosos,	Antonio
207	Turi	17/nov	452	Cunhada	Querida Tatiana	Respostas, livros/revistas, paletó, Carlo, medicação	Abraços carinhosos	Antonio
208	Turi	17/nov	454	Irmã	Querida Teresina	Fotografias, sobrinhos, filhos, irmãos, interesses, mãe, atividade intelectual	Abraços afetuosos	Antonio
209	Turi	1/dez	456	Cunhada	Querida Tatiana	Medicação, cigarros/tabaco, livros, Croce, autorização leituras.	Abraços carinhosos	Antonio
210	Turi	15/dez	459	Mãe	Querida mamãe	Falta de notícias, saúde da mãe, Natal, serenidade, desejo de viver, repouso	Muitos votos de felicidade e lembranças a todos em casa. Abraços carinhosos	Antonio
211	Turi	15/dez	461	Cunhada	Querida Tatiana	Livro/revistas, revisão do processo, Giulia, necessidade de diálogo, desconfiança educadores	Querida,envio-lhe votos de boas festas e abraços carinhosos	Antonio
212	Turi	29/dez	465	Cunhada	Querida Tatiana	Fotografias, livros/revistas, saúde, alimentação	Abraços carinhosos	Antonio
213	Turi	29/dez	466	Irmã	Querida Grazietta	Correspondências, alimentos, saúde da mãe, Carlo, Nannaro, Mea.	Abraços afetuosos para você, mamãe e todos em casa (até a empregada, se ela der licença)	Antonio
ANO 1931								
214	Turi	13/jan	9	Cunhada	Querida Tatiana	Saúde de Giulia, família, Delio, Genia, morbidez, revistas	Abraços carinhosos	Antonio
215	Turi	13/jan	11	Esposa	Querida Giulia	Fotografias, Delio, saúde de Giulia, franqueza, primeira carta	Abraços muito, muito fortes	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
216	Turi	26/jan	13	Cunhada	Querida Tania	Dor de cabeça, Giulia, dinheiro, Carlo, revistas, viagem a Turi, aniversário, ingenuidade	Abraços carinhosos	Antonio
217	Turi	26/jan	16	Irmão	Querido Carlo	Dinheiro, Nannaro, saúde da mãe, Código Penal	Cordialmente	Antonio
218	Turi	9/fev	18	Esposa	Querida Giulia	Fraqueza, esteriótipo, relações normais, depressão, superação, Giulia mais os filhos	Abraços muito, muito apertados, enquanto espero que me escreva extensamente	Antonio
219	Turi	23/fev	22	Cunhada	Querida Tatiana	Revistas, rispidez, Umberto Cosmo/artigo/dor, cirurgia/doenças	Abraços carinhosos	Antonio
220	Turi	9/mar	26	Mãe	Querida mamãe	Melhora da mãe, Carlo, Grazietta, Mea, notícias	Abraços afetuosos para você e todos em casa	Antonio
221	Turi	9/mar	27	Cunhada	Querida Tatiana	Saúde da cunhada, medicações, condições físicas, doença	Abraços carinhosos	Antonio
222	Turi	20/mar	28	Esposa	Querida Giulia	Fotos, saúde dela, filhos, cartas, notícias	Abraços carinhosos para você, junto com Delio e Giuliano	Antonio
223	Turi	23/mar	29	Cunhada	Querida Tatiana	Aniversário da mãe, doenças, alimentação, dor de cabeça, revistas, cuidado com ela	Abraços carinhosos	Antonio
224	Turi	28/mar	32	Mãe	Querida mamãe	Saúde da mãe e família, Carlo, Mea	Felicitações e beijos para todos. Abraços carinhosos	Antonio
225	Turi	28/mar	33	Irmão	Querido Carlo	Notícias, livreria, Tatiana, regulamento	Cordialmente, Saudações	Antonio
226	Turi	7/abr	35	Cunhada	Querida Tatiana	Páscoa, Carlo/revistas, leituras, paixão/egoísmo/indulgência	Eu lhe quero muito bem e envio abraços afetuosos	Antonio
227	Turi	20/abr	39	Cunhada	Querida Tatiana	Delio, lógica, Carlo, suas leituras, psicanálise, Giulia	Abraços afetuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
228	Turi	4/mai	41	Cunhada	Querida Tania	Coleção revista, telegrama direção, carta Giulia, espontaneidade, óculos, dor de cabeça	Abraços	Antonio
229	Turi	4/mai	43	Irmã	Querida Teresina	Mea, mal entendido, educação/ qualidades sólidas, sobrinhos, pai, Carlo	Abraços para todos em casa, especialmente mamãe	Antonio
230	Turi	18/mai	45	Cunhada	Querida Tania	Óculos, Giulia/confiança/estímulo, Carlo	Abraços	Antonio
231	Turi	18/mai	47	Esposa	Querida Giulia	Cartas, felicidade/segurança, saúde dela, depressão passividade	Abraços carinhosos	Antonio
232	Turi	1/jun	49	Cunhada	Querida Tatiana	Delio, cor do cabelo, respostas de cartas, notícias, mãe, Carlo	Abraços, querida	Antonio
233	Turi	1/jun	50	Esposa	Querida Giulia	Delio/Literatura, história, Delio/Giuliano, desmatamento	Abraços carinhosos	Antonio
234	Turi	15/jun	52	Mãe	Querida mamãe	Reconhecimento, força/bondade, recordações	Abraços carinhosos para você e todos em casa	Antonio
235	Turi	15/jun	54	Cunhada	Querida Tatiana	Pacote, livros/regras, costumes sardos	Abraços carinhosos	Antonio
236	Turi	29/jun	55	Mãe	Querida mamãe	Mea, oportunidades, presente, notícias, saúde da mãe	Abraços afetuosos para você e para todos	Antonio
237	Turi	29/jun	57	Cunhada	Querida Tatiana	Falta de cartas, revistas, inglês, viagem a Turi, cartas atrasadas	Abraços carinhosos	Antonio
238	Turi	13/jul	58	Cunhada	Querida Tatiana	Cirurgia, dor de cabeça, laços fragilizados, dinheiro/tabaco, agitação nervosa, saúde	Abraços afetuosos e muitos carinhos pela questão dolorosa da operação	Antonio
239	Turi	20/jul	60	Cunhada	Querida Tatiana	Cartas, calor/prostação, notícias	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
240	Turi	20/jul	61	Irmã	Querida Teresina	Falta de notícias, ansiedade, sinceridade	Abraços afetuosos	Antonio
241	Turi	27/jul	61	Cunhada	Querida Tatiana	Cirurgia, publicações, dores de cabeça/perda de memória/cansaço, notícias	Abraços carinhosos	Antonio
242	Turi	27/jul	63	Esposa	Querida Giulia	Aniversário dos filhos, etapa importante, sinceridade, cárcere	Abraços carinhosos	Antonio
243	Turi	3/ago	65	Cunhada	Querida Tatiana	Fios rompidos, passado/independência, presente/aridez, notícias casa, condições de saúde	Abraços carinhosos	Antonio
244	Turi	10/ago	69	Cunhada	Querida Tatiana	Calor, pouco sono, Sedobrol, febre, sem notícias, alimentação, processo	Abraços	Antonio
245	Turi	17/ago	70	Cunhada	Querida Tatiana	Indisposição, golfada de sangue/ febre/intestino/suores/naúseas, prof Cosmo, jornais, febre amarela, Carlo	Abraços carinhosos	Antonio
246	Turi	24/ago	74	Mãe	Querida mamãe	Mea/Franco/Teresina, malária, livros, mulheres de Ghilarza	Muitos abraços afetuosos	Antonio
247	Turi	24/ago	75	Cunhada	Querida Tatiana	Medicação, fotos, termômetro, Giulia, febre/dor/intestino, livro	Abraços carinhosos, querida	Antonio
248	Turi	31/ago	77	Cunhada	Querida Tatiana	Envelopes das cartas, dedução, cárcere/sentir mal, livros/revistas, medicações	Abraços carinhosos	Antonio
249	Turi	31/ago	79	Esposa	Querida Giulia	Delio/Giuliano, educação infantil, orientações, psicanálise, complexo inferioridade, explosões	Abraços carinhosos	Antonio
250	Turi	7/set	82	Cunhada	Querida Tatiana	Carlo, hemorragia, Dr, Cisternino, Morte/ressurreição, religião, projeto de estudos, Piero.	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
251	Turi	13/set	86	Mãe	Querida mamãe	Cartas, livros, sobrinhos, cárcere, malária/tuberculose/desnutrição, alimentação/assalariados rurais/meeiros	Abraços para todos e para você, querida mãe, um abraço afetuoso	Antonio
252	Turi	13/set	88	Cunhada	Querida Tatiana	Remédios, cigarros/abissínia, terebentina, crise 1928, iogurtes, sedobrol, filme, judeus	Abraços carinhosos	Antonio
253	Turi	20/set	90	Cunhada	Querida Tatiana	Canto X, professor Cosmo, saúde/ febre/ dor de cabeça, Sedobrol, fotos, orientação médica, conselhos	Abraços carinhosos	Antonio
254	Turi	28/set	95	Cunhada	Querida Tatiana	Cartas, ingenuidade, médicos/cárcere/ceticismo, extrato de pinheiro, filme dois mundos/ judeus, Carlo	Abraços carinhosos	Antonio
255	Turi	28/set	98	Irmão	Querido Carlo	Livros, saúde, estudo de línguas	Abraços. Escreva para casa	Antonio
256	Turi	5/out	99	Cunhada	Querida Tania	Fotografias dos filhos, filme Dois Mundos, saúde dele	Abraços carinhosos	Antonio
257	Turi	12/out	103	Cunhada	Querida Tania	Convicções, filme Dois mundos/judeus, raça, Sardenha, medicações	Abraços carinhosos	Antonio
258	Turi	19/out	106	Mãe	Querida mamãe	Festa San Serafino, lembranças, dentes, família e conhecidos, Teresina	Abraços para todos, especialmente as crianças e você, querida mamãe, do modo mais carinhoso possível	Antonio
259	Turi	19/out	108	Cunhada	Querida Tania	Agradecimento, clima, temperatura corporal, alimentação, medicação, livros, autores, intelectuais/camponeses	Abraços carinhosos	Antonio
260	Turi	26/out	110	Cunhada	Querida Tania	Febre, intestino, sintomas respiratórios, Uricedina, dieta da uva, cartão, sinceridade	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
261	Turi	2/Nov	112	Cunhada	Querida Tania	Dr. Biocca, siroco, medicações, recurso, Comitê Central do Partido Comunista, acusação, judeus, Giulia, saúde da cunhada	Abraços carinhosos	Antonio
262	Turi	9/nov	114	Cunhada	Querida Tania	Cinco anos de prisão, condições carcerárias, mal estar, siroco, medicações, cigarro, saúde dela	Abraços carinhosos	Antonio
263	Turi	16/nov	118	Cunhada	Querida Tania	Notícias, medicações, siroco, regulamento, revista/livros/jornal	Abraços carinhosos	Antonio
264	Turi	16/nov	119	Irmã	Cara Teresina	Notícias, tio, rotina da casa, mãe/irmã, personagens da aldeia	Abraços afetuosos, cara Teresina	Antonio
265	Turi	23/nov	121	Cunhada	Querida Tania	Carta de Giulia, transferência, irritação/convulsão/sono, plantas, sapatos, Carlo, medicação	Abraços afetuosos	Antonio
266	Turi	30/nov	123	Cunhada	Querida Tania	Medicamentos, temperatura/sangue/intestino/dor de cabeça, cigarros, livreria	Abraços carinhosos	Antonio
267	Turi	30/nov	125	Esposa	Querida Iulca	Dificuldade de escrever, distanciamento/isolamento, resgate/relacionamento	Abraços carinhosos	Antonio
268	Turi	7/dez	127	Cunhada	Querida Tania	Sem vontade de escrever, condições de saúde, medicações, agulhas/papel/envelope, Novos métodos de educação/Brigadas de assalto	Abraços	Antonio
269	Turi	7/dez	128	Esposa	Cara Iulca	Tratamento de Giulia, cólera, personalidade/vontade/afeto/solidariedade, igreja/religião	Abraços fortes, cara Iulca	Antonio
270	Turi	10/dez	130	Mãe	Querida mamãe	Notícias da saúde, Teresina, Carlo, Nannaro, ausência de cartas, serenidade	Abraços carinhosos para você e todos em casa	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
271	Turi	14/dez	131	Cunhada	Querida Tania	Visitas, longa viagem, amargura, Giulia, filhos, Teresina, requerimento/revistas/livros/ livraria	Abraços afetuosos, cara Tania	Antonio
272	Turi	14/dez	133	Esposa	Querida Iulca	Retorno aos estudos, temas de interesse comum, escola dos filhos, pesquisa sobre educação/metodologia	Cara Iulca, abraços muito, muito fortes para você e os meninos	Antonio
273	Turi	21/dez	135	Mãe	Querida mamãe	Brincadeira da Teresina, alimentação, nomes, presentes sobrinhos	Abraços para você e todos em casa	Antonio
274	Turi	21/dez	136	Cunhada	Querida Tania	Encomendas, medicações, cultivo de plantas, manchas de sangue, temperatura, intestino, mãe, afeto, mal humor/frieza, livros, cartão postal	Abraços carinhosos, querida	Antonio
275	Turi	28/dez	138	Cunhada	Querida Tania	Viagem a Turi, revistas, pacote de natal, pai/irmãos, projetos fracassados	Abraços carinhosos, querida Tania	Antonio
ANO 1932								
276	Turi	4/jan	141	Mãe	Querida mamãe	Pacote de natal, alimentação, ida de Carlo e Tatiana a Turi, livros, saúde	Abraços carinhosos	Antonio
277	Turi	4/jan	142	Cunhada	Querida Tania	Ida a Turi, Piero Sraffa, línguas/ dialetos	Abraços afetuosos	Antonio
278	Turi	11/jan	144	Cunhada	Querida Tania	Explicações/cartas/estado nervoso, polainas, Carlo, empréstimo, rompimento, cirurgia de cólon, paciente	Abraços carinhosos	Antonio
279	Turi	18/jan	147	Cunhada	Querida Tania	Mudança, Valentino/livros, saúde Gramsci/desânimo/estado de semi-idiotice, mitologia, fraude	Abraços carinhosos, querida	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
280	Turi	18/jan	149	Irmã	Querida Teresina	Sobrinhos, Contos populares, notícias da mãe	Manda-me mais notícias da mamãe, em quem deve dar muito abraços, junto com todos em casa	Antonio
281	Turi	25/jan	150	Cunhada	Querida Tania	Aniversário, Livraria/livros/revistas, requerimento, visita, psicologia do prisioneiro	Abraços carinhosos	Antonio
282	Turi	1/fev	153	Mãe	Querida mamãe	Grazietta, saúde da mãe, Escola preparatória, Mea, estudos, tia	Abraços afetuosos	Antonio
283	Turi	1/fev	154	Cunhada	Querida Tania	Operação, Alteração/Livraria/Livros	Abraços carinhosos	Antonio
284	Turi	8/fev	155	Cunhada	Querida Tania	Giulia, Delio, tradução, Piero Sraffa, Dois Mundos	Abraços carinhosos	Antonio
285	Turi	15/fev	157	Cunhada	Querida Tania	Giulia, estado psicológico, doença, psicanálise, Sanatório, ajuda,	Abraços	Antonio
286	Turi	22/fev	160	Cunhada	Querida Tania	Carta de Delio, revista, Canto de Farinata, esquecimento, Intelectuais italianos, Cadernos, dores abdominais	Abraços carinhosos	Antonio
287	Turi	22/fev	162	Filho	Caro Delio	Viveiro, animais, ouriços, histórias, Giuliano	Dê beijos, por mim, em Giuliano e na mamãe Giulia	Papai
288	Turi	29/fev	164	Mãe	Querida mamãe	Cartas, Teresina, Sobrinhos, tia, plantas, regulamento	Abraços carinhosos para você e para todos. Dê lembranças a tia Delogu, quando ela vier visitá-la	Antonio
289	Turi	29/fev	165	Cunhada	Querida Tania	Saúde psíquica Giulia, desinformação, indiferença/indulgência, problemas intestinais, Sal de Hunt, dieta, despesas	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
290	Turi	7/mar	167	Cunhada	Querida Tania	Requerimento, livraria/livros, psicanálise	Abraços carinhosos	Antonio
291	Turi	14/mar	170	Mãe	Querida mamãe	Grazietta, inverno, saúde Gramsci Giulia/ filhos /Teresina, Mea, escola preparatória, Franco	Abraços carinhosos para você e todos em casa	Antonio
292	Turi	14/mar	171	Cunhada	Querida Tania	Dinheiro / medicações, Balanço das despesas, Piero Sraffa/Maquiavel	Abraços carinhosos	Antonio
293	Turi	21/mar	173	Cunhada	Querida Tania	Correspondências, prof. Cosmo/Sraffa, dois mundos, cadernos, Sais de Hunt, dieta diária, mãe, Giulia / Delio, Psicanálise	Muitas Imbranças e abraços carinhosos/Abraços,minha cara	Antonio
294	Turi	28/mar	177	Cunhada	Querida Tania	Giulia, saúde Gramsci, sono /digestão /intestino, intelectuais	Abraços carinhosos	Antonio
295	Turi	28/mar	178	Esposa	Cara lulca	Estado de espírito, isolamento, tom professoral, efeito deletério, música / convulsão, fotos da família	Abraços carinhosos	Antonio
296	Turi	4/abr	180	Mãe	Querida mamãe	Mea, escola preparatória, Franco, Vida aborrecida, Giustino Fortunato	Um abraço carinhoso para você e para todos	Antonio
297	Turi	4/abr	181	Cunhada	Querida Tania	Saúde Tania, medicações, alimentos, tabaco, somatose/extrato peptonizado, tabaco, café, Giacomo Bernolfo	Abraços	Antonio
298	Turi	11/abr	183	Cunhada	Querida Tania	Cartão, medicações, alimentação possível, Valentino/livros/Giulia, Rodolfo Mondolfo, Francesco Ercole, Piero Sraffa	Abraços carinhosos, querida Tania.	Antonio
299	Turi	11/abr	185	Esposa	Cara lulca	Doença da Giulia, Complexo de inferioridade, utilitarismo, sensibilidade, encontro de 1922, remorso	Abraços bem apertados, querida	Antonio
300	Turi	18/abr	186	Cunhada	Querida Tania	Saúde de Delio, Somatose, Livro Croce, resenha, Piero Sraffa	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
301	Turi	25/abr	190	Mãe	Querida mamãe	Notícias, conserva de carne, Dias aborrecidos	Abraços afetuosos	Antonio
302	Turi	25/abr	190	Cunhada	Querida Tania	Cartões, livros, saúde de Tania, Delio/correspondência, Croce	Abraços carinhosos	Antonio
303	Turi	2/mai	192	Cunhada	Querida Tania	Carta do pai de Tatiana, Omissão/Roma, remorso, impaciência com a vida familiar, intelectuais italianos, Croce	Abraços carinhosos, minha cara	Antonio
304	Turi	9/mai	196	Cunhada	Querida Tania	Cartas, livros, autorização, sem notícias da família, censura/observações/ Croce	Abraços carinhosos	Antonio
305	Turi	16/mai	199	Cunhada	Querida Tania	Correspondências, Carlo, nervoso, correspondência Giulia, famílias cabra-cega, complicações psicológicas	Abraços carinhosos, querida	Antonio
306	Turi	23/mai	201	Mãe	Querida mamãe	Grazietta, Carlo, saúde da mãe, Mea, Teresina, ex prefeito, Titino/convulsões,	Abraços carinhosos para Você e todos em casa.	Antonio
307	Turi	23/mai	202	Cunhada	Querida Tania	Notícia nebulosa, crise ácido úrico, sono interrompido, carta do sogro, Croce, livros/revistas, Silvio D'Amico/humilhação, Piero, medicação	Abraços carinhosos	Antonio
308	Turi	30/mai	204	Cunhada	Querida Tania	Dinheiro, dieta rigorosa, Piero Sraffa, Ricardo/indicações bibliográficas.	Abraços carinhosos, querida Tania	Antonio
309	Turi	6/jun	207	Cunhada	Querida Tania	Carta, medicações, catarro intestinal/insônia, assinatura e revogação de leitura de jornal, Croce	Abraços carinhosos, querida	Antonio
310	Turi	13/jun	210	Cunhada	Querida Tania	Pacote, catálogo de editoras, revista Il Selvaggio	Abraços carinhosos, querida	Antonio
311	Turi	13/jun	212	Irmão	Querido Carlo	Carta, Dinheiro, livros para Tatiana	Abraços afetuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
312	Turi	19/jun	212	Mãe	Querida mamãe	Cartas/Grazieta/Mea, parabéns pelos exames, Franco, estudo, lápis de cor, amigos falecidos, tudo igual	Abraços carinhosos	Antonio
313	Turi	19/jun	213	Cunhada	Querida Tania	Suspensão da assinatura, extrato Bovis, revistas, autorização/requerimento, Sirolina Roche, vias respiratórias	Abraços carinhosos, querida	Antonio
314	Turi	27/jun	215	Cunhada	Querida Tania	Cartas de Giulia e Delio, doença de Giulia, culpa, interpretações equivocadas, fatores agravantes da doença, Pinóquio, desenho, revistas	Abraços afetuosos	Antonio
315	Turi	27/jun	216	Esposa	Querida Iulca	Correspondências, Conto, protagonismo, passado	Abraços carinhosos, cara Iulca	Antonio
316	Turi	4/jul	218	Cunhada	Querida Tania	Correspondência dela e Giulia, sem vontade de escrever, boa impressão de Giulia, responder com ponderação	Abraços carinhosos	Antonio
317	Turi	12/jul	219	Cunhada	Querida Tania	Carta retida, Advertências para Tatiana, Condições de presidiário, novas restrições, forte dor de cabeça	Abraços carinhosos	Antonio
318	Turi	18/jul	220	Cunhada	Querida Tania	Saúde debilitada, febre, dieta/depressão geral, ânsia de vômito, Giulia	Abraços, querida	Antonio
319	Turi	18/jul	221	Esposa	Querida Iulca	Ultimo ano piorou, obsessão/psicanálise, sogra confiável, Giuliano, pai estranho	Abraços carinhosos	Antonio
320	Turi	25/jul	222	Mãe	Querida mamãe	Grazieta/Carlo, saúde de Gramsci ruim, carta de Franco e Teresina	Abraços afetuosos	Antonio
321	Turi	25/jul	222	Cunhada	Querida Tania	Saúde de Gramsci ruim, dieta, menos dor de cabeça, vazio e atordoamento	Abraços carinhosos	Antonio
322	Turi	1/ago	223	Cunhada	Querida Tania	Cartas, fotografias, sogra/informações, saúde de Gramsci, dieta hídrica, mal estar, calor, resistência	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
323	Turi	1/ago	224	Esposa	Querida Iulca	Cartas, fotografias, saúde de Giulia, filhos	Abraços	Antonio
324	Turi	9/ago	225	Cunhada	Querida Tania	Melhora de Giulia, saúde de Gramsci, queixas/desabafo, charges, condições reais, ida a Moscou	Abraços	Antonio
325	Turi	9/ago	227	Esposa	Querida Iulca	Saúde de Giulia, avanços, solidão, imagem no espelho, velhice precoce, estilo da escrita	Abraços	Antonio
326	Turi	15/ago	229	Cunhada	Querida Tania	Cartas/frequência, mal estar, desinteresse, desorientado, idéias falsas do cárcere, excesso de otimismo, aniversário dos filhos	Abraços carinhosos	Antonio
327	Turi	15/ago	230	Esposa	Querida Iulca	Ajuda, leituras desatualizadas, vida vazia e terrível, isolamento	Abraços carinhosos	Antonio
328	Turi	22/ago	231	Mãe	Querida manê	Ausência de notícias, fotos, semelhanças físicas entre familiares, irmãs	Abraços afetuosos	Antonio
329	Turi	22/ago	232	Cunhada	Querida Tania	Cartões, doença de Tania, calor	Abraços	Antonio
330	Turi	29/ago	233	Cunhada	Querida Tania	Cartas, consulta médica particular, piora da saúde de Gramsci, insônia forçada, limite/perda de controle	Abraços carinhosos	Antonio
331	Turi	29/ago	234	Esposa	Querida Iulca	Sem vontade de escrever, alegria em ler as cartas de Iulca, aniversário dos filhos	Abraços carinhosos, querida	Antonio
332	Turi	5/set	235	Cunhada	Querida Tania	Transcrição de carta de Giulia, saúde de Tania, Sedoprol/agitação nervosa, saúde de Giulia, livros, memória	Querida Tania, mantenha-me informado sobre sua saúde	Antonio
333	Turi	5/set	236	Esposa	Querida Iulca	Leonardo da Vinci, opinião equivocada, obra de arte/mundo ideológico, tradutora qualificada	Abraços carinhosos, querida Iulca	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
334	Turi	12/set	238	Mãe	Querida mamãe	Grazietta, lembranças da infância, capacidade construtiva, navios/linguagem dos marinheiros, orgulho, notícias de Giacomino	Abraços afetuosos para você e todos em casa	Antonio
335	Turi	12/set	239	Cunhada	Querida Tania	Médicos/medicações, ginásio, mãe e filha, excesso de zelo, saúde de Gramsci	Abraços afetuosos	Antonio
336	Turi	19/set	240	Cunhada	Querida Tania	Ataque furioso, requerimento sem autorização, mulheres sem palavra, sem vontade própria e direitos, interromper requerimento	De qualquer modo, os abraços afetuosos de sempre	Antonio
337	Turi	27/set	243	Cunhada	Querida Tania	Tania se explica, sem justificativa, revistas	Abraços carinhosos	Antonio
338	Turi	27/set	244	Esposa	Querida Iulca	Lei cósmica, Tania, matéria inerte, pede que filhos escrevam	Abraços carinhosos	Antonio
339	Turi	3/out	245	Cunhada	Cara Tatiana	Correspondente mais assídua, medo, proposta desonrosa, reconhecimento, vida carcerária, infância sofrida	Abraços afetuosos, cara Tatiana	Antonio
340	Turi	10/out	247	Cunhada	Querida Tania	Cópia do requerimento, Prof. Arcangeli, raiva, cuidado com o que escreve	Abraços carinhosos	Antonio
341	Turi	10/out	248	Filho	Querido Delio	Ida a praia, animais marítimos, contar o que viu, animais na infância, primeira vez que viu uma raposa, novidades	Beijos para você, Giuliano e a mamãe Iulca	Antonio
342	Turi	17/out	249	Cunhada	Querida Tania	Período de saúde difícil, pede desculpas, Giuliano, fotos boas, dicionário, livros	Abraços afetuosos	Antonio
343	Turi	17/out	250	Irmã	Querida Grazietta	Mãe morrendo, não mentir, amargura, vida privada de satisfações	Abraços fraternos	Antonio
344	Turi	24/out	251	Cunhada	Querida Tania	Carta de Grazietta, notícias da mãe, revistas	Abraços fortes, querida	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
345	Turi	24/out	252	Esposa	Querida Iulca	Carta de Giuliano, fotografia, mudança física, Delio/seriedade, desenvolvimento dos filhos	Abraços fortes, querida	Antonio
346	Turi	s/data	253	Filho	Caro Julik	Carta e cartão, confecção de um abajur, Exercícios na barra.	Beijos de seu papai	_____
347	Turi	31/out	254	Cunhada	Querida Tania	Agradece o afeto, fraco e trêmulo, medicação, perdeu 7 kg, injeções, boatos indultos e anistia	Abraços	Antonio
348	Turi	31/out	255	Irmã	Querida Grazietta	Notícias tranquilizadoras, susto, tempos duros, obstinação materna	Abraços fraternais para você e para todos, especialmente mamãe	Antonio
349	Turi	6/nov	256	Cunhada	Querida Tania	Correspondências, saúde de Giulia, vagas notícias, condenação a prisão perpétua, morto de férias, pessimismo da inteligência, otimismo da vontade	Abraços carinhosos	Antonio
350	Turi	6/nov	257	Esposa	Querida Iulca	Readaptação no trabalho, nova vida/continuação do passado, filhos e troca de socos	Abraços carinhosos para você e os dois boxeadores	Antonio
351	Turi	9/nov	259	Cunhada	Querida Tania	Refazer a carta, indulto/anistia, informação equivocada, Carlo, desilusão, prisioneiro com pouca saúde, saúde arruinada	Abraços carinhosos	Antonio
352	Turi	14/nov	261	Cunhada	Querida Tania	Dinheiro, revistas, Carlo, propostas de rompimento do casamento, decisão bilateral, refazer a vida	_____	Antonio
353	Turi	21/nov	263	Cunhada	Querida Tania	Cartas e cartões, polainas/bolsa, sentimento inadequado, meditação, Tribunal Especial, cálculos incertos	Abraços	Antonio
354	Turi	21/nov	265	Irmã	Querida Grazietta	Anistia, mãe, enganar, repugnância, benefício, redução/planos	Abraços para você e todos em casa, especialmente mamãe	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
355	Turi	28/nov	265	Cunhada	Querida Tania	Ajuda/separação, anistia, decisões a revelia	Abraços afetuosos	Antonio
356	Turi	28/nov	267	Esposa	Querida Iulca	Cartas, críticas, negativa, filhos, orientação, notícias,	Abraços. Queridos Delka e Julik, muitos e muitos abraços e beijos do papai de vocês	Antonio
357	Turi	5/dez	269	Cunhada	Querida Tania	Doença de Tania, posicionamento, separação de Giulia, afeto pode prejudicar, três fases como prisioneiro, fase mais difícil, consentimento para agir	Abraços	Antonio
358	Turi	12/dez	272	Cunhada	Querida Tania	Preocupação, Giulia/anistia, desconhecimento, Natal, difícil mastigação/digestão ruim, digestivo Ferro-China	Abraços afetuosos	Antonio
359	Turi	13/dez	275	Irmã	Querida Grazietta	Mãe, sobrinho, monotonia, capacidade imaginativa	Abraços	Antonio
360	Turi	19/dez	276	Cunhada	Querida Tania	Carta da sogra, proposta de separação, promessas, indulto, insônia orgânica, medicação, dor de cabeça	Abraços carinhosos	Antonio
361	Turi	19/dez	278	Esposa	Querida Iulca	Tom pedante, condições de vida, afastamento do fluxo da vida, música, novo tratamento, filhos/saúde	Abraços para você, minha cara, junto com nossos meninos	Antonio
362	Turi	26/dez	280	Cunhada	Querida Tania	Praticidade, condição prisional, anistia/indulto, consulta médica, visita	Abraços afetuosos	Antonio
					ANO 1933			
363	Turi	2/jan	285	Cunhada	Querida Tania	Aniversário, visita médica, anistia/indulto, redução da condenação, pior ano no cárcere	Abraços afetuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
364	Turi	2/jan	287	Irmã	Querida Teresina	Pacote de natal, alegria por saborear, avisar a mãe, Carlo, aborrecimento, desculpas	Muitos abraços para todos em casa, junto com seus filhos	Antonio
365	Turi	9/jan	288	Cunhada	Querida Tania	Agradece o vale, gasto menor, menos tabaco, saúde melhor, sono/dor de cabeça/frieiras, remédio, petição, anistia	Abraços carinhosos	Antonio
366	Turi	16/jan	291	Esposa	Querida Iulca	Visita de Tania, Giuliano, redução de pena	Abraços muito, muito fortes, querida Iulca	Antonio
367	Turi	16/jan	293	Filhos	Queridos Delio e Giuliano	Solicitação de cartas, livro enviado, interesses	Muitos abraços e muitos carinhos	Antonio
368	Turi	22/jan	293	Irmã	Querida Teresina	Carlo/carta pueril, marcas do cárcere, visita Tatiana, mãe/sobrinhas	Abraços afetuosos para você e todos em casa	Antonio
369	Turi	22/jan	295	Cunhada	Querida Tania	Carta de Genia, Delio, Velho Código, visita/desculpas	Abraços carinhosos	Antonio
370	Turi	30/jan	296	Cunhada	Querida Tania	Bom humor/tratamento, vida sem lazer, comparação de vidas, lembranças, sonífero	Abraços afetuosos	Antonio
371	Turi	30/jan	298	Esposa	Querida Iulca	Felicidade, Delio/dente, sinceridade, fraqueza, superação, cartas frequentes, professora, Genia, insatisfação	Abraços muito, muito fortes, minha cara	Antonio
372	Turi	6/fev	300	Cunhada	Querida Tania	Sentença/anistia, embrutecimento, esquecimento, recurso, carta Giulia, medicações, equívocos, irritação	Abraços afetuosos	Antonio
373	Turi	13/fev	303	Cunhada	Querida Tania	Medicação recebida, situação jurídica, Código Zanardelli, Ação proposta pelo advogado, tolerância, condição física/psíquica, esposa/filhos	Abraços carinhosos	Antonio
374	Turi	20/fev	307	Cunhada	Querida Tania	Medicações, coração/ pulmão/ intestino, carta Giulia, autorização petição, Correio, tolerância	Abraços carinhosos, querida Tania	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
375	Turi	20/fev	309	Irmã	Querida Teresina	Carlo, saúde/crise em 1931, efeitos psíquicos	Dê abraços por mim a todos em casa, fraternalmente	Antonio
376	Turi	27/fev	311	Cunhada	Querida Tania	Estado físico, esposa, separação, condenação simbólica, danos físicos e psíquicos, agradecimento Sraffa	Abraços carinhosos	Antonio
377	Turi	6/mar	315	Cunhada	Querida Tania	Náufrágio e a vida dele, Grazietta, Giulia, Sraffa, consulta médica	Abraços carinhosos, querida-Afetuosamente	Antonio
378	Turi	14/mar	318	Cunhada	Querida Tania	Grave crise, Dr. Cisternino, transferência, Anemia cerebral e debilidade cerebral	Abraços carinhosos	Antonio
379	Turi	21/mar	319	Cunhada	Querida Tania	Doença, quatro crises anteriores, temperatura, alucinações	Abraços carinhosos, querida Tania	Antonio
380	Turi	27/mar	321	Cunhada	Querida Tania	Viagem, cansaço, tiques/contrações, temperatura oscilante	Abraços carinhosos	Antonio
381	Turi	27/mar	321	Esposa	Querida Iulca	Falta de notícias, pedido que escreva	Abraços carinhosos	Antonio
382	Turi	3/abr	322	Cunhada	Querida Tania	Viagem, cansaço, oscilações, sintomas 1922, acessos, Iulca, livro	Abraços afetuosos	Antonio
383	Turi	3/abr	323	Irmã	Querida Teresina	Mãe, fraqueza física, Sobrinha Mea	Muitos abraços para mamãe	Antonio
384	Turi	10/abr	324	Cunhada	Querida Tania	Delio, altos e baixos da saúde, alucinações, retração dos membros, crise em 1922, livro para Giulia	Abraços afetuosos	Antonio
385	Turi	10/abr	325	Filho	Querido Delio	Carta, animais, Pinóquio, Giuliano, história da foca branca e o menino Mowgli, operários litógrafos.	Beijos para você e Giuliano	Antonio
386	Turi	10/abr	326	Esposa	Querida Iulca	Livro sobre Hegel, polêmica filosófica	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
387	Turi	17/abr	327	Cunhada	Querida Tania	Cartas, pacote de páscoa, livraria/revistas /livros, melhora de saúde	Abraços carinhosos querida	Antonio
388	Turi	23/abr	328	Cunhada	Querida Tania	Cartas e recurso, advogado, médico inspetor, perda de dentes, lesões no pulmão, arteriosclerose, Mal de Pott, prof. Arcangeli, negligência do pai	Abraços carinhosos	Antonio
389	Turi	30/abr	331	Cunhada	Querida Tania	Saúde dela, esforço, saúde dele, calor, insônia, fruta em calda, irmã	Abraços carinhosos	Antonio
390	Turi	30/abr	332	Irmã	Querida Teresina	Cartões da família, notícias da mãe	Abraços afetuosos	Antonio
391	Turi	8/mai	332	Cunhada	Querida Tania	Cartas, roupas, estudo/livros, garrafa térmica, visitas	Abraços carinhosos, querida	Antonio
392	Turi	16/mai	334	Cunhada	Querida Tania	Cartas de Giulia, excesso de otimismo, desrespeito as suas orientações, incapacidade de reação	Abraços	Antonio
393	Turi	22/mai	337	Cunhada	Querida Tania	Carta, bilhete de Delio, livros, debilidade física, dor de cabeça, tonturas	Abraços	Antonio
394	Turi	29/mai	338	Cunhada	Querida Tania	Cartões, estado de espírito, Bloqueios emocionais, Giulia, invalidez, perda de força, memorial, Delio	Abraços carinhosos	Antonio
395	Turi	5/jun	341	Cunhada	Querida Tania	Otite de Tania, Roma/Turi, roupas, viagem de volta	Abraços afetuosos	Antonio
396	Turi	11/jun	342	Cunhada	Querida Tania	Melhora dela, advogado, agradecimento, linha de conduta, Teresina, fotos	Abraços carinhosos	Antonio
397	Turi	11/jun	344	Filho	Querido Delio	Livro Pinóquio, A cabana do pai Tomás, outras historias	Um beijo bem grande	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
398	Turi	18/jun	344	Cunhada	Querida Tania	Cartão, visita, enfraquecimento, dor de cabeça, médico inspetor, advogado, apatia, separação, cura	Abraços carinhosos	Antonio
399	Turi	2/jul	346	Cunhada	Querida Tania	Cartão, 200 liras, elastina, mudança, processo de desgaste, cansaço, setembro de 1932, responsabilidade	Abraços	Antonio
400	Turi	2/jul	347	Irmã	Querida Teresina	Agradecimento, correspondência, cansaço	Abraços para você e todos em casa	Antonio
401	Turi	6/jul	348	Cunhada	Querida Tania	Uma carta a mais, recomendações, petição, transferência, dor de cabeça, inspetor administrativo, morte lenta, Quadro nox, Tribunal, afogamento	Abraços	Antonio
402	Turi	10/jul	350	Cunhada	Querida Tania	Insegurança, erros, orientações, petição, transferência, apicite/patologia das mãos/arteriosclerose, sofrimento	Abraços carinhosos	Antonio
403	Turi	17/jul	353	Cunhada	Querida Tania	Notícias, Elastina, alfinetas nas mãos, espasmos, Giuliano	Abraços afetuosos, querida	Antonio
404	Turi	24/jul	354	Cunhada	Querida Tania	Giulia, Mudança de cela, melhora, calmantes, Quadro Nox, injeção de estriçnina e fósforo, médico, esgotamento nervoso, arteriosclerose, estado psíquico, delírio	Abraços carinhosos	Antonio
405	Turi	jul	356	Esposa	Querida Iulca	Várias leituras, foto de Julik, foto prometida	Abraços carinhosos	Antonio
406	Turi	1/ago	356	Cunhada	Querida Tania	Cartas recebidas, Giulia, composto de glicerofosfato/cacodilato de sódio/sulfato de estriçnina, petição, melhores condições, dinheiro, A cabana do pai Tomás	Abraços afettuosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
407	Turi	1/ago	357	Esposa	Querida Iulca	Três cartas, fotos Giuliano, assuntos passados, Delio/acampamento, Giuliano, professora	Abraços carinhosos, querida	Antonio
408	Turi	8/ago	358	Cunhada	Querida Tania	Agradecimento, medicações, médico, hipertensão/contrações/insônia, Delio, livros	Abraços afetuosos	Antonio
409	Turi	8/ago	359	Esposa	Querida Iulca	Resposta a Delio, livros enviados, contextualização, postura subalterna, desinteresse pela música	Abraços carinhosos	Antonio
410	Turi	23/ago	360	Cunhada	Querida Tania	Roma, livros, Giulia, novelas/Delio, livro fracassado, desatenção, Giulia	Abraços carinhosos	Antonio
411	Turi	28/ago	362	Cunhada	Querida Tania	Notícias, Carlo/Tania, desilusão, Cárcere, Sonnifen Roche, Mudança de posição, Hospital	Abraços	Antonio
412	Turi	3/set	363	Cunhada	Querida Tania	Correspondências, Carlo, tolices, confiança, descrédito, transcrição de cartas, Inspetor Saporito, ausência de visitas, livraria	Abraços	Antonio
413	Turi	17/set	365	Irmã	Querida Grazietta	Reclama notícias, mãe, envio de cartões	Abraços fraternos para você e todos em casa	Antonio
414	Turi	25/set	366	Cunhada	Cara Tatiana	Solicita envio de carta ao irmão Carlo	Abraços	Antonio
415	Turi	25/set	366	Irmão	Caro irmão Carlo	Cartão, descomprometimento, intromissão, aparências, dispensa explicação	Abraços	Antonio
416	Turi	1/out	368	Cunhada	Cara Tatiana	Vale, agradecimento, doença dela, carta de Giuliano e Giulia, tradução, QuadroNox/Sonnifen Roche	Abraços	Antonio
417	Turi	1/out	369	Esposa	Querida Giulia	Cartas de Julik, tradução, russo, transmita carinho/elogios/orgulho, notícias dela	Abraços	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
418	Turi	13/out	370	Cunhada	Cara Tatiana	Medicações, transferência, Carlo, médico, não interferência da cunhada e do irmão	Abraços	Antonio
419	Turi	24/out	371	Cunhada	Cara Tatiana	Condições da petição, Carlo, petição, silêncio, mágoa, indicações, limites, solidão, sete anos de cárcere	Abraços	Antonio
420	Turi	29/out	374	Cunhada	Cara Tatiana	Carta extraviada, termo de aceitação, Carlo, roupa/dinheiro, negativa anistia, continuidade, promessas não cumpridas, trapo, isolamento	Abraços	Antonio
421	Turi	5/nov	376	Cunhada	Cara Tatiana	Falta de notícias, cartas enviadas, resolução do Tribunal Especial, descompromisso, advogado	Abraços	Antonio
422	Turi	12/nov	376	Cunhada	Cara Tatiana	Petição, Giulia, fantasias/tolices, revistas, apelo ao Tribunal Especial, recurso	Abraços	Antonio
423	Civitavecchia	20/nov	379	Cunhada	Cara Tatiana	Carta/transferência Civitavecchia, felicidade, telegrama, petição, ação, Carlo, visita, bom senso, Quadro Nox	Abraços afetuosos	Antonio
424	Civitavecchia	27/nov	380	Cunhada	Cara Tatiana	Telegrama/carta, aparvalhado, caixas em Turi com pertences, falta de capacidade de decisão, providências, notícias	Abraços afetuosos	Antonio
425	Civitavecchia	4/dez	382	Cunhada	Cara Tatiana	Visita, notícias, ansiedade /agitação, fotos dos filhos, Giulia, definição, revistas	Abraços	Antonio
ANO 1934								
426	Formia	8/mar	385	Mãe	Querida mamãe	Parabéns, ternura, notícias, irmãs, desnorteado, resistência, saúde, Tatiana, esposa/filhos	Querida mamãe, abraços para você, com todo o meu afeto, e para todos em casa.	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
ANO 1935								
427	Formia	8/abr	387	Filho	Caro Delio	Carta, escola, livro Mowgli, monotonia, saúde, distância, jogo de dama	Beijos	Papai
428	Formia	22/jul	387	Cunhada	Cara Tatiana	Dr. Cusumano, comendador Leto, requerimento, transferência, cirurgia, sistema nervoso, desorientação, Clínica Fiesole, barulho, saúde precária	Afetuosamente	Antonio
429	Formia	Sem data	389	Filho	Julik	Ida ao mar, água salgada, nadar, peixinhos	_____	Seu papai Antonio
430	Formia	11/ago	390	Cunhada	Cara Tatiana	Insatisfação, indecisão, pedido, comendador Leto, relação das clínicas, esgotado, receio, garantia/transferência	Afetuosamente, mas com uma censura enérgica	Antonio
431	Roma	25/nov	390	Esposa	Querida	Ato de escrever, esforço/excitação desagradável, Delio, Julik, afastamento, força, ir à guerra	Abraços carinhosos para você e nossos meninos	Antonio
432	Roma	14/dez	391	Esposa	Cara Iulca	Genia, saúde de Giulia, estado de espírito, semelhança, Itália, ajuda mutua, ternura, sentimentos profundos, filhos	Abraços fortes	Antonio
ANO 1936								
433	Roma	25/jan	393	Esposa	Cara Iulca	Bilhete, embaraçado, coerção, restrição à vida, viagem à Itália, benefício para os dois, vida normal, vasto mundo, encontro, filhos, carinho	Abraços	Antonio
434	Roma	25/jan	395	Filho	Querido Julik	Ano letivo, dificuldades, questionamentos, atrapalhado, boa memória, língua, vilarejo rural, notícias	Abraços	Seu papai

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
435	Roma	1936	396	Filho	Querido Delio	Carta, saúde do filho, clássicos/histórias infantis, poeta Puchkin, sugestões, inteligência	Abraços muito carinhosos, querido filho	Papai
436	Roma	16/jun	397	Esposa	Querida Iulca	Dificuldade, desilusão, fotografias, filhos, viagem, inércia, força, ajuda	Abraços,	Antonio
437	Roma	16/jun	398	Filho	Caro Delio	Bilhetes curtos, julgamento, dificuldade de concentrar, pensamentos, qualificação profissional operária	Abraços fortes	Papai
438	Roma	julho	399	Esposa	Cara Iulca	Aniversários dos filhos, presentes, relógio quebrado, brinquedo, sanatório, irritação/insatisfação, saúde do Delio	Abraços	Antonio
439	Roma	Verão	400	Filho	Caro Delio	Aborrecimento, esclarecimento, afeto, distância, Tchekhov, jornal/Tolstoi/Gorki, saúde boa	Abraços fortes, meu caro	Papai
440	Roma	Julho	402	Filho	Querido Delio	Contentamento, divergência professora/Delio, dogma sociológico, Engels, dor de cabeça, desenvolvimento, relógio, bola de celuloíde	Um grande beijo	Papai
441	Roma	Agosto	403	Filho	Caro Delio	Felicitações, recuperação da saúde, relógio, interesses	Beijos	Papai
442	Roma	Verão	403	Esposa	Cara Giulia	Fechar ciclo de vida, interpretação trágica, Sardenha, isolamento, pessimismo histórico, fraco fisicamente, filhos, doença de Delio	Abraços	Antonio
443	Roma	Verão	405	Esposa	Cara Giulia	Dificuldade de escrever, escola especial, carta interrompida, julik/Delio, calor, aborrecimento	Abraços	Antonio
444	Roma	5/nov	405	Esposa	Querida Giulia	Dores escondidas, verdade/silêncio, filhos, ajuda, intimidade, tradução, mentalidade, saúde dela	Abraços carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
445	Roma	24/nov	406	Esposa	Querida Iulca	Pedantismo, dez anos de cárcere, mensagens cifradas, Delio, diretor, leveza, informações sobre filhos, "impressões subjetivas", "pobre desgraçado"	Abraços carinhosos, cara Iulca	Antonio
446	Roma	24/nov	408	Filho	Caro Julik	Elogios, filme, quais os gostos, relógio, jogos	Abraços, caro Julik	Papai
447	Roma	Nov	409	Filho	Querido Delio	Puchkin/Gogol, capacidade de raciocínio, objetividade, livros atualizados, saúde de Delio	Abraços para você, meu caro, além daqueles que lhe encarrego de dar por mim na mamãe	Papai
448	Roma	Dez	409	Esposa	Cara Iulca	Emoção, vazio, confusão, Tania, alimentação, emagrecimento, desentendimento, filhos, características, fotos, beduíno	Abraços muito carinhosos, minha cara	Antonio
449	Roma	Dez	411	Filho	Caro Delio	Puchkin, escola, abraço forte, Giulia, todas as manhãs	Beijos	Papai
450	Roma	1936	411	Esposa	Cara Giulia	Fantasia concreta, pedantismo concreto e abstrato, ausência de informação sobre os filhos, cultura realista, capacidade de compreender a vida do outro	Abraços	Antonio
451	Roma	1936	413	Filho	Caro Giuliano	Correção, erros cometidos, filhos, brincar/rir/conversar	Abraços carinhosos	Seu papai
452	Roma	1936	414	Filho	Caro Delio	Papagaio, pena, doença, calor/alimentação, fantasia	Abraços bem fortes, meu caro	Papai
453	Roma	1936	415	Esposa	Cara Iulca	Lamento, ternura, cartas de 1933, morte da mãe e do sogro, engano/desconfiança, filhos, cultura escolar, afeto/memória	Abraços muito carinhosos	Antonio

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
454	Roma	1936	417	Filho	Caro Julik	Cartas maiores, filme <i>Os filhos do capitão Grant</i> , livro, Dr. Paganel, ingleses, risadas, relógio	Beijos, caro Julik	Seu papai
ANO 1937								
455	Roma	5/jan	419	Esposa	Cara Iulca	Memória recente deficiente, várias leituras das cartas, significados possíveis, filhos, contato direto, sogra, todo sardo é uma ilha na ilha	Abraços, minha cara, com toda a minha ternura	Antonio
456	Roma	23/jan	420	Esposa	Cara Iulca	Aniversário, convenção, datas, fotografias, profissional	Abraços, minha cara	Antonio
457	Roma	23/jan	421	Filho	Caro Julik	Desenho livre, seus desenhos, saúde, divertimento, aniversário, dor de cabeça, aula de violino	Beijos	Papai
458	Roma	_____	422	Filho	Viva Julik	Foto, alegria, crescimento, mudança, longa carta	Abraços	Seu papai
459	Roma	_____	422	Filho	Caro Delio	Wells, leitura prescindível, história universal, escritor/historiador, elefantes empinados, evolução do homem, solicitação de cartas	Abraços	Papai
460	Roma	_____	423	Filho	Caro Julik	Desapontamento, saúde comprometida, solicitação de cartas, compromisso/responsabilidade, cartas da família, escola, interesse	Abraços	Papai
461	Roma	_____	424	Filho	Caro Julik	Foto/bilhete, contradição, criança/rapaz forte, censuras, coragem/tranquilidade, saúde comprometida, escreve mal, zero em tudo	Abraços. Beijos (em russo)	Papai
462	Roma	_____	424	Filho	Caro Delio	Quatro linhas, papagaio, provas, escreve pouco/desinteressante	Beijos	Papai

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
463	Roma	_____	425	Filho	Caro Julik	Notícias, felicidade, escola, cumprir promessas, escrever mais	Abraços, meu caro	Papai
464	Roma	_____	425	Filho	Querido Delio	Elefante/hipóteses/homem, história, fantasia, antropomorfismo, opinião	Abraços	Papai
465	Roma	_____	426	Filho	Caro Delio	Outros temas, dor de cabeça, Giulia, Genia, discussão, macacos, história real, construtor	Abraços	Papai
466	Roma	_____	427	Filho	Caro Delio	Foto do macaco, papagaio, pássaro, comida de ave, leituras, parabéns/ estudos/medalha	Abraços carinhosos	Papai
467	Roma	_____	428	Filho	Querido Giuliano	Coisas sérias, idade, experiências, capacidades desenvolvidas, promessa, conhecer por cartas, viagem litoral, interesse pela vida	Abraços	Seu papai Antonio
468	Roma	_____	429	Filho	Querido Delio	Cansaço, escrever mais, história, mesmo interesse que Gramsci, homens vivos/sociedade, confirmação	Abraços	Antonio
469	Roma	_____	429	Filho	_____	Promessa não cumprida, vida nova	Abraços carinhosos	Papai
470	Roma	_____	429	Filho	Caro Julik	Escola, aniversário, relógio, tempo, última hora	Beijos	Papai
471	Roma	_____	430	Filho	Querido Julik	Carta recebida, parabéns, relógio, cansaço	Abraços	Papai
472	Roma	_____	430	Filho	Caro Julik	Novos desenhos, alegria/saúde, aula de desenho, cópia de figuras/paciência	Beijos, caro Julik	Papai
473	Roma	_____	431	Filho	Caro Julik	Desenhos originais, animal hipotético, divertimento, desenhos da escola, estudos, cansaço/nervoso	Beijos	Papai
474	Roma	_____	432	Filho	Caro Julik	Escrita firme, vários interesses, decisão, disciplina/resistência, responsabilidade, energia	Beijos (em russo)	_____

Número da carta	Local	Data	Página	Destinatário	Vocativo de destino	Temática / Assuntos	Expressões de despedida	Assinatura
475	Roma	_____	433	Filho	Caro Julik	Escola nova, mar ou floresta, descrição do dia, gradativamente, cansaço, divertimento	Abraços, meu caro	Seu papai
476	Roma	_____	433	Filho	Querido Delio	Boa saúde, recuperação dos cinco kilos, notícias boas,	Abraços	Papai
477	Roma	_____	434	Filho	Caro Delio	Notícias do papagaio, cachorro, satisfação, lembranças, brincadeiras	Abraços	Papai
478	Roma	_____	435	Filho	Caro Delio	Bilhete, foto de Giuliano, gaiola, papagaio, comida, cura	Beijos	Papai